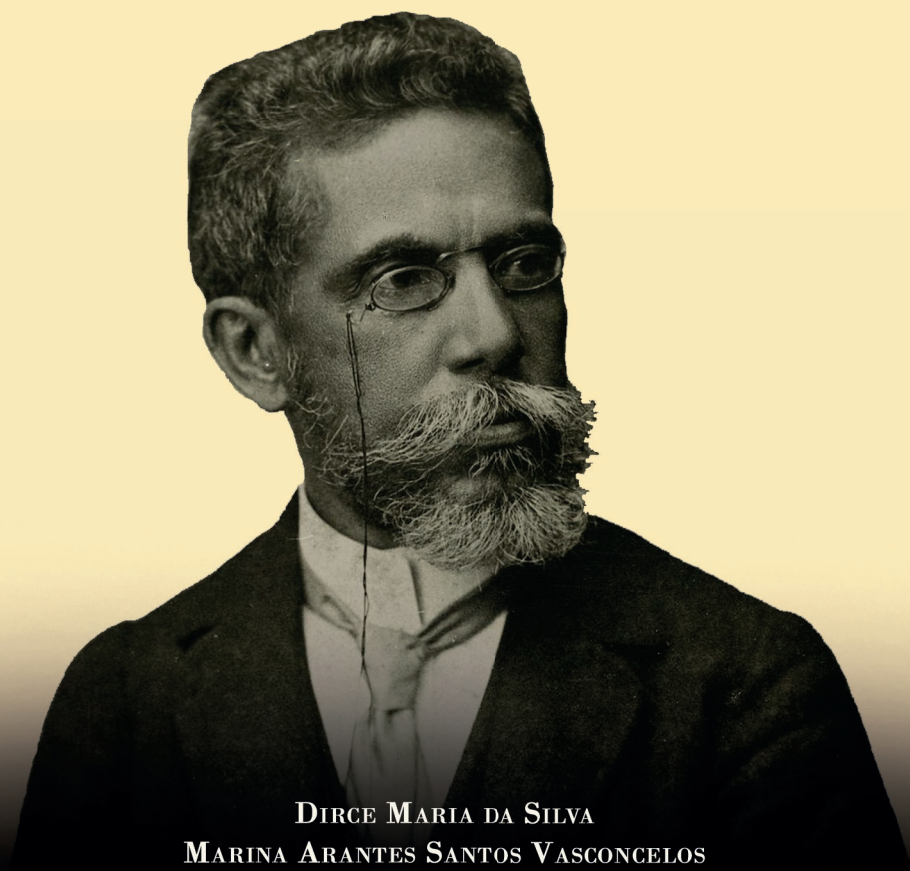


# MACHADO DE ASSIS

## EM ABORDAGENS MULTIDIMENSIONAIS

Em Comemoração aos 185 Anos de Nascimento

VOLUME 2



DIRCE MARIA DA SILVA  
MARINA ARANTES SANTOS VASCONCELOS  
VICTOR HUGO DE OLIVEIRA CASEMIRO PEREIRA DE AMORIM  
ROBERTO MEDINA  
ALEXANDRE SIDNEI GUIMARÃES  
(ORGANIZADORES)

DIRCE MARIA DA SILVA  
MARINA ARANTES SANTOS VASCONCELOS  
VICTOR HUGO DE OLIVEIRA CASEMIRO PEREIRA DE AMORIM  
ROBERTO MEDINA  
ALEXANDRE SIDNEI GUIMARÃES  
(ORGANIZADORES)

---

# MACHADO DE ASSIS EM ABORDAGENS MULTIDIMENSIONAIS

---

EM COMEMORAÇÃO AOS 185 ANOS  
DE NASCIMENTO

Volume 2

  
EDITORA  
SCHREIBEN  
2024

© Dos Organizadores - 2024

Editoração e capa: Schreiben

Imagem da capa: Fonte: Fundação Biblioteca Nacional. Autor desconhecido. [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Machado\\_de\\_Assis\\_aos\\_57\\_anos.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Machado_de_Assis_aos_57_anos.jpg)

Revisão: os autores

Revisão técnica e aceite dos textos para publicação: os organizadores

Livro publicado em: 29/06/2024

Termo de publicação: TP0422024

### **Conselho Editorial (Editora Schreiben):**

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)

Dr. Airton Spies (EPAGRI)

Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)

Dr. Cleber Duarte Coelho (UFSC)

Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)

Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)

Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)

Dr. Fábio Antônio Gabriel (SEED/PR)

Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)

Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)

Dr. João Carlos Tedesco (UPF)

Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)

Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)

Dr. José Raimundo Rodrigues (UFES)

Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)

Dr. Leandro Hahn (UNIARP)

Dr. Leandro Mayer (SED-SC)

Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)

Dra. Marciane Kessler (URI)

Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)

Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)

Dr. Odair Neitzel (UFFS)

Dr. Wanilton Dudek (UNESPAR)

*Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).*

Editora Schreiben

Linha Cordilheira - SC-163

89896-000 Itapiranga/SC

Tel: (49) 3678 7254

[editoraschreiben@gmail.com](mailto:editoraschreiben@gmail.com)

[www.editoraschreiben.com](http://www.editoraschreiben.com)

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A848 Machado de Assis em abordagens multidimensionais : em comemoração aos 185 anos de nascimento V. II / organização Dirce Maria da Silva...[et al.]. --Itapiranga : Schreiben, 2024.

234 p. ; il.

Inclui bibliografia e índice remissivo

E-book no formato PDF.

ISBN: 978-65-5440-284-2

DOI: 10.29327/5409597

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas – ensaios e memórias. 3. Machado de Assis. I. Silva, Dirce Maria da. II. Vasconcelos, Marina Arantes Santos. III. Amorim, Victor Hugo de Oliveira Casemiro Pereira de. IV. Medina, Roberto. V. Guimarães, Alexandre Sidnei.

CDD 869.4

Bibliotecária responsável Juliane Steffen CRB14/1736

# SUMÁRIO

---

PREFÁCIO.....	7
APRESENTAÇÃO.....	9
<i>Jorge Leite de Oliveira</i>	

## EIXO

### INTERCONEXÕES MACHADIANAS

CAPÍTULO 1	
O CADÁVER DE MACHADO DE ASSIS E ALGUNS ASPECTOS INEXPLORADOS DE SUA ODE ACERCA DO VILIPÊNDIO AO CADÁVER DO MARQUÊS DE POMBAL.....	13
<i>Thiago Aguiar de Pádua</i>	
CAPÍTULO 2	
EDUCAÇÃO E LITERATURA: MACHADO DE ASSIS NO EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO.....	42
<i>Dirce Maria da Silva</i> <i>Wiliam Alves Biserra</i>	
CAPÍTULO 3	
DISCURSO MORAL E EMOTIVISMO EM DOM CASMURRO E OTELO.....	66
<i>Maria Stella Galvão Santos</i>	

## EIXO

### INTERNACIONALIZAÇÃO DE MACHADO DE ASSIS

CAPÍTULO 4	
“BEYOND ALL POLARITIES, I AM”: EXPLORING THE INTERCONNECTEDNESS OF HUMAN CONSCIOUSNESS AND SPIRITUAL REALIZATION OR A COMPARATIVE ANALYSIS OF VONNEGUT, ASSIS, AND HESSE THROUGH THE LENS OF ALDOUS HUXLEY.....	76
<i>Victor Hugo de Oliveira Casemiro Pereira de Amorim</i>	
CAPÍTULO 5	
MACHADO DE ASSIS INCOMPLET, OU LES FRANÇAIS NE LE CONNAISSENT QUE COMME UN GÉNIE « RÉALISTE » DU BRÉSIL.....	92
<i>Alexandre S. Guimarães</i>	

CAPÍTULO 6	
A IMPORTÂNCIA DA INTERNACIONALIZAÇÃO DE MACHADO DE ASSIS.....	104
<i>Horácio Lessa Ramalho</i>	
<i>Dirce Maria da Silva</i>	

**EIXO**  
**MACHADO DE ASSIS NAS PERSPETIVAS POLÍTICA,  
JURÍDICA E SOCIAL**

CAPÍTULO 7	
MACHADO DE ASSIS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A GESTÃO PÚBLICA BRASILEIRA.....	119
<i>Osnir Saturnino Nascimento</i>	
<i>Dirce Maria da Silva</i>	

CAPÍTULO 8	
COM A “PENA DA GALHOFA E A TINTA DA MELANCOLIA” MACHADO DE ASSIS ANUNCIAVA A INTERSECCIONALIDADE....	130
<i>Cláudia Mota</i>	

CAPÍTULO 9	
DIREITO À SAÚDE MENTAL NO BRASIL À LUZ DA PERSPECTIVA MACHADIANA EM “O ALIENISTA”.....	138
<i>Larissa Argenta Ferreira de Melo</i>	

CAPÍTULO 10	
DOS DIPLOMAS DECORATIVOS À INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: O ATEMPORAL ESPÍRITO MACHADIANO E SUA MANIFESTAÇÃO NA SOCIEDADE PÓS-CONTEMPORÂNEA.....	146
<i>Paulo César Rodrigues de Mello</i>	

CAPÍTULO 11	
A IRONIA COMO FERRAMENTA CRÍTICA EM MACHADO DE ASSIS: REFLEXÕES SOBRE O CONTEXTO SOCIAL E POLÍTICO.....	155
<i>Jose Carlos Guimaraes Junior</i>	
<i>Tânia Lúcia Viana de Souza</i>	
<i>Hilke Carlayle de Medeiros Costa</i>	
<i>Fabício Leo Alves Schmidt</i>	
<i>Patrícia da Silva Ferreira</i>	

CAPÍTULO 12	
MACHADO DE ASSIS:	
INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO EDUCACIONAL E HUMANA.....	163
<i>Cláudia Mota</i>	

**EIXO**  
**MACHADO DE ASSIS E A PSICANÁLISE**

CAPÍTULO 13	
DO EU AO OUTRO: PSICANÁLISE E TIPOS HUMANOS NOS	
ROMANCES DE MACHADO DE ASSIS.....	171
<i>Eunice Nóbrega Portela</i>	
CAPÍTULO 14	
<i>O ALIENISTA</i> , DE MACHADO DE ASSIS: UMA ANÁLISE	
PSICANALÍTICA E CONTEMPORÂNEA DA SAÚDE MENTAL	
PARTE 1 – UMA CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA.....	181
<i>Marina da Silveira Rodrigues Almeida</i>	
CAPÍTULO 15	
<i>O ALIENISTA</i> , DE MACHADO DE ASSIS: UMA ANÁLISE	
PSICANALÍTICA E CONTEMPORÂNEA DA SAÚDE MENTAL -	
PARTE 2.....	193
<i>Marina da Silveira Rodrigues Almeida</i>	
CAPÍTULO 16	
<i>O CASO DO ESPELHO:</i>	
O ENCONTRO DA LITERATURA COM A PSICANÁLISE.....	214
<i>Marineide de Jesus Gomes</i>	
POSFÁCIO.....	225
<i>Dirce Maria da Silva</i>	
SOBRE OS ORGANIZADORES.....	227
ÍNDICE REMISSIVO.....	229



## PREFÁCIO

---

Esta coletânea é uma celebração em homenagem a Machado de Assis, um dos maiores nomes da literatura brasileira. Por meio de reflexões diversificadas, os manuscritos aqui dispostos demonstram a capacidade da abrangência de sua obra e o alcance de reflexões que ela é capaz de suscitar.

Machado de Assis estabeleceu padrões narrativos que continuam a inspirar escritores e estudiosos em todo o mundo. Seu estilo, caracterizado por elegante prosa e afiada ironia, permanece relevante e influente, assinalado por representações das complexidades da alma humana em dinâmicas sociais que transcendem gerações e mantém-se atual.

Os capítulos ora reunidos analisam romances, contos e crônicas, com olhares iluminados por novas leituras e interpretações. Nesse sentido, observa-se que a contemporânea recepção de Machado de Assis em diferentes culturas e idiomas destaca o potencial de suas narrativas de transcenderem fronteiras geográficas, linguísticas e temporais.

Portanto, este livro é um convite para uma jornada intelectual e emocional. Os ensaios despertarão novas compreensões e olhares sobre o autor e seu legado. Cada capítulo revela aspectos diferentes e, muitas vezes, inesperados, permitindo apreciações diversificadas advindas do caldeirão alquímico, numerológico, esotérico, cabalista, sagrado, espiritual, social, do maravilhoso *Bruxo do Cosme Velho*.

Ao embarcar nesta exploração de múltiplas dimensões, os leitores poderão encontrar ou reencontrar suas histórias, personagens e “*humor*”.

Que seu legado multifacetado continue a inspirar novos estudos, constantes pesquisas e contínuas publicações.

Boa leitura!

*Os Organizadores.*





## APRESENTAÇÃO

---

A obra **MACHADO DE ASSIS EM ABORDAGENS MULTIDIMENSIONAIS**, organizada por cinco ilustres professores, tem por objetivo comemorar os 185 anos do nascimento do *Bruxo do Cosme Velho*, como foi cognominado por Carlos Drummond de Andrade em seu poema intitulado *A um bruxo, com amor*. Trabalho que expõe a visão de grande número de coautores, demonstra o grande interesse que ainda desperta, e sempre despertará, no público leitor, a vasta literatura machadiana. Sua organização coube à Professora Doutoranda Dirce Maria da Silva, Professora Doutora Marina Arantes Santos Vasconcelos e Professores Doutores, Roberto Medina, Victor Hugo de Oliveira Casemiro Pereira de Amorim e ao Professor Mestre Alexandre Sidnei Guimarães.

Como apresentador da obra, editada em dois volumes, inicialmente, tenho a honra de informar o título de cada trabalho e seus autores e coautores neste primeiro livro. Os dados biográficos destes, bem como seus endereços eletrônicos, podem ser lidos no rodapé da página inicial de cada capítulo, segundo a sequência disposta na obra. No presente Volume, temos a seguinte disposição:

### **EIXO INTERCONEXÕES MACHADIANAS:**

Capítulo 1: *O cadáver de Machado de Assis e alguns aspectos inexplorados de sua ode acerca do vilipêndio ao cadáver do Marquês de Pombal*. Elaboração de Thiago Aguiar de Pádua.

Capítulo 2: *Educação e literatura: Machado de Assis no Exame Nacional do Ensino médio*. Texto preparado por Dirce Maria da Silva e Wiliam Alves Biserra.

Capítulo 3: *Discurso moral e emotivismo em Dom Casmurro e Otelo*, com análise de Maria Stella Galvão Santos.

### **EIXO INTERNACIONALIZAÇÃO DE MACHADO DE ASSIS:**

Capítulo 4. *“Beyond all polarities, I am”: exploring the interconnectedness of human consciousness and spiritual realization or a comparative analysis of vonnegut, assis, and hesse through the lens of Aldous Huxley”, de Victor Hugo de Oliveira Casemiro Pereira de Amorim.*

Capítulo 5: *“Machado de Assis incomplet, ou Les français ne le connaissent que comme un génie « réaliste » du Brésil”*. Texto elaborado por Alexandre S. Guimarães.

Capítulo 6: *A importância da internacionalização de Machado de Assis*. Autoria de Horácio Lessa Ramalho e Dirce Maria da Silva.

## **EIXO MACHADO DE ASSIS NAS PERSPECTIVAS POLÍTICA, JURÍDICA E SOCIAL:**

Capítulo 7: *Machado de Assis e sua contribuição para a gestão pública brasileira*. Autoria de Osnir Saturnino Nascimento e Dirce Maria da Silva.

Capítulo 8: *Com a “pena da galhofa e a tinta da melancolia” Machado de Assis anunciava a interseccionalidade*, é de autoria de Cláudia Mota.

Capítulo 9: *Direito à saúde mental no Brasil à luz da perspectiva machadiana em “O Alienista”*. Autora: Larissa Argenta Ferreira de Melo.

Capítulo 10: *Dos diplomas decorativos à inteligência artificial: o atemporal espírito machadiano e sua manifestação na sociedade pós-contemporânea*. Autor: Paulo César Rodrigues de Mello.

Capítulo 11: *A ironia como ferramenta crítica em Machado de Assis: reflexões sobre o contexto social e político*. É obra escrita por cinco pesquisadores: José Carlos Guimarães Júnior, Tânia Lúcia Viana de Souza, Hilke Carlyle de Medeiros Costa, Fabrício Leo Alves Schmidt e Patrícia da Silva Ferreira.

Capítulo 12: *Machado de Assis: instrumento de formação educacional e humana*. Texto de Cláudia Mota.

## **EIXO MACHADO DE ASSIS E PSICANÁLISE:**

Capítulo 13: *Do eu ao outro: psicanálise e tipos humanos nos romances de Machado de Assis*. Autoria de Eunice Nóbrega Portela.

Capítulo 14: *O Alienista, de Machado de Assis: uma análise psicanalítica e contemporânea da saúde mental, parte 1 – uma contextualização da obra*. Trabalho de autoria de Marina da Silveira Rodrigues Almeida.

Capítulo 15: *O Alienista, de Machado de Assis: uma análise psicanalítica e contemporânea da saúde mental, parte 2*. Texto conclusivo de Marina da Silveira Rodrigues Almeida.

Capítulo 16: *O caso do espelho: o encontro da literatura com a psicanálise*. É de autoria da Marineide de Jesus Gomes.

Aqui concluo esta apresentação dessa disposição de textos, em comemoração aos 185 anos de nascimento de Machado de Assis, todos representativos de trabalhos relevantes de seus autores e autoras. A obra machadiana já fora analisada pelo escritor inglês John Gledson, o francês Jean-Michel Massa, entre outros críticos literários mundiais.

Nos últimos dias, foi “redescoberto” pela americana e *podcaster* norte-americana Courtney Henning Novak. São incontáveis os críticos literários da

língua portuguesa e estrangeira que reverenciam Machado de Assis. Entre outros renomados estudiosos da obra do genial *Bruxo*, destacam-se Afrânio Coutinho, Alfredo Bosi, Roberto Schwarz, Lúcia Miguel-Pereira e os citados antes. Todos enaltecem a vasta obra machadiana, abrangente de todos os gêneros literários: teatro, poesia, conto, crônica, romance, epístolas e crítica literária.

Finalizando, não posso deixar de agradecer à professora Dirce Maria da Silva e ao professor Wiliam Alves Biserra pela honra de analisar o texto de minha obra, no capítulo 11 do Volume 1 desta coletânea, e ainda me proporcionarem o prazer de apresentar mais um belo e profundo trabalho sobre a obra de nosso maior escritor: o mestiço Joaquim Maria Machado de Assis, *fundador, primeiro presidente e presidente perpétuo* da Academia Brasileira de Letras, consagrado, simplesmente, como Machado de Assis, cuja estátua o enaltece na entrada da citada Academia.

***Prof. Dr. Jorge Leite de Oliveira***

Pós-Doutor em Crítica Cultural pela Universidade Estadual da Bahia.

**EIXO  
INTERCONEXÕES  
MACHADIANAS**

---

---

## O CADÁVER DE MACHADO DE ASSIS E ALGUNS ASPECTOS INEXPLORADOS DE SUA ODE ACERCA DO VILIPÊNDIO AO CADÁVER DO MARQUÊS DE POMBAL<sup>1</sup>.

*Thiago Aguiar de Pádua<sup>2</sup>*

### INTRODUÇÃO

Já ao final da vida, o casal Machado de Assis e Carolina passou seus últimos dias privando de uma invejável intimidade amorosa em sua cadeira de balanço dupla, cadeira essa que permitia ficarem de frente, se encarando, compartilhando um mesmo impulso<sup>3</sup> e, após viverem uma vida plena de companheirismo leal e de terna cumplicidade, teriam partido desse mundo dormindo e em silêncio, enterrados no mesmo jazigo perpétuo no qual eternizaram a paz e a tranquilidade com que sempre almejaram, desde o tempo em que ele a chamava de “querida

- 
- 1 Ensaio elaborado no 1º semestre de 2024 durante a disciplina Seminário Avançado de Estudos Literários Comparados (oferecida pelo estimado professor Wiliam Alves Biserra, a quem agradeço o gentil convite para acompanhar a disciplina, na linha de pesquisa estudos literários comparados), no projeto de pesquisa Literatura e Direito, do Mestrado e Doutorado em Literatura, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília – UnB. Também é uma singela homenagem ao acadêmico Vamireh Chacon de Albuquerque Nascimento (1934-2023), que ocupou a cadeira n. XV da Academia Brasileira de Letras (ABrL), cujo patrono é Machado de Assis, título do prêmio que recebeu em 2014, pelo conjunto de sua obra, por parte da Academia Brasileira de Letras (ABL), homenagem estendida ao sucessor, professor Arnaldo Sampaio de Moraes Godoy, eleito no dia 06/02/2024 para continuar as inúmeras e pesadas tradições machadianas. Por fim, uma igualmente breve homenagem ao escritor e acadêmico José Rossini do Couto Corrêa, poeta e amigo de Chacon e de Arnaldo: “*Docto pectore clausa latet*”. Por fim, um agradecimento especial à professora Dirce Salomé, pelo convite de publicação.
  - 2 Pesquisador da temática “Literatura & Direito”, professor universitário, doutor em direito, ensaísta e advogado, ocupante da cadeira n. XXIII da Academia Brasileira de Letras (ABrL), patronada por Aluisio Azevedo.
  - 3 A descrição de um amigo comum de Machado e Carolina: “Na sala de jantar havia uma cadeira de balanço dupla, em que duas pessoas se sentavam, uma para cada lado, e se podiam balançar ao mesmo impulso, olhando-se de frente. Era aí que geralmente se assentavam os dois, nas horas do tocante idílio, que durou até a morte da esposa”. Cfr. OCTAVIO, Rodrigo. Machado de Assis, em: *Minhas Memórias dos Outros (Nova Série)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 71.

C.” ou de “Carola”, e também se autoproclamava “Machadinho”<sup>4</sup>. Mas essa não é a história real, ao menos em sua parte final, naquilo que se relaciona ao suposto descanso após o evento morte, não obstante pudéssemos falar de uma espécie de ucrônia<sup>5</sup> psicológica e intelectual.

A realidade pintou-se diferente, pois Machado de Assis não pode ter o descanso que lhe seria devido. Querendo falecer antes da esposa, foi obrigado pelo destino a conviver alguns anos com a presença da ausência amorosa<sup>6</sup>.

Seu silêncio final ainda seria perturbado, momentos antes da morte, por uma casa repleta de pessoas, numa cena final em que o escritor se via obrigado a pedir reiteradas desculpas aos presentes por ainda não haver falecido<sup>7</sup>, e, após o advento da morte, também teve descumpridas as manifestações de última vontade que foram expressamente designadas no último testamento que escreveu, o segundo, de próprio punho, primeiro com a elaboração de uma máscara mortuária que não foi prevista; depois, com um discurso fúnebre que não determinou e, por fim, a mudança de seus restos mortais, retirados do jazigo

4 Referência feita às duas cartas publicadas em edição comemorativa pela Academia Brasileira de Letras, sob o selo “Guardados da Memória”, escritas por Machado de Assis e endereçadas a Carolina Augusta Xavier de Novaes Machado de Assis, sem menção ao ano exato, mas seguramente pertencentes à época do noivado, e nas quais é possível ler belas passagens como essa: “Obrigado pela flor que me mandaste; dei-lhe dois beijos como se fosse em ti mesma, pois que apesar de seca e sem perfume, trouxe-me ela um pouco de tua alma”.

5 Aqui a menção se refere ao uso feito pelo escritor Virgílio Moretzsohn Moreira, ao dizer: “Vivemos uma espécie de ucrônia psicológica e intelectual, atrasados e avançados ao mesmo tempo, ganglionar Brasil que vem de Portugal, que vem do amálgama de dois fragmentos – o leonês e o sarraceno”. Cfr. MOREIRA, Virgílio Moretzsohn. *Pompéia nas Orlas da Eternidade*. Em: POMPEIA, Raul. *Crônicas do Rio*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1996, p. 10.

6 Aqui se recorre às palavras de Brito Broca no prefácio ao fascinante Memorial de Aires, na edição de 1961, ao citar a troca de cartas entre Machado e Nabuco com uma íntima confissão sobre a morte de Carolina: “Foi-se a melhor parte de minha vida e aqui estou só no mundo (...) Note que a solidão me é grata, porque é um modo de viver com ela, ouvi-la, assistir aos mil cuidados que essa companheira de 35 anos de casados tinha comigo; mas não há imaginação que não acorde, e a vigília aumenta a falta da pessoa amada. Éramos velhos, e eu contava morrer antes dela, o que seria um grande favor, primeiro porque não acharia ninguém que melhor me ajudasse a morrer; segundo porque ela deixaria alguns parentes que a consolariam das saudades e eu não tenho nenhum”. Cfr.: BROCA, Brito. *Machado de Assis e a Política* mais outros estudos. São Paulo: Polis, 1983, p. 221.

7 Veja-se a conhecida descrição de Rodrigo Octavio, dizendo que Machado deitou-se para morrer: “Não foi no seu quarto de dormir, no sobrado de sua casa, mas em pequeno quarto que dava para a sala de jantar (...) a casa esteve sempre cheia (...) Morreu perfeitamente lúcido. Fui testemunha desse trágico momento. Machado se afligia do incômodo que sua demorada agonia estava dando a seus amigos. Olhava-nos compungido; dominava a expressão das dores que sofria para não nos afligir mais; e, quando podia articular umas palavras, era para pedir desculpas da demora que estava tendo naquele fim”. Cfr. OCTAVIO, Rodrigo. *Machado de Assis*, em: *Minhas Memórias dos Outros* (Nova Série). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 72.

que ele mesmo havia escolhido e comprado, com zelo e determinação, ainda mais quando o jovem Machado já houvera escrito um texto poético contra o vilipêndio ao cadáver do Marquês de Pombal, indicando sua visão sobre o respeito ao sossego dos mortos, aspecto que o presente ensaio tentará interpretar.

Momentos antes de Machado de Assis ser inumado, embora alguns prefiram a expressão enterrado (e tantos outros usem a palavra encovado), ficaram famosos os adjetivos proferidos por Rui Barbosa, chamado que foi para discursar no velório, e que impressionaram pela eloquência, pronunciado o discurso fúnebre na antiga sede da Academia Brasileira de Letras, minutos antes do féretro partir em direção ao cemitério São João Batista, mas não sem antes deixar registrada uma significativa manifestação de desculpa, ao estilo de Rui, pelo palavrório enunciado em momento tão repleto de complexidades: “Nunca ergui a voz sobre um túmulo, parecendo-me sempre que o silêncio era a linguagem de nos entendermos com o mistério dos mortos”<sup>8</sup>.

Pouco antes do velório, outro ato fúnebre inusitado, menos pelo fato do que pelo destino que se seguiu, revelado pelas memórias de Rodrigo Otávio, em livro publicado em 1935, sobre uma circunstância ocorrida no ano anterior. É que, como secretário da Academia, em convívio diário por 15 anos com Machado, foi designado para providenciar aspectos do funeral, tendo pedido ao artista plástico Rodolpho Bernardelli que fizesse a máscara mortuária do falecido escritor; em suas palavras: “pouco depois da morte, que ocorreu às 3 e meia da tarde”, acrescenta: “uma tarde luminosa”, prossegue: “veio à casa do Mestre e moldou-lhe o rosto, em gesso”<sup>9</sup>.

Tão reservado, dificilmente Machado de Assis teria aprovado a máscara mortuária, principalmente em razão dela ter sido utilizada como capa do famoso livro de Hermínio de Brito Conde para falar sobre uma doença do próprio escritor<sup>10</sup>, logo ele que chegava a romper relações com amigos que presenciassem sua fragilidade humana nas constantes crises epiléticas.

8 BARBOSA, Rui. Discurso de Rui Barbosa pronunciado na Academia Brasileira, junto do ataúde de Machado de Assis, aos 29 de setembro de 1908, minutos antes de partir o féretro para o cemitério de S. João Batista. In: *Obras Completas de Rui Barbosa, Discursos Parlamentares*. Volume XXXV, Tomo 1, (1908): Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1967, p. 135.

9 A máscara mortuária permaneceu desaparecida por longos 26 anos até que, em 1934, após a depredação do estúdio do escultor, o artefato foi localizado e enviado ao museu do Instituto Histórico. Cfr. OCTAVIO, Rodrigo. Machado de Assis, em: *Minhas Memórias dos Outros (Nova Série)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 73.

10 A doença aqui mencionada é ocular, no livro referido, datado de 1939, publicado 5 anos após o aparecimento da máscara mortuária, que a utiliza na capa aplicando ênfase, por evidente, aos olhos, e além de expressamente utilizar o caso de Machado de Assis para falar sobre o nobre causa da saúde dos olhos, mencionando o escritor nas três conclusões que ocupam a última página do livro. Cfr. CONDE, Hermínio de Brito. *A tragédia ocular de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: A noite, 1939, p. 121.



Antes dos fatos anteriores, preparação do velório com alguma aura que talvez tenha levado ao desaparecimento da máscara mortuária e do enterro que fez quebrar um silêncio que seria excepcional, minutos antes de falecer, Machado de Assis se desculpava aos amigos próximos por ainda não ter falecido, como igualmente descrito pelas memórias de Rodrigo Octávio, e recebe a famosa visita de um jovem que permaneceu anônimo, também por longos anos, na descrição dos momentos finais de vida pela narrativa de Euclides da Cunha<sup>11</sup>, complementada por memórias de outras testemunhas.

Pensando na própria morte em momentos distintos, ele que já havia falado bastante sobre ela na perspectiva de várias de suas personagens, Machado de Assis elaborou dois testamentos. Um quando a esposa estava viva, e outro quando Carolina já havia sido enterrada, e é possível que até mesmo tenha imaginado os detalhes dos fatos que sucederiam seu falecimento, mas talvez não tivesse previsto a quantidade de temas ocorridos, fatos que seguramente lhe renderiam um derradeiro romance.

Neste sentido, o presente ensaio se ocupa de dois aspectos que parecem primordiais ao cânone machadiano, primeiro resgatando a trajetória sobre a disputa pelo cadáver do Bruxo do Cosme Velho, jogando luzes em alguns aspectos históricos, evento dinâmico que envolveu testamento com desígnios fúnebres, enterro e posterior violação da sepultura para trasladação de seus restos mortais para o mausoléu da Academia Brasileira de Letras, polêmica que permaneceu acesa por muitos anos, ressignificando tais elementos a partir da visão que o próprio escritor projetou sobre a violação aos despojos do marquês de Pombal.

## DEFUNTO & DE CUJUS<sup>12</sup>

No dia 22 de abril de 1999 a então famosa edição impressa do Jornal do Brasil, no caderno Cidade, estampava a notícia de um evento fúnebre, com túmulo e subtúmulo, digo, título e subtítulo: “Unidos na vida e na morte: Mausoléu da Academia recebe restos de Machado de Assis e da amada Carolina”. A imagem da notícia<sup>13</sup>, como talvez pudesse deixar de ser, mostra 9 distintos senhores, dois deles sorridentes, atrás do túmulo do casal, ornamentado com rosas brancas e, ainda, uma vela acesa ardendo na superfície:

11 CUNHA, Euclides Rodrigues Pimenta da. A última visita, Jornal do Commercio, de 30 de setembro de 1908.

12 É provável que Machado de Assis, se pudesse escrever sobre o itinerário de seu próprio cadáver, inseriria a narrativa na boca de algum bacharel em direito que começaria algumas frases em latim castiço, distinguindo defuntos & “de cujus”, com ar professoral: “*de cujus successione agitur*”, de cuja sucessão se trata, teria escrito.

13 O crédito da imagem é atribuído a Adriana Caldas. Cfr.: Jornal do Brasil, caderno “Cidade”, de 22/04/1999, p. 18.



*Os imortais receberam da família de Machado de Assis a lápide – que ficará na sede da ABL, no Centro – do antigo túmulo do casal*

**Fonte:** Jornal do Brasil, 1999.

Quem sabe estivessem, vai saber, pedindo licença para acender um charuto na chama que lambe a si mesma sobre o túmulo do cadáver, e bem sabemos que a prudência exige que não deixemos de recordar a velha cena do bêbado personagem machadiano que, passando pela rua, avista uma casa em chamas, percebendo sua dona a chorar, quando indaga se a casa seria propriedade da mulher (“um triste molambo de mulher”, diz Machado) ouvindo, como resposta: “— É minha, sim, meu senhor; é tudo o que eu possuía neste mundo”, quando o ébrio então pede licença para acender seu charuto nas chamas que consomem a casa, permitindo que Machado nos diga, pela boca da personagem, que “não é preciso estar embriagado para acender um charuto nas misérias alheias”<sup>14</sup>.

A perturbadora cena da animada passagem de Quincas Borba é motivo suficiente para que o esquecido estudo de Mário Matos viesse a etiquetar Machado de Assis como adepto da pilhéria e do “humorismo”<sup>15</sup>, acrescentando: “nesse episódio, todos os elementos humanos de piedade e comunhão no

<sup>14</sup> A partir dos diálogos do interessante capítulo CXVII, em Quincas Borba. Cfr. MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Quincas Borba, em: *Obra Completa*, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

<sup>15</sup> Não obstante, o anterior estudo de Alcides Maya, pioneiro, lida com questões ligadas a Machado de Assis e o tema do humor, que cita, antes dele, o livro de Carlos Magalhães de Azeredo sobre a crítica ao humor de Machado Cfr.: MAYA, Alcides. *Machado de Assis (Algumas notas sobre humour)*. Rio de Janeiro: Editora Jacinto Silva, 1912; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Homens e Livros*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902.

sofrimento desapareceram”, sem que se possa dizer que o “Machado adepto do humorismo” seja impassível ou insensível, não obstante a desnecessidade de “pedir licença para acender o charuto nas desgraças alheias”<sup>16</sup>.

Não nos é dado esquecer, igualmente, a rara descrição sobre o próprio Machado de Assis em uma cerimônia fúnebre, como feito por Lúcia Miguel Pereira, biógrafa de mão talentosa e olhar sensível que nos forneceu uma comovente imagem: “Coelho Neto (contou que) uma tarde, ao entrar na livraria Garnier, encontrou Machado de Assis saindo muito antes da hora habitual. Estranhou o fato, pediu-lhe que se demorasse, pois queria falar-lhe. – Não posso, vou a um enterro, foi a resposta, mas venha comigo, conversaremos no carro”, e ao chegar ao local, pôs-se a velar o cadáver, como descrito: “a princípio impassível, depois visivelmente comovido”. Era sua mãe de criação<sup>17</sup>, que seguramente ocupava espaço especial em sua paleta de afetos, como a mãe biológica, embora esta última tenha falecido com Machado ainda criança<sup>18</sup>.

Para alguns, como Dom Hugo Bressane de Araújo<sup>19</sup>, Machado não era suficientemente religioso em suas obras, embora para outros, como Octavio Brandão<sup>20</sup>, não fosse suficientemente marxista<sup>21</sup>. Os críticos, embora em número

16 MATOS, Mário. Machado de Assis: o homem e a obra, os personagens explicam o autor. São Paulo: Editora Nacional, 1939, p. 439.

17 MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. Machado de Assis (Estudo Crítico e Biográfico). São Paulo: Editora Nacional, 1936, p. 135-136.

18 Mencione-se a descoberta contemporânea de um comovente texto apócrifo, atribuído a Machado de Assis, chamado “Lembranças de Minha mãe” (escrito conforme original da época: “mãe”), publicado na segunda edição da “Revista Luso-Brasileira” em 1860. Nele se misturam lembranças felizes e muita dor e lamento, como na seguinte frase: “quando mais me era precisa a sua existência, a cruel sorte m’a roubou; oh! Quanto soffro hoje que isolado do mundo, cansado da vida, não encontro o seu seio para esconder as minhas lágrimas, e nem os seus hinos para adoçar-me as dores”. Há alguma proximidade com a conhecida poesia “Minha mãe”, publicada por Machado de Assis quatro anos antes. Na mesma época, os poemas “Saudades” e “Lágrimas” são representativos do apego ao tema, demonstrando o sofrimento do jovem Machado. Cfr. MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Minha mãe. Marmota Fluminense, n.º 767, 2 set. 1856; MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Saudades. Marmota Fluminense, 01 mai. 1855; MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Lágrimas. Marmota Fluminense, 1856.

19 ARAÚJO, Hugo Bressane de. O aspecto religioso da obra de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1939.

20 BRANDÃO, Octávio. O niilista Machado de Assis. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1958; BRANDÃO, Octávio. A penúria da crítica, em: Revista Brasiliense, 23, maio/junho 1959.

21 João Alberto da Costa Pinto, em ensaio provocante, finaliza com uma necessária reflexão sobre aqueles que exigem algum comprometimento marxista de Machado de Assis: “Fica uma indagação: como Machado de Assis poderia conhecer, citar e ser um marxista, como lhe pedia Octávio Brandão, se, por exemplo, o Manifesto do Partido Comunista só foi traduzido no Brasil em 1924, pelo próprio Brandão?”. Cfr.: COSTA PINTO, João Alberto da. Machado de Assis lido pelos comunistas brasileiros (1939-1958), Revista Historia Actual, 51 (1), p. 65-74, 2020, p. 73.

reduzido, tornam-se também objeto de alguma censura, como aconteceu ao acadêmico e escritor José Sarney, ao apresentar recente livro, após dizer sobre a quase unânime adoração ao vulto machadiano: “a rara, talvez única exceção nesse apreço unânime notabilizou-se por isso, não lhe mencionemos o nome”<sup>22</sup>. Estava falando de Sílvio Romero<sup>23</sup>, Octavio Brandão, Bressane Araújo ou do igualmente mordaz Agrippino Grieco<sup>24</sup>, apenas para citar alguns dos críticos mais conhecidos.

Não obstante, a imagem do jornal e a notícia sob o traslado dos despojos de Machado de Assis e Carolina permanecem enigmáticas, com alguns rostos que quase pedem licença para acender um charuto sob a frieza requentada de um defunto, algo que seguramente renderia ao próprio morto, além de um novo romance, talvez um conto? E que seguramente lhe traria à memória o poema que escreveu sobre o marquês de Pombal, como iremos refletir, logo adiante, não sem antes ensaiarmos algumas curvas, muitas pausas e certas dubiedades propositais, como uma espécie de desculpa para também homenagearmos o próprio escritor<sup>25</sup>. Ele mesmo, alguém que se definiu no enigmático capítulo LXXI (O senão do livro) de “Memórias Póstumas de Brás Cubas”<sup>26</sup>.

Pois bem, quanto ao noticioso texto de jornal, anteriormente citado, ele começa inventando, mas termina escondendo, se é possível recorrer a uma construção frasal tão ousada quanto a notícia (e sua imagem): informa que Machado de Assis “ganhou (...) uma homenagem que veio coroar a bela história de amor que teve em vida”, citando a presença, no ato, de outros membros da

22 SARNEY, José. Apresentação: Em: MATOS, Miguel. Código de Machado de Assis. São Paulo: Migalhas, 2021, p. 7.

23 ROMERO, Sílvio. Machado de Assis. Estudo comparativo de Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1897.

24 Entre outros textos jornalísticos, este que foi um crítico que tentava se desviar dos rótulos de “machadólatra” ou de “machadófobo”. cfr.: GRIECO, Agrippino Viagem em torno a Machado de Assis. São Paulo: Livraria Martins, 1969; GRIECO, Agrippino. Machado de Assis. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1959.

25 Aqui, uma vez mais, o apelo à imagem do trabalho de Mario Matos, em antiga chave interpretativa: “Do ponto de vista mecânico, se é possível dizer assim, a originalidade aventa-se de muitas maneiras (...). Faz lembrar o curso da corrente de água em terreno acidentado: ora corre facilmente, ora volteia; umas vezes para, outras se precipita; aqui murmura, mais adiante cala. Em certos pontos parece arrepender-se do rumo traçado e arripia caminho, para depois regressar de novo à diretriz por onde ia seguindo. Em verdade foi dito que o símbolo de Machado de Assis é o ziguezague. A linha curva. A sinuosidade. Escreve ‘carangueijando’”. Cfr. MATOS, Mário. Machado de Assis: o homem e a obra, os personagens explicam o autor. São Paulo: Editora Nacional, 1939, p. 105.

26 Em suas palavras: “o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...”. Cfr. MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Memórias Póstumas de Brás Cubas, em: Obra Completa, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, p. 78.

Academia Brasileira de Letras<sup>27</sup>.

Menciona, ainda, que os restos mortais do casal Machado e Carolina teriam sido transferidos para “homenagear o amor”, informando que o testamento machadiano havia deixado expresso “o desejo de jamais ser separado de Carolina”, e que a cerimônia também representava “o fim de uma proibição que constava do regimento interno da ABL: a de que as mulheres dos imortais acompanhassem os maridos no mausoléu”, e que por conta disso “Machado de Assis permaneceu todo esse tempo na tumba de sua família”, quase arrancando lágrimas dos que balançam os olhos sobre o texto.

Contudo, sabemos que o segundo testamento de Machado de Assis – escrito de próprio punho – anota a inutilização de um testamento anterior, datado de 30 de junho de 1898, feito quando Carolina ainda estava viva, refeito em 1905, por ocasião da morte de sua companheira em 1904 e, neste segundo documento jurídico deixou anotado: “para que se cumpra e guarde como expresso da minha derradeira vontade”, prosseguindo, ainda: “desejo ser enterrado na mesma sepultura de minha mulher (n. 1359, jazigo perpétuo)”, detalhando ainda mais, afirmando necessidade das licenças burocráticas pertinentes: “Na lage que a cobre, abaixo do seu epitáfio, se houver de ser aberto o meu, com a inscrição do nome por esta forma: ‘J. M. Machado de Assis’, a data do meu nascimento e da minha morte”<sup>28</sup>.

Ou seja, a notícia de jornal seria a cobertura da versão de um acinte, uma afronta à última vontade de Machado de Assis, que não apenas deixou explícita a vontade de permanecer junto à esposa, mas principalmente mencionou até o número da lápide em jazigo perpétuo, e as palavras claríssimas de último desejo: “para que se cumpra e guarde como expresso da minha derradeira vontade”.

É preciso observar que o traslado dos restos mortais de Machado de Assis e Carolina havia sido tentado muitos anos antes de sua execução, ocorrida em 1999. É o que foi noticiado, embora de forma incompleta, pelo jornal Folha de São Paulo, afirmando que muitos anos antes, ainda na década de 1980, houve uma tentativa anterior: “de acordo com Ruth Leitão de Carvalho Lima, a ABL fez a primeira tentativa de remover os restos mortais de seu fundador para o mausoléu”, mas os herdeiros negaram a proposta, segundo justificativa da época, pois a Academia queria separar o casal, levando apenas o Bruxo do Cosme Velho<sup>29</sup>. Aliás, o tema permanece controverso, pois são inúmeras as narrativas sobre a tentativa de traslado dos despojos.

27 São mencionados: Lêdo Ivo, Evandro Lins e Silva, Arnaldo Niskier, Josué Montello, Antônio Olinto, Tarcísio Padilha, Murilo Mello Filho, Cândido Mendes e o padre Fernando Bastos de Ávila.

28 Excelente texto e bastante rico em detalhes iconográficos de Daniel Piza. Cfr.: PIZA, Daniel. Machado de Assis, um gênio brasileiro, São Paulo: Imprensa Oficial, 2006, p. 242.

29 BRASIL. Folha de São Paulo, caderno “Ilustrada”, de 09/04/1999.

O jornalista Fernando Jorge, crítico do academicismo, recorda uma crônica de Carlos Drummond de Andrade para o jornal do Brasil, intitulada “Deixem Machado de Assis em Paz”, manifestando-se contra anteriores investidas de transferir os restos mortais, algo que também foi comparado à rocambolesca transferência dos bens da herdeira de Machado de Assis, adquiridos com dinheiro público e transferidos para uma entidade privada, que foi recordada com humor, sugerindo barganha acadêmica que teria trapaceado o escritor Mario Quintana em favor do ministro de estado Eduardo Portella, que fariam Machado de Assis escrever, segundo sugeriu, uma novela intitulada “As aventuras e desventuras dos móveis de um defunto, comprados por um ministro que com eles quis entrar para a ABL”<sup>30</sup>.

De fato, Carlos Drummond de Andrade possui inúmeras relevantes manifestações na imprensa contra o traslado dos despojos de Machado. Em 1958, no texto “Sonho”<sup>31</sup>, desenha deliciosa crônica com algum toque de ácido, escarnecendo sobre a aventada construção do mausoléu da Academia de Letras, dizendo não lhe agradar a ideia de “bulirem no singelo e já histórico jazigo de Machado de Assis e sua companheira”.

Em outro texto, “Um túmulo”<sup>32</sup>, retorna ao tema numa crônica que transcreve a íntegra da missiva recebida de um senhor de nome Raul Barcelos, descrevendo inúmeros motivos que recomendariam a não realização do traslado dos restos mortais de Machado de Assis, passando pelo estranhamento sobre o fato de a ideia ter nascido em uma instituição como a Academia de Letras, chamada de “absurdo”, eis que representaria violação às premissas orientadoras do próprio silogeu, como a preservação da tradição e dos elementos históricos ligados a seu mais célebre fundador<sup>33</sup>.

Por sua vez, no texto “Machado, não”<sup>34</sup> o itabirano noticia grande movimento de escritores de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul no sentido de endereçarem manifesto à prefeitura do antigo Distrito Federal, para que fosse barrada a consumação do traslado dos despojos, sem êxito, contudo, pois o que ocorreu, como mencionado, foi a destinação inicial de 6 milhões de cruzeiros

30 JORGE, Fernando. A Academia do Fardão e da Confusão: a Academia Brasileira de Letras e os seus “imortais” mortais. São Paulo: Geração Editorial, 1999, p. 414-418.

31 ANDRADE, Carlos Drummond de. Sonho, em: Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 09/09/1958.

32 ANDRADE, Carlos Drummond de. Um túmulo, em: Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 03/10/1958.

33 Além disso, outros pontos são mencionados, como questões sentimentais aos descendentes, junto ao desrespeito da vontade explícita de Machado de Assis em ser enterrado no jazigo perpétuo n. 1359, e em nenhum outro lugar.

34 ANDRADE, Carlos Drummond de. Machado, não, em: Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 30/08/1959.

para a construção do mausoléu acadêmico, ensejando novamente crônica ácida sobre a situação financeira do poder público e o desvario que seria o Estado custear interesses privados, especialmente diante de tanta carência de recursos<sup>35</sup>.

Já no breve texto intitulado “O jazigo de Machado de Assis”<sup>36</sup>, Drummond recorda um casual encontro com o acadêmico Austregésilo de Athayde, então presidente da Academia Brasileira de Letras, que teria proposto realizar o traslado dos despojos de Machado de Assis para dali a 30 anos após o diálogo (1959), para que a cerimônia pudesse ocorrer somente em 1989, data do sesquicentenário de nascimento do escritor, quando o presidente da ABL teria dito, ainda: “quem estiver vivo comparecerá. Certo?”. Ao que Drummond pontua: “contando sem dúvida com a esperança fundada de eu não estar vivo até lá para impugnar, embora sem êxito, a absurda transferência”<sup>37</sup>.

Por fim, na crônica “Cemitério”<sup>38</sup>, o autor de “A Rosa do Povo” faz uma derradeira crítica aos motivos invocados pela ABL para erigir o controverso mausoléu, já que o silogeu havia finalmente justificado a obra por motivos econômicos e não de glorificação, já que o metro quadrado do cemitério seria mais caro que o de Copacabana, sobrando para o antigo Distrito Federal o custeio da obra que já aparecia orçada em 30 milhões de cruzeiros, para os contribuintes do estado do Paraná, pela doação do mármore parnasiano, e para a Santa Casa de Misericórdia, que doou 1.200 metros de “terreno-ouro”, nas debochadas palavras de Drummond, observando, ainda, que no caso de Machado de Assis seria mais grave, pois este escritor já havia custeado seu próprio túmulo, afastando a argumentação econômica<sup>39</sup>.

---

35 Cita, como parece um importante resgate, trecho de manifestação contrária do acadêmico Alceu Amoroso Lima: “Já são tantas as vaidades e futilidades de que cercamos em vida a condição acadêmica, que se salve pelo menos a humildade da morte”, terminando com frase lapidar, dando título a crônica, ao melhor estilo drummondiano: “Levante a Academia o seu grandioso sarcófago e ponha dentro quantos almejem magnificência fúnebre. Machado, não”.

36 ANDRADE, Carlos Drummond de. O jazigo de Machado de Assis, em: O Observador no escritório: páginas de diário. Rio de Janeiro: Record, 1985, p. 118.

37 De fato, Drummond faleceu em 1987, mas o traslado também não ocorreu em 1989, e Austregésilo de Athayde morreria logo depois, em 1993, sem ver realizada a transferência, que ocorreria, entretanto, em 1999.

38 ANDRADE, Carlos Drummond de. Cemitério, em: Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 15/09/1959.

39 São as palavras de Drummond, que convém repetir: “Mas, se a iniciativa é estritamente econômica, por que incluir nela o túmulo já pago de Machado de Assis e sua esposa? E pago pelo próprio velhinho, que em 27 de outubro de 1904, seis dias após o sepultamento de Carolina, requeria à Santa Casa a perpetuidade do carneiro, como consta no arquivo da rua Santa Luzia! Aliás, é bom que alguém da Academia veja esse documento, até agora inédito. Lá diz homem previdente, inimigo da promiscuidade, que o jazigo 1359 serviria ‘oportunamente para sepultura unicamente do concessionário.’ Parece até que receava o futuro edifício de apartamentos mortuários, em que se cogita de instalá-lo como principal morador”.

Fato é que as oposições de Drummond contra a alegada veleidade da transferência dos restos mortais de Machado de Assis mostram um combativo intelectual que não se omitiu de exercer papel crítico através da imprensa, tendo logrado êxito em constranger os responsáveis enquanto esteve vivo, não obstante o traslado tenha ocorrido alguns anos após sua morte, sem que tenhamos notícia de outros críticos tão combativos quanto o autor dos versos de “A Máquina do Mundo”.

Disputado como um prêmio após a morte, nem mesmo em vida Machado houvera sido comparado jocosamente a um defunto, como na crônica escrita por Arthur Azevedo, e recordada por Drummond, sobre a singela maneira de se portar à mesa durante o banquete de 1888 oferecido ao ator Coquelin, “o Velho”<sup>40</sup>, dizendo a crônica que todos os convivas se portavam à mesa “com uma valentia digna do defunto Monselet (...) à exceção de Machado de Assis e Cyro de Azevedo, comedores de terceira ordem”<sup>41</sup>.

A (não) comparação é engenhosa, pois o citado Charles Monselet foi figura de destaque no discurso de posse de Humberto de Campos na cadeira 20, da Academia Brasileira de Letras<sup>42</sup>, sucedendo a Emílio de Meneses, quando recordou, de forma anedótica, a Guerra Franco-Prussiana e seu ponto culminante, que foi o cerco de Paris (1870-1871) e a conhecida passagem de Monselet, a quem Machado deixou de ser comparado:

“No cerco de Paris, em 1870, a fome atormentava a população. Os cavalos foram comidos, um a um. Os gatos desapareceram dos telhados, os cães desertaram as ruas, e os ratos, mesmo, foram caçados nos esgotos. Por esse tempo, Charles Monselet, que então escrevia no Figaro, correu às trincheiras, incorporando-se, com o seu “loulou”, o Azor, em um batalhão de voluntários. Durante vinte dias suportou Monselet heroicamente o regime do batalhão, comendo ratos e gatos, cujos ossos o cão, depois, triturava nos dentes.

Um dia, faltaram os felinos e os roedores, e o jornalista resolveu um sacrifício pérfido: comer o cachorro. À noite, em uma casa vizinha às trincheiras, foi o cão abatido, esfolado, posto a ferver com especiarias estimulantes, e transformado, por milagre de caçarola, no mais saboroso dos guisados militares. Terminado o jantar, Monselet reuniu em um prato os ossos da vítima e gemeu, enxugando os olhos: – Pobre Azor! Que jantar perdeste hoje!...”

---

40 Chamava-se Benoît-Constant Coquelin (1841-1909).

41 ANDRADE, Carlos Drummond de. Machado de Assis: Mau garfo, Revista Leitura, março, 1958, p. 27.

42 CAMPOS, Humberto de. Discurso de posse como terceiro ocupante da Cadeira 20 da Academia Brasileira de Letras, da Academia Brasileira de Letras, eleito em 30 de outubro de 1919, empossado a 8 de maio de 1920.



O então novo ocupante da cadeira n. 20, Humberto de Campos, presumiu que, se vivo estivesse, Emílio de Meneses teria apreciado a narrativa anedótica, e é certo que Machado de Assis, que faleceu antes dos dois, não morria lá de amores por Emílio, sendo pouco conhecida sua oposição contra a entrada de Emílio na Academia de Letras, o que permite, para os fins deste ensaio, uma releitura da verve machadiana sobre comportamento, moralidade e ritual no ambiente acadêmico, que também nos permitiria inquirir o que o Bruxo do Cosme Velho pensaria sobre a disputa por seu cadáver e o desrespeito sobre suas disposições de última vontade.

Vejam os a imagem recordada de Machado de Assis sobre a recusa em aceitar Emílio de Meneses na ABL, pelos fios da memória de um amigo<sup>43</sup>:

“Machado entendia, e não cessava de o dizer, que a Academia devia ser, também, uma casa de boa companhia; e o critério das boas maneiras, da absoluta respeitabilidade pessoal, não podia, para ele, ser abstraído dos requisitos essenciais para que ali se pudesse entrar. Por esse tempo, alguns de nossos colegas andavam procurando criar no ânimo de Machado uma ambiência favorável à aceitação da candidatura de certo poeta, de notório talento, mas de temperamento desabusado e assinalado sucesso em rodas de boêmios. Nesse dia o nome do poeta veio à tona; a controvérsia fora acalorada. Machado não interveio nela; conservou-se calado; mas, quando o levávamos para o bonde, na Avenida, ao chegar ao canto da Rua da Assembleia, ele nos convidou a que seguíssemos por essa rua, e, a dois passos, nos fez entrar em uma cervejaria, quase deserta nesse momento. Não sabendo de todo o que aquilo significava, nós o acompanhamos sem dizer palavra, e vimo-lo deter-se no meio da sala, entre mesinhas e cadeiras de ferro, e, também sem dizer palavra, estender o braço, mostrando ao alto de uma parede, um quadro, a cores vivas, em que, meio retrato, meio caricatura, era representado em busto, quase do tamanho natural, grandes bigodes retorcidos, cabelo revoltado na testa, carão vermelho e bochechudo, o poeta, cuja entrada no seio da imortalidade se pleiteava, sugestivamente empunhando, qual novo Gambrinus, um formidável vaso de cerveja... A cena causou em todos profunda impressão e, tal era o respeito havido por Machado, que, em vida dele, não se falou mais na candidatura de Emílio de Meneses”.

Consta que estas memórias de Rodrigo Octávio tenham sido publicadas em 1935, quando Machado e Emílio já haviam falecido, o primeiro em 1908, o segundo dez anos depois, mas na data da posse deste último na ABL, em 24 de abril de 1918, alguns meses antes de falecer, o tema aparece em todo seu discurso de posse, poupando Machado de Assis, a quem se referiu uma única vez, como “figura máxima” da Academia, “o vulto indecifavelmente grande”, mas defendendo-se contra a campanha que contra si foi urdida, apontando

---

43 OCTAVIO, Rodrigo. Machado de Assis, em: *Minhas Memórias dos Outros* (Nova Série). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 54.

armas contra aqueles a quem denominou de “pivetes, da literatura” que o apontavam “Boêmio e desregrado”, mas que “nunca foi visto em espeluncas”, e, disparando ainda contra seu falecido antecessor, Salvador de Mendonça (1841-1913), “só me conhecendo através da opinião de mim formada por “pivetes” e costureiros, foi dos maiores repulsores do meu nome”, disse Emílio, para logo depois hastear bandeira branca, recusando avançar um ataque: “para evitar a increpação de exercer vingança póstuma”.

Não soube Emílio, ou talvez se tenha recusado em acreditar, que o maior repulsor de sua candidatura, para utilizar suas próprias palavras, teria sido Machado de Assis, mas a figura literária manejada por Emílio como forma de finalizar seu raciocínio é perturbadoramente deliciosa, e adequada aos propósitos deste ensaio:

“Feliz seria ainda se os seus amigos, ao lado dos meus inimigos, me não atrasassem a apóstrofe de Baudelaire a um crítico testamentário literário de Edgar Poe, apóstrofe em que vai um grande espanto por não existir nos Estados Unidos uma lei proibindo a entrada dos cães no cemitério.”<sup>44</sup>

Imaginemos, ao menos por alguns instantes, a figura fantasmagórica de Emílio rondando o mausoléu da Academia de Letras no cemitério São João Batista, qual um fantasma de Banquo, repetindo o gesto de Machado de Assis contra sua candidatura naquele bar em que brevemente repousaram as memórias de Rodrigo Octávio, apontando silenciosamente a lápide machadiana para explicar o que acontece a um grande escritor após sua morte e, claro, suposto descanso planejado em outro local, com sorriso zombeteiro por detrás dos bigodes bagunçados e melados de espuma da melhor cerveja.

Já não diria, emulando o defunto Monselet, que Machado teria apreciado o banquete da última sepultura, mas é possível que fizesse algum trocadilho, tão bem ao seu estilo, não apenas sobre a entrada dos cães no cemitério, mas também sobre o traslado de seus despojos e a disputa por seus ossos, que cairiam bem, por milagre de caçarola, no mais saboroso dos guisados literários.

## O CADÁVER NA OBRA MACHADIANA

Como parece ter sido possível perceber, este texto não é dedicado ao verme que primeiro roer as frias carnes dos cadáveres dos leitores, apenas para lembrar, com alguma malícia disfarçada, das “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, e sobre as diversas vezes em que a palavra cadáver lá apareceu mencionada, menos como memória do que advertência explícita em tinta, cruz e caveira.

44 MENESES, Emílio Nunes Correia de. Discurso de posse como segundo ocupante da Cadeira 20 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 15 de agosto de 1914, empossado a 24 de abril de 1918.

Antes, o presente ensaio é dedicado aos túmulos violados ou quase violados, neste último caso como ocorreu ao próprio Machado de Assis e à sua amada Carolina, no episódio da mudança de sepultura no cemitério São João Batista, como denunciado tantas e tantas vezes por Carlos Drummond de Andrade.

Contudo, não desistam do texto, estimados leitores (presumindo, por óbvio, a pluralidade de intérpretes), ao menos não sem antes chegarmos de mãos dadas ao exato momento em que seja possível sentir o peso cortante da antessala mortuária, e também seu odor acre misturado ao cheiro de velas e mofo que invade o ambiente no apropriado momento imaginário, adiante aduzido a partir das lentes de Machado de Assis, agora o escritor defunto, ou defunto escritor, nas exatas palavras contidas no primeiro capítulo das “Memórias Póstumas de Brás Cubas”: um autor defunto; um defunto autor.

Por questões que seria prescindível recordar, como a limitação inerente a um breve ensaio, iremos abordar o tema morte, preferindo o (re)corte cadavérico, não sobre todo o cânone machadiano, mas alguns poucos pontos em que seja possível refletir sobre o tema com maior liberdade e alguma amplitude.

Embora a expressão morte seja a mais frequente na obra machadiana, com diversas conotações, por razões óbvias e, sob as lentes deste ensaio, iremos refletir sobre a expressão “cadáver” (ou a também bastante utilizada palavra “defunto”) na obra machadiana, em especial os romances, começando por Dom Casmurro (1899), que no capítulo LXXXV e seu sugestivo título (O defunto), guiam nossos olhos no momento da descrição do cadáver de Manduca, cuja aparência Machado colocou na boca de Bentinho.

Feio, leproso, e que era ruim de olhar, mas a atração mórbida guiou Bentinho: “Quando eu vi, estendido na cama, o triste corpo daquele meu vizinho, fiquei apavorado e desviei os olhos. Não sei que mão oculta me compeliu a olhar outra vez, ainda que de fugida; cedi, olhei, tornei a olhar”. O pai havia dito antes, sobre a morte do filho: “foi bom que morresse”. Um conflito toma o peito de Bentinho, pois vinha passando pela rua, alegre, após avistar Capitu, agora contrastado com o momento fúnebre: “se o Manduca esperasse algumas horas para morrer; nenhuma nota aborrecida viria interromper as melodias da minha alma. Por que morrer exatamente há meia hora? Toda hora é apropriada ao óbito; morre-se muito bem às seis ou sete horas da tarde”.

Outro momento fúnebre relevante foi descrito no capítulo IX de Quincas Borba (1891), quando Rubião reflete sobre Quincas Borba: teve “Rubião um pensamento horrível. Podiam crer que ele próprio incitara o amigo à viagem, para o fim de o matar mais depressa, e entrar na posse do legado, se é que realmente estava incluso no testamento. Sentiu remorsos. Por que não empregou todas as forças para contê-lo? Viu o cadáver de Quincas Borba, pálido, hediondo,

fitando nele um olhar vingativo; resolveu, se acaso o fatal desfecho se desse em viagem, abrir mão do legado”.

Na mesma obra, outro momento fúnebre de relevo, representado pelo sonho descrito no capítulo CLXI, quando Sofia adormece e tem uma visão que começa doce e se converte num pesadelo, quando o sonhado romance com Carlos Maria se converte na morte deste último: “apunhalaram Carlos Maria e deitaram o cadáver ao chão. Depois, um deles, que parecia ser o chefe de todos, tomou o lugar do defunto, tirou a máscara e disse a Sofia que se não assustasse, que ele a amava cem mil vezes mais que o outro. Logo em seguida, pegou-lhe nos pulsos e deu-lhe um beijo, mas um beijo úmido de sangue, cheirando a sangue”.

Já em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, o tema aparece de maneira mais expressiva e abundante, como quando disse, no capítulo XXIV (Curto, mas alegre), que “a franqueza é a primeira virtude de um defunto”, pois em vida as convenções sociais trazem a amarra da hipocrisia, mas a morte seria libertadora: “já não há vizinhos, nem amigos, nem inimigos, nem conhecidos, nem estranhos; não há plateia. O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte”, e também no capítulo XXIII (Triste, mas curto), quando observa: “Era a primeira vez que eu via morrer alguém. Conhecia a morte de oitiva; quando muito, tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver”, citando ainda alguns “tipos” de morte: “morte aleivosa de César, a austera de Sócrates, a orgulhosa de Catão”.

E claro, a brincadeira que não consegue esconder as linhas destacadas sobre uma peculiar visão da morte, que renderia um inventário “triste” e “vulgar”, no capítulo XLV da mesma obra, ao descrever um velório:

“Soluços, lágrimas, casa armada, veludo preto nos portais, um homem que veio vestir o cadáver, outro que tomou a medida do caixão, caixão, essa, tocheiros, convites, convidados que entravam, lentamente, a passo surdo, e apertavam a mão à família, alguns tristes, todos sérios e calados, padre e sacristão, rezas, aspersões d’água benta, o fechar do caixão, a prego e martelo, seis pessoas que o tomam da essa, e o levantam, e o descem a custo pela escada, não obstante os gritos, soluços e novas lágrimas da família, e vão até o coche fúnebre, e o colocam em cima e traspassam e apertam as correias, o rodar do coche, o rodar dos carros, um a um... Isto que parece um simples inventário, eram notas que eu havia tomado para um capítulo triste e vulgar que não escrevo.”

Evidentemente, o cânone machadiano possui inúmeras outras alusões a eventos fúnebres, defuntos, cadáveres, mortes e tantas outras questões que poderiam se relacionar aos referidos temas, de maneira direta ou indireta, mas as que aqui se encontram citadas servem para apontar algumas poucas características sobre o que Machado de Assis poderia pensar sobre a experiência do falecimento e os rituais fúnebres, algo triste e comum, que não atrai a nota

do extraordinário e também não admite celebrações, uma espécie de travessia realizada com signo de liberdade, neste último caso rompendo as amarras das convenções sociais que teriam o condão de afastar a hipocrisia, nas entrelinhas que abrigam visão que iguala a todos os que cruzam a soleira desta protetora de mistérios: a morte.

Chama-se mais do que saudade, e menos que ternura, a aura descrita pelo próprio Machado de Assis ao se recordar de José de Alencar, de quem disse: “A morte veio tomá-lo depressa. Jamais me esqueceu a impressão que recebi quando dei com o cadáver de Alencar no alto da eça, prestes a ser transferido para o cemitério (...) não me podia acostumar à ideia de que a trivialidade da morte houvesse desfeito esse artista fadado para distribuir a vida.”<sup>45</sup>

Pujol descreve, ainda, alguns aspectos da morte de Machado de Assis, acometido por frequentes epilepsias, convulsões “que as vezes o salteavam na rua”, quando sobreveio outro mal: “uma úlcera cancerosa na boca, flagelo cruel e voraz que havia de desfazer em sãnie aquele pobre corpo”, prosseguindo: “estava irremediavelmente condenado à morte”, e assim “recebeu a sentença resignado e sereno”, para prosseguir com uma confissão feita a Lindolfo Xavier, seu companheiro de trabalho por longos anos no Ministério, a quem disse: não saber “por que razão a sociedade não adota ainda a eliminação dos velhos enfermos”.<sup>46</sup>

E no momento final, naquele átimo que o separava da travessia, num imaginado umbral entre a vida e a morte, perguntou-lhe Guiomar “se queria que viesse um padre... – Não quero, murmurou ele. Não creio... Seria uma hipocrisia, e na sua face de mármore deslizaram as duas últimas lágrimas. Daí a nada estava morto”<sup>47</sup>. Vida e obra de Machado parecem ter uma estranha ligação com a morte, inclusive a sua própria. Mas há uma pouco recordada menção poética ao descanso pós-morte do homem forte de Portugal no século XVIII, quando Machado de Assis deixou registrado para a eternidade muito de sua visão, embora de jovem poeta, sobre o respeito aos mortos.

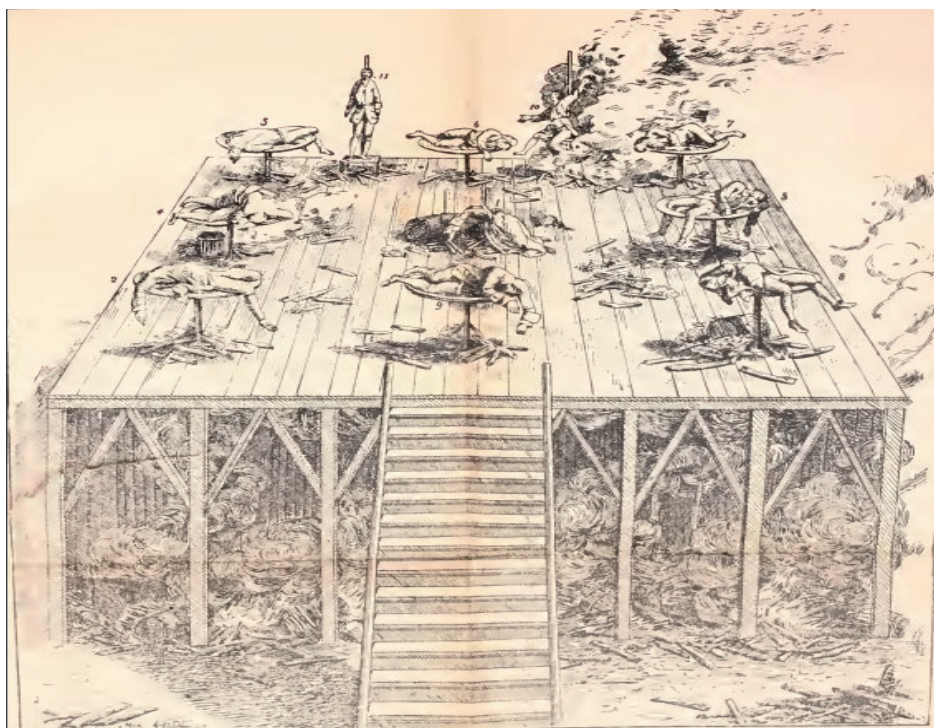
45 PUJOL, Alfredo. Machado de Assis. Curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p. 296.

46 PUJOL, Alfredo. Machado de Assis. Curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p. 306-307.

47 PUJOL, Alfredo. Machado de Assis. Curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p. 308.

## MACHADO SOBRE POMBAL: ELOGIO OU CRÍTICA DISFARÇADA DE PERDÃO?

Pois bem, Machado de Assis escreveu um importante grupo de sonetos em homenagem ao infame Sebastião José de Carvalho e Melo (conde de Oeiras, e marquês de Pombal), aquele que “saiu de quase nada a quase rei”, homem importante para a reconstrução de Lisboa após o terremoto de 1755 e que, para manter, com mão de ferro, a ordem e a lei (não necessariamente nessa ordem) após a famosa tentativa de regicídio contra D. José I, em 1758, e o arremedo de julgamento derivado do “processo dos Távoras, tanta revolta causou, e cujas consequências sanguinárias de vingança (travestida de justiça) o marquês fez sentir a seus inimigos”, como ilustrado na famosa imagem:



Fonte: Castelo Branco, 1900.

O suplício coletivo é minuciosamente descrito no clássico livro de Camillo Castelo Branco (“Perfil do marquez de Pombal”)<sup>48</sup>, com certa fidelidade ao acontecido: “depois de justicados os réus, que bárbara e sacrilegamente quiseram tirar a vida a El-Rei Nosso Senhor que Deus guarde, como se vê nas estampas

48 CASTELO BRANCO, Camilo. Perfil do marquez de Pombal. 2ª Ed. Porto: Lopes & C.A, 1900, p. 47-48.

anteriores, e expostos sobre as rodas, ultimamente foram queimados todos. Antônio Alves Ferreira, vivo, e José Policarpo de Azevedo, em estátua”, sem contar os milhares de presos.

Pombal é dessas figuras que evocam paixões, quando não totalmente esquecido por muitos portugueses e brasileiros. Diz-se dele, com alguma frequência, que foi o homem das relações internacionais, herói do terremoto, mas também perseguidor dos jesuítas, não obstante também organizador dos estudos e incentivador do comércio, muito embora tenha sido o grande nome da repressão contra a nobreza, da centralização contábil e da modernização do Estado, não obstante sua doença ao final da vida, e morte tenham despertado paixões de toda ordem, inclusive pelos muitos inimigos que possuía<sup>49</sup>.

Aliás, poderosa é a narrativa de Camillo Castelo Branco, repleta de adjetivos, ao descrever a maneira pela qual Pombal respondia a seus inimigos, ou em que tipo de moeda pagava o coração pombalino: “no ódio que cunhava ao fogo do seu luciferino coração para todos os homens distintos que lhe obscureciam a mediocridade”<sup>50</sup>.

Pombal possuía, segundo o mesmo narrador, uma inescusável “*jesuitophobia*”, ainda conforme a gramática da época, sendo bastante conhecida a cena em que após a pesada sentença contra o jesuíta Gabriel Malagrida, que termina com o “espetáculo” do incêndio de seu cadáver, no Palácio da inquisição é oferecido um “lauto jantar” por Pombal, e cuja mencionada sentença se reproduz, no essencial:

“Vista a sentença dos inquisidores, Ordinário e Deputados do Santo Officio, e como por ela se mostra ser o Réu Gabriel Malagrida, que foi Religioso Sacerdote da Companhia denominada de Jesus, Herege de nossa Santa Fé Católica, e como tal relaxado à justiça secular, precedendo degradação atual de suas ordens pública e juridicamente feita: E vista a disposição de direito e ordenação em tal caso o condenam a que com Baraço e pregão seja levado pelas ruas públicas desta cidade até a Praça do Rocio, e que n’ella morra morte natural de garrote, e que depois de morto seja seu corpo queimado, e reduzido a pó e cinza para que d’elle e de sua sepultura não haja memória alguma”<sup>51</sup>.

49 Para maiores detalhes, veja-se a vasta lista de obras bio-bibliográficas; dentre outras: MAXWELL, Kenneth. *Pombal: Paradox of the Enlightenment*. Cambridge: CUP, 1995; BRAGA, Paulo Drummond. *Descendentes e Apologistas do Marquês de Pombal. Polêmicas Novecentistas*. Revista *Diálogos Mediterrânicos*, n. 21, 2021; BARRETO, José. O discurso político falsamente atribuído ao Marqueês de Pombal. *Revista de História das Ideias*, v. 4, tomo I, 1982; FRANCO, José Eduardo; OLIVEIRA, Luiz Eduardo Meneses de. O Mito do Marquês de Pombal em Narrativas Ficcionalis. *Revista Letras Raras*. v. 12, n. 2, 2023;

50 CASTELO BRANCO, Camilo. *Perfil do marquez de Pombal*. 2ª Ed. Porto: Lopes & C.A, 1900, p. 103.

51 CASTELO BRANCO, Camilo. *Perfil do marquez de Pombal*. 2ª Ed. Porto: Lopes & C.A,

É essa fúria que também se voltará contra Pombal, depois de morto. Como observado por muitos comentadores, o corpo do Marquês de Pombal foi depositado na Igreja de Nossa Senhora do Cardal, junto ao convento de Santo António habitado por franciscanos capuchinhos, e é sabido que o governo de então não permitiu a trasladação do féretro para o jazigo, razão pela qual seus restos mortais permaneceram localizados na Igreja do Cardal entre 1782 e 1856, até que o sarcófago do marquês foi objeto de violação por populares e pela soldadesca francesa, por ocasião da invasão napoleónica ocorrida em 1807-1811, de maneira brutal<sup>52</sup>.

Brutal e irracional, como o espetáculo de ostentação financeira e violência antes do terremoto de Lisboa, muitos anos antes, na descrição das festas, touradas, embarcações e carruagens, sintetizadas num dos episódios, quando um dos touros atirou certo cavaleiro ao solo, matando seu cavalo, e a vingança que se seguiu contra o animal, uma vez que um dos nobres descritos “costumava abrir com a mesma cutilada o boi e a sepultura do morto”, destacando-se a ira contra o mesmo animal: “deu-lhe tão grande golpe sobre o espinhaço que logo pela ferida saíram ao boi as entranhas”, e no prosseguir das cutiladas, “espadanavam jorros de sangue na praça”<sup>53</sup>, tudo em frente à Corte da qual já participava o jovem Pombal, aquele que, acostumado com o cheiro férreo de sangue em praça pública, também faria seus próprios espetáculos de sangue, mas também seria vítima do mesmo *ethos*.

Esse personagem polémico seria homenageado por Rui Barbosa, a 8 de maio de 1882, em discurso proferido no Imperial Theatro Pedro II, em pérola da oratória que inicia citando Camões, como até seria previsível, para reverenciar a figura do Pombal herói após a tragédia do terremoto de Lisboa, mas foge do previsível corte literário quando chama à colação as imagens de Dante e Shakespeare, para descrever, em estilo apologético, certas nuances da tragédia,

---

1900, p. 228-229.

52 Alguns dizem, sobre a violação, ter em 1807; outros, em 1811. Sobre atual destino dos restos mortais, igualmente, há certa incerteza das fontes históricas. Ainda se pode registrar o quanto se segue: “Só no ano de 1856, por iniciativa da Câmara de Lisboa, os restos mortais de Carvalho e Melo foram trasladados para a Ermida das Mercês conforme a vontade do falecido, onde ficaram depositados sobre o adorno de dois elefantes esculpidos em pedra. Em breve, este túmulo desapareceria, talvez sendo roubado ou vendido em leilão. Apenas se sabe com certeza que no ano de 1923, por iniciativa a Associação da Extinção das Congregações Religiosas, os alegados restos mortais do marquês de Pombal foram depositados na Igreja da Memória mandada construir pelo governo pombalino para agradecer a preservação da vida de D. José I no atentado regicida de que foi alvo (...)”. Cfr. MARTINS, Rocha. O Marquês de Pombal desterrado, 1777-1782, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1938, pp. 284; LOPES, António. Roteiro histórico dos Jesuítas Lisboa, Braga, 1985, p. 96; FRANCO, José Eduardo. Massacres ou martírios do Marquês de Pombal? memória e mito. Revista Lusófona de Ciência das Religiões – Ano VIII, n. 15, 2009, p. 288.

53 CASTELO BRANCO, Camilo. Perfil do marquês de Pombal. 2ª Ed. Porto: Lopes & C.A, 1900, p. 37.



inclusive para afirmar que “Pombal não é um homem; é uma idade, uma antecipação do futuro”<sup>54</sup>, sendo igualmente notável a longa defesa de Pombal no caso dos jesuítas, sob o ponto de vista educacional, político e histórico, não obstante mencione danos laterais desde a apontada grandeza do homenageado, ou na linguagem barbosiana: “por entre essa irradiação há pontos opacos: o cárcere da Junqueira, o suplício de Malagrida, a execução dos Távoras”<sup>55</sup>.

A peça oratória de Rui Barbosa, por evidente, soa como uma espécie de defesa jurídica dos excessos de Pombal perante um “júri”, muitas vezes entremeada de perguntas que buscam amenizar os atos de barbárie, como quando questiona: “quem desconhece a gravidade excepcionalmente aterradora dos crimes de lesa-majestade daqueles tempos? Quem não sabe a comoção produzida ainda hoje pelas tentativas regicidas?”, e a não menos notável utilização da conjunção adversativa “mas”, após se referir a tortura: “A tortura é uma abominação bestial. Mas [a] França (...) vira justiça, por motivo análogo (...) a Pedro Damiens”<sup>56</sup>.

Mas a verdadeira indagação retórica defensiva aparecerá de forma tão brutal quanto seria possível a um advogado na defesa de imputações gravíssimas, após pedir ao interlocutor uma análise sobre os dilemas de Pombal: “um reinado vacilante, tendo atrás de si duzentos anos de podridão e jesuitismo; diante de um futuro carregado de funestos agouros”, prossegue: “em torno uma vasta muralha de lama, com que o misticismo e a miséria do povo, a ignorância alvar, a impudente imoralidade, o cruel parasitismo do clero e da fidalguia (...)”, concluindo: “E dizei-me: nesse combate de um gênio contra essa massa informe, de onde se banira a consciência, a generosidade e o pudor, que milagre da razão poderia afugentar a violência?”, em finalização de tribuno diante de um imaginário Conselho de Sentença<sup>57</sup>.

No mesmo período em que Rui Barbosa produziu essa verdadeira apologia de Pombal, o mesmo grupo que organizou a homenagem – Clube de Regatas Guanabareense do Rio de Janeiro, atual Botafogo de Futebol e Regatas – fez publicar em Lisboa, três anos depois, o livro “O Marquês de Pombal – obra

54 BARBOSA, Rui. Centenário do Marquez de Pombal: discurso pronunciado a 8 de maio de 1882 por parte do Club de Regatas Guanabareense no Imperial Theatro Pedro II. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1882, p. 13.

55 BARBOSA, Rui. Centenário do Marquez de Pombal: discurso pronunciado a 8 de maio de 1882 por parte do Club de Regatas Guanabareense no Imperial Theatro Pedro II. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1882, p. 45.

56 BARBOSA, Rui. Centenário do Marquez de Pombal: discurso pronunciado a 8 de maio de 1882 por parte do Club de Regatas Guanabareense no Imperial Theatro Pedro II. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1882, p. 47-48.

57 BARBOSA, Rui. Centenário do Marquez de Pombal: discurso pronunciado a 8 de maio de 1882 por parte do Club de Regatas Guanabareense no Imperial Theatro Pedro II. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1882, p. 47-51-52.

comemorativa do centenário de sua morte, uma coletânea de textos de intelectuais da época sobre o ministro português que inclui ‘A Derradeira Injúria’, um conjunto de quatorze sonetos metrificados, rimados e assinados por ninguém menos do que Machado de Assis”, conforme observado pelo professor Luiz Eduardo Oliveira, ao apresentar importante obra dedicada ao estudo do referido tema<sup>58</sup>.

Neste sentido, destaque-se que o poema machadiano, ‘A Derradeira Injúria’, embora seja o mais expressivo, não é o único momento em que o Bruxo do Cosme Velho menciona a ilustre e controversa figura de Pombal, citando-se o conto “Rui de Leão” (1872), alguém que, se morresse, teria “cheiro de santidade”, e, ainda, o conto “O Alienista” (1882), cuja referencia se relaciona ao “soneto IX” do poema, com uma “intertextualidade que os aproxima”, finalizando-se o grupo de menções fictícias<sup>59</sup> com a referencia realizada no capítulo LIII do romance “Esaú e Jacó” (1904), quando se menciona uma carta escrita por Pombal (conde de Oeiras) ao ministro de Portugal na Holanda<sup>60</sup>.

Aqui podemos dizer, a partir de João Paulo Papassoni, que o poema ‘A Derradeira Injúria’ possui como mote central o episódio da profanação dos restos mortais do Marquês de Pombal, e que “os fatos apresentados ao longo do poema vão se sucedendo e sendo somados, o que acaba por aumentar a tensão no decorrer da leitura, a ponto de atingir um clímax justamente quando os restos mortais do ministro são profanados pelos franceses – ao final do poema”<sup>61</sup>.

Referida preocupação central, a profanação dos restos mortais de Pombal, estabelece a necessidade de densificar o significado, e temos a justa medida de que com ela, a profanação tumular e/ou cadavérica, “não se afetam somente os restos mortais, mas, também, aquilo que tais restos simbolizam”, uma vez que simboliza “um ataque direto a um objeto sagrado (túmulo), pensando nos preceitos religiosos, mas também indireto, que transcende o sujeito físico e direciona-se para sua reputação e, principalmente, para a memória”<sup>62</sup>. Merece destaque, ainda, a observação de Papassoni acerca do simbólico na violação dos despojos:

58 PAPASSONI, João Paulo. Uma Perpétua Lida: Estudo sobre a Derradeira Injúria, de Machado de Assis. Aracaju: Criação Editora, 2023.

59 PAPASSONI, João Paulo. Uma Perpétua Lida: Estudo sobre a Derradeira Injúria, de Machado de Assis. Aracaju: Criação Editora, 2023, p. 55-57.

60 Como observado por João Paulo Papassoni, além das referencias fictícias, também são localizadas referências a Pombal nas crônicas publicadas no jornal “Gazeta de Notícias”, na série “A semana”, entre 1893 e 1896, nas seguintes datas: 5 de novembro de 1893, 3 de março de 1895, 7 de julho de 1895 e 6 de setembro de 1896, com diversas possibilidades reflexivas, para efeito de comparação. Cfr. PAPASSONI, João Paulo. Uma Perpétua Lida: Estudo sobre a Derradeira Injúria, de Machado de Assis. Aracaju: Criação Editora, 2023, p. 57-59.

61 PAPASSONI, João Paulo. Uma Perpétua Lida: Estudo sobre a Derradeira Injúria, de Machado de Assis. Aracaju: Criação Editora, 2023, p. 91.

62 PAPASSONI, João Paulo. Uma Perpétua Lida: Estudo sobre a Derradeira Injúria, de Machado de Assis. Aracaju: Criação Editora, 2023, p. 94.

“o poeta reforça o caráter fúnebre do ambiente. Aquele é o ambiente dos mortos, espaço do descanso eterno, no qual a matéria se esvai ao passo que o espírito repousa. Há uma sensação de quietude no local. A identidade do indivíduo a que se refere o poema é reconhecível apenas pelo nome com o qual se identifica o féretro, onde se mantêm unidos os seus restos mortais. As imagens de “féretro” e “pó” reforçam a percepção de morte, intensificada sonoramente pela aliteração em “s” – que promove o sentido de dispersão –, corroborada formalmente com a amplificação, que auxilia na construção da ideia de desaparecimento, como se a matéria estivesse aos poucos sendo consumida à medida que se lê o verso: Esse pó que descansa, e se esconde, e se some”<sup>63</sup>.

O elemento de proteção ressoa evidente: “enquanto permanecessem ali, protegidos e guardados seus restos mortais, preserva-se a memória do homem imponente, grande e formidável”<sup>64</sup>, e o avanço sobre essa ideia também permitirá que cheguemos à percepção da construção poética do duplo pombalino:

“a chave para entendermos a construção do poema é que não se trata de uma concepção sobre o Marquês de Pombal, mas sim sobre a existência de dois marqueses: um real, constituído dos restos mortais que ali se encontram e que é tratado ao longo do conjunto de forma até certo ponto rebaixada pelo poeta. E outro, que representa a imagem do Marquês de Pombal, construída com a ajuda do próprio discurso adotado em seu governo, e que passou a ser uma opinião comum. Nisso, compreende-se o esforço do marquês real, em espírito, de elucubrar a respeito de sua própria história, falando de si mesmo. Em oposição, há o olhar crítico do poeta, que a todo o momento recorda a condição atual rebaixada do mesmo”<sup>65</sup>.

Dito isto, observamos que “sem saber que estava prestes a ter o túmulo profanado, Pombal é representado, no poema, a discursar, amargurado, contra o esquecimento a que, a despeito de seus esforços para se fazer memorializar em vida, seus restos mortais haviam sido legados pela ingratidão dos pósteros”<sup>66</sup>. De fato, o clímax, atingido nos sonetos XII, XIII e XIV, que terminam por repudiar a violação ao cadáver do Marquês de Pombal, cuja leitura é necessária:

---

63 PAPASSONI, João Paulo. Uma Perpétua Lida: Estudo sobre a Derradeira Injúria, de Machado de Assis. Aracaju: Criação Editora, 2023, p. 104-105.

64 PAPASSONI, João Paulo. Uma Perpétua Lida: Estudo sobre a Derradeira Injúria, de Machado de Assis. Aracaju: Criação Editora, 2023, p. 105.

65 PAPASSONI, João Paulo. Uma Perpétua Lida: Estudo sobre a Derradeira Injúria, de Machado de Assis. Aracaju: Criação Editora, 2023, p. 175.

66 PEREIRA, Gustavo. Machado de Assis e “A derradeira injúria” de Pombal – memória póstuma, comemoração, história. Topoi, v. 24, n. 52, p. 173,196, jan./abr. 2023.

**XII**

*E, tendo emudecido essa garganta morta,  
O silêncio voltara àquela nave escura,  
Quando subitamente abre-se a velha porta,  
E penetra na igreja uma estranha figura.*

*Depois outra, e mais outra, e mais três, e mais quatro.  
E todas, estendendo os braços, vão abrindo  
As trevas, costeando os muros, e seguindo  
Como a conspiração nas tábuas de um teatro.*

*E param juntamente em derredor do leito  
Último em que descansa esse único despojo  
De uma vida, que foi uma longa batalha.  
E enquanto um fere a luz que as tenebras espalha,  
Outro, com gesto firme e firmissimo arrojo,  
Toma nas cruas mãos aquele rei desfeito.*

**XIII**

*Então... O homem que viu arrancarem-lhe aos braços  
Poder, glória, ambição, tudo o que amado havia:  
Esse que foi o sol de um século, que um dia,  
Um só dia bastou para fazer pedaços;*

*Que, se aos ombros atara uma púrpura nova,  
Viu, farrapo a farrapo, arrancarem-lha aos ombros,  
Que padecera em vida os últimos assombros,  
Tinha ainda na morte uma última prova.*

*Era a brutal rapina, anônima, noturna,  
Era a mão casual, que espedaçava a urna  
A troco de um galão, a troco de uma espada;*

*Que, depois de tomar-lhe esses sinais funestos  
Da sombra de um poder, pegou dos tristes restos,  
Ossos só, e espalhou pela nave sagrada.*

**XIV**

*“Assim pois, nada falta à glória deste mundo,  
Nem a perseguição repleta de ódio e sanha,  
Nem a fértil inveja, a lívida campanha,  
De tudo o que radia e tudo que é profundo.*

*Nada falta ao poder, quando o poder acaba,  
Nada; nem a calúnia, o escárnio, a injúria, a intriga,  
E, por triste coroa à merencória liga,  
A ingratidão que esquece e a ingratidão que baba.*

*Faltava a violação do último sono eterno,  
Não para saciar um ódio insaciável,  
Insaciável como os círculos do inferno.*

*E deram-ta; eis-te aí, ó grande invulnerável,  
Eis-te ossada sem nome, esparsa e miserável,  
Sobre um pouco de chão do ninho teu paterno.”*

Após a exaltação da figura de Pombal de forma apologética, bem entendido, na visão machadiana de um herói, próxima à percepção que também havia sido apresentada por Rui Barbosa, chega-se ao momento em que um dos soldados, por fim, segura a ossada, espalhando os restos mortais de Pombal, surgindo a imagem poeticamente como “uma pausa dramática, em que o inimigo, ostentando o objeto em suas mãos, tem o poder de decidir o desenlace da ação”, quando a imagem da profanação aos despojos guardaria “semelhanças com Hamlet”:

“O contexto em que o príncipe da Dinamarca segura o crânio de Yorick difere deste, porém, em sua essência, ainda que os dois momentos reflitam sobre o tema da transitoriedade da vida e do inevitável da morte. Ao apontar, ao longo de todo o poema, para os restos mortais do ministro português, o poeta reforça o sentido da passagem do tempo, cuja ação sobre a matéria é implacável e terrível”<sup>67</sup>.

De uma maneira bastante evidente, a verve machadiana sobre a derrocada pombalina nos permite tomar de empréstimo, quando menos, a visão que o poeta nutria sobre o tema que marcou de maneira indelével a derradeira humilhação do homem de Estado, ou sobre o que pensava sobre a perturbação ao descanso dos mortos e o simbolismo do momento tumular, algo que provavelmente se assemelharia ao pensamento de Carlos Drummond de Andrade, a justificar as seguidas intervenções através da imprensa contra as diversas tentativas de traslado dos despojos de Machado de Assis. Mais significativo ainda, aliás, observarmos que a visão exposta em ‘A Derradeira Injúria’, nos autoriza algum exercício imaginativo sobre a reação de Machado de Assis, que dificilmente aceitaria a violação do túmulo de sua esposa ou a sua própria sepultura.

Estivéssemos a refletir sobre o simplório aspecto penal brasileiro, falando sobre o capítulo II do título V, parte especial do Código Penal, estaríamos referindo analogicamente algumas nuances sobre os crimes contra o respeito aos mortos, especificamente sobre o tipo penal de “Violação de sepultura” (art. 210) e “Vilipêndio a cadáver” (art. 212), identificando o caso de Pombal e distinguindo, no ponto, o caso de Machado e Carolina, mas este não é o objetivo deste breve ensaio. Antes, tentamos realizar alguma reconstrução das chaves hermenêuticas sobre o que Machado poderia dizer sobre a disputa empreendida por seu cadáver, e, ainda, sobre a violação de sua sepultura para o traslado de seus despojos e os de sua esposa, desde sua construção poética sobre o ocorrido ao cadáver de Pombal.

---

67 PAPASSONI, João Paulo. Uma Perpétua Lida: Estudo sobre a Derradeira Injúria, de Machado de Assis. Aracaju: Criação Editora, 2023, p. 183.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Terminamos este breve ensaio lembrando a crítica endereçada por Machado contra Eça de Queirós, crítica que talvez tenha sido a que mais o tenha feito sofrer, pois acusando um colega escritor de imitação, ele mesmo foi apontado como imitador, com especial dedicação (ou influência) a partir da obra de François-René de Chateaubriand, quando “Memória Póstumas de Brás Cubas” teria sido identificada como possuidora de certo parentesco com “Mémoires d’Outre-Tombe”<sup>68</sup>. Aliás, diante de certas similitudes entre as obras, embora sem deixar de reconhecer o relevo machadiano, certo crítico observou: “repita-se o que Robert Vivier assegurou de Baudelaire: quase nunca o nosso Machado foi todo Machado”, para concluir: “Machado foi possantemente original e diabolicamente imitador”<sup>69</sup>. Talvez exagerada ou injusta a crítica, de fato.

Contudo, lembremos das palavras de Machado de Assis disparadas contra Eça de Queirós, não exatamente quando o primeiro acusa o segundo de plagiar Émile Zola<sup>70</sup>, e nem do momento em que o segundo responde ao primeiro, em defesa, afirmando que o seu romance seria anterior, e que apenas pessoas dotadas de “obtusidade córnea e má-fé cínica” enxergariam imitação sobre o romance francês, mas no ponto em que Machado exerce a crítica moral sobre a narrativa escolhida, bem como sobre o destino da personagem, afirmando: “incidente (...) sem relevo, repugnante, vulgar”<sup>71</sup>.

Cuidava-se, de fato, de rechaçar o comportamento feminino na pauta dos costumes da época, em silhueta que tomamos de empréstimo para realizar uma tentativa de reflexão sobre como Machado de Assis julgaria o desrespeito às disposições de sua última vontade, no caso do traslado de seus restos mortais e também de Carolina, da localidade originária para templo diverso.

Os versos de ‘A Derradeira Injúria’ representam material significativamente privilegiado para entendermos que, por trás das linhas dos 14 sonetos em homenagem, e porque não dizer, em defesa de Pombal, como fizera Rui Barbosa na mesma época, Machado de Assis teria entendido como irrelevante, vulgar e

68 ZILBERMAN, Regina. Memórias de Chateaubriand no Brasil. Revista brasileira de literatura comparada, n. 31, 2017.

69 GRIECO, Agrippino. Machado de Assis. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1959, p. 217.

70 A acusação decorre de conhecida crítica de Machado de Assis, afirmativa de que o romance de Eça (“O Crime do Padre Amaro”) seria mera “imitação do romance de Zola” (“La Faute de l’abbé Mouret”). Cfr.: MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Eça de Queirós: O Primo Basílio, O Cruzeiro, 30/04/1878. Em: Obras Completas de Machado de Assis, volume III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

71 MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Eça de Queirós: O Primo Basílio, O Cruzeiro, 30/04/1878. Em: Obras Completas de Machado de Assis, volume III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

repugnante o traslado de seus despojos, talvez como cópia parcial (emulação) de Pombal, guardadas as devidas proporções, embora seu temperamento fosse mais propício a aderir ao pensamento de Drummond, aquele que possivelmente mais se aproximou da melhor interpretação da derradeira vontade de Machado de Assis, mas que não chegou a escrever aquele que seria o texto definitivo, e que receberia o título de “A Derradeira Injúria: Parte II”.

A obviedade de um comentário final, para além do convite para refletirmos sobre uma possível ucronia, um “não tempo”, num mesmo plano dos cadáveres de Machado, Carolina e Pombal, um “não tempo” em que se acende (e não se acende) o charuto nas misérias alheias, e também no qual se pede licença (e não se pede licença) para tanto, é a mesma que nos convida a pensarmos sobre os duplos pombalinos, machadianos e carolinos – o real (despojos) e a imagem (discurso), no exato momento (e não momento) em que se amalgamam e se dicotomizam.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Machado de Assis: Mau garfo. **Revista Leitura**, março, 1958.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Sonho. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 09/09/1958.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Um túmulo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 03/10/1958.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Machado, não. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 30/08/1959.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. O jazigo de Machado de Assis. **O Observador no escritório**: páginas de diário. Rio de Janeiro: Record, 1985.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Cemitério. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15/09/1959.
- ARANHA, Graça. **Machado de Assis e Joaquim Nabuco**: comentários e notas à correspondência entre estes dous escriptores. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia Editores, 1923.
- ARAÚJO, Hugo Bressane de. **O aspecto religioso da obra de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1939.
- AZEREDO, Carlos Magalhães de. **Homens e Livros**. Rio de Janeiro: Garnier, 1902.
- BARBOSA, Rui. **Centenário do Marquez de Pombal**: discurso pronunciado a 8 de maio de 1882 por parte do Club de Regatas Guanabarenses no Imperial Theatro Pedro II. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1882.
- BARBOSA, Rui. Discurso de Rui Barbosa pronunciado na Academia

Brasileira, junto do ataúde de Machado de Assis, aos 29 de setembro de 1908, minutos antes de partir o féretro para o cemitério de S. João Batista. In: Obras Completas de Rui Barbosa, **Discursos Parlamentares**. Volume XXXV, Tomo 1, (1908): Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1967.

BARRETO, José. O discurso político falsamente atribuído ao Marquês de Pombal. **Revista de História das Ideias**, v. 4, tomo I, 1982.

BRAGA, Paulo Drummond. Descendentes e Apologistas do Marquês de Pombal. Polêmicas Novecentistas. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, n. 21, 2021.

BRANDÃO, Octávio. **O nihilista Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1958.

BRANDÃO, Octávio. A penúria da crítica. **Revista Brasiliense**, 23, maio/junho 1959.

BRASIL. Jornal do Brasil, caderno “Cidade”, de 22/04/1999.

BRASIL. Folha de São Paulo, caderno “Ilustrada”, de 09/04/1999.

BROCA, Brito. **Machado de Assis e a Política mais outros estudos**. São Paulo: Polis, 1983.

CAMPOS, Humberto de. **Discurso de posse como terceiro ocupante da Cadeira 20**, da Academia Brasileira de Letras, eleito em 30 de outubro de 1919, empossado a 8 de maio de 1920.

CASTELO BRANCO, Camilo. **Perfil do Marquês de Pombal**. 2ª Ed. Porto: Lopes & C.A., 1900.

CONDE, Herminio de Brito. **A tragédia ocular de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Editorial a Noite, 1939.

COSTA PINTO, João Alberto da. Machado de Assis lido pelos comunistas brasileiros (1939-1958), **Revista Historia Actual**, 51 (1), p. 65-74, 2020.

CUNHA, Euclides Rodrigues Pimenta da. A última visita. **Jornal do Commercio**, de 30 de setembro de 1908.

FRANCO, José Eduardo. Massacres ou martírios do Marquês de Pombal? Memória e Mito. **Revista Lusófona de Ciência das Religiões** – Ano VIII, n. 15, 2009.

FRANCO, José Eduardo; OLIVEIRA, Luiz Eduardo Meneses de. O Mito do Marquês de Pombal em Narrativas Ficcionalis. **Revista Letras Raras**. v. 12, n. 2, 2023.

GRIECO, Agrippino. **Viagem em torno a Machado de Assis**. São Paulo: Livraria Martins, 1969.

GRIECO, Agrippino. **Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1959.



JORGE, Fernando. **A Academia do Fardão e da Confusão**: a Academia Brasileira de Letras e os seus “imortais” mortais. São Paulo: Geração Editorial, 1999.

LOPES, António. **Roteiro histórico dos Jesuítas**. Lisboa, Braga, 1985.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Quincas Borba. **Obra Completa**, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Memórias Póstumas de Brás Cubas: **Obra Completa**, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Eça de Queirós: O Primo Basílio, O Cruzeiro, 30/04/1878. **Obras Completas de Machado de Assis, volume III**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Minha mãe. **Marmota Fluminense**, n.º 767, 2 set. 1856.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Saudades. **Marmota Fluminense**, 01 mai. 1855.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Lágrimas. **Marmota Fluminense**. 1856.

MARTINS, Rocha. **O Marquês de Pombal desterrado, 1777-1782**. Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1938.

MATOS, Mário. **Machado de Assis: o homem e a obra, os personagens explicam o autor**. São Paulo: Editora Nacional, 1939.

MATOS, Miguel. **Código de Machado de Assis**. São Paulo: Migalhas, 2021.

MAYA, Alcides. **Machado de Assis (Algumas notas sobre humour)**. Rio de Janeiro: Editora Jacinto Silva, 1912.

MAXWELL, Kenneth. **Pombal: Paradox of the Enlightenment**. Cambridge: CUP, 1995.

MENESES, Emílio Nunes Correia de. **Discurso de posse como segundo ocupante da Cadeira 20 da Academia Brasileira de Letras**, eleito em 15 de agosto de 1914, empossado a 24 de abril de 1918.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **Machado de Assis (Estudo Crítico e Biográfico)**. São Paulo: Editora Nacional, 1936.

MOREIRA, Virgílio Moretzsohn. Pompéia nas Orlas da Eternidade. Em: POMPÉIA, Raul. **Crônicas do Rio**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1996.

OCTAVIO, Rodrigo. Machado de Assis. **Minhas Memórias dos Outros** (Nova Série). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

PAPASSONI, João Paulo. **Uma Perpétua Lida**: Estudo sobre a Derradeira Injúria, de Machado de Assis. Aracaju: Criação Editora, 2023.

- PEREIRA, Gustavo. Machado de Assis e “A derradeira injúria” de Pombal – memória póstuma, comemoração, história. **Topoi**, v. 24, n. 52, p. 173,196, jan./abr. 2023.
- PIZA, Daniel. **Machado de Assis, um gênio brasileiro**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.
- POMPÉIA, Raul. **Crônicas do Rio. Rio de Janeiro**: Secretaria Municipal de Cultura, 1996.
- PROENÇA, Paulo Sérgio de. Amável formalidade: a religião em Machado de Assis. **MOARA** – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará - UFPA, Abril/2018.
- PUJOL, Alfredo. **Machado de Assis**. Curso literário em 7 conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007.
- ROMERO, Sílvio. **Machado de Assis**. Estudo comparativo de Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1897.
- SARNEY, José. **Apresentação**: Em: MATOS, Miguel. Código de Machado de Assis. São Paulo: Migalhas, 2021.
- ZILBERMAN, Regina. Memórias de Chateaubriand no Brasil. **Revista brasileira de literatura comparada**, n. 31, 2017.

## EDUCAÇÃO E LITERATURA: MACHADO DE ASSIS NO EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO

*Dirce Maria da Silva*<sup>1</sup>

*William Alves Biserra*<sup>2</sup>

*“Não é apenas a beleza, mas sim a humanidade o objetivo da literatura”.*  
Salamah Mussa.

*“O declínio da literatura indica o declínio de uma nação”.*  
Goethe.

### INTRODUÇÃO

Joaquim Maria Machado de Assis é um dos mais destacados escritores do Brasil. Sua obra transcende ao tempo e continua a influenciar sucessivas gerações de leitores e escritores. A habilidade de Machado de Assis em descrever nuances da condição humana, questões sociais e a natureza psicológica dos personagens é inquestionável e amplamente reconhecida. Subestimar sua contribuição é negligenciar parte fundamental da cultura e identidade brasileiras. Logo, a presença da obra de Machado de Assis no Exame Nacional do Ensino Médio, é um indicador de sua importância no cânone literário brasileiro.

Nesse sentido, o presente estudo propõe um quadro descritivo das ocorrências de questões sobre a obra de Machado de Assis, ou que fazem referência ao escritor, nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio entre 1998 e 2023. O objetivo é verificar as ocorrências e lacunas referentes à presença da obra do autor no contexto do maior exame de proficiência em leitura e escrita do país.

Realizamos um estudo documental utilizando como base as provas de

---

1 Doutoranda em Estudos Literários Comparados na Universidade de Brasília (Pós-graduação/UnB), na Linha de Pesquisa Literatura e Sagrado. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade UnB (GPLE/UnB), desde 2017. Mestre em Direitos Humanos/Ciência Política (Unieuro/DF). E-mail: profdircesalome2@gmail.com.

2 Professor Adjunto do Instituto de Letras e Literatura da Universidade de Brasília (Pós-graduação/UnB). Doutor e Mestre em Literatura (UnB). Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (UnB). E-mail: wiliamalvesbiserra@gmail.com.

Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (LCT) do Enem. Nosso *corpus* foi composto pelas edições do exame disponíveis na página “Provas e Gabaritos” do Ministério da Educação e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, abrangendo as 26 edições do exame.<sup>3</sup>

## DA LITERATURA NA ESCOLA

A Literatura ocupa lugar fundamental na formação geral do cidadão e sua importância é inquestionável. Em seu texto “O direito à literatura”, Antonio Candido trata da Literatura enquanto bem incompressível, isto é, que não deve ser negado à existência humana. Para Candido, a negação ao acesso à literatura pode resultar em “desorganização pessoal e em frustração mutiladora”<sup>4</sup>.

Candido explica que a literatura é um direito fundamental, essencial para a realização plena do ser humano. Ele defende que, sem acesso a obras literárias os indivíduos sofrem empobrecimento cultural e emocional. Esse direito deve ser garantido a todos, especialmente aos jovens em formação, pois é durante a escolaridade que muitas das bases culturais e intelectuais são estabelecidas. Candido ensina que “é essencial refletir sobre a importância da arte literária, que tem o poder de transformar vidas”. Antonio Candido ressalta:

A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos e sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que ela considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas<sup>5</sup>.

Além disso, a literatura também promove a empatia e a humanização, a solidariedade, permitindo que os leitores aprendam por meio das experiências e emoções dos personagens.

Regina Zilberman<sup>6</sup>, pesquisadora, escritora e ensaísta brasileira, também

3 Desde 2009, o Enem é composto por quatro provas objetivas, com 45 questões cada, e uma redação. As provas são estruturadas em quatro matrizes de referência, uma para cada área de conhecimento. Há um caderno de questões para cada dia de aplicação. Entre 1998 e 2008, as provas eram estruturadas a partir de uma matriz de 21 habilidades, cada uma delas avaliada por três questões. Antes, a parte objetiva era composta por uma redação e 63 itens interdisciplinares, em um único caderno). BRASIL. Ministério da Educação. Avaliações e Exames Educacionais. Enem. Provas e Gabaritos, 1998-2003. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem/provas-e-gabaritos>. Acesso em: 30, mai. 2024.

4 CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. 4. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 2004. p. 174.

5 CANDIDO, Antonio, p. 2. Op. cit. Nota n. 6.

6 ZILBERMAN, Regina. A leitura e o ensino da Literatura. São Paulo: Contexto, 1991.

defende a proposição de mais Literatura para a vida e para o desenvolvimento integral dos indivíduos.

Na obra “A leitura e o Ensino da Literatura”, Regina Zilberman<sup>7</sup> argumenta que a formação de leitores no Brasil ainda se encontra quase que exclusivamente sob o incentivo promovido pela educação escolar:

O exercício dessa função que se mostra simultaneamente cultural e política é delegado quase que tão somente à escola, cuja competência precisa tornar-se mais abrangente, ultrapassando a tarefa usual de transmissão de um saber socialmente reconhecido e herdado do passado, pois na escola se amalgamam os problemas relativos à educação e à leitura, centrando-se como local de formação do público leitor e de estímulo ao consumo de livros.<sup>8</sup>

Dessa forma, a responsabilidade atribuída quase exclusivamente à escola no fornecimento de orientação e instrução sobre como abordar, interpretar e apreciar textos literários reflete uma característica cultural do país. É na escola que se deve fomentar a formação de leitores, com ações que contribuam para a apreciação e o consumo de literatura.

Felizmente, recentemente, Leyla Perrone-Moisés, ao tratar dessa suposta crise na literatura em sua obra intitulada “Mutações da literatura no século XXI”, de 2016, afirma que a literatura não acabará, mas passa por mudanças constantes em sua produção.

No campo Educação há também alterações no paradigma e mesmo no tratamento dado ao texto literário, de maneira geral. Tais mudanças exigem reflexões sobre o ensino de literatura para o Ensino Médio, já que a arte literária é cobrada pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), o principal meio de transição entre o Ensino Médio e o Superior, para a maioria dos alunos brasileiros.

## **O EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO<sup>9</sup>**

O sistema de ingresso ao ensino superior por meio de vestibulares no Brasil tem história de pouco mais de cem anos. Já em 1911 ocorreu a junção da Língua Portuguesa e da Literatura nos currículos, na Educação Básica. À época, foi normatizado, em lei, o exame vestibular para o acesso ao ensino superior brasileiro<sup>10</sup>.

A portaria n. 438, de 28 de maio de 1998, do Ministério da Educação e Cultura, instituiu o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), avaliação externa que tem como objetivo avaliar o desempenho dos estudantes ao final

7 ZILBERMAN, Regina. Op. cit. Nota n. 7.

8 ZILBERMAN, Regina, p. 16-17. Op. cit. Nota n. 7.

9 BRASIL. Ministério da Educação. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem> Acesso em: 30 mai. 2024.

10 OLIVEIRA, Lucas Rodrigus; SOUZA, José Antonio de. Sobre literatura e seus reflexos no Enem. Via Litterae [ISSN 2176-6800]. Anápolis, v. 13, n. 1, p. 139-154, jan./jun. 2021.

da Educação Básica.

O Enem foi inicialmente concebido como forma de autoavaliação para os concluintes da Educação Básica, de participação opcional. Em seu primeiro ano, em 1998, o exame contou com quase 157 mil inscritos. Desde então, evoluiu significativamente, e, tornou uma das principais políticas públicas dentre as avaliações de larga escola do Sistema Educacional Brasileiro.

As Instituições de Ensino Superior (IES) começaram a aderir ao Enem em substituição aos vestibulares tradicionais a partir de sua terceira edição, no ano 2000. Atualmente, mais de 60 universidades federais no país usam o resultado do exame como critério de seleção para o ingresso, seja complementando ou substituindo o vestibular. Ao ensino superior privado também, além da educação profissional e tecnológica, possibilitando ainda a certificação do Ensino Médio.

Em 2001, os estudantes de escolas públicas passaram a ser isentos da taxa de inscrição, o que aumentou o número de participantes para mais de 1,6 milhão naquela edição. Em 2004, a pontuação do ENEM começou a ser utilizada como critério para a obtenção de bolsas de estudo no Programa Universidade para Todos (ProUni), contabilizando naquele ano, 1,5 milhão de inscrições. Uma das mudanças mais significativas ocorreu em 2009, com a criação do Sistema de Seleção Unificada (SISU) pelo Ministério da Educação, elevando o número de inscritos para 4,1 milhões de estudantes.

Em 2009, com as reformulações que deram origem ao Novo Enem, passaram a ser aplicadas quatro provas, divididas por áreas: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Redação; Matemática e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias.

Podem participar do exame tanto alunos que estão concluindo o Ensino Médio quanto aqueles que já o concluíram em anos anteriores. A maior parte das instituições de nível superior brasileiras, principalmente depois de 2009, substituiu o vestibular pelo Enem.

## **DA LITERATURA NO ENEM**

No contexto da reforma do Enem, Luft e Fischer<sup>11</sup>, em pesquisa intitulada “A tipologia das questões de literatura no Exame Nacional do Ensino Médio”, esclarecem que desde sua origem, a proposta do Enem de abordar os conteúdos interdisciplinarmente sempre teve por objetivo que os alunos fossem capazes de raciocinar e responder as questões por meio dos próprios enunciados. De acordo com os pesquisadores:

---

11 LUFT, Gabriela Fernanda Cé; FISCHER, Luís Augusto. A tipologia das questões de literatura no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e seus reflexos para o ensino de literatura. Gragoatá, Niterói, n. 37, p. 331-351, 2. sem. 2014.

Há interesses que o Enem interfira sobre os currículos e o ensino médio tende a se moldar à demanda do processo seletivo de ingresso às universidades. E cada vez mais alarmante e disperso pode se tornar o estudo de literatura nas escolas, já que critérios de leitura, teoria e análise de textos literários em suas especificidades tendem a ser relegados. Que clássicos ou que textos ler, quando os que surgem na prova são escolhidos unicamente em nome da aferição de certas habilidades e competências?<sup>12</sup>

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) desenvolveu uma matriz de competências e habilidades, que busca correlacionar os conteúdos que os estudantes devem dominar até o final do ensino médio. A matriz é fundamentada nas Diretrizes e Bases da Educação, Lei n. 9.394/1996, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), na Reforma do Ensino Médio e na matriz de referência para o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb).

Estruturado com cinco competências e vinte e uma habilidades, o Enem tem por objetivo avaliar habilidades e competências necessárias para resolver as questões propostas, com base nos textos apresentados nas questões. Diferentemente dos tradicionais vestibulares, que testam a capacidade do aluno em memorizar conhecimentos.<sup>13</sup>

Dessas vinte e uma habilidades apontadas, uma relaciona-se diretamente à literatura: “5. *A partir da leitura de textos literários consagrados e de informações sobre concepções artísticas, estabelecer relações entre eles e seu contexto histórico, social, político ou cultural, inferindo as escolhas dos temas, gêneros discursivos e recursos expressivos dos autores*”. A outra diz respeito à leitura de forma mais geral: “6. *Com base em um texto, analisar as funções da linguagem, identificar marcas de variantes linguísticas de natureza sociocultural, regional, de registro ou de estilo, e explorar as relações entre as linguagens coloquial e formal*”.<sup>14</sup>

Com isso, minimiza-se, cada vez mais, o ensino da literatura na escola, pois, para realizar o Enem, não é necessário que o aluno tenha lido qualquer obra literária, alterando significativamente a relação entre o candidato ao nível superior e a literatura, constatação preocupante para aqueles que pretendem uma formação abrangente e humanizadora<sup>15</sup>.

Das primeiras às mais recentes edições do Enem, o exame vem mudando sua maneira de incluir textos literários na prova, utilizando-os de forma cada vez mais interdisciplinar. A seguir, veremos questões relacionadas à obra de Machado de Assis que exemplificam a tendência.

12 LUFT, Gabriela Fernanda Cé; FISCHER, Luís Augusto, p. 350. Op. cit. Nota n. 13.

13 LUFT, Gabriela Fernanda Cé; FISCHER, Luís Augusto. Op. cit. Nota n. 13.

14 BRASIL. Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM: documento básico 2000/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Brasília: O Instituto, 1999, p. 08.

15 OLIVEIRA, Lucas Rodrigues; SOUZA, José Antonio de. Op. cit. Nota n. 12.

## QUESTÕES DA OBRA DE MACHADO DE ASSIS NO ENEM

Para realizar a pesquisa das questões relacionadas à obra de Machado de Assis no Enem, acessamos a página do Ministério da Educação<sup>16</sup> e examinamos, em cada uma das edições do Enem, os Cadernos e provas de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias-Caderno Redação, e Cadernos de Humanidades, de 1998 até 2023, listados nas questões a seguir e também no quadro síntese. Algumas questões podem não ter sido capturadas, mas o levantamento abrange a quase totalidade das questões sobre a obra de Machado de Assis no Enem ao longo das vinte e seis edições.

### ENEM - 2ª EDIÇÃO – 1999 – PROVA AMARELA - QUESTÃO 01 <sup>17</sup>

#### SONETO DE FIDELIDADE

De tudo ao meu amor serei atento  
Antes e com tal zelo, e sempre, e tanto  
Que mesmo em face do maior encanto  
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento  
E em seu louvor hei de espalhar meu canto  
E rir meu riso e derramar meu pranto  
Ao seu pesar ou ao seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure  
Quem sabe a morte, angústia de quem vive  
Quem sabe a solidão, fim de quem ama.

Eu possa me dizer do amor (que tive):  
Que não seja imortal, posto que é chama  
Mas que seja infinito enquanto dure.

(MORAES, Vinícius de. *Antologia poética*. São Paulo: Cia das Letras, 1992).

A palavra mesmo pode assumir diferentes significados, de acordo com a sua função na frase. Assinale a alternativa em que o sentido de mesmo equivale ao que se verifica no 3º. verso da 1ª. estrofe do poema de Vinícius de Moraes.

“(A) “Pai, para onde fores, / irei também trilhando as mesmas ruas...” (Augusto dos Anjos).

(B) “Agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é modesta, com a exterior, que é ruidosa.” (Machado de Assis).

(C) “Havia o mal, profundo e persistente, para o qual o remédio não surtiu efeito, mesmo em doses variáveis.” (Raimundo Faoro)

<sup>16</sup> Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. Provas e Gabaritos. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem/provas-e-gabaritos>. Acesso em: 27 mai. 2024.

<sup>17</sup> BRASIL. Ministério da Educação. Provas e Gabaritos. 2ª Edição – 1999 – Prova Amarela. Questão 01. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/provas/1999/1999\\_amarela.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/1999/1999_amarela.pdf). Acesso em: 28, mai. 2024.



(D) “Mas, olhe cá, Mana Glória, há mesmo necessidade de fazê-lo padre?” (Machado de Assis)

(E) “Vamos de qualquer maneira, mas vamos mesmo.” (Aurélio)”.

**ENEM 3ª EDIÇÃO – 2000 – PROVA AMARELA – QUESTÃO 29<sup>18</sup>**

O texto abaixo foi extraído de uma crônica de Machado de Assis e refere-se ao trabalho de um escravo.

“Um dia começou a guerra do Paraguai e durou cinco anos, João repicava e dobrava, dobrava e repicava pelos mortos e pelas vitórias. Quando se decretou o ventre livre dos escravos, João é que repicou. Quando se fez a abolição completa, quem repicou foi João. Um dia proclamou-se a República. João repicou por ela, repicaria pelo Império, se o Império retornasse”.

(MACHADO, Assis de. *Crônica sobre a morte do escravo João*, 1897).

A leitura do texto permite afirmar que o sineiro João:

(A) por ser escravo tocava os sinos, às escondidas, quando ocorriam fatos ligados à Abolição.

(B) não poderia tocar os sinos pelo retorno do Império, visto que era escravo.

(C) tocou os sinos pela República, proclamada pelos abolicionistas que vieram libertá-lo.

(D) tocava os sinos quando ocorriam fatos marcantes porque era costume fazê-lo.

(E) tocou os sinos pelo retorno do Império, comemorando a volta da Princesa Isabel.

**ENEM - 3ª EDIÇÃO – 2000 – PROVA AMARELA - QUESTÃO 46<sup>19</sup>**

Em muitos jornais, encontramos charges, quadrinhos, ilustrações, inspirados nos fatos noticiados. Veja um exemplo:



*Jornal do Commercio, 22/8/93.*

18 BRASIL. Ministério da Educação. Provas e Gabaritos. 3ª Edição – 2000 – Prova Amarela. Questão 29. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/provas/2000/2000\\_amarela.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2000/2000_amarela.pdf). Acesso em: 28, mai. 2024.

19 BRASIL. Ministério da Educação. Provas e Gabaritos. 3ª Edição – 2000 – Prova Amarela. Questão 46. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/provas/2000/2000\\_amarela.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2000/2000_amarela.pdf). Acesso em: 28, mai. 2024.

O texto que se refere a uma situação semelhante à que inspirou a charge é:

(A)

Descansem o meu leito solitário  
Na floresta dos homens esquecida,  
À sombra de uma cruz, e escrevam nela  
– Foi poeta – sonhou – e amou na vida.

(AZEVEDO, Álvares de. *Poesias escolhidas*. Rio de Janeiro/Brasília: José Aguilar/INL, 1971).

(B)

Essa cova em que estás  
Com palmos medida,  
é a conta menor  
que tiraste em vida.  
É de bom tamanho,  
Nem largo nem fundo,  
É a parte que te cabe  
deste latifúndio.

(MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina e outros poemas em voz alta*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1967)

(C)

Medir é a medida  
mede  
A terra, medo do homem, a lavra;  
lavra  
duro campo, muito cerco, várzea.

(CHAMIE, Mário. *Sábado na hora da escutas*. São Paulo: Summums, 1978).

(D)

Vou contar para vocês  
um caso que sucedeu  
na Paraíba do Norte  
com um homem que se chamava  
Pedro João Boa-Morte,  
lavrador de Chapadinha:  
talvez tenha morte boa  
porque vida ele não tinha.

(GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983).

(E)

Trago-te flores, – restos arrancados  
Da terra que nos viu passar  
E ora mortos nos deixa e separados.

(ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1986).

## ENEM – 8ª EDIÇÃO – 2005 - PROVA - AMARELA – QUESTÃO 63<sup>20</sup>

20 BRASIL. Ministério da Educação. Provas e Gabaritos. 8ª Edição – 2005 - Prova - Amarela – 23. Questão 63. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/provas/2005/2005\\_amarela.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2005/2005_amarela.pdf). Acesso em: 28, mai. 2024.

Leia o texto e examine a ilustração:

### Óbito do autor



(...) expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa idéia no discurso que proferiu à beira de minha cova: –”Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isto é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado.” (...)

Adaptado. Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Ilustrado por Cândido Portinari. Rio de Janeiro: Cem Bibliófilos do Brasil, 1943. p.1.

Compare o texto de Machado de Assis com a ilustração de Portinari. É correto afirmar que a ilustração do pintor

- (A) apresenta detalhes ausentes na cena descrita no texto verbal.
- (B) retrata fielmente a cena descrita por Machado de Assis.
- (C) distorce a cena descrita no romance.
- (D) expressa um sentimento inadequado à situação.
- (E) contraria o que descreve Machado de Assis.

**PROVA DE REDAÇÃO E DE LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS  
- PROVA DE MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS - ENEM 2010 - QUESTÃO  
113<sup>21</sup>**

**Machado de Assis**

Joaquim Maria Machado de Assis, cronista, contista, dramaturgo, jornalista, poeta, romancista, crítico e ensaísta, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839. Filho de um operário mestiço de negro e português, Francisco José de Assis, e de D. Maria Leopoldina Machado de Assis, aquele que viria a tornar-se o maior escritor do país e um mestre da língua, perde a mãe muito cedo e é criado pela madrasta, Maria Inês, também mulata, que se dedica ao menino e o matricula na escola pública, única que frequentou o autodidata Machado de Assis.

Disponível em: <http://www.passeiweb.com>. Acesso em: 1 maio 2009.

Considerando os seus conhecimentos sobre os gêneros textuais, o texto citado constitui-se de

A fatos ficcionais, relacionados a outros de caráter realista, relativos à vida de um renomado escritor.

B representações generalizadas acerca da vida de membros da sociedade por seus trabalhos e vida cotidiana.

B explicações da vida de um renomado escritor, com estrutura argumentativa, destacando como tema seus principais feitos.

D questões controversas e fatos diversos da vida de personalidade histórica, ressaltando sua intimidade familiar em detrimento de seus feitos públicos.

E apresentação da vida de uma personalidade, organizada sobretudo pela ordem tipológica da narração, com um estilo marcado por linguagem objetiva.

**PROVA DE REDAÇÃO E DE LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS  
PROVA DE MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS – ENEM 2011 – CADERNO  
CINZA - QUESTÃO 116<sup>22</sup>.**

**O nascimento da crônica**

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica. Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer

21 BRASIL. Ministério da Educação. Provas e Gabaritos. 13ª Edição – 2010 - LC - 2º dia | Caderno 5 – Amarelo. Questão 113. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/provas/2010/dia2\\_caderno5\\_amarelo.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2010/dia2_caderno5_amarelo.pdf). Acesso em: 28, mai. 2024.

22 BRASIL. Ministério da Educação. Provas e Gabaritos. 14ª Edição – 2011- Enem PPL - LC - 2º dia - Caderno 6 – Cinza. Questão 116. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/ppl/2011/PPL\\_ENEM\\_2011\\_06\\_CINZA.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/ppl/2011/PPL_ENEM_2011_06_CINZA.pdf). Acesso em: 29, mai. 2024.

casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldado ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

ASSIS, M. In: SANTOS, J. F. *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007 (fragmento).

Um dos traços fundamentais da vasta obra literária de Machado de Assis reside na preocupação com a expressão e com a técnica de composição. Em O nascimento da crônica, Machado permite ao leitor entrever um escritor ciente das características da crônica, como

A texto breve, diálogo com o leitor e registro pessoal de fatos do cotidiano.

B síntese de um assunto, linguagem denotativa, exposição sucinta.

C linguagem literária, narrativa curta e conflitos internos.

D texto ficcional curto, linguagem subjetiva e criação de tensões.

E priorização da informação, linguagem impessoal e resumo de um fato.

**PROVA DE REDAÇÃO E DE LINGUAGENS, CÓDIGO SE SUAS TECNOLOGIAS  
PROVA DE MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS - ENEM 2014 - 2º DIA –  
CADERNO 6 – CINZA – REAPLICAÇÃO/PPL - QUESTÃO 108<sup>23</sup>**

“Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Meneses que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo. Nessas ocasiões, a sogra fazia uma careta, e as escravas riam à socapa; ele não respondia, vestia-se, saía e só tornava na manhã seguinte. Mais tarde é que eu soube que o teatro era um eufemismo em ação. Meneses trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana. Conceição padecera, a princípio, com a existência da comborça; mas, afinal, resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito”.

ASSIS, M. et al. *Missa do galo: variações sobre o mesmo tema*. São Paulo: Summus, 1977 (fragmento).

No gênero crônica, Machado de Assis legou inestimável contribuição para o conhecimento do contexto social de seu tempo e seus hábitos culturais. O fragmento destacado comprova que o escritor avalia o (a)

A manipulação inconsequente dos remédios pela população.

B uso de animais em testes com remédios desconhecidos.

C fato de as drogas manipuladas não terem eficácia garantida

D hábito coletivo de experimentar drogas com objetivos terapêuticos.

E ausência de normas jurídicas para regulamentar a venda nas boticas.

**PROVA DE REDAÇÃO E DE LINGUAGENS, CÓDIGO SE SUAS TECNOLOGIAS  
PROVA DE MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS - ENEM 2014 - 2º DIA –  
CADERNO 6 – CINZA – TERCEIRA APLICAÇÃO - QUESTÃO 96<sup>24</sup>**

23 BRASIL. Ministério da Educação. Provas e Gabaritos. 17ª Edição – 2014 – Enem PPL - LC - 2º dia - Caderno 6 - Cinza - Página 10. Questão 108. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/provas/2014/2014\\_PPL\\_PV\\_D2\\_CD6.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2014/2014_PPL_PV_D2_CD6.pdf). Acesso em: 28, mai. 2024.

24 BRASIL. Ministério da Educação. Provas e Gabaritos, 2014. Questão 96. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível

“Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Meneses que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo. Nessas ocasiões, a sogra fazia uma careta, e as escravas riam à socapa; ele não respondia, vestia-se, saía e só tornava na manhã seguinte. Mais tarde é que eu soube que o teatro era um eufemismo em ação. Meneses trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana. Conceição padecera, a princípio, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito”.

ASSIS, M. *et al.* *Missa do galo: variações sobre o mesmo tema*. São Paulo: Summus, 1977 (fragmento).

No fragmento desse conto de Machado de Assis, “ir ao teatro” significa “ir encontrar-se com a amante”. O uso do eufemismo como estratégia argumentativa significa

- A exagerar quanto ao desejo em “ir ao teatro”.
- B personificar a prontidão de “ir ao teatro”.
- C esclarecer o valor denotativo de “ir ao teatro”.
- D reforçar compromisso com o casamento.
- E suavizar uma transgressão matrimonial.

## PROVA DE LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS E REDAÇÃO PROVA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS - ENEM 2018 - QUESTÃO 28<sup>25</sup>

### ABL lança novo concurso cultural: “Conte o conto sem aumentar um ponto”

Em razão da grande repercussão do concurso de Microcontos do Twitter da ABL, o Abletras, a Academia Brasileira de Letras lançou no dia do seu aniversário de 113 anos um novo concurso cultural intitulado “Conte o conto sem aumentar um ponto”, baseado na obra *A cartomante*, de Machado de Assis.

“Conte o conto sem aumentar um ponto” tem como objetivo dar um final distinto do original ao conto *A cartomante*, de Machado de Assis, utilizando-se o mesmo número de caracteres – ou inferior – que Machado concluiu seu trabalho, ou seja, 1 778 caracteres.

Vale ressaltar que, para participar do concurso, o concorrente deverá ser seguidor do Twitter da ABL, o Abletras.

Disponível em: [www.academia.org.br](http://www.academia.org.br). Acesso em: 18 out. 2015 (adaptado).

O Twitter é reconhecido por promover o compartilhamento de textos. Nessa notícia, essa rede social foi utilizada causa do(a)

- A limite predeterminado de extensão do texto.
- B interesse pela participação de jovens.
- C atualidade do enredo proposto.
- D fidelidade a fatos cotidianos.
- E dinâmica da sequência narrativa.

em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/provas/2014/2014\\_PV\\_terceira\\_aplicacao\\_D2\\_CD6.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2014/2014_PV_terceira_aplicacao_D2_CD6.pdf). Acesso em: 28, mai. 2024.

25 BRASIL. Ministério da Educação. Provas e Gabaritos. 21ª Edição – 2018 - LC - 1º dia - Caderno 2 – Amarelo. Questão 28. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/provas/2018/2018\\_PV\\_impresso\\_D1\\_CD2.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2018/2018_PV_impresso_D1_CD2.pdf). Acesso em: 28, mai. 2024.

**PROVA DE LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS E REDAÇÃO  
PROVA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS - PROVA DE  
REDAÇÃO E LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS – ENEM 2021  
– QUESTÃO 32<sup>26</sup>**

**Singular ocorrência**

- Há ocorrências bem singulares. Está vendo aquela dama que vai entrando na igreja da Cruz? Parou agora no adro para dar uma esmola.
- De preto?
- Justamente; lá vai entrando; entrou.
- Não ponha mais na carta. Esse olhar está dizendo que a dama é uma recordação de outro tempo, e não há de ser muito tempo, a julgar pelo corpo: é moça de truz.
- Deve ter quarenta e seis anos.
- Ah, conservada. Vamos lá; deixe de olhar para o chão e conte-me tudo. Está viúva, naturalmente?
- Não.
- Bem; o marido ainda vive. É velho?
- Não é casada.
- Solteira?
- Assim, assim. Deve chamar-se hoje D. Maria de tal. Em 1860 florescia com o nome familiar de Marocas. Não era costureira, nem proprietária, nem mestra de meninas; vá excluindo as profissões e chegará lá. Morava na Rua do Sacramento. Já então era esbelta, e, seguramente, mais linda do que hoje; modos sérios, linguagem limpa.

ASSIS, M. *Machado de Assis: seus 30 melhores contos*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1961.

No diálogo, descortinam-se aspectos da condição da mulher em meados do século XIX. O ponto de vista dos personagens manifesta conceitos segundo os quais a mulher

- A encontra um modo de dignificar-se na prática da caridade.
- B preserva a aparência jovem conforme seu estilo de vida.
- C condiciona seu bem-estar à estabilidade do casamento.
- D tem sua identidade e seu lugar referendados pelo homem.
- E renuncia à sua participação no mercado de trabalho.

**PROVA DE LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS E REDAÇÃO  
PROVA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS - ENEM 2022 -  
QUESTÃO 33<sup>27</sup>.**

**Notas**

Soluções, lágrimas, casa armada, veludo preto nos portais, um homem que veio vestir o cadáver, outro que tomou a medida do caixão, caixão, essa, tocheiros, convites, convidados que entravam, lentamente, a passo surdo, e apertavam a mão à família,

26 BRASIL. Ministério da Educação. Provas e Gabaritos. 24ª Edição – 2021 - LC - 1º dia - Caderno 2 - Amarelo - 1ª Aplicação. Questão 32. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/enem/provas\\_e\\_gabaritos/2021\\_PV\\_impresso\\_D1\\_CD2.pdf](https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2021_PV_impresso_D1_CD2.pdf). Acesso em: 2 mai. 2024.

27 BRASIL. Ministério da Educação. Provas e Gabaritos, 2022. 25ª Edição - LC - 1º dia - Caderno 1 - Azul - 1ª Aplicação Regular. Questão 33. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/enem/provas\\_e\\_gabaritos/2022\\_PV\\_impresso\\_D1\\_CD1.pdf](https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2022_PV_impresso_D1_CD1.pdf). Acesso em: 29 mai. 2024.

alguns tristes, todos sérios e calados, padre e sacristão, rezas, aspersões d'água benta, o fechar do caixão a prego e martelo, seis pessoas que o tomam da essa, e o levantam, e o descem a custo pela escada, não obstante os gritos, soluços e novas lágrimas da família, e vão até o coche fúnebre, e o colocam em cima e traspassam e apertam as corréas, o rodar do coche, o rodar dos carros, um a um... Isto que parece um simples inventário, eram notas que eu havia tomado para um capítulo triste e vulgar que não escrevo.

ASSIS, M. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br). Acesso em: 25 jul, 2022.

O recurso linguístico que permite a Machado de Assis considerar um capítulo de “Memórias póstumas de Brás Cubas” como inventário é a

- A enumeração de objetos e fatos.
- B predominância de linguagem objetiva.
- C ocorrência de período longo no trecho.
- D combinação de verbos no presente e no pretérito.
- E presença de léxico do campo semântico de funerais.

### PROVA DE LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS E REDAÇÃO PROVA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS - ENEM 2023 - QUESTÃO 45<sup>28</sup>

Mestre e companheiro, disse eu que nos íamos despedir. Mas disse mal. A morte não extingue: transforma; não aniquila; renova; não divorcia: aproxima. Um dia supuseste “morta e separada” a consorte dos teus sonhos e das tuas agonias, que te soubera “pôr um undado inteiro no recanto” do teu ninho; e, todavia, nunca ela te esteve mais presente, no íntimo de ti mesmo e na expressão do teu canto, no fundo do teu ser e na face de tuas ações. Esses catorze versos inimitáveis, em que o enlevo dos teus discípulos resume o valor de toda uma literatura, eram a aliança de ouro do teu segundo noivado, um anel de outras núpcias, para a vida nova do teu renascimento e da tua glorificação, com a sócia sem nódoa dos teus anos e de mocidade e maturidade, da florescência e frutificação de tua alma. Para os eleitos do mundo das ideias a miséria está em decadência, e não na morte. A nobreza de uma nos preserva das ruínas de outra. Quando eles atravessavam essa passagem do invisível, que os conduz à região da verdade sem mescla, então é que entramos a sentir o começo do seu reino, o reino dos mortos sobre os vivos.

BARBOSA, Rui. *O adeus da Academia a Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

Esse é um trecho do discurso de Rui Barbosa na Academia Brasileira de Letras em homenagem a Machado de Assis por ocasião de sua morte. Uma das características desse discurso de homenagem é a presença de

- A metáforas relacionadas à trajetória pessoal e criadora do homenageado.
- B recursos fonológicos empregados para a valorização do ritmo do texto.
- C frases curtas e diretas no relato de vida e da morte do homenageado.
- D contraposição de ideias presentes na obra do homenageado.
- E seleção vocabular representativa do sentimento de nostalgia.

28 BRASIL. Ministério da Educação. Provas e Gabaritos, 2023. 26ª Edição. Aplicação Regular. LC – 1º Dia – Caderno 1 - Azul. Questão 45. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/enem/provas\\_e\\_gabaritos/2023\\_PV\\_impresso\\_D1\\_CD1.pdf](https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2023_PV_impresso_D1_CD1.pdf). Acesso em: 30 mai. 2024.



**PROVA DE LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS E REDAÇÃO  
PROVA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS - 26ª EDIÇÃO -  
ENEM 2023 - CH - 1º DIA - CADERNO 1 – AZUL. QUESTÃO 90<sup>29</sup>.**

Não tinha outra filosofia. Nem eu. Não digo que a Universidade me não tivesse ensinado alguma; mas eu decorei-lhe só as fórmulas, o vocabulário, o esqueleto. Tratei-a como tratei o latim; embolsei três versos de Virgílio, dois de Horácio, uma dúzia de locuções morais e políticas, para as despesas da conversação. Tratei-os como tratei a história e a jurisprudência. Colhi de todas as cousas a fraseologia, a casca, a ornamentação.

ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

A descrição crítica do personagem de Machado de Assis assemelha-se às características dos sofistas, contestados pelos filósofos gregos da Antiguidade, porque se mostra alinhada à

A elaboração conceitual de entendimentos.

B utilização persuasiva do discurso.

C narração alegórica dos rapsodos.

D investigação empírica da physis.

E expressão pictográfica da pólis.

**PROVA DE LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS E REDAÇÃO  
PROVA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS - 26ª EDIÇÃO -  
2023 – ENEM PPL - LC - 1º DIA - CADERNO 2 - AMARELO - 2ª APLICAÇÃO  
– QUESTÃO 30<sup>30</sup>**

Que Stendhal confessasse haver escrito um de seus livros para cem leitores, coisa é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente consternará, é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinquenta, nem vinte, e quando muito, dez. Dez? Talvez cinco. Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevia-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio. Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião.

ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br). Acesso em: 8 ago. 2015.

No fragmento transcrito da dedicatória “Ao leitor”, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o autor serve-se da figura do narrador-defunto para

29 BRASIL. Ministério da Educação. Provas e Gabaritos, 2023. 26ª Edição. Aplicação Regular. CH – 1º Dia – Caderno 1 – Azul. Questão 90. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/enem/provas\\_e\\_gabaritos/2023\\_PV\\_impresso\\_D1\\_CD1.pdf](https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2023_PV_impresso_D1_CD1.pdf). Acesso em: 28 mai. 2024.

30 BRASIL. Ministério da Educação. Provas e Gabaritos, 2023. 26ª Edição. Enem PPL - LC - 1º Dia - Caderno 2 - Amarelo - 2ª Aplicação. Questão 30. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/enem/provas\\_e\\_gabaritos/2023\\_PV\\_reaplicacao\\_PPL\\_D1\\_CD2.pdf](https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2023_PV_reaplicacao_PPL_D1_CD2.pdf). Acesso em: 27 mai. 2024.

A desqualificar o gênero romance, forma literária à qual Machado de Assis pouco se dedicou.

B ressaltar a inverossimilhança dos fatos narrados, confrontados com a realidade da burguesia carioca do século XIX.

C criticar a sociedade burguesa brasileira da época, valendo-se do uso da terceira pessoa e do ponto de vista distanciado.

D sobrepor a “tinta da melancolia” ao aspecto humorístico, de modo a valorizar o tom sóbrio e a temática realista típicos do romance burguês brasileiro.

E fazer intromissões na narrativa, introduzindo pausas no relato durante as quais estabelece com o leitor um diálogo de tom sarcástico e provocativo.

## BREVE DISCUSSÃO

Neste trabalho, nosso objetivo não foi analisar detalhadamente as questões, mas sim identificar a presença de questões relacionadas à obra de Machado de Assis nas provas do ENEM, observando a abordagem empregada nas questões.

Na maioria dos casos, utilizando-se do recurso da intertextual, fica evidente que não é necessário ler clássicos como “Memórias Póstumas de Brás Cubas” ou qualquer crônica na íntegra para responder às questões propostas, pois elas não privilegiam interpretação textual mais ampla e tampouco abordam aspectos da arte literária.

Das vinte e seis edições do Exame Nacional do Ensino Médio realizadas até o momento, quinze apresentaram questões ou menções ao nome de Machado de Assis e/ou sua obra. Dentre essas quinze edições, em nove delas houve questões inteiramente dedicadas à obra do autor. Nas demais ocorrências, foram encontradas menções ou breves citações sobre Machado de Assis ou sua obra em alternativas de outras questões.

Observamos que a recorrência de “Memórias Póstumas de Brás Cubas” sublinha sua importância, tanto literária quanto educativa. “Brás Cubas” oferece visão crítica e irônica da sociedade brasileira do século XIX, além de inovar em termos de estrutura narrativa.

A abordagem do ENEM em relação às obras de Machado de Assis segue a proposição inicial do Exame, que é a de não exigir leitura de nenhuma obra para responder as questões, pois não exploram aspectos intrínsecos da obra.

As questões acima listadas não fazem referência a nenhum período literário brasileiro específico nem às suas características. A abordagem intertextual adotada pelo Enem desconsidera a literatura em sua particularidade, ameaçando o que é mais valioso para a disciplina: a autonomia dos textos literários. De acordo com pesquisa de Luft e Fischer, para avaliar a mesma habilidade, pode-se usar tanto um texto literário quanto a capa de uma revista ou uma placa de trânsito, por exemplo.<sup>31</sup>

31 LUFT, Gabriela Fernanda Cé; FISCHER, Luís Augusto, 2014, p. 348. Op. cit. Nota n. 13.

Nas edições do Novo Enem analisadas pelos pesquisadores supracitados, sobre as tipologias das questões de literatura no Exame Nacional do Ensino Médio, das poucas questões que usam a literatura como base, menos da metade realmente aborda a literatura em suas especificidades, a exemplo das questões referentes à obra de Machado de Assis, acima elencadas. Isso mostra que, embora textos literários sejam utilizados nos enunciados das questões, o conhecimento exigido dos alunos geralmente não está relacionado à arte literária.

É importante deixar claro que este texto não é um apelo para um retorno ao academicismo puro e à rigidez acadêmica, caracterizada por uma comunidade de pares alheia aos problemas de tempo, espaço e avanços culturais. Não defendemos que as questões devem ser excessivamente longas, mas acreditamos que precisam ser compreensíveis e acessíveis, da forma mais democrática possível. Valorizamos a ideia da universalidade subjacente à cultura e apoiamos a liberdade de representação na literatura. No entanto, a exclusão total da normatividade também não é ideal.

Nesse contexto, baseando-nos no texto de Fábio Akcelrud Durão<sup>32</sup>, “O que é crítica literária?”, defendemos um maior equilíbrio entre a lógica de mercado e a imanência textual, bem como o “julgamento do texto conforme o princípio que ele parece estabelecer para si mesmo”. Assim, perguntas como: “O conto pretende retratar a monotonia do cotidiano e a repetição inerente ao trabalho alienado?”; “Quais são os recursos formais utilizados para isso?”; “O romance tem por intuito apresentar um narrador irônico, situado acima da narrativa?”; “Como é construído o foco narrativo e qual é a relação do narrador com os personagens e seus pensamentos?”, são questões literárias pertinentes que também devem estar presentes em questões do Exame, em conjunto com a capacidade do texto literário de dialogar com seu contexto social e histórico, questionando e refletindo sobre as realidades que representa.

---

32 DURÃO, Fábio Akcelrud. O que é crítica literária? 1. Ed. São Paulo: Nankin Editorial, Parábola Editorial, 2016. 120 p. ISBN: 978-85-7934-117-5.

## Quadro-Síntese de Questões sobre Machado de Assis no Enem - 1998-2023

Edição - Caderno	Questão	Questões Completas Obra Citada	Menções a Machado de Assis
1ª Edição - 1998	-	-	-
2ª Edição – 1999 – Prova Amarela	<b>Questão 01</b>	-	Os itens “b” e “d” apenas mencionam o nome Machado de Assis.
3ª Edição – 2000 – Prova Amarela.	<b>Questão 29</b>	MACHADO, Assis de. “Crônica sobre a morte do escravo João”, 1897.	-
3ª Edição – 2000 – Prova Amarela.	<b>Questão 46</b>	-	ASSIS, Machado de. <i>Obra completa</i> . Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1986. O item “e” da questão cita a obra de Machado de Assis.
4ª Edição - 2001	-	-	-
5ª Edição - 2002	-	-	-
6ª Edição - 2003	-	-	-
7ª Edição - 2004	-	-	-
8ª Edição – 2005 - Prova - Amarela - 23	<b>Questão 63</b>	Adaptado. Machado de Assis. <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> . Ilustrado por Cândido Portinari. Rio de Janeiro: Cem Bibliófilos do Brasil, 1943. p.1.	-
9ª Edição - 2006	-	-	-
10ª Edição - 2007	-	-	-
11ª Edição - 2008	-	-	-
12ª Edição – 2009 - LC – 2º dia Caderno 5 – Amarelo	<b>Questão 121</b>	-	O Item “d” da questão faz rápida menção ao escritor.
13ª Edição – 2010 - LC - 2º dia Caderno 5 - Amarelo	<b>Questão 113</b>	-	Texto com pequena biografia de Machado de Assis.
14ª Edição – 2011- Enem PPL - LC - 2º dia - Caderno 6 - Cinza	<b>Questão 116</b>	-	ASSIS, M. In: SANTOS, J. F. <i>As cem melhores crônicas brasileiras</i> . Rio de Janeiro: Objetiva, 2007 (fragmento).
15ª Edição - 2012	-	-	-
16ª Edição - 2013	-	-	-
17ª Edição – 2014 – LC - 2º dia - Caderno 6 - Cinza - Página 10 (Enem – PPL).	<b>Questão 108</b>	ASSIS, M. <i>Obra completa</i> . Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1967 (fragmento).	-

18ª Edição - 2015	-	-	-
19ª Edição - 2016	-	-	-
20ª Edição - 2017	-	-	-
21ª Edição – 2018 - LC - 1º dia - Caderno 2 - Amarelo	<b>Questão 28</b>	-	Faz referência ao conto <i>A Cartomante</i> sobre concurso de microcontos promovido pela ABL. Mas não traz a Referência da obra.
22ª Edição - 2019	-	-	-
23ª Edição – 2020	-	-	-
24ª Edição – 2021 - LC - 1º dia - Caderno 2 - Amarelo - 1ª Aplicação	<b>Questão 32</b>	ASSIS, M. <i>Machado de Assis: seus 30 melhores contos</i> . Rio de Janeiro: Aguilar, 1961. Texto: “Singular Ocorrência”.	-
25ª Edição – 2022 - Aplicação Regular – LC - 1º dia - Caderno 2 - Amarelo - 1ª Aplicação	<b>Questão 17</b>	ASSIS, M. <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> . Disponível em: <a href="http://www.dominiopublico.gov.br">www.dominiopublico.gov.br</a> . Acesso em: 25 jul. 2022.	-
25ª Edição – 2022 – Reaplicação PPL. LC - 1º dia - Caderno 2 - Amarelo - 2ª Aplicação	<b>Questão 29</b>	-	MARANHÃO, H. <i>Memorial do fim: a morte de Machado de Assis</i> . São Paulo: Marco Zero, 1991.
25ª Edição – 2022 - LC - 1º dia - Caderno 1 - Azul - 1ª Aplicação	<b>Questão 33</b>	ASSIS, M. <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> . Disponível em: <a href="http://www.dominiopublico.gov.br">www.dominiopublico.gov.br</a> . Acesso em: 25 jul, 2022.	-
26ª Edição – 2023 Aplicação Regular - LC - 1º Dia - Caderno 1 – Azul. O Caderno Amarelo e o Branco trouxeram as mesmas questões.	<b>Questão 45</b>	-	Menção a Machado de Assis. BARBOSA, Rui. <i>O adeus da Academia a Machado de Assis</i> . Rio de Janeiro: Agir, 1962.
26ª Edição – 2023 - CH - 1º Dia - Caderno 1 – Azul.	<b>Questão 90</b>	ASSIS, M. <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> . Belo Horizonte: Autêntica, 1999.	-
26ª Edição – 2023 – Enem PPL - LC • 1º Dia - Caderno 2 - Amarelo - 2ª Aplicação	<b>Questão 30</b>	ASSIS, M. <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> . Disponível em: <a href="http://www.dominiopublico.gov.br">www.dominiopublico.gov.br</a> . Acesso em: 8 ago. 2015.	-

**Fonte:** Elaboração dos autores, 2024. Informações: MEC/INEP (1998-2023).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a leitura das questões de literatura no Exame Nacional do Ensino Médio, especificamente em relação à obra de Machado de Assis, é perceptível uma lacuna substancial na profundidade e na qualidade das abordagens empregadas no ENEM. Para formar leitores proficientes em textos literários, é fundamental melhorar a avaliação da aprendizagem literária, especialmente no contexto do Enem, por tratar-se de grande política pública de avaliação e principal meio de acesso ao Ensino Superior no país.

Seguindo a perspectiva de Antonio Candido, a inclusão mais frequente e substancial da obra de Machado de Assis no ENEM é uma questão de justiça educacional e cultural. Garantir que os estudantes tenham acesso às obras machadianas é assegurar que eles possam usufruir plenamente do direito à literatura, um direito que é fundamental para a formação de cidadãos críticos, conscientes e bem-informados.

A teoria e a crítica literária ainda não resolvem todos os problemas que levantam, mas permitem que perspectivas e reflexões, questionamento e dúvidas sejam visibilizados, suscitando olhares que podem despertar novas e necessárias pesquisas sobre os mais diversificados assuntos.

Neste texto não foi considerado perspectivas de mudanças do Enem para adequar-se ao Novo Ensino Médio, modelo que começou a ser aplicado no ano de 2022 em todo o país.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, M. **Machado de Assis: seus 30 melhores contos**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1961. Texto: “Singular Ocorrência”.

ASSIS, M. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1967 (fragmento).

ASSIS, Machado de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1986.

ASSIS, M. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

ASSIS, M. In: SANTOS, J. F. **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007 (fragmento).

ASSIS, M. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br). Acesso em: 8 ago. 2015.

ASSIS, M. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br). Acesso em: 25 jul. 2022.

ASSIS, M. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br). Acesso em: 25 jul, 2022.

AZEVEDO, Álvares de. **Poesias escolhidas**. Rio de Janeiro/Brasília: José Aguilar/INL, 1971.

BRASIL. Ministério da Educação. **Avaliações e Exames Educacionais. Enem. Provas e Gabaritos, 1998-2003**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem/provas-e-gabaritos>. Acesso em: 30, mai. 2024.

BRASIL. Exame Nacional do Ensino Médio – **ENEM**: documento básico 2000/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Brasília: O Instituto, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Documento Básico sobre Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Brasil, 2002**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/matriz-de-referencia>. Acesso em: 29 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **O Exame Nacional do Ensino Médio para Pessoas Privadas de Liberdade (Enem PPL)**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/privados-de-liberdade>. Acesso em: 25, mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Provas e Gabaritos. 2ª Edição – 1999 – Prova Amarela. Questão 01**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/provas/1999/1999\\_amarela.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/1999/1999_amarela.pdf). Acesso em: 28, mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Provas e Gabaritos. 3ª Edição – 2000 – Prova Amarela. Questão 29**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/provas/2000/2000\\_amarela.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2000/2000_amarela.pdf). Acesso em: 28, mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Provas e Gabaritos. 3ª Edição – 2000 – Prova Amarela. Questão 46**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/provas/2000/2000\\_amarela.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2000/2000_amarela.pdf). Acesso em: 28, mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Provas e Gabaritos. 8ª Edição – 2005 - Prova - Amarela – 23. Questão 63**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/provas/2005/2005\\_amarela.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2005/2005_amarela.pdf). Acesso em: 28, mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Provas e Gabaritos. 12ª Edição – 2009 - LC – 2º dia Caderno 5 – Amarelo. Questão 121**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/provas/2009/dia2\\_](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2009/dia2_)

caderno5\_amarelo.pdf. Acesso em: 2, mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Provas e Gabaritos. 13ª Edição – 2010 - LC - 2º dia | Caderno 5 – Amarelo. Questão 113.** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/provas/2010/dia2\\_caderno5\\_amarelo.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2010/dia2_caderno5_amarelo.pdf). Acesso em: 28, mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Provas e Gabaritos. 14ª Edição – 2011- Enem PPL - LC - 2º dia - Caderno 6 – Cinza. Questão 116.** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/ppl/2011/PPL\\_ENEM\\_2011\\_06\\_CINZA.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/ppl/2011/PPL_ENEM_2011_06_CINZA.pdf). Acesso em: 29, mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Provas e Gabaritos. 17ª Edição – 2014 – Enem PPL - LC - 2º dia - Caderno 6 - Cinza - Página 10. Questão 108.** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/provas/2014/2014\\_PPL\\_PV\\_D2\\_CD6.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2014/2014_PPL_PV_D2_CD6.pdf). Acesso em: 28, mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Provas e Gabaritos, 2014. Questão 96.** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/provas/2014/2014\\_PV\\_terceira\\_aplicacao\\_D2\\_CD6.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2014/2014_PV_terceira_aplicacao_D2_CD6.pdf). Acesso em: 28, mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Provas e Gabaritos. 21ª Edição – 2018 - LC - 1º dia - Caderno 2 – Amarelo. Questão 28.** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/provas/2018/2018\\_PV\\_impresso\\_D1\\_CD2.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2018/2018_PV_impresso_D1_CD2.pdf). Acesso em: 28, mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Provas e Gabaritos. 24ª Edição – 2021 - LC - 1º dia - Caderno 2 - Amarelo - 1ª Aplicação. Questão 32.** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/enem/provas\\_e\\_gabaritos/2021\\_PV\\_impresso\\_D1\\_CD2.pdf](https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2021_PV_impresso_D1_CD2.pdf). Acesso em: 2 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Provas e Gabaritos. 25ª Edição – 2022 – Reaplicação PPL. LC - 1º dia - Caderno 2 - Amarelo - 2ª Aplicação. Questão 29.** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/enem/provas\\_e\\_gabaritos/2022\\_PV\\_reaplicacao\\_PPL\\_D1\\_CD1.pdf](https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2022_PV_reaplicacao_PPL_D1_CD1.pdf). Acesso em: 28 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Provas e Gabaritos, 2022. 25ª Edição - LC - 1º dia - Caderno 1 - Azul - 1ª Aplicação Regular. Questão 33.** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/enem/provas\\_e\\_gabaritos/2022\\_PV\\_impresso\\_D1\\_CD1.pdf](https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2022_PV_impresso_D1_CD1.pdf). Acesso em: 29 mai. 2024.



BRASIL. Ministério da Educação. **Provas e Gabaritos, 2022. 25ª Edição.**

**LC – 1º dia - Caderno 2 - Amarelo - 1ª Aplicação Regular. Questão 17.**

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/enem/provas\\_e\\_gabaritos/2022\\_PV\\_impresso\\_D1\\_CD2.pdf](https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2022_PV_impresso_D1_CD2.pdf). Acesso em: 2 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Provas e Gabaritos, 2023. 26ª Edição.**

**Aplicação Regular. LC – 1º Dia – Caderno 1 - Azul. Questão 45.**

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/enem/provas\\_e\\_gabaritos/2023\\_PV\\_impresso\\_D1\\_CD1.pdf](https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2023_PV_impresso_D1_CD1.pdf). Acesso em: 30 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Provas e Gabaritos, 2023. 26ª Edição.**

**Aplicação Regular. CH – 1º Dia – Caderno 1 – Azul. Questão 90.** Instituto

Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/enem/provas\\_e\\_gabaritos/2023\\_PV\\_impresso\\_D1\\_CD1.pdf](https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2023_PV_impresso_D1_CD1.pdf). Acesso em: 28 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Provas e Gabaritos, 2023. 26ª Edição.**

**Enem PPL - LC - 1º Dia - Caderno 2 - Amarelo - 2ª Aplicação. Questão**

**30.** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/enem/provas\\_e\\_gabaritos/2023\\_PV\\_reaplicacao\\_PPL\\_D1\\_CD2.pdf](https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2023_PV_reaplicacao_PPL_D1_CD2.pdf). Acesso em: 27 mai. 2024.

CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: A. C. R. Fester (Org.).

**Direitos humanos e Literatura.** Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos.** 4. ed. São

Paulo; Rio de Janeiro: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 2004.

CHAMIE, Mário. **Sábado na hora da escuta.** São Paulo: Summums, 1978.

DURÃO, Fábio Akcelrud. **O que é crítica literária?** 1. Ed. São Paulo: Nankin

Editorial, Parábola Editorial, 2016. 120 p. ISBN: 978-85-7934-117-5.

GULLAR, Ferreira. **Toda poesia.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

LUFT, Gabriela Fernanda Cé; FISCHER, Luís Augusto. A tipologia das

questões de literatura no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e seus reflexos para o ensino de literatura. **Gragoatá**, Niterói, n. 37, p. 331-351, 2. Sem. 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33001>. Acesso em: 01 jun. 2024.

MACHADO DE ASSIS. **Memórias póstumas de Brás Cubas.** Ilustrado por

Cândido Portinari. Rio de Janeiro: Cem Bibliófilos do Brasil, 1943. p.1.

MACHADO, Assis de. **Crônica sobre a morte do escravo João**, 1897.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina e outros poemas em**

**voz alta.** Rio de Janeiro: Sabiá, 1967.

MORAES, Vinícius de. **Antologia poética.** São Paulo: Cia das Letras, 1992.

OLIVEIRA, Lucas Rodrigus; SOUZA, José Antonio de. Sobre literatura e seus reflexos no Enem. **Via Litterae** [ISSN 2176-6800]. Anápolis, v. 13, n. 1, p. 139-154, jan./jun. 2021. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/>. Acesso em: 1 mai. 2024.

OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. Um jeito simples e organizado de entender literatura. **Revista Literatura sem Segredo**. Editora Escala Educacional, Vol. 2; p. 131-258.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

VALTÃO, Rosana Carvalho Dias. Apontamentos sobre a literatura no Exame Nacional do Ensino Médio à luz de uma educação humanizadora. **Revista Voz da literatura**. Série Literatura & Educação. Editor: Rafael Voigt Leandro. Brasília-DF. Disponível em: [www.vozdaliteratura.com](http://www.vozdaliteratura.com). Acesso em: 26 abr. 2024.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da Literatura**. São Paulo: Contexto, 1991.

## DISCURSO MORAL E EMOTIVISMO EM *DOM CASMURRO* E *OTELO*

*Maria Stella Galvão Santos<sup>1</sup>*

### INTRODUÇÃO

Neste trabalho, buscamos imergir no universo subjetivo dos personagens do romance *Dom Casmurro* (Machado de Assis) e da peça teatral *Otelo*, o mouro de Veneza (William Shakespeare), trazendo à tona o confronto entre as emoções e, como produto destas, as determinações e julgamentos morais proferidas pelo personagem-narrador Bento Santiago, o Bentinho, e Otelo.

Procuramos, então, analisar as configurações e os elementos que constituem a trama destas obras literárias, e empreender uma imersão nos teóricos que abordaram a relação entre estados emocionais e condutas normativas. Enfim, nos propoemos a discutir questões que se apresentam extremamente atuais, tais como: até que ponto a expressão de valores por parte dos indivíduos decorre de um senso moral inato ou é um atributo genuinamente cultural? Que papel as emoções ocupam no campo da moral? É possível dissociá-las? Em que medida esse vínculo, uma vez demonstrado na ficção, impacta na filosofia da moral?

### DESENVOLVIMENTO

O romance *Dom Casmurro*, escrito em 1899 por Machado de Assis, é um marco da literatura brasileira e uma dessas obras que oferecem múltiplas possibilidades de abordagem analítica. É a história, contada pelo marido, de um adultério a seu ver cometido pela mulher. Os motivos e a credibilidade da narrativa se prestam permanentemente à discussão. Trata-se de um gênero de incerteza que coloca o livro na vanguarda do romance da época e representa uma atitude literária de complexidade inédita no contexto brasileiro. Especialmente por contrapor a estrutura tradicional, à época, de representação de antagonismos de classes sociais que coexistiam em meio à caracterização dos personagens,

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação (UFRN-Universidad de Valencia), doutoranda em Literatura Comparada (PPgEL UFRN). E-mail: stellag@uol.com.br.

além de expor a natureza emotiva da dúvida atroz que se constrói e se estrutura moralmente ao longo e após a narrativa do relacionamento de vida e morte entre Bentinho e Capitu, marcos absolutos da modernidade na literatura brasileira.

Ao estabelecermos uma leitura dos ardis literários empreendidos por Machado de Assis e associar as dúvidas morais do personagem-narrador Bento Santiago ao viés fortemente emotivo da trama que o enredava, buscaremos base argumentativa na filosofia moral de David Hume, filósofo, historiador e ensaísta escocês, célebre por seu empirismo radical, ao propor uma interpretação normativa, por meio do exame da “dinâmica dos sentimentos” presentes na natureza humana. A normatividade da moral é estabelecida, de acordo com o filósofo escocês, a partir do conteúdo valorativo de sentimentos naturais como “dor” e “prazer”.

Neste percurso, a trama de ciúme e desconfiança urdida pelo escritor brasileiro dialoga com um dos clássicos shakespearianos, *‘Otelo, o mouro de Veneza’*, uma elegia ao ciúme e aos demônios despertados por paroxismo de expressão deste sentimento.

A peça de Shakespeare referida por Machado é a história de Otelo, um mouro que tem certos privilégios na sociedade em que vive. Otelo é casado com Desdêmona e os dois vivem o que se convencionou classificar de um casamento feliz. O personagem que faz a trama resultar em tragédia é Iago, que por inveja da posição social de Otelo, manipula o mouro a acreditar na traição de sua esposa com o amigo Miguel Cássio. Otelo acredita em Iago e, num desfecho trágico e grandiloquente, mata a esposa. Descobre, então, que ela era inocente e, ato contínuo, se mata.

## CAPITU E DESDÊMOMA

Em *Dom Casmurro*, contrariamente à ausência de sinais adúlteros em Desdêmona, é visível a dissimulação como característica que o narrador procura sublinhar em Capitu, nem sempre de maneira negativa à primeira vista, embora, ao atribuir-lhe essa feição precoce, esteja preparando a futura acusação de adultério, que partirá dessa premissa do fingimento, entre outras.

É inevitável lembrar a célebre advertência do pai de Desdêmona a Otelo, quando descobre que a filha casou sem seu consentimento: “Abre teus olhos, Mouro, e sê bem cauteloso: Se ela enganou o pai, pode enganar o esposo” (Shakespeare, 1968, p. 63). Ou seja, se Capitu dissimulava em menina, imagine-se o que faria quando adulta e experiente.

Machado de Assis dialoga com a trama shakespeariana em três dos curtos capítulos de *Dom Casmurro*. Em “Uma ponta de Iago” (p. 102-04), quem funciona como o manipulador dos sentimentos do jovem obcecado pela ideia

de adultério da esposa é José Dias. Ele é o agregado da família e se alia à mãe que não quer vê-lo casado com Capitu por desejá-lo padre e por preconceito de classe. A moça, afinal, é filha de outro agregado do núcleo familiar rico da história. Dias e Iago agem, respectivamente, por questões de conveniência social (portanto, com viés moral) e emotivas, com o segundo desejando a desgraça do mouro por inveja de sua condição.

No capítulo “Uma reforma dramática” (p. 117-18), Bentinho pondera, refletindo sobre as razões das suas desconfianças, que nem o destino nem os dramaturgos anunciam a trama e o desfecho de uma história. Ele atribui-se, então, o papel dramaturgic na obra shakespeariana, propondo que a peça começasse pelo final.

“Otelo mataria a si e a Desdêmona no primeiro ato, os três seguintes seriam dados à ação lenta e decrescente de ciúme, e o último ficaria só com as cenas iniciais” (Machado, 2004, p. 118). Finalmente, no capítulo “Otelo” (p. 194-95), o protagonista vai ao teatro após o jantar e assiste à peça enquanto reflete que, diferentemente de Desdêmona, Capitu é culpada. “O último ato mostrou-me que não eu, mas Capitu devia morrer” (Machado, 2004, p. 194). Mas, na longa vigília pelas ruas da Glória, decide envenenar-se, plano que afinal não leva a cabo.

## HUME E A FONTE DOS JUÍZOS MORAIS

A teoria de Hume sobre as distinções morais na *Investigação* é uma explicação de como e por que qualificamos certos caracteres e ações como boas ou más. Sua teoria é famosa pela ênfase que dá ao papel do sentimento. Rejeitando a razão em seu papel tradicional de fonte de nossos juízos morais, Hume alega que estes se baseiam no sentimento. De fato, a definição que ele oferece da virtude é: “qualquer ação ou qualidade mental que suscita no espectador o sentimento agradável de aprovação” (Hume, 1999, p. 189).

*Dom Casmurro*, o livro, conforme indicam seus comentadores, como é o caso de Santiago (1978), poderia sem exagero ser referido como um tratado sobre a vitimização. Bentinho, apelido que lhe agrega uma (aura) de adulto permanentemente em construção, é a grande vítima do seu destino, do seu egoísmo e da sua fraqueza moral. Bento-Casmurro, personagem e narrador da própria saga, promove a transferência do julgamento de suas atitudes e omissões concretas, a um imaginado comportamento reprovável de Capitu e o melhor amigo do protagonista, Escobar. É em meio a tais meandros que se produz a grande cortina de fumaça urdida pelo protagonista para encobrir atos indignos, disfarçar pensamentos íntimos jamais revelados e obscurecer sentimentos frequentemente sórdidos que acompanham o percurso vivido pelo próprio Bento Santiago.

Para Hume, é a sensibilidade moral que providencia a discriminação das ações humanas com conteúdo valorativo através da comunicação dos sentimentos avaliados de um ponto de vista imparcial (espectador que busca o meio termo, o julgamento sem paixões). Essa “dinâmica dos sentimentos” resulta na chamada normatividade como reflexividade, ou seja, a sucessiva reflexividade, ou olhar sobre si, produz um resultado normativo.

Na visão do filósofo escocês, o problema da normatividade da moralidade pode ser respondido a partir das seguintes perspectivas: do conteúdo valorativo de sentimentos naturais, não impostos por razões externas; da comunicação de sentimentos entre os envolvidos; do ponto de vista imparcial de um espectador judicioso; da dinâmica de sentimentos com uma sucessiva reflexividade.

## **DISTINÇÃO MORAL E EMOÇÕES**

Mas, no caso de Bentinho-Casmurro, este espectador principia por ser ele próprio um emissor de juízo de valor sobre si e demais personagens. A questão que se coloca é, portanto, de exame da validação da teoria humeana no contexto das paixões decalcadas do cotidiano, da expressão de uma vivência pautada por sensações contraditórias, opressivas, raivosas, amargas e frequentemente reprimidas, ainda que não falte, na trajetória do Casmurro ruminador do próprio passado, alguns laivos de bem-aventurança, de celebração do instante vivido, seja no âmbito doméstico, no relacionamento com o melhor amigo, seja ainda nas primeiras tertúlias matrimoniais.

De acordo com Hume, somente certas ações ou qualidades são objetos de distinções morais. Assim, os nossos sentimentos morais convergiriam para ações ou qualidades de caráter úteis. Desse modo, quase todos os juízos morais envolveriam considerações acerca da utilidade pública das ações ou qualidades mentais.

A teoria de Hume sobre as distinções morais em *Investigação* é uma explicação de como e por que qualificamos certos caracteres e ações como boas ou más. Sua teoria é famosa pela ênfase que dá ao papel do sentimento, rejeitando a razão em sua forma tradicional de fonte de nossos juízos morais, pois Hume alega que estes se baseiam no sentimento. De fato, a definição que ele oferece da virtude é: “qualquer ação ou qualidade mental que suscita no espectador o sentimento agradável de aprovação”. (Hume, 1998, p. 10). Veja-se, por exemplo, esta passagem do *Tratado*:

A natureza, por uma necessidade absoluta e incontrolável, determinou-nos a julgar, assim como a respirar e a sentir. [...] Quem quer que tenha se dado ao trabalho de refutar as cavilações desse ceticismo total na verdade debateu sem antagonista, e fez uso de argumentos na tentativa de estabelecer uma faculdade que a natureza já havia antes implantado em nossa mente, tornando-a inevitável. [...] Minha intenção, portanto, ao expor tão cuidadosamente os argumentos dessa seita extravagante, é apenas sensibilizar o leitor para a verdade de minha hipótese: que nossos raciocínios acerca de causas e efeitos derivam unicamente do costume; e que a crença é mais propriamente um ato da parte sensitiva que da parte cogitativa de nossa natureza. (Hume, 2000, p. 216).

## NATUREZA HUMANA E COGNIÇÃO

Teórico contemporâneo de Hume no século XVIII, Adam Smith parte de uma constatação empírica, a de que o senso comum valoriza mais a contemplação do ajuste exato dos meios para obter as comodidades e os prazeres do que as próprias comodidades e prazeres (Smith, 1999, p. 220). O primeiro aspecto realçado por Adam Smith é que a felicidade e a segurança são condições da natureza humana; não precisam ser buscadas, somente perturbadas: “(...) o mendigo que se aquece ao sol junto da estrada possui a segurança por que se batem os reis” (Smith, 1999, p. 226).

O segundo aspecto é a felicidade imaginária, cuja medida decorre do ajuste exato dos meios para atingi-la. É árduo construir e está sempre prestes a desmoronar: “Afastam as chuvas de verão, não a tempestade de inverno, mas a todo o tempo o deixam cada vez mais exposto à ansiedade, ao medo, e à dor; às doenças, à ira e à morte” (Smith, 1999, p. 224).

Mas, conforme o pensador oitocentista, ainda que o utilitarismo conduza o ser humano para a ação prática, esse utilitarismo não consiste nas observações particulares dos objetos, mas em sua visão sistêmica. O sistema moral por ele elaborado é, portanto, mais abrangente, fundado antes na conveniência das ações e condutas, no exame dos motivos, e depois no entendimento do sistema organizado unicamente nos méritos das ações e condutas, na análise das consequências, como sugere o utilitarismo.

Evidentemente tais vínculos entre ações e consequências se apresentam de modo desmedido em *Dom Casmurro*. Giannetti (2008), em alentado artigo publicado na *Folha de S. Paulo* em especial comemorativo à obra do escritor fluminense, ressume assim o espírito do romance: “Do verme das pequenas vaidades que envenenam o cotidiano ao alvoroço íntimo do amor que desponta, poucas vezes o psiquismo humano foi flagrado com tamanha acuidade. Bem lido, *Dom Casmurro* vale por um tratado de psicologia moral” (Giannetti, 2008, s/p). E, ao explicitar as entranhas do fazer literário, o autor produz um

efeito, segundo Giannetti, de hiper-realismo. “Mas, se o romance rompe com o realismo literário, ele abraça com revigorado ímpeto o realismo psicológico. O apuro formal é o veículo de uma causa cognitiva precisa” (Giannetti, 2008, s/p).

O julgamento moral, porém, requer mais: exige a emoção compartilhada com o motivo da ação ou conduta. Ou, nos termos da teoria de Adam Smith, requer a simpatia do espectador com os motivos do agente. O critério utilitarista se amolda ao comportamento egoísta, à visão de sistema bem articulado, ao olhar abrangente, mas não tem poder de decisão entre indivíduos inter-relacionados, em situações particulares. Ou seja, não é promissor para entender as interações pessoais, especialmente quando envolve relações morais que delimitam o comportamento.

## A PERSISTÊNCIA SENTIMENTAL

Transpondo a teoria de Hume e de Smith para uma releitura contemporânea, o filósofo norte-americano Jesse Prinz (2006) situa de forma peculiar o movimento empreendido pelos chamados neosentimentalistas, para os quais o errado não é apenas aquilo que desperta um sentimento de desaprovação, mas aquilo que faz persistir nesse sentimento.

(...) Há ainda uma solução mais direta disponível, uma vez que façamos uma distinção entre emoções (que são estados ocorrentes) e sentimentos, que são disposições para ter emoções. Valores morais básicos podem consistir em ter sentimentos associativamente ligados pela memória de longo prazo a ações específicas, construídas abstratamente. (...) O julgamento de que determinada ação é errada conta como errônea se esta ação não for uma instância em relação à qual temos uma política sentimental. (Prinz, 2006, p. 35).

O raciocínio é parte fundamental do julgamento moral justamente porque, não raro, o raciocínio é necessário para determinar se uma forma específica de conduta é parte de uma instância mais geral em relação à qual já temos algum sentimento moral. Conforme Prinz (2006), emoções ocorrem de forma concomitante aos julgamentos morais, desencadeando-os, ao mesmo tempo em que os influenciam, porque tais julgamentos são constituídos basicamente por disposições emocionais veladas ou manifestas.

Em capítulo do livro *Emotion, Evolution and Rationality* (2004), Prinz é mais incisivo ao contrapor aos defensores da cognição a *embodied appraisal theory*, segundo a qual emoções são percepções em duplo sentido. Primeiramente são percepções de mudanças no corpo, mas, através do corpo, elas literalmente nos permitem identificar perigo, perda e outros motivos de preocupação. A proposta reconcilia o debate entre os que defendem que emoções são cognitivas e os que



se opõem a essa via de entendimento. Há mesmo uma percepção claramente subjetiva a sustentar essa vertente, a *gut reaction*, expressão que sugere uma manifestação anatômica em resposta a algo que nos mobiliza, como o popular “frio na barriga”.

Conforme Prinz, renomado pesquisador em neurociência, ciências cognitivas e filosofia da mente, emoções são simples percepções de mudanças corporais, mas carregam informações ao serem atravessadas por temas que nos mobilizam e preocupam. Elas são calibradas através da evocação de arquivos que podem ser culturalmente informados, pressupondo-se então que a cultura também pode alterar nossos padrões de resposta corporal. Assim, emoções podem ser tanto incorporadas (no sentido de corpo, não de aceitação) como socialmente construídas.

Prinz parte de uma teoria empirista das emoções – inspirada no *Tratado de Hume* – para reconstruir o que seria uma teoria sentimentalista da moral: “Psicologia moral implica em fatos que se relacionam à ontologia moral, e uma psicologia sentimental pode acarretar uma ontologia subjetivista” (2006, p. 28). Algumas emoções são alcançadas pela adição de julgamentos conceitualmente sofisticados a nossos arquivos de evocação, mas isso não altera sua estrutura, segundo Prinz (2004). Arquivos de evocação são as causas conteúdo-determinantes de nossas emoções, não partes constituintes, e todas as emoções têm arquivos de evocação que podem conter julgamentos assim como representações perceptuais.

## AUTO-JULGAMENTO CASMURRO

Em Dom Casmurro, um detalhe significativo que escapa à tentativa de reconstrução do personagem Bento Santiago por meio da escrita descritiva e refletiva dele próprio na velhice, é o juízo moral sobre suas ações e, principalmente, sobre suas omissões. Bento Santiago revê sua desventurada história/tragédia pessoal como uma sucessão de eventos que parecem independentes de si mesmo.

Para a crítica Helen Caldwell, a referência à peça *Otelo* demonstra a possibilidade da inocência de Capitu. Como afirma, o próprio Bentinho, no capítulo do romance intitulado “Otelo”, sua história é a história de Otelo, com a diferença de sua Desdêmona ser culpada. No entanto, a leitura de Caldwell é demonstrar que Bentinho se transforma num duplo de Otelo e Iago.

Caldwell cita o capítulo “Uma ponta de Iago”, no qual um José Dias-Iago, como já mencionado, faz com que Bentinho fique enciumado por achar que Capitu está perfeitamente tranquila mesmo em face de sua ausência, sem resquício de saudade, quando ele é mandado para o seminário pelo imperativo materno. Assim, Caldwell afirma que a partir “desse ponto em diante, o

Otelo-Santiago toma para si o papel de Iago, manipulando seus próprios lenços para atizar o furor de seu próprio ciúme” (Caldwell, 2002, p. 25).

As definições sobre as atitudes morais de Bentinho vêm espalhadas pelo texto como *fino tempero machadiano*. Como na leitura feita por Marconi Pequeno (2012), um estudioso de Hume, um sujeito (ou personagem, neste caso) que usa a razão para escolher os melhores meios para alcançar determinados fins, ainda que contrários a boas práticas de convivência social, não pode ser classificado de irracional, ainda que sua prática possa parecer uma afronta à moral. “Portanto, uma pessoa pode agir de maneira perfeitamente racional, porém profundamente imoral” (Pequeno, 2012, p. 95).

É a definição pronta e acabada de Bento Santiago. Enquanto a menina-Capitu é considerada ardilosa e dissimulada na condução de seus intentos, o personagem Bentinho-Casmurro camufla sua inércia e pouca vontade na resolução dos próprios problemas, ao colocá-los nas mãos divinas por promessas de rezas nunca cumpridas e nem mesmo questionadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe um questionamento frente a estes clássicos da literatura e da exposição visceral do ciúme: Um outro julgamento oporia *Dom Casmurro* e *Otelo* às suas vítimas? Na condição de algozes, que papel lhes caberia para além da passionalidade de suas reações fortemente emotivas? Os papéis desempenhados por ambos, personagens universais de densas tragédias, nos faz pressupor que o reconhecimento do estatuto racional do agir ético não invalida a pesquisa acerca dos componentes emotivos subjacentes às nossas tomadas de decisão no campo da moral.

Como demonstrado por pensadores contemporâneos como Prinz, a filosofia moral já incorporou a interação entre *pathos* e *logos* enquanto momentos diferentes, porém complementares de um mesmo processo. Até mesmo pelo fato de que o poder reflexivo do homem não está dissociado de sua capacidade de viver, sentir e compartilhar suas experiências afetivas com o outro.

Para Pequeno (1998), é inegável que o poder expressivo da nossa linguagem afetiva advém do fato de que os julgamentos morais comportam um elemento emotivo de intensidade considerável. “O estudo das emoções não é suficiente para nos fornecer uma ideia clara do que é a moral. Porém, parece inegável que a afetividade delimita certos traços de nossa personalidade e, por conseguinte, faz parte da constituição da nossa moralidade.” (Pequeno, 1998, p. 106).

Neste estudo, portanto, pretendemos demonstrar que os artifícios linguísticos machadianos se prestam como veículo de grande eficiência para trazer aos leitores um protagonista profundamente atravessado por questões morais e emotivas.

**REFERÊNCIAS**

- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Barcelona: Editorial Sol 90, 2004.
- CALDWELL, Helen. **O Otelô brasileiro de Machado de Assis: um estudo de Dom Casmurro**. Tradução: Fábio Fonseca de Melo. São Paulo: Ateliê, 2002.
- GIANNETTI, Eduardo. Um mergulho em Dom Casmurro. **Folha de São Paulo**. Caderno Mais! São Paulo, 27 de jan. 2008. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2701200811.htm>>. Acesso: 2/fev/2024.
- HUME, David. **Tratado da Natureza Humana**. Trad. Deborah Danowski. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- HUME, David. **Investigação sobre o Entendimento Humano**. Trad. José Oscar de A. Marques. São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- PEQUENO, Marconi. **O emotivismo e a filosofia analítica da linguagem moral**: limites e repercussões da meta-ética. *Problemata*, João Pessoa, v. 1, n. 2, 1998.
- PEQUENO, Marconi. **10 lições sobre Hume**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.
- PRINZ, Jesse. **The emotional basis of moral judgments**. *Philosophical Explorations*, vol. 9, No. 1, March 2006.
- PRINZ, Jesse. Which Emotions Are Basic? In: ESTEVES, Dylan; CRUCE, Pierre (Eds.), **Emotion, Evolution, and Rationality**. Oxford University Press, 2004.
- SMITH, Adam. **Teoria dos Sentimentos Morais**. Tradução Lya Luft. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- SHAKESPEARE, **William**. **Otelô**. Tradução de Onestaldo de Pennafort. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 3ª ed., 1968.

**EIXO**  
**INTERNACIONALIZAÇÃO DE**  
**MACHADO DE ASSIS**

---

---

**“BEYOND ALL POLARITIES, I AM”:  
EXPLORING THE INTERCONNECTEDNESS OF  
HUMAN CONSCIOUSNESS AND SPIRITUAL  
REALIZATION OR A COMPARATIVE ANALYSIS OF  
VONNEGUT, ASSIS, AND HESSE THROUGH THE  
LENS OF ALDOUS HUXLEY**

*Victor Hugo de Oliveira Casemiro Pereira de Amorim<sup>1</sup>*

## **INTRODUCTION**

In the expansive domain of literary creation, writers frequently function as mediums for poring over numerous existential inquiries concerning the essence of human awareness and its connection to the cosmos. Hence, the current paper undertakes a voyage through the philosophical and mystical doctrines of Aldous Huxley (1946), scrutinizing how his concepts echo within the stories of diverse literary compositions. Particularly, it aims to investigate the works of Kurt Vonnegut, Joaquim Maria Machado de Assis, and Hermann Hesse, elucidating their motifs of human consciousness and self-actualization through the perspective of Huxley’s philosophical doctrines.

To illustrate, a particular excerpt from Vonnegut’s *Timequake* (1998) shall act as an inaugural point of embarkation, wherein the protagonist Kilgore Trout muses upon the burgeoning universe and the sublime nature of human awareness. This meditation, contrasted with Huxley’s treatise on the everlasting Self and its amalgamation with the divine, propels an inquiry into how human perception introduces a novel dimension to the cosmos, akin to the perpetual essence within each person.

Progressing onwards, this paper shall additionally investigate Machado de Assis’s *The Mirror* (2018), with a particular emphasis on Jacobina’s concept of dual souls and its resonances with Huxley’s tenet of the perpetual Self. By

---

<sup>1</sup> PhD (2023) in Literary Studies by University of Brasília. Member of the Literature and Spirituality Research Group. English teacher at SEEDF. E-mail: victor.hocp.amorim@gmail.com.

correlating Jacobina's notion of inner and outer souls with Huxley's principles of introspection and the perception of the divine in external entities, the discourse aims to elucidate profound insights into the wholeness of human existence and the pursuit of self-actualization.

Future investigation will also explore Hermann Hesse's *Steppenwolf* (1969), wherein the main character contends with the plurality of the self and initiates an introspective voyage toward self-awareness. By drawing analogies between Huxley's notion of *autology* and Hesse's depiction of the *Steppenwolf*'s internal conflicts, the treatise intends to illuminate how both writers champion a comprehensive approach to self-actualization, integrating internal reflection and outward interaction with society.

By scrutinizing these literary compositions through the philosophical framework of Aldous Huxley, this paper endeavours to illuminate the complex interplay between human awareness, self-fulfilment, and the divine. Ultimately, it aims to beckon readers to undertake a meditative voyage through literature, pondering the profound ramifications of human existence and the pursuit of spiritual enlightenment.

### **“IF MOST OF US REMAIN IGNORANT OF OURSELVES, IT IS BECAUSE SELF-KNOWLEDGE IS PAINFUL AND WE PREFER THE PLEASURES OF ILLUSION”: ALDOUS HUXLEY’S *THE PERENNIAL PHILOSOPHY***

Aldous Huxley, renowned for his earlier works such as *Brave New World*, increasingly gravitated towards spirituality and mysticism in his later years. *The Perennial Philosophy* (1946) embodies his profound immersion in these subjects and his conviction in the transformative power of spiritual enlightenment. Composed during an era of global upheaval (World War II), its message of unity and shared spiritual heritage can be perceived as a counter to the era's fragmentation and brutality. Such a book is an exhaustive examination of the similarities inherent in the mystical and spiritual traditions of various religions and cultures. Released in 1945, the work endeavours to unveil the universal truths that Huxley believed are the foundation of all religious experiences and doctrines.

The philosopher contends that at the heart of all significant religions lies a collection of universal verities. These truths, frequently concealed by the particular doctrines and practices of individual faiths, are fundamentally alike and seem to direct towards a collective spiritual reality. Moreover, the book significantly emphasizes mysticism and the mystical experiences of individuals from diverse religious traditions. Consequently, the author suggests that these experiences offer direct insights into the divine and surpass ordinary religious practices.

Additionally, a pivotal notion in the book is the Divine Ground, which alludes to the ultimate reality or God. Huxley asserts that this Divine Ground is the source of all existence and is accessible through contemplative practices and spiritual discipline. Similarly, the author addresses the importance of self-awareness and self-transcendence in attaining spiritual enlightenment. By transcending the ego and recognizing one's connection to the Divine Ground, individuals can experience, in Huxley's terms, a profound spiritual awakening. Notably, the book also inspects the ethical ramifications of the perennial philosophy, advocating for a life marked by compassion, humility, and love. Huxley maintains that acknowledging the unity of all beings leads to moral conduct that benefits the entirety of humanity.

*The Perennial Philosophy* (1946) is organized thematically, with each chapter exploring a distinct facet of spirituality and religion. Huxley employs quotations and references from an extensive array of sources, encompassing Christian, Hindu, Buddhist, Islamic, and Taoist texts, to substantiate his arguments and showcase the universal nature of the spiritual principles he explores.

Furthermore, the tome has exerted a profound influence in the domain of comparative religion and has garnered acclaim for its scholarly rigor and expansive scope. It is perceived as an exhortation for a more inclusive and cohesive approach to spirituality, surpassing the confines of individual religious traditions. Nonetheless, it is feasible to observe that Huxley's amalgamation may simplify or neglect the uniqueness of specific religious practices and doctrines.

As demonstrated above, *The Perennial Philosophy* by Aldous Huxley stands as a monumental work that endeavours to discern and elucidate the shared spiritual verities present in the world's predominant religious traditions. Its focus on mystical experience, ethical conduct, and the unity of all spiritual paths continues to resonate with those intrigued by spirituality and comparative religion.

To construct a theoretical framework supporting the interpretations of the three literary works examined in this study, we have opted to extract certain quotations from Huxley's book that encapsulate his derivative notions and syntheses concerning the soul, the self, and the human essence.

The initial quotation delineates a distinction between two fields of study: autology and psychology. Autology pertains to the profound, eternal Self within individuals, which is linked to or mirrors the divine essence, whereas psychology concentrates on the personal ego or individual identity. The doctrine elucidated is founded on the direct experiences of those who have satisfied the prerequisites for such deep comprehension. It is epitomized in the Sanskrit aphorism *tat tvam asi*, meaning *That art thou*, indicating that the *Atman* (the innermost self) is identical with *Brahman* (the ultimate reality). Thus, the ultimate aim for each

person is to recognize this verity and comprehend their true essence, aligning themselves with the Divine Ground:

For the doctrine that is to be illustrated in this section belongs to autology rather than psychology to the science, not of the personal ego, but of that eternal Self in the depth of particular, individualized selves, and identical with, or at least akin to, the divine Ground. Based upon the direct experience of those who have fulfilled the necessary conditions of such knowledge, this teaching is expressed most succinctly in the Sanskrit formula, *tat tvam asi* ('That art thou'); the Atman, or immanent eternal Self, is one with Brahman, the Absolute Principle of all existence; and the last end of every human being is to discover the fact for himself, to find out Who he really is (Huxley, 1946, p. 8).

The next passage outlines three approaches for understanding the profound unity between oneself and the ultimate reality, often referred to as *That* or *God*. The first approach involves introspection, where one turns inward to explore their own self by transcending personal desires, thoughts, and emotions, ultimately realizing the divine presence within. The second approach focuses on recognizing the divine in others and the interconnectedness of all beings through God, thereby understanding the unity of all existence. The third and recommended approach combines both inward and outward exploration, seeking to experience God as the foundational principle of one's own being and the being of everything else, both living and non-living. This holistic method aims to integrate personal inner realization with the recognition of the divine in the external world, leading to a comprehensive understanding of the ultimate reality:

The man who wishes to know the 'That' which is 'thou' may set to work in any one of three ways. He may begin by looking inwards into his own particular thou and, by a process of 'dying to self' -- self in reasoning, self in willing, self in feeling -- come at last to a knowledge of the Self, the Kingdom of God that is within. Or else he may begin with the thous existing outside himself, and may try to realize their essential unity with God and, through God, with one another and with his own being. Or, finally (and this is doubtless the best way), he may seek to approach the ultimate That both from within and from without, so that he comes to realize God experimentally as at once the principle of his own thou and of all other thous, animate and inanimate (*Ibid.*, pp. 10-11).

Lastly, the final quote encapsulates the cultural and spiritual perspectives on the constitution of human beings among the Maoris and Oglala Indians, illustrating a complex understanding of the self. Within Maori beliefs, the human essence is delineated into four distinct components: the *toiora*, symbolizing a divine and everlasting essence; an *ego*, which dissipates upon death; a *ghost-shadow* or *psyche*, which endures beyond death; and the *corporeal body*. Similarly, among the Oglala Indians, the divine aspect, termed the *sican*, is perceived as



synonymous with the *ton*, representing the divine essence inherent in the cosmos. Additional components of the self include the *nagi*, denoting personality, and *niya*, signifying the vital soul. Following death, the *sican* reunites with the divine origin of existence, while the *nagi* persists within the ethereal realm of psychic phenomena, and the *niya* dissipates into the material fabric of the universe. This delineation underscores the intricate spiritual cosmologies and ontological frameworks present within these indigenous cultures, offering insights into their perceptions of life, death, and the human condition:

Among the Maoris, for example, every human being is regarded as a compound of four elements a divine eternal principle, known as the *toiora*; an ego, which disappears at death; a ghost-shadow, or psyche, which survives death; and finally a body. Among the Oglala Indians the divine element is called the *sican*, and this is regarded as identical with the *ton*, or divine essence of the world. Other elements of the self are the *nagi*, or personality, and *niya*, or vital soul. After death the *sican* is reunited with the divine Ground of all things, the *nagi* survives in the ghost world of psychic phenomena and the *niya* disappears into the material universe (Huxley, 1946, p. 23).

Upon a thorough examination of the theoretical paradigm derived from the ruminations of Aldous Huxley, we are now poised to embark upon an exploration of the selected literary oeuvre designated for the elucidation of this study.

*Figure 1 – Alex Grey’s Seraphic Transport Docking on the Third Eye*



Source: Alex Grey’s website<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Available at: <https://www.alexgrey.com/art/fire-eyes/seraphic-transport-docking-on-the-third-eye>. Accessed on 26 May 2024.

## **“THE UNIVERSE HAS EXPANDED SO ENORMOUSLY”: KURT VONNEGUT’S *TIMEQUAKE***

*Timequake* (1998) is a provocative novel penned by the renowned American author Kurt Vonnegut. Published originally in 1997, it explores the peculiar notion of a time quake, an event that forces all of humankind – thus the entire universe – to relive, without free will, the past decade, through the simple replaying of the actions they took during that time. Set primarily in the city of Vonnegut’s youth, fictionalized as Midland City, the novel explores themes of determinism, free will, and the human condition. Through his trademark blend of wit, satire, and philosophical inquiry, Vonnegut takes readers on a journey that challenges conventional notions of time, destiny, and personal agency. Therefore, *Timequake* is not just a science fiction romp; it is a reflection on the nature of existence and the choices people make within it.

In the novel, the themes of awareness and the soul are explored by the author through the lens of his characters’ experiences during the time quake event. When the universe undergoes it, everyone is forced to reexperience the last ten years, but this time they are aware of the fact that they are simply replaying their actions without any ability to change them. Such lack of freedom challenges the characters’ sense of autonomy, which prompts them to reflect on the nature of their reality and the decisions they have made.

Through his characters’ reactions to such event, the writer raises questions about the concept of soul and individual consciousness. Despite being unable to alter their actions, they retain their awareness and memories from the previous iteration of the past decennium. This suggests that there is something beyond mere physical actions that defines one’s identity and self-awareness: the soul. At the end of the novel, Kilgore Trout presents his thoughts on the Universe, the speed of light, human awareness and the soul in a dialogue:

At ten o’clock, the old, long-out-of-print science fiction writer announced it was his bedtime. There was one last thing he wanted to say to us, to his family. Like a magician seeking a volunteer from the audience, he asked someone to stand beside him and do what he said. I held up my hand. “Me, please, me,” I said.

The crowd fell quiet as I took my place to his right.

“The Universe has expanded so enormously,” he said, “with the exception of the minor glitch it put us through, that light is no longer fast enough to make any trips worth taking in even the most unreasonable lengths of time. Once the fastest thing possible, they say, light now belongs in the graveyard of history, like the Pony Express.

“I now ask this human being brave enough to stand next to me to pick two twinkling points of obsolete light in the sky above us. It doesn’t matter what they are, except that they must twinkle. If they don’t twinkle, they

are either planets or satellites. Tonight we are not interested in planets or satellites.”

I picked two points of light maybe ten feet apart. One was Polaris. I have no idea what the other one was. For all I knew, it was Puke, Trout’s star the size of a BB.

“Do they twinkle?” he said.

“Yes they do,” I said.

“Promise?” he said.

“Cross my heart,” I said.

“Excellent! Ting-a-ling!” he said. “Now then: Whatever heavenly bodies those two glints represent, it is certain that the Universe has become so rarefied that for light to go from one to the other would take thousands or millions of years. Ting-a-ling? But I now ask you to look precisely at one, and then precisely at the other.”

“OK,” I said, “I did it.”

“It took a second, do you think?” he said.

“No more,” I said.

“Even if you’d taken an hour,” he said, “something would have passed between where those two heavenly bodies used to be, at, conservatively speaking, a million times the speed of light.”

“What was it?” I said.

“Your awareness,” he said. “That is a new quality in the Universe, which exists only because there are human beings. Physicists must from now on, when pondering the secrets of the Cosmos, factor in not only energy and matter and time, but something very new and beautiful, which is human awareness.”

Trout paused, ensuring with the ball of his left thumb that his upper dental plate would not slip when he said his last words to us that enchanted evening.

All was well with his teeth. This was his finale: “I have thought of a better word than awareness,” he said. “Let us call it soul.” He paused (Vonnegut, 1998, pp. 180-181).

In the quote, Trout, the old science fiction writer uses a thought experiment to highlight the remarkable nature of human awareness. By asking the volunteer to look at two twinkling stars and measure the time it takes to shift focus from one to the other, he underscores a significant point: despite the immense distances and the limitations of physical travel, our awareness can transcend these constraints instantaneously. The writer also suggests that awareness is a unique and extraordinary quality in the universe, which seems to have been introduced solely by human beings. As such, it is not bound by the speed of light or the vast distances of space. Instead, it moves almost instantaneously, suggesting an inherent superiority or a different dimension of existence compared to physical entities. In addition to that, by stating that physicists must now include human awareness in their considerations of the cosmos, the narrator elevates awareness to a fundamental component of reality. Therefore, such view questions the traditional confines of physics, which typically only deals with matter, energy, and time.

The climax of the writer's speech reveals an even deeper insight whereby a better term for awareness is proposed: soul. By choosing such word, Trout does not seem to be merely renaming awareness, but imbuing it with deeper, almost spiritual significance. Furthermore, the soul is traditionally seen as the essence of a person, encompassing not just consciousness, but also emotions, morality, and identity. This implies that human awareness is not only a passive observation but is deeply entangled with the essence of being. The transition from awareness to soul suggests that humans bring something profoundly unique and beautiful to the universe. Therefore, it is an acknowledgment of the depth and complexity of human experience and its capacity to transcend physical limitations. This soul, as described, represents an intrinsic part of the cosmos' fabric that is as significant as any physical entity or force.

At its core, Trout's speech appears to be a meditation on the extraordinary capabilities of human consciousness and its place in the cosmos. By framing awareness as a new and essential quality in the universe, and equating it with the soul, he emphasizes the intrinsic value and profundity of human existence. This awareness, or soul, transcends the physical limitations of the universe, suggesting a unique and beautiful dimension added to the cosmic tapestry by human beings. Hence, this thought-provoking perspective invites readers to reconsider the nature of consciousness and its deep impact on our understanding of reality.

In the passage from *Timequake* (1998), Kilgore Trout reflects on the nature of the universe and human awareness. He highlights that the expansion of the universe has rendered light, once the fastest entity, obsolete in terms of cosmic travel. Instead, he suggests that human awareness, which can instantly perceive and connect distant points in the cosmos, introduces a new and significant quality to the universe. This awareness, which transcends physical limitations, is later equated with the soul. Aldous Huxley, in *The Perennial Philosophy*, discusses the concept of an eternal self (Atman) that is one with the Absolute Principle (Brahman). Huxley describes the journey of self-discovery and the realization that our true nature is interconnected with the divine essence of all existence. This journey involves transcending the ego and recognizing the unity of all beings with the divine Ground.

Trout's assertion that human awareness introduces a new quality to the universe seems to resonate with Huxley's idea of the eternal Self. When the old writer equates awareness with the soul, he aligns with the English writer's view that there is an eternal principle within each individual, which is connected to the divine Ground. Furthermore, Trout's concept that awareness can traverse cosmic distances instantaneously appears to mirror Huxley's notion of transcending the ego and realizing one's unity with the divine. Just as the old

Science Fiction writer demonstrates that awareness is not bound by the speed of light, Huxley suggests that the true Self transcends physical and temporal limitations. Moreover, Huxley's idea that the ultimate goal is to realize the unity of the individual self with the divine and all other selves can be seen in Vonnegut's portrayal of human awareness as something that connects distant points in the universe. This connection can symbolize the interconnectedness of all existence, a central theme in Huxley's philosophy. Additionally, the topic of spiritual realization is present both in Trout's speech and in Huxley's writings. For the former, this is the recognition of the power of human awareness and its intrinsic value in the cosmos. For the later, it is the discovery of the eternal Self and its unity with the divine. Thus, in both cases, there is a deeper understanding of the self that transcends ordinary perception.

To sum up, by interpreting Vonnegut through Huxley, we can see that both authors explore the profound implications of human consciousness and its relationship to the universe. Trout's narrative about the speed of awareness and its comparison to the soul echoes Huxley's teachings on the eternal Self and its unity with the divine Ground. Both perspectives invite us to look beyond the physical realm and recognize a deeper, spiritual dimension of human existence.

**“WHOEVER LOSES ONE HALF, AUTOMATICALLY LOSES HALF OF HIS EXISTENCE, AND THERE HAVE BEEN INSTANCES, QUITE COMMON ONES, IN WHICH THE LOSS OF THE EXTERNAL SOUL IMPLIES THE LOSS OF ONE’S ENTIRE EXISTENCE”:** JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS’ *THE MIRROR*

*The Mirror* (2018) is a notable short story by the Brazilian author Machado de Assis, first published in 1882. This story is considered one of Machado de Assis's masterpieces and reflects his profound exploration of human psychology and social commentary.

The narrative revolves around Jacobina, a man who recounts an extraordinary experience to a group of friends. He begins by discussing the concept of dual personalities within individuals: the inner self and the external self that interacts with society. Jacobina insists that a person can have more than one soul, particularly a social soul and a personal soul.

To illustrate his point, Jacobina tells his friends about an incident from his youth. When he was a young man, he was given a position of honour as an *alferes* (a military rank akin to an ensign) in the Brazilian National Guard. He stayed at a remote aunt's house, and in his isolation, he found that the uniform and the recognition it brought him altered his sense of self. He becomes obsessed with his appearance and status, constantly checking himself in a large mirror.

One day, he realizes that when he wears the uniform and looks in the mirror, he feels complete and recognized. However, when he is out of the uniform, he feels a disturbing emptiness. The mirror becomes a symbol of his social soul, and without the uniform, he feels like his reflection is a stranger. Over time, he becomes unable to see his reflection at all without his military uniform, suggesting a deep connection between his identity and his social status:

Every human creature contains two souls: one that looks from the inside out, and the other that looks from the outside in. Go on, gawk, stare, shrug your shoulders, whatever you like, but don't say anything. If you try to argue, I'll finish my cigar and go home to bed. Now, the external soul can be a spirit, a fluid, a man (or many men), an object, even an action. There are cases, for example, of a simple shirt button being a person's external soul, or it could be the polka, a card game, a book, a machine, a pair of boots, a song, a drum, etc. Clearly, the function of this second soul, like the first, is to transmit life; together they complete the man, who is, metaphysically speaking, an orange. Whoever loses one half, automatically loses half of his existence, and there have been instances, quite common ones, in which the loss of the external soul implies the loss of one's entire existence. Shylock, for example. The external soul of that particular Jew was his ducats; to lose them was the same as dying. "I shall never see my gold again," he says to Tubal; "thou stick'st a dagger in me." Consider carefully his choice of words: for him, the loss of the ducats, his external soul, meant death. One must, of course, remember that the external soul does not always stay the same—" (MACHADO DE ASSIS, 2018, p. 503).

Jacobina then presents an intriguing dualistic conception of the human soul, suggesting that every person possesses two distinct souls: an internal soul and an external soul. This idea underscores a complex interplay between internal and external perceptions of identity and existence. The internal soul is introspective, providing a subjective experience of selfhood, while the external soul encompasses the external elements through which a person interacts with and is perceived by the world. These can range from tangible objects to actions, indicating that external influences are as integral to one's identity as internal thoughts and feelings.

Moreover, the external soul, as described by Jacobina, can manifest in myriad forms, such as objects, actions, or even other people, highlighting the multifaceted nature of human existence. This external soul is not merely an accessory but is essential in transmitting life and vitality to the individual. In addition to that, he uses the metaphor of an orange to illustrate this point, suggesting that just as an orange is incomplete without one of its halves, a person is incomplete without either soul. This duality suggests that the loss of one's external soul—whether it be through the loss of a cherished object, a significant activity, or social connections—can lead to a profound existential crisis, or even a

metaphysical death, as exemplified by the character Shylock from Shakespeare's *The Merchant of Venice* (2006). Shylock's identity and sense of existence are so entangled with his wealth that losing his ducats equates to a form of death, illustrating the vital role of the external soul in a person's life.

Furthermore, Jacobina's observation that the external soul does not remain constant adds another layer of complexity to his theory. This mutability implies that as individuals evolve, their sources of external validation and connection also change, reflecting different stages of life and personal growth. The fluid nature of the external soul suggests that identity is not static but a dynamic construct shaped by an ongoing interaction between internal perceptions and external realities. This perspective encourages a holistic view of human existence, recognizing the importance of nurturing both internal self-awareness and external connections to achieve a balanced and complete life.

To sum up, Jacobina's exploration of the dual souls emphasizes the interdependence of internal and external aspects of identity. It challenges readers to consider how external elements—often overlooked in traditional notions of the soul—are indispensable in shaping one's existence and sense of self. This dualistic view not only deepens the understanding of human nature but also highlights the delicate balance required to maintain a cohesive and meaningful existence.

In order to interpret *The Mirror* (Assis, 2018) through the philosophical and mystical framework of Aldous Huxley, we must align Jacobina's concept of dual souls with Huxley's doctrine of the eternal Self and its realization. Jacobina describes each human as containing two souls: 1) an internal soul, which looks from the inside out, likely representing the individual's personal consciousness and internal experiences; 2) an external soul, which looks from the outside in, which can be an external object, spirit, action, or even another person that completes the individual's existence. Thus, Jacobina suggests that these two souls together form a complete human, and losing the external soul can result in losing one's existence.

On the other hand, Aldous Huxley speaks of the eternal Self, which aligns with the divine principle (Brahman) and is the ultimate truth and essence within every individual (Atman). The realization of this Self can be approached by: 1) looking inward, through self-denial and introspection to discover the divine within. 2) looking outward, by realizing the divine in others and the external world. 3) combining both, because the best understanding seems to come from integrating both approaches, recognizing the divine unity in all aspects of existence.

Consequently, Jacobina's internal soul can be seen as the personal ego or the individual's inner consciousness, which aligns with Huxley's concept of looking inward to discover the Atman or the eternal Self. In addition to that,

the external soul in Jacobina's framework represents something outside the self that completes a person, akin to Huxley's idea of realizing the divine in external beings and objects (Brahman in everything).

Besides that, when Jacobina talks about the loss of the external soul leading to the loss of existence, it can be paralleled with Huxley's notion that without recognizing the divine essence in both the internal and external, a person remains incomplete or unfulfilled. For Jacobina, the combination of internal and external souls makes a person metaphysically complete, just as Huxley sees the realization of the Self (Atman) within and its unity with the divine Ground (Brahman) as the ultimate goal.

Subsequently, Shylock's loss of his ducats representing his external soul can also be understood through Huxley's lens as a failure to see the divine essence in other forms of existence, leading to a metaphysical and existential crisis. Jacobina's idea that the external soul does not always stay the same also resonates with Huxley's view that realizing the divine can come through various means and forms, reflecting the dynamic and multifaceted nature of spiritual understanding.

Therefore, by interpreting Assis through Huxley, we can view the two souls as aspects of the same journey towards realizing a unified existence. The internal soul aligns with self-awareness and introspection (Atman), while the external soul represents the recognition of the divine in the external world (Brahman). Together, they encapsulate the holistic approach Huxley advocates for achieving true self-realization and understanding the interconnectedness of all existence.

### **“AND EVEN THE UNHAPPIEST LIFE HAS ITS SUNNY MOMENTS AND ITS LITTLE FLOWERS OF HAPPINESS BETWEEN SAND AND STONE”: HERMANN HESSE'S *STEPPENWOLF***

*Steppenwolf* (Hesse, 1969), written by the renowned German-Swiss author Hermann Hesse, is a literary marvel that delves deep into the complexities of the human psyche. Published primarily in 1927, this existential masterpiece introduces readers to Harry Haller, the protagonist whose inner turmoil epitomizes the existential angst of the post-World War I era.

At its core, the novel is a philosophical exploration of the human soul. Through Haller's journey of self-discovery, Hesse paints a vivid portrait of a man grappling with his dual nature – the civilized, conformist self and the wild, untamed wolf within. Haller's internal conflict serves as a metaphor for the eternal struggle between societal expectations and individual authenticity, a theme that resonates deeply with readers across generations.

Hesse's narrative not only scrutinizes the complexities of the human condition but also offers profound insights into the nature of the soul itself.



Through Haller's introspective musings and encounters with enigmatic characters like Hermine and the mysterious Pablo, Hesse challenges conventional notions of identity, morality, and spiritual enlightenment. The novel invites readers to question the nature of reality and the significance of embracing one's true essence in a world plagued by disillusionment and alienation.

Caught between optimism and anxiety, Haller perceives himself as above the superficial middle class yet beneath society as an outsider. This changes when he discovers an enigmatic booklet titled *Treatise of the Steppenwolf*. The pamphlet speaks directly to him, recounting the peculiar tale of a man with dual identities: one lofty, spiritual, and refined, the other base and animalistic, akin to a steppe wolf:

The Steppenwolf, too, believes that he bears two souls (wolf and man) in his breast and even so finds his breast disagreeably cramped because of them. The breast and the body are indeed one, but the souls that dwell in it are not two, nor five, but countless in number. Man is an onion made up of a hundred integuments, a texture made up of many threads (*Ibid.*, p. 69).

In this quote from Hermann Hesse's novel *Steppenwolf* explores the complex and multifaceted nature of human identity. The Steppenwolf, being the protagonist of the novel through Harry Haller, feels he possesses two souls: one that is wolf-like and one that is human. This represents his internal conflict between his primal, instinctual side and his civilized, rational side. He feels that having these two opposing forces within him creates a sense of discomfort and constraint, as they are constantly at odds with each other. Furthermore, it is possible then expands on this idea by suggesting that human identity is not merely dualistic. Instead of just having two souls, he proposes that humans contain countless souls or facets within themselves. This suggests that people are far more complex and multifaceted than they might initially appear. Additionally, the Steppenwolf uses the metaphor of an onion to illustrate this complexity. Just as an onion is made up of many layers, a person is composed of numerous aspects and identities. This implies that understanding oneself or another person involves peeling back these layers to reveal the many different aspects that make up one's identity. Similarly, the texture made up of many threads symbolizes the interconnected and intricate nature of human identity. Each thread represents a different part of a person's identity, and together they form a cohesive whole:

In the Steppenwolf treatise that I told you about, there is something to the effect that it is only a fancy of his to believe that he has one soul, or two, that he is made up of one or two personalities. Every human being, it says, consists of ten, or a hundred, or a thousand souls (Hesse, 1969, p. 144).

To sum up, the quote from the *Treatise of the Steppenwolf* discloses that human beings are not simply divided between two opposing identities but are

made up of a myriad of selves, each contributing to the complexity of their complete identity. This challenges the notion of a singular, unified self and instead portrays human identity as a rich, multi-layered rug.

Hesse's exploration of the multiplicity of the self, as depicted in *Steppenwolf*, resonates with Huxley's ideas on the nature of the self and its relationship to the divine. Both authors delve into the concept of the self as not singular but rather multifaceted, containing numerous layers or souls. Hesse's portrayal of the Steppenwolf's belief in bearing two souls, wolf and man, reflects the notion presented by Huxley that every human being consists of multiple souls or elements. This idea extends beyond mere duality to suggest a multitude of inner aspects within each individual.

Huxley's concept of autology, the science of the eternal Self within individualized selves, aligns with Hesse's exploration of the Steppenwolf's inner journey towards self-discovery. Both authors suggest that the ultimate aim for humanity is to realize the unity of the individual self with the divine or eternal Self. In addition to that, Huxley's notion of seeking the ultimate truth from within oneself and from the external world parallels Hesse's portrayal of the Steppenwolf's inner and outer exploration. Both suggest that self-realization involves a comprehensive understanding that encompasses both internal introspection and external engagement with the world. Furthermore, Huxley's examples of distinct cultural beliefs, such as those of the Maoris and Oglala Indians, illustrate diverse interpretations of the self across different societies. Similarly, Hesse's exploration of the Steppenwolf's internal struggles reflects the universal human experience of grappling with the complexity of one's own identity.

In essence, interpreting Hesse's exploration of the self through Huxley's perspective allows for a deeper understanding of the multifaceted nature of the human psyche and its connection to the divine or eternal Self, as both authors offer insights into the complexity of human identity and the journey towards self-realization.

## **FINAL REMARKS**

In conclusion, the exploration of various literary works through the philosophical lens of Aldous Huxley provides profound insights into the nature of human consciousness and its relationship to the universe. Through the comparison of Kilgore Trout's musings in *Timequake* (Vonnegut, 1998), Jacobina's conceptualization of dual souls in *The Mirror* (Assis, 2018), and Harry Haller's portrayal of the multiplicity of the self in *Steppenwolf* (Hesse, 1969), with Huxley's (1946) teachings on the eternal Self and its realization, we uncover a common thread of spiritual inquiry and self-discovery.

Trout's assertion that human awareness introduces a new quality to the universe resonates with Huxley's idea of the eternal Self, suggesting that awareness transcends physical limitations and connects individuals to the divine Ground. Similarly, Jacobina's delineation of internal and external souls parallels Huxley's notion of looking inward and outward to realize the divine essence within and in the external world. Furthermore, Haller's exploration of the multifaceted self aligns with Huxley's concept of autology, emphasizing the journey towards unity with the eternal Self through internal introspection and external engagement.

By interpreting these literary works through Huxley's philosophical framework, we gain a deeper understanding of the complexity of human identity and the universal quest for self-realization. Ultimately, the synthesis of these perspectives invites us to transcend ordinary perception and recognize the interconnectedness of all existence, offering profound insights into the nature of human consciousness and its place in the cosmos.

*Figure 2 – Alex Grey's Wonder*



*Source: Alex Grey's Website*<sup>3</sup>

3 Available at: <https://www.alexgrey.com/art/fire-eyes/seraphic-transport-docking-on-the-third-eye>. Accessed on 26 May 2024.

## REFERENCES

HESSE, Hermann. **Steppenwolf**. Translated from German by Basil Creighton & Joseph Mileck. London: Bantam Books, 1969.

HUXLEY, Aldous. **The Perennial Philosophy**. Londo: Chatto & Windus, 1946.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. The Mirror. IN: **The Collected Stories of Machado de Assis**. Translated from Portuguese by Margaret Jull Costa & Robin Patterson. London: Liveright Publishing Corporation, 2018.

SHAKESPEARE, William. **The Merchant of Venice**. New Haven: Yale University Press, 2006.

VONNEGUT, Kurt. **Timequake**. London: Random House, 1998.

## MACHADO DE ASSIS INCOMPLET, OU LES FRANÇAIS NE LE CONNAISSENT QUE COMME UN GÉNIE « RÉALISTE » DU BRÉSIL

*Alexandre S. Guimarães<sup>1</sup>*

### RELIQUES DE LA VIEILLE MAISON : UNE BREVE INTRODUCTION

« La Fête de l'intellectualité brésilienne » a eu lieu le 3 avril 1909, dans l'amphithéâtre Richelieu en Sorbonne. L'évènement – qui présenterait la littérature de la jeune nation d'Amérique du Sud, en particulier l'œuvre de son génie des lettres récemment décédé, Machado de Assis, aux membres de la presque tricentenaire Académie française et à d'autres intellectuels français du début du XX<sup>e</sup> siècle – a été organisé par la Société des études portugaises de Paris et par la Mission brésilienne de propagande (Assis, 1917, p. 11).

L'écrivain engagé (et lauréat, en 1921, du prix Nobel de littérature) Anatole France, élu à l'Académie française le 23 janvier 1896, au fauteuil 38 – et où il refusait de siéger entre 1898 et 1916, dans une attitude de protestation contre la condamnation d'Émile Zola en raison de son engagement dans l'affaire Dreyfus – fait l'exception pour présider l'hommage *post mortem* à Machado de Assis.

C'est Anatole France qui conçoit le terme « Le Génie latin », qui « rayonne sur le monde [... et qui] crée tous les jours plus de liberté, plus de science et plus de beauté » (*idem*, p.14). Pour l'écrivain, c'est un esprit qui unit la pensée des nations latines de l'ancien et du nouveau monde :

Voilà l'éternel miracle du génie latin. Il s'éveille et soudain la pensée humaine s'éveille avec lui ; les âmes sont délivrées, la science et la beauté jaillissent. Je dis le génie latin, je dis les peuples latins, je ne dis pas les races latines, parce que l'idée, de race n'est le plus souvent qu'une vision de l'orgueil et de l'erreur, et parce que la civilisation hellénique et romaine, comme la Jérusalem nouvelle, a vu venir de toutes parts à elle des enfants, qu'elle n'avait point portés dans son sein. Et c'est sa gloire de gagner l'univers. (*Ibidem.*)

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: alexandre.s.guimaraes@outlook.com.

Cependant, jusqu'à ce moment-là, les Français ne connaissaient rien de l'œuvre de Machado de Assis.

Lors de « La Fête », l'écrivain et diplomate Manuel de Oliveira Lima (l'un des fondateurs de l'Académie brésilienne des lettres, au fauteuil 39) ferait la présentation de sa conférence « Machado de Assis et son œuvre littéraire », le premier contact des francophones avec l'auteur. Aussi incroyable que cela puisse paraître, le premier livre de Machado de Assis traduit en français ne serait publié que l'année suivante : *Quelques contes*, la traduction du recueil *Várias histórias*, de 1896.

Ce texte présente un sujet presque toujours oublié, le premier contact des Français avec l'œuvre de Machado de Assis a été complètement différent d'un Brésilien ou des lusophones dans son ensemble. Pendant plusieurs décennies non seulement en français (notre but) mais aussi dans d'autres langues, il n'y aurait qu'un romancier et nouvelliste brésilien, l'un des meilleurs représentants du mouvement réaliste en dehors de la France. Une grande partie de son œuvre serait oubliée : la poésie, les romans et les contes de sa première phase, « la romantique », auraient essentiellement été éclipsées.

Même récemment dans ce siècle, il y a eu peu de tentatives de traduction de son œuvre par complet, les francophones n'ont accès qu'à un seul conte et à un seul roman de la première phase de Machado de Assis.

Il faut comprendre que Machado de Assis est avant tout un réaliste, au-delà du réalisme, comme il sera expliqué plus loin; il est indispensable de connaître toute son œuvre, l'une des plus pures représentations littéraires du Brésil.

Comment, au cours de ce siècle, faire connaître l'œuvre de Machado de Assis au lecteur francophone? C'est ce que nous présenterons comme quelques actions de la plus haute importance, des propositions très faciles à réaliser.

## **PAGES COLLECTEES : LES FRERES GARNIER ET MACHADO DE ASSIS**

*Quelques contes*, publié en 1910 par Garnier Frères, Libraires-Éditeurs, qui détenaient déjà les droits en langue portugaise de l'ensemble de l'œuvre de Machado de Assis depuis 1899, a été la troisième œuvre de l'auteur traduite – auparavant, il n'y avait que deux traductions à l'espagnol pour les lecteurs d'Uruguay et d'Argentine, faites pendant que l'écrivain était vivant : *Memorias póstumas de Brás Cubas*, par Julio Piquet, en 1902 ; et *Esau y Jacob*, sans traducteur connu, publié dans la « Biblioteca de *La Nación* », en 1905 (Torres, 2020, p. 109; Granja, 2018, p. 29).

La traduction au français de *Várias histórias* a été effectuée par le professeur et écrivain belge, Adrien Delpech, qui s'est naturalisé brésilien peu de temps après son arrivée à Rio de Janeiro, et il serait également le traducteur de *Mémoires*

*posthumes de Braz Cubas* l'année suivante (Torres, 2020, p. 110 e p. 114).

L'importance des frères Garnier pour l'histoire du livre en France, en Espagne et au Brésil, ainsi que pour la diffusion de leurs littératures et pour l'histoire de la traduction en français, espagnol et portugais, est incontestable.

Selon Mollier (2019) et Granja (2021), les frères Auguste et Hippolyte Garnier ont fondé la maison *Garnier Frères* à Paris en 1833. En acquérant d'autres librairies et maisons d'édition, ils ont élargi leur catalogue et leurs boutiques en France, et ont même étendu leur présence en Espagne en 1849, ainsi qu'aux anciennes colonies espagnoles comme le Mexique. Le cadet des frères, Baptiste-Louis, a travaillé avec les libraires jusqu'en 1844, date à laquelle il a décidé de partir pour Rio de Janeiro, où il a initialement ouvert une succursale de la librairie de ses frères dans la rue de l'Ouvidor. Avec le succès de la librairie et de la maison d'édition, en 1878, il a déménagé en face de son plus grand concurrent, la « *Livraria e Tipografia Universal* » des frères éditeurs allemands « Eduardo et Henrique » – comme ils préféraient être appelés – Laemmert, éditeurs de la première édition de *Várias Histórias*.

Le succès de Garnier au Brésil est dû à la vision « plus moderne » de Baptiste-Louis, qui « fait des recherches de manuscrits, collabore avec des auteurs, fonde son activité commerciale sur ses propres fonds (et non sur le commerce de livres variés), en se spécialisant dans le catalogue et les collections qui ont façonné l'image et la clientèle de sa maison d'édition »<sup>2</sup> (Granja, 2018, p. 20). Ces idées novatrices dans le domaine de l'édition l'ont amené à cesser d'être le représentant de ses frères au Brésil pour s'être fait éditeur indépendant vers 1865. C'est à cette époque que Machado de Assis et l'éditeur se sont rencontrés, ce dernier l'a engagé en tant qu'un nouvelliste collaborateur pour son *Jornal das Famílias* et l'auteur a commencé à publier certaines de ses œuvres jusqu'à la décennie suivante sous des contrats différenciés et toujours révisés par l'auteur : *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Contos fluminenses* (1870), *Ressurreição* (1872), *Histórias da meia-noite* (1873), *Americanas* (1875) e *Helena* (1876) (Granja, 2018, p. 21; Castro, 2019, p. 26-7).

C'est cette collaboration qui explique la tendance « romantique » de ces premières œuvres, car le public du *Jornal das Famílias* était constitué pour la plupart de jeunes filles des classes moyennes et supérieures de Rio de Janeiro, lectrices des classiques déjà acclamés, écrits par José de Alencar et Joaquim Manuel de Macedo, deux des principaux représentants du romantisme brésilien.

Selon Granja (2018, p. 23), « des indices suggèrent que les relations entre l'éditeur [Baptiste-Louis Garnier] et l'écrivain ne se déroulaient pas

2 “[...] faz pesquisa de manuscritos, relaciona-se com autores, baseia sua atividade comercial em fundos próprios (e não no comércio de livros variados), rumando para a especialização do catálogo e de coleções que passaram a dar imagem e clientela à sua casa editorial.”

harmonieusement au début des années 1880. [...] Machado de Assis avait interrompu la publication par cet éditeur, depuis *Iaiá Garcia* (1878) »<sup>3</sup> jusqu'à *Papéis avulsos* (1882). Ce n'est qu'en 1882 que Machado de Assis a signé un nouveau contrat avec Garnier, pour la vente de nouvelles éditions de *Memórias póstumas de Brás Cubas* – publié d'abord en feuilleton, de mars à décembre 1880 dans la *Revista Brasileira* et l'année suivante sous forme de livre (la connue 2<sup>e</sup> édition) par la *Typographia Nacional* – et de *Papéis avulsos* (Castro, 2019, p. 30). Au cours de cette décennie, Machado de Assis devient en quelque sorte son propre éditeur et il essaie, « par ses propres moyens », de publier ses œuvres (et même de négocier directement ses traductions), ce qui est rendu impossible par les contrats avec Baptiste-Louis Garnier et, ensuite, par son décès en 1893 – il faut souligner, qu'en France, Auguste Garnier était décédé en 1887, laissant Hippolyte Garnier comme le seul frère survivant (Granja, 2018, p. 25-6).

Au début, Hyppolyte nomme Julien Emmanuel Bernard Lansac comme mandataire, dans le but de vendre toutes les activités de Baptiste-Louis au Brésil, mais, il a été découragé par Lansac en raison des bénéfices de la librairie Garnier brésilienne. Puis, Garnier maintient les activités, en nommant le mandataire comme directeur. Les publications se poursuivent sous le nom *H. Garnier, Livraria e Editora* (comme cela apparaît dans les œuvres de Machado de Assis, depuis la 3<sup>e</sup> édition de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, en 1896). En 1899, la librairie est réouverte (Ibidem). C'est pendant cet interstice que Machado de Assis a publié *Várias histórias* (1896) chez Laemmert.

Machado de Assis écrit à Hyppolite Garnier en essayant de négocier avec Hippolyte – à qui il avait vendu la pleine et définitive propriété de ses œuvres – la négociation des droits de traduction de celles-ci en allemand (une traduction qui serait réalisée par Alexandrina Highland), gratuitement (Assis, 2011, p. 378) :

Rio de Janeiro, le 10 juin 1899.

Monsieur Garnier,

Je viens de recevoir une demande d'autorisation pour la traduction de mes ouvrages en allemand. C'est de la part de Madame Alexandrina Highland, qui demeure à Saint-Paul (Brésil) et doit retourner en Allemagne dans huit mois. Comme je n'ai pas réservé, dans notre contract, le droit de traduction, je vous écris pour demander votre autorisation directe à cette dame.

Pour moi, Monsieur, je ne lui exigerais (*sic*) aucun autre bénéfice, trouvant que c'est déjà un avantage de me faire connaître dans une langue étrangère, qui a son marché si différent et si éloigné du nôtre. Je pense que c'est aussi un avantage pour vous. Si vous le pensiez aussi, envoyez-moi une autorisation en due forme, sans aucune condition pécuniaire. Je la remettrai à Monsieur

3 “[...] indícios sugerem que as relações entre editor e escritor não fluíram tranquilamente no início dos anos 1880. [...] Machado de Assis interromperá a publicação por meio desse editor, desde *Iaiá Garcia* (1878).”



Ellis, député et propriétaire à Saint-Paul, qui m'a transmis la demande de Madame A. Highland, car je ne la connais pas ; je sais seulement que c'est une personne distinguée, qui a vécu plusieurs années chez nous, et qui aime notre langue et nos auteurs. Agréez, Monsieur, mes salutations,

Machado de Assis.

Hippolyte Garnier rejette la possibilité de la traduction avec véhémence, « avec une irritation indéniable, voire de la grossièreté une réponse » (Magalhães Jr., 2008, *apud* Assis, 2011, p. 388), surtout par le sentiment d'humiliation des Français après « la défaite infligée par les Allemands en 1870, qui avaient pris possession de l'Alsace et de la Lorraine »<sup>4</sup>.

La lettre est écrite au 8 juillet 1899 (Assis, 2011, p. 387-8):

Monsieur Machado de Assis [...]

J'ai l'honneur de vous accuser la réception de votre estimée [du] 10 Juin me demandant pour Madame Alexandre (*sic*) Highland de (...) mon autorisation de traduire vos ouvrages en allemand.

Vous n'ignorez pas, Monsieur, qu'un auteur quelque bien traduit qu'il soit, perd toujours de son l'originalité dans une langue autre que la sienne ; les admirateurs d'un écrivain aiment mieux le lire dans sa langue mère. Vous n'avez rien à gagner à être traduit en allemand.

Aussi ai-je le regret de ne pas pouvoir accorder gratuitement le droit de traduction demandé – Les allemands savent fort bien se faire payer de leur côté ; Madame Highland devra donc me verser cent francs par chaque volume de vous qu'elle se proposerait de traduire.

Je suis ennuyé de ne pas pouvoir déférer à votre désir en pareille circonstance et je vous renouvelle Monsieur l'expression de mes meilleurs vœux de considération.

F. H. Garnier.

Dans le XX<sup>e</sup> siècle, Machado de Assis aurait encore publié de son vivant, chez Garnier : *Poesias completas* (1901), *Esau e Jacó* (1904), *Relíquias da casa velha* (1906) et *Memorial de Aires* (1908).

La traduction de l'œuvre de Machado de Assis serait finalement encouragée par trois facteurs : le décès de l'auteur au 29 septembre 1908 ; le resserrement des relations des « Académies » française et brésilienne, qui culminent avec la réalisation de la « Fête de l'intellectualité brésilienne » ; et le décès d'Hippolyte Garnier en 1911, puisque la direction de l'entreprise par le petit-neveu Auguste-Pierre Garnier modifie les orientations éditoriales du groupe de librairies et d'éditeurs.

4 “Na época, os franceses se sentiam humilhados com a derrota que os alemães lhes tinham infligido em 1870, apoderando-se da Alsácia e da Lorena [...]. Os irmãos Garnier, não sendo de tal modo intransigentes, replicaram, **com indisfarçável irritação, senão mesmo grosseria.** /.../ Mais uma vez se fechavam as portas da Alemanha a Machado de Assis, para só se abrirem depois de sua morte.” (Grifos meus.)

En 1910, est ainsi publié *Quelques contes*, première traduction officiellement autorisée par Garnier, réalisée par Adrien Delpech; puis, en 1911, par le même traducteur, *Mémoires posthumes de Bras Cubas*.

On souligne que, dans la même décennie, les traductions en espagnol sont également publiées par *Garnier Hermanos* : *Don Casmurro* (1910), *Memorias posthumas de Blas Cubas*, *Varias historias* (les deux en 1911), traduits par Rafael Mesa Lopes; et *Quincas Borba* (1913), traduit par J. Amber.

## PLUSIEURS HISTOIRES : L'OUBLI DE L'ECRIVAIN ROMANTIQUE

Depuis les cours de littérature brésilienne pendant les études secondaires, on apprend que le réalisme au Brésil commence avec Machado de Assis. Le point tournant de l'auteur du « romantisme » au « réalisme » serait *Memórias póstumas de Brás Cubas*, publié initialement en 1880, en feuilleton.

Autrement dit, il y a deux phases bien délimitées de l'auteur : la première phase romantique dans les années 1870, durant laquelle il publie *Contos fluminenses* (1870), *Ressurreição* (1872), *Histórias da meia-noite* (1873), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) et *Iaiá Garcia* (1878) ; et la seconde, réaliste, depuis 1880 jusqu'à l'année de sa mort, en 1908, avec *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881, sous forme de livre), *Quincas Borba* (1891), *Papéis avulsos* (1882), *Histórias sem data* (1884), *Casa velha* (1885, seulement en feuilleton), *Várias histórias* (1896), *Dom Casmurro*, *Páginas recolhidas* (tous deux en 1899), *Esau e Jacó* (1904), *Relíquias de casa velha* (1906) et *Memorial de Aires* (1908). Même si cette dernière phase est la plus durable, celle « de la maturité », il est impossible de négliger la première, dans laquelle on observe déjà des traits de réalisme, « des tendances pré-réalistes », selon les mots de Carvalho (2018, p. 298).

Pereira (1959, p. 177), en étudiant l'essai critique de Machado de Assis sur « La Nouvelle Génération », publié le 30 janvier 1866 – il était encore l'auteur de quelques pièces de théâtre<sup>5</sup>, une collection de poèmes, *Crisálidas* (1864), et de quelques nouvelles<sup>6</sup> –, présente la propre notion de l'auteur sur romantisme, surtout dans cet époque, la transition de la poésie romantique : « En de si breves mots, qui ne remplissent pas une page de prose, il nous transmet la critique d'une juste notion dialectique de la période de transition littéraire qui a succédé aux derniers soupirs du romantisme. »<sup>7</sup>

5 *Hoje avental, amanhã luva* (1860) ; *Desencantos* (1861) ; *O Caminho da porta* (1863) ; *O Protocolo* (1863) ; et *Quase ministro* (1864).

6 *Três tesouros perdidos* (1858) ; *O País das quimeras* (1862) ; *O Anjo das donzelas* ; *Casada e viúva* ; *Virgínius* (tous les trois, 1864) ; *Questão de vaidade* (1864-5) ; et *Cinco mulheres* (1865).

7 “Em tão breves palavras, que não chegam a encher uma página de prosa, transmite-nos o crítico uma justa noção dialética do período de transição literária que sucedeu aos últimos suspiros do Romantismo.”

Dans sa « phase romantique », considérée comme expérimentale, Machado de Assis suit les principaux traits du romantisme. On peut distinguer trois principales aspects romantiques de cette première phase de Machado de Assis : l'intrigue, les personnages et le langage, présentés par Carvalho (*op. cit.*, p. 526-527) :

En effet, dans ces œuvres, l'intrigue (avec l'inévitable fin heureuse, sauf dans *Helena*) tourne presque toujours autour d'amours impossibles et du mariage comme moyen d'ascension sociale, des thèmes typiquement romantiques. Les femmes, ambitieuses ou désintéressées, sont toujours au centre de l'intérêt dans ces histoires, et leurs noms servent même de titre à certains romans : *Helena* et *Iaiá Garcia*. La même procédure se retrouve chez José de Alencar, qui a intitulé deux de ses livres avec des noms féminins : *Diva* et *Luciola*. [...]

Les personnages sont généralement décrits comme des types représentatifs de classes sociales, de vertus ou de défauts moraux, le conflit entre le bien et le mal étant résolu de manière à terminer l'histoire avec la victoire du bien ou avec l'accommodation des situations, ce qui est très différent du relativisme cynique présent dans un roman comme *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Il est vrai que dans le conte "Frei Simão" (de *Contos fluminenses*) et dans le roman *Helena*, Machado réagit au conventionnalisme romantique, créant des histoires sans *happy end*, bien au contraire, leur fin est tragique, mais ces deux exemples constituent des exceptions et non la règle dans cette première phase de ses œuvres.

En ce qui concerne le langage, on ne retrouve pas chez Machado de Assis le sentimentalisme exacerbé commun aux textes romantiques. Au contraire, son langage est, de manière générale, sobre et élégant, sauf pour quelques concessions au goût de l'époque, telles que l'emploi de descriptions et de métaphores fleuries, en accord avec le style des feuilletons romantiques.<sup>8</sup>

Ces caractéristiques dans les œuvres de la première phase de Machado d'Assis sont ce que certains auteurs (entre autres, Carvalho, *idem*, p. 522-5, et Pereira, *op.cit.*, p. 22) désignent « anti-romantisme ».

8 "Com efeito, nessas obras, o enredo (com o inevitável final feliz, exceto em *Helena*) gira, quase sempre, em torno de amores impossíveis e do casamento como meio de ascensão social, temas tipicamente românticos. As mulheres, ambiciosas ou desprendidas, são sempre o centro de interesse nessas histórias, e seus nomes até servem de título a alguns romances: *Helena* e *Iaiá Garcia*. O mesmo procedimento se vê em José de Alencar, que intitulou dois de seus livros com nomes femininos: *Diva* e *Luciola*. [...]

Os personagens são descritos geralmente como tipos representativos de classes, de virtudes ou defeitos morais, sendo o conflito entre o bem e o mal resolvido de modo a acabar a história com a vitória do bem ou com a acomodação de situações, tudo muito diferente do relativismo cínico existente em um romance como *Memórias póstumas de Brás Cubas*. É bem verdade que no conto "Frei Simão" (de *Contos fluminenses*) e em *Helena*, Machado reage ao convencionalismo romântico, criando histórias sem *happy end*, muito ao contrário, seu final é trágico, mas esses dois exemplos constituem exceções, e não a regra nessa primeira fase de suas obras.

Com relação à linguagem, não se vê em Machado de Assis o sentimentalismo exacerbado comum nos textos românticos. Ao contrário, sua linguagem é, de um modo geral, sóbria e elegante, salvo uma ou outra concessão ao gosto da época, no emprego de descrições e metáforas floreadas, condizentes com o estilo dos folhetins românticos."

Cependant, aux non-lusophones – et en particulier à notre étude, aux francophones –, Machado de Assis est un écrivain seulement du réalisme. Même si on analyse les traductions en français après les années 1910, pratiquement seuls les romans et les nouvelles de la deuxième phase ont eu l’occasion d’être connus au-delà de nos frontières.

Traduites en français, depuis les années 1980 (quelques avec des rééditions récentes), il y a les romans et les nouvelles suivants : *L’Aliéniste*, traduction de la nouvelle *O Alienista* (1882), par Maryvonne Lapouge-Pettorelli (1984, rééditée en 2005 et en 2015) ; *Ésaïe et Jacob*, traduit par Françoise Duprat (1985, réédité en 2005) ; *La Montre en or et autres contes*, recueil des nouvelles, traduite par Maryvonne Lapouge-Pettorelli (1987)<sup>9</sup> ; *Mémoires posthumes de Brás Cubas*, traduit par R. Chadebec de Lavalade (1989, réédité en 2015) ; *Quincas Borba : Le Philosophe ou le chien*, traduit par Jean-Paul Bruyas (1991, réédité en 1997) ; *Ce que les hommes appellent amour*, traduction du roman *Memorial de Aires*, par Jean-Paul Bruyas (1995, réédité en 2007 et en 2015) ; *Dom Casmurro et les yeux de ressac*, traduit par Anne-Marie Quint (2002, réédité en 2015) ; *Histoires diverses – Várias histórias*, édition bilingue et annotée, traduite par Saulo Neiva (2015) ; *Un capitaine de volontaires*, traduction de la nouvelle *Um Capitão de voluntários* (1906), traduite par Dorothée de Bruchard (2015) ; *Une nuit*, traduction de la nouvelle *Uma Noite* (1895), par Emmanuel Tanguy (2018) ; *Iaiá Garcia*, traduite par Isabelle Leymarie (2020).

Comme on peut le constater clairement, tant les romans que les contes traduits en français sont de sa deuxième phase. Il n’y a que deux exceptions romantiques : la nouvelle *La montre en or* et le roman *Iaiá Garcia*. Et cela découle de l’accent toujours mis – non sans raison – sur le génie de Machado de Assis dans sa phase « réaliste ». Cette idée est transmise et soulignée dans le premier ouvrage sur le littérature brésilienne publié en France par la *Librairie Garnier Frères*, *Le Roman au Brésil* (1918), de Benedicto Costa :

L’œuvre de Machado de Assis se divise en deux parties : la première, exclusivement romantique – qui comprend ses romans : *Ressurreição*, *A mão e a luva*, *Helena*, *Yayá Garcia* – est inférieure ; la seconde, qui commence avec les admirables *Mémoires posthumes de Brás Cubas*, révèle, avec un talent extraordinaire, toutes les qualités d’un écrivain éminent ; elle est d’une uniformité parfaite, sans lacunes ni faiblesses. (Costa, 1918, p. 86).

<sup>9</sup> Le recueil réunit les nouvelles suivantes : *La montre en or* (*O Relógio de Ouro*, 1873) ; *Des bras* (*Uns Braços*, 1896) ; *Le miroir* (*O Espelho*, 1882) ; *Une dame* (*Uma Senhora*, 1884) ; *La cartomancienne* (*A Cartomante*, 1896) ; *Un homme célèbre* (*Um Homem Célebre*, 1896) ; *Celle que l’on désire* (*A Desejada das Gentes*, 1896) ; *Le mobile secret* (*A Causa Secreta*, 1896) ; *La messe de minuit* (*Missa do Galo*, 1899) ; *L’anecdote du cabriolet* (*Anedota do Cabriolet*, 1906) ; *Théorie du médaillon* (*Teoria do Medalhão*, 1882) ; *Le secret du bonze* (*O Segredo do Bonzo*, 1882) ; *Dernier chapitre* (*Último Capítulo*, 1884) ; *Fulano* (*Fulano*, 1884) ; *Évolution* (*Evolução*, 1884) ; *Seul !* (*Só!*, 1882) ; *Des idées de canari* (*Ideias de Canário*, 1899).

Mais ce que on fait, Costa et d'autres – y compris cet auteur qui ne se libère pas de cet antagonisme romantique et réaliste –, c'est ignorer ce qu'Astrojildo Pereira (op.cit., p. 112) rappelle clairement à tous :

Ce qui importe néanmoins de signaler, dans cette question de la rupture avec les derniers vestiges du romantisme, c'est que **Machado de Assis, en se libérant du romantisme, s'est libéré en même temps de tout lien ou souci d'école. Ni romantique, ni parnassien, ni naturaliste, ni réaliste**, comme Labieno l'avait déjà noté. Cependant, **libéré des schémas ou formules d'école, y compris du « réalisme » en tant qu'école, Machado de Assis a été un écrivain proprement réaliste, au sens large et indépendant du terme**, comme nous l'avons déjà souligné plus haut. Et réaliste, il n'est pas inutile de le rappeler, même lorsqu'il était imprégné de romantisme, parce que **le sens de la réalité était inné chez lui, une exigence intime, une condition sans laquelle il n'aurait jamais pu atteindre l'équilibre nécessaire à la pleine expansion de son génie. C'était le réalisme pur et simple, le véritable réalisme de la réalité humaine et sociale**, le réalisme auquel Engels se réfère, qui s'exprime non seulement par l'exactitude des détails, mais aussi par la « représentation exacte des caractères typiques dans des circonstances typiques » [Marx, Karl; Engels, Friedrich. **Sur la littérature et l'art**. Paris : Éditions Sociales, [1954], p. 317].<sup>10</sup> (Emphases de cet auteur.).

Comme on le voit, Machado de Assis ne se comprenait romantique à aucun moment, mais dans la transition. Dans le même temps, son œuvre transperce l'idée limitée d'une école réaliste, mais reflète un réalisme propre, souvent appelé « réalisme intérieur » (Carvalho, op.cit., p. 522-5).

Par suite, la compréhension de son œuvre n'existe que dans son intégralité, non seulement par la lecture de son chef-d'œuvre, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, ou d'un ensemble unique de romans et de contes « réalistes ».

<sup>10</sup> “O que entretanto mais importa assinalar, nesta questão da ruptura com os derradeiros resíduos do romantismo, é que Machado de Assis, ao libertar-se do romantismo, libertou-se ao mesmo tempo de quaisquer vínculos ou preocupações de escola. Nem romântico, nem parnasiano, nem naturalista, nem realista, conforme já o notara Labieno. Todavia, liberto de esquemas ou fórmulas de escola, inclusive do “realismo” enquanto escola, foi Machado de Assis um escritor propriamente realista, no sentido lato e independente da palavra, como já o ressaltamos acima. E realista, não é demais que o lembremos, ainda quando imbuído de romantismo, porque o senso realista era nele inato, uma exigência íntima, uma condição sem a qual não poderia jamais alcançar o equilíbrio necessário. A plena expansão do seu gênio. Era o realismo puro e simples, o genuíno realismo da realidade humana e social, o realismo a que se referia Engels, e que se expressa, não só pela exatidão de pormenores, mas também pela ‘representação exata dos caracteres típicos em circunstâncias típicas’ [Marx, Karl; Engels, Friedrich. **Sur la littérature et l'art**. Paris: Éditions Sociales, [1954], p. 317].”

## HISTOIRES SANS DATE : CONCLUSION

Avant de présenter des propositions sur la façon d’inverser ce grand écart d’offre de traductions des nouvelles et des romans de Machado de Assis – des deux phases, car, en général, le lecteur étranger n’a accès qu’aux contes les plus connus, surtout ceux publiés initialement dans *Várias histórias*) –; il faut préciser que même les traductions déjà apportées dans d’autres langues, comme le français, ont des erreurs pertinentes, comme j’analyse en détail Guimarães (2023), à respect du nouvelle *Mariana*, de 1896, e sur la traduction d’Adrien Delpech de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, où il manque même la « Dédicace aux vers ».

Mais ce qui attire l’attention du lecteur des premières traductions françaises, c’est la hâte, qui fait disparaître au moins des points importants du texte. Par exemple, dans *Mariana*, entre autres, une des questions centrales du conte est effacée de la version, générant une version sèche d’une histoire mystérieuse et fascinante de Machado (*ibidem*).

Il nous reste à réfléchir à des formules pour résoudre et faire connaître Machado de Assis, dans son intégralité, au public lecteur dans d’autres langues – dans le cas de cette étude aux lecteurs francophones.

Une proposition serait une coopération bilatérale Brésil–France, éventuellement intermédiaire par l’Académie brésilienne des lettres et de l’Académie française, en offrant des incitations aux traducteurs francophones pour promouvoir les traductions (de qualité) de tous les contes, romans et poésies de Machado de Assis.

Une autre proposition possible est d’encourager dans les universités où il y a des cours de *Traduction en langue française*, la production de traductions (même si seulement des contes et des poésies) de Machado de Assis par ses étudiants.

Quoi qu’il en soit, on ne peut pas, en tant que Brésiliens, laisser l’œuvre de notre plus grand écrivain aux seuls lecteurs lusophones. Il est important de diffuser des traductions de qualité auprès d’éditeurs de différentes langues du monde entier.

## BIBLIOGRAPHIE

ASSIS, Joaquim M. Machado de. **Correspondência de Machado de Assis, Tomo III, 1890-1900**. Coordenação e orientação de Sérgio Paulo Rouanet; reunida, comentada e organizada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

ASSIS, Joaquim M. Machado de. **Machado de Assis : Son œuvre littéraire (avant-propos d’Anatole France de l’Académie française)** [fac-símile]. Paris: Librairie Garnier Frères, 1917. Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb30852966p>. Acesso em: 28 maio 2024.

ASSIS, Joaquim M. Machado de. **Mémoires posthumes de Braz Cubas** [fac-símile]. Tradução de Adrien Delpech. Paris: Garnier Frères, Libraires-Éditeurs, 1911. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k855564b.texteImage>. Acesso em: 20 abr. 2024.

ASSIS, Joaquim M. Machado de. **Memorias posthumas de Braz Cubas** [fac-símile]. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1881. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4826>. Acesso em: 20 abr. 2024.

ASSIS, Joaquim M. Machado de. **Memorias posthumas de Braz Cubas** [fac-símile]. 3ª Ed. Rio de Janeiro: H. Garnier, [1896]. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4826>. Acesso em: 20 abr. 2024.

ASSIS, Joaquim M. Machado de. **Memorias póstumas de Blas Cubas** [fac-símile]. Tradução de Rafael Mesa Lopes. Paris: Garnier Hermanos, Libreros-Editores, 1911. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k8595967>. Acesso em: 04 mai. 2024.

ASSIS, Joaquim M. Machado de. **Quelques contes** [fac-símile]. Tradução de Adrien Delpech. Paris: Garnier Frères, Libraires-Éditeurs, 1910. p. 217-238. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k853799b/f13>. Acesso em: 25 abr. 2024.

CARVALHO, Castelar de. **Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo, temas** [ePub]. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lexikon, 2018.

CASTRO, Valdiney L. de. Os contratos firmados entre Machado de Assis e os irmãos Garnier. **Revista Letras Raras**, v. 8, n. especial, Dossiê: Trânsitos, trocas e transferências culturais, p. 25-36, nov. 2019. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1578/997>. Acesso em: 21 abr. 2024.

COSTA, Benedicto. **Le Roman au Brésil** [fac-símile]. Paris : Librairie Garnier Frères, 1918. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb308>. Acesso em: 28 abr. 2024.

GRANJA, Lúcia. Os editores Garnier: da França ao espaço transatlântico. **Transatlantic Cultures**, nov. 2021. Disponível em: <https://transatlantic-cultures.org/pt/catalog/os-editores-garnier-da-franca-ao-espaco-transatlantico>. Doi: <https://doi.org/10.35008/tracs-0080>. Acesso em: 21 abr. 2024.

GRANJA, Lúcia. Três é demais! (ou por que Garnier não traduziu Machado de Assis?). **Machado de Assis em Linha – Revista Eletrônica de Estudos Machadianos**, v. 11, n. 25, dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mael/a/JLgs3sHTQjMR8SySTYC36Xk/?lang=pt>. Acesso em: 21 abr. 2024.

GUIMARÃES, Alexandre S. Será que ela refletiu ou não? Análise da primeira tradução francesa de – Mariana – (1896). **Machado de Assis em Linha – Revista Eletrônica de Estudos Machadianos**, v. 16, Dossiê: Machado de Assis: tradução, edição e circulação internacionais, 2023, p. 1-14., DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-682120231632>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/>

mael/a/dTRwThVP85wrz8qrvwfCthM/?lang=pt. Acesso em: 29 abr. 2024.

MOLLIER, Jean-Yves. A circulação transatlântica dos livros e dos jornais no século XIX: o exemplo das livrarias Garnier de Paris, do Rio de Janeiro e da Cidade do México. Revista **Letras Raras**. Campina Grande, Edição Especial, p. Port. 9-24/ Fr. 9-24, nov. 2019. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/RLR/article/view/1403/1292>. Acesso em: 21 abr. 2024.

PEREIRA, Astojildo. **Machado de Assis: Ensaios e apontamentos**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

TORRES, Marie-Hélène C. Tradução como (i)migração: Adrien Delpech, um dos primeiros tradutores de Machado de Assis. **Revista da Anpoll**, v. 51, n. 3, p. 107–118, dez. 2020. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1414>. Acesso em: 25 abr. 2024.



## A IMPORTÂNCIA DA INTERNACIONALIZAÇÃO DE MACHADO DE ASSIS

*Horácio Lessa Ramalho<sup>1</sup>*

*Dirce Maria da Silva<sup>2</sup>*

*“... pulsa neste ‘quase’ uma força de universalização que faz Machado inteligível em línguas, culturas e tempos bem diversos do seu vernáculo luso-carioca e do seu repertório de pessoas e situações do nosso restrito Oitocentos fluminense burguês”.  
Alfredo Bosi em “Machado de Assis – O enigma do olhar”.*

### INTRODUÇÃO

Machado de Assis é amplamente reconhecido como o maior escritor da literatura brasileira. No contexto de um mundo globalizado, é essencial que a obra do “Bruxo do Cosme Velho” transcenda fronteiras linguísticas e culturais. A internacionalização das suas obras, especialmente através de traduções para o inglês e da divulgação nas redes sociais, é vital para promover a cultura brasileira no cenário internacional.

Essa disseminação permite que aspectos profundos da história, política, sociedade, identidade e cultura brasileiras sejam compartilhados com o mundo anglófono. Com isso, a nossa literatura pode ser apreciada por leitores de diversas origens e contextos culturais, enriquecendo o diálogo intercultural e valorizando a contribuição brasileira para a literatura mundial.

A popularidade de Machado tem sido recentemente intensificada pelas mídias sociais, com recordes de vendas em plataformas digitais internacionais. Isso confirma seu *status* como um escritor cosmopolita. Ao destacar o sucesso de suas obras em língua inglesa, observamos que a crescente popularidade de

---

1 *Master Business Administration* pela Fundação Getúlio Vargas em Relações Governamentais. Graduado em Ciência Política com Ênfase em Políticas Públicas. E-mail: horacio.lessar@gmail.com.

2 Doutoranda em Estudos Literários Comparados pela Universidade de Brasília. Mestre em Direitos Humanos/Ciência Política, pela Unieuro (DF). Graduada em Letras Português/Inglês, Pedagogia e Administração. Especialista em Docência do Ensino Superior, Língua Inglesa, Gestão Pública e Negócios, Recursos Humanos, EAD, Psicopedagogia Clínica e Institucional; TEA; Neuropsicopedagogia Institucional e ABA. E-mail: profdircesalome2@gmail.com.

Machado de Assis no mundo anglófono atesta que sua sofisticação literária transcende barreiras culturais e linguísticas, consolidando-o como um dos grandes mestres da literatura mundial.

Nesse sentido, este estudo, de natureza panorâmica, propõe-se como um tributo a Machado de Assis, destacando a importância literária do nosso mais renomado escritor. O estudo destaca a importância da tradução da obra machadiana para o inglês também pontua que o recente fenômeno comercial de suas obras, por meio de mídias sociais e plataformas digitais, tem ampliado seu público e reforçado seu legado. Ao celebrar a relevância contínua de Machado de Assis, este trabalho busca evidenciar que sua literatura transcende fronteiras e enriquece o patrimônio literário e cultural mundiais.

## **BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO**

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 21 de junho de 1839 e faleceu em 29 de setembro de 1908. O escritor é o principal representante do realismo brasileiro, além de ser um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Nasceu no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro e era filho de um pintor de paredes negro e de uma lavadeira portuguesa branca, que faleceu quando Machado tinha três anos de idade.

Machado de Assis se casou em 12 de novembro de 1869 com a portuguesa Carolina Augusta Xavier de Novais. Ficaram juntos por 35 anos, até a morte dela. Eles não tiveram filhos. Machado teve somente uma irmã, que faleceu ainda criança, vítima de sarampo. O escritor nunca saiu do Rio de Janeiro, tendo sido criado no mesmo bairro onde nasceu.

Machado frequentou a escola regular por pouco tempo e não ingressou em uma universidade. Autodidata, notabilizou-se por seus romances, contos, crônicas, poesias e também textos teatrais.

Machado de Assis escreveu os romances: Ressurreição (1872), A Mão e a Luva (1874), Helena (1876), Iaiá Garcia (1878), Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881), Casa Velha (1885), Quincas Borba (1891), Dom Casmurro (1899), Esaú e Jacó (1904) e Memorial de Aires (1908).

Dentre suas coletâneas de contos, estão: Contos Fluminenses (1870), Histórias da Meia-Noite (1873), Papéis Avulsos (1882), Histórias sem Data (1884), Várias Histórias (1896), Páginas Recolhidas (1899), Relíquias da Casa Velha (1906).

Para o teatro, escreveu as peças: Hoje Avental, Amanhã Luva (1860), Desencantos (1861), O Caminho da Porta (1863), O Protocolo (1863), Quase Ministro (1864), As Forças Caudinas (1865/1956), Os Deuses de Casaca (1866), Tu, só tu, puro amor (1880), Não Consultes Médico (1896), Lição de Botânica (1906).

Na produção de poesias, suas obras incluem: *Crisálidas* (1864); *Falenas* (1870), *Uma Ode de Anacreonte* (1870), *Americanas* (1875), *Ocidentais* (1901), *Poesias Completas* (1901), *O Almada* (1910), e centenas de crônicas e microcontos, demonstrando quão moderno e genial é o escritor (ABL, 2024).

## **INFLUÊNCIAS ANGLO-AMERICANAS EM MACHADO DE ASSIS**

Ao catalogar o acervo de livros de Machado de Assis, o pesquisador Jean-Michel Massa (2001) afirmou que a biblioteca pessoal do escritor continha uma considerável coleção de obras clássicas em inglês e outras do século XIX. Na referida coleção, estavam presentes obras de Thomas Macaulay, William Shakespeare, Charles Dickens, Samuel e Henry Longfellow, Edgar Allan Poe, Laurence Sterne e outros autores que são direta ou indiretamente mencionados na ficção de Machado de Assis.

Nesse sentido, Sebastião Jorge nos dá a seguinte informação sobre o conhecimento de Machado de Assis do inglês e de outras línguas estrangeiras:

O esforço e a sorte o acompanharam. Estava no lugar e na hora certa em determinados momentos, na companhia de pessoas influentes, o que o ajudou a subir os degraus da fama. Como aprendiz de tipógrafo, encontrou como chefe, na Tipografia Nacional, Manuel Antônio de Almeida, autor de “*Memórias de um sargento de milícias*”. Autodidata, teve como professor o padre Antônio José da Silveira Sarmento, que lhe deu aulas sem cobrar nada. Ingressou no quadro de caixeiros da livraria de Paula Brito, fazia poesias, e terminou como revisor de um livro do chefe. Por esse tempo, com o conhecimento de inglês e francês, auxiliava Charles de Ribeyrolles na tradução de “*O Brasil pitoresco*”. Traduziu, ainda, os clássicos da literatura, como Victor Hugo (“*Trabalhadores do mar*”) e Edgar Allan Poe (“*O corvo*”) (Jorge, 2009; Redmond, 2011).

Conforme Redmond (2011), as mesmas ideias estão repetidas no artigo de Roberto Almeida sobre o centenário de morte do escritor:

O contato com os professores e com os livros acendeu no jovem o gosto pelo conhecimento e pela leitura, alimentando o espírito daquele que se tornaria um intelectual autodidata. Machado de Assis – que aprendeu francês com um padeiro parisiense de quem era amigo – estudou inglês e alemão sozinho e, mais tarde, se tornou tradutor de obras literárias: é dele a primeira versão brasileira do poema “*O Corvo*” de Edgar Allan Poe e do romance “*Os Trabalhadores do Mar*” de Vitor Hugo. Ainda jovem, Machado de Assis passa a trabalhar como tipógrafo na Imprensa Nacional. Nesse período, começa a publicar crônicas e contos em revistas e jornais cariocas, tornando-se reconhecido por intelectuais de peso, como Manuel Antônio de Almeida – autor do célebre romance “*Memórias de um sargento de milícias*”, importante marco da literatura brasileira do século XIX – e José de Alencar, à época, o maior escritor brasileiro vivo. (Almeida, 2008 apud Redmond, 2011, p. 2).

Quanto à intertextualidade da ironia de Machado com a dos autores ingleses, em seus ensaios de Literatura Comparada intitulados, Shakespeare no Brasil (1961) e Machado de Assis: leituras inglesas (2000), Eugenio Gomes examina as influências de escritores anglo-americanos na obra machadiana e conclui que Machado de Assis deixou-se influenciar pelas maiores figuras do humorismo anglo-saxônico, evidenciando-se o tato, a finura e o bom gosto do escritor brasileiro. Gomes declara que,

O sarcasmo de Swift pôde temperar-se nele com outros influxos menos corrosivos, como os de Sterne e Charles Lamb, e até benéficos como os de Thackeray e Dickens. Todos estes contribuíram de algum modo para imprimir uma feição algo excêntrica à sua obra de maturidade, atenuando os efeitos do sardonismo de Swift e de certo humour macabro que poderemos atribuir a Shakespeare. (Gomes, 2000, p. 268).

Gomes menciona que além de Sterne, Lamb, Dickens, Thackeray e Swift, Machado foi grande leitor de Shakespeare.

Quanto aos termos “influência” e “influxo”, Gomes explica que, considerando épocas e ideologias, pode-se entendê-los hoje como sinônimos de “intertextualidade”, de acordo com o conceito de Roland Barthes (2002).

Jonathan Swift é também mencionado no conto machadiano “Teoria do Medalhão” (1882), publicado em “Papeis Avulsos”, quando um pai aconselha seu filho a evitar o uso da ironia e descreve a genealogia dessa estratégia discursiva, que considera inadequada. Segundo Redmond (2011), o humor de Machado está na desconstrução do valor da sátira de Swift e na subversão de todos os princípios de uma vida de aparências, defendidos pelo zeloso pai.

Redmond também nos fala do conto “A Sereníssima República” (1882), em que o cônego Vargas descreve um sistema partidário que se assemelha ao do reino de Lilipute, das Viagens de Gulliver, ao conclamar seus concidadãos a valorizar a ciência desenvolvida no Brasil, em comparação com as pesquisas realizadas na Inglaterra. Vargas anuncia ter descoberto uma espécie de aranha que pode falar e que se organiza socialmente. Como forma de governo para essa nova sociedade de aranhas, o cônego escolhe a república, que seguiria o modelo de Veneza, imitando até mesmo o processo eleitoral:

Entre os diferentes modos eleitorais da antiga Veneza, figurava o do saco e bolas, iniciação dos filhos da nobreza no serviço do Estado. Metiam-se as bolas com os nomes dos candidatos no saco, e extraía-se anualmente certo número, ficando os eleitos desde logo aptos para as carreiras públicas. Este sistema fará rir aos doutores do sufrágio; a mim não. Ele exclui os desvarios da paixão, os desazos da inépcia, o congresso da corrupção e da cobiça. Mas não foi só por isso que o aceitei; tratando-se de um povo tão exímio na fição de suas teias, o uso do saco eleitoral era de fácil adaptação, quase uma planta indígena. (Machado de Assis, 2005b, p. 97).

Quanto aos partidos políticos, o cômico Vargas complementa:

[...] faleceu o primeiro magistrado, e três cidadãos apresentaram-se candidatos ao posto, mas apenas dois importantes, Hazeroth e Magog, os próprios chefes do partido retilíneo e do partido curvilíneo. Devo explicar-vos estas denominações. Como eles são principalmente geômetras, é a geometria que os divide em política. Uns entendem que a aranha deve fazer as teias com fios retos, é o partido retilíneo; - outros pensam, ao contrário, que as teias devem ser trabalhadas com fios curvos, - é o partido curvilíneo. Há ainda um terceiro partido, misto e central, com este postulado: - as teias devem ser urdidas de fios retos e fios curvos; é o partido reto-curvilíneo; e finalmente, uma quarta divisão política, o partido anti-reto-curvilíneo, que fez tábua rasa de todos os princípios litigantes, e propõe o uso de umas teias urdidas de ar, obra transparente e leve, em que não há linhas de espécie alguma. (Machado de Assis, 2005b, p. 98).

De acordo com Redmond (2011), os partidos em “A Sereníssima República” são tão absurdos quanto os de Lilipute, pois em ambas as sociedades a política é apenas um teatro, cujo significado, sob a retórica solene, não vai além de incitar disputas e fomentar vaidades.

No prólogo de “Uma Excursão Milagrosa” (1866), ao referir-se às narrativas de viagem, Machado menciona a obra de Swift, afirmando que o relato da aventura de sua personagem parecerá mais extraordinário do que a narrativa de Lemuel Gulliver:

Suponho que os leitores terão lido todas as memórias de viagem, desde as viagens do Capitão Cook às regiões polares até as viagens de Gulliver, e todas as histórias extraordinárias desde as narrativas de Edgar Poe até os contos de Mil e Uma Noites. Pois tudo isso é nada à vista das excursões singulares do nosso herói, a quem só falta o estilo de Swift para ser levado à mais remota posteridade. (Machado de Assis, 2006a, p. 759).

Por conseguinte, a influência da cultura anglo-americana na obra de Machado de Assis é, sim, uma faceta importante a ser considerada, ao analisar sua contribuição para a literatura mundial.

Machado realizou a tradução de várias obras da língua inglesa para o português. Entre as traduções feitas pelo autor estão “O Corvo”, de Allan Poe, e “Oliver Twist”, de Charles Dickens, que foram incluídos em “Ocidentais” (1901), juntamente com o famoso monólogo “*To be or not to be*”, de Hamlet, de William Shakespeare.

Machado de Assis frequentemente mencionava Benjamin Franklin, Henry Longfellow, Edgar Allan Poe e William Shakespeare em seus escritos. Ávido leitor, Machado incorporou muito do humor satírico britânico em sua literatura.

Entretanto, conforme observado por Redmond (2011), “Machado admirava o humor dos escritores ingleses, mas buscava ultrapassá-los, superá-los,

criando páginas literárias que fossem ainda mais notáveis, marcando assim sua independência criativa.”

Costa Lima (1981) também reconhece a influência de Sterne sobre Machado, destacando a quebra de linearidade narrativa e o estilo irônico dos narradores machadianos. Estudiosos também observam como o ficcionista brasileiro reinterpretou obras da literatura mundial, como a voz trágica de Shakespeare na representação da existência e a implacável visão de uma sociedade de arrivistas de Honoré de Balzac (Rocha, 2016; Silva, 2019).

Helen Caldwell (1970), da Universidade de Berkley, de Los Angeles, nos Estados Unidos, no texto “*Machado de Assis: The Brazilian master and his novels*”, afirma que Machado de Assis lia e traduzia inglês com facilidade. Caldwell diz não poder afirmar se Machado era capaz de conversar, mas as citações literárias utilizadas por ele nos empréstimos à literatura inglesa e nas traduções dos clássicos em inglês, e também da literatura grega, demonstram a competência linguística do autor nas habilidades de comunicação por ele utilizadas. Helen Caldwell diz que:

Esse mestre da prosa em língua portuguesa, espírito mais original de toda a literatura brasileira, que em sua grandeza pertence não só ao Brasil, mas ao mundo, amava o inglês e admirava tanto a literatura em língua inglesa que se apropriou de autores como Sterne, Fielding e Shakespeare – especialmente Shakespeare, que também está na fala e no pensamento de cada um de nós. (Caldwell, 1970, p.3).

Da mesma forma, em seu artigo intitulado “Nosso primo americano, Machado de Assis”, Caldwell (2013, p. 13) reconhece novamente a importante intertextualidade da obra shakespereana e do autor brasileiro, afirmando: “Machado de Assis fala mais diretamente a nosso espírito do que qualquer outro autor brasileiro”.

Entende-se, assim, ser Machado comparado a renomados escritores da literatura anglófona, como Henry James, devido à sua experimentação com ponto de vista, e a Jonathan Swift, por seu estilo satírico, além de Laurence Sterne, por sua inovação narrativa e interferências metatextuais (Heninghan, 2008).

Nesse sentido, Harold Bloom (1973), em “*The anxiety of influence*” reitera que “Machado admirava o humor dos escritores ingleses, mas queria superá-los, ir além deles, produzindo páginas de literatura superiores às deles, marcando assim, sua independência”.

## **MACHADO DE ASSIS NOS PAÍSES ANGLÓFONOS**

Historiadores, críticos da Literatura Brasileira, especialistas da obra machadiana, como Alfredo Bosi (1999), Roberto Schwarz (2009) e João Cezar de Castro Rocha (2016), além de críticos como Antonio Candido (1970)

destacam que a obra de Machado de Assis é reverenciada por sua profundidade psicológica, pela ironia e estilo refinado, sua maestria na construção narrativa e sua análise perspicaz da sociedade e da condição humana.

Entretanto, conforme Guimarães (2009), apesar do reconhecimento, a fama de Machado de Assis, no século XIX e início do século XX, ainda não se estendia ao mundo além das fronteiras brasileiras, e um de seus desejos era ter suas obras traduzidas e publicadas no exterior.

Uma das explicações apresentadas por Candido (1970) para isso era a pouca importância política do Brasil à época, além do limitado alcance da língua portuguesa no mundo. Candido explica que, a partir de 1970, aumentou o interesse dos Estados Unidos da América e da Inglaterra pelas obras de Machado de Assis, motivação atribuída à publicação das traduções de “Iaiá Garcia” em meados dos anos de 1970.

Mas os primeiros textos de Machado em inglês foram oficialmente publicados antes, em 1921, quando o americano Isaac Goldberg lançou as traduções dos contos “*The Attendant’s Confession*” (“O enfermeiro”), “*The Fortune-Teller*” (“A cartomante”) e “*Life*” (“Viver”). Desde então, seus contos traduzidos para o inglês foram sendo divulgados, de forma independente, em revistas e sites, e também em antologias, no mercado anglófono (Silva, 2019).

Em 2015, o levantamento *Index Translationum*, da UNESCO, revelou que os romances e contos do escritor brasileiro foram traduzidos para várias línguas, incluindo inglês, espanhol, francês, catalão e romeno. Nesse mesmo ano, Hatje-Faggion compilou as traduções para o inglês dos romances de Machado de Assis em seu livro “Destino internacional: Machado de Assis para a língua inglesa”, abordando seis romances em múltiplas traduções. Desde então, a lista de traduções continua a crescer, especialmente das obras de sua fase realista, como “Memórias póstumas de Brás Cubas” (1881), que em 2020 teve mais duas traduções para o inglês publicadas.

Especificamente nos países de língua inglesa, é possível observar que, embora o reconhecimento do trabalho de Machado de Assis seja mais pronunciado no meio acadêmico que entre o público em geral, ele desfruta de certa proeminência como representante de destaque da língua portuguesa e da identidade nacional brasileira no mundo.

Esse reconhecimento foi sendo gradualmente construído ao longo de quase um século, por meio de traduções, retraduições e reedições, principalmente nos Estados Unidos e na Inglaterra. Conforme João César de Castro Rocha (2016), o interesse pelo autor brasileiro nos países de língua inglesa teve como marco a publicação de “*Epitaph of a Small Winner*” (Memórias Póstumas de Brás Cubas), em 1952. Rocha informa que todos os dez romances de Machado de

Assis já foram traduzidos para o inglês, sendo que seis deles foram retraduzidos e dois deles passaram por múltiplas retraduzções.

De acordo com o catálogo “*Brazilian Authors Translated Abroad*”, da Fundação Biblioteca Nacional, os contos e romances de Machado de Assis já foram traduzidos e publicados em inglês, espanhol, holandês, alemão, italiano, sueco, francês e em várias outras línguas, conforme alguns títulos abaixo destacados:

Epitaph of a Small Winner (1952);  
 Posthumous Reminiscences of Braz Cubas (1955);  
 The Posthumous Memoirs of Bras Cubas (1997);  
 Dom Casmurro: a novel (1953);  
 Dom Casmurro [Lord Taciturn] (1992);  
 Dom Casmurro (1997);  
 Philosopher or Dog? (1954);  
 Quincas Borba (1998);  
 Esau and Jacob (1965);  
 Esau and Jacob (2000);  
 The Hand and the Glove (1970);  
 Counselor Ayres' Memorial (1972);  
 The Wager (1989);  
 Yaya Garcia (1976);  
 Iaiá Garcia (1977);  
 Helena: a novel (1984);  
 Casa Velha/The Old House (2010);  
 Resurrection (2013).  
 (*Brazilian Authors Translated Abroad*, 1994, p. 112-113).

Iwasa Braccini, em sua pesquisa “Iaiá Garcia de Machado de Assis em inglês, o papel dos tradutores na tradução dos marcadores culturais para o mundo anglo-americano”, fala sobre a tradução de “Iaiá Garcia” (1878), considerado como o romance de transição, do romantismo para o realismo, na obra machadiana.

Conforme a autora, dados das publicações de Bagby Jr. (1993) e Hatje-Faggion (2015) e da Academia Brasileira de Letras informam que “Iaiá Garcia” possui duas traduções para o inglês, *Yayá Garcia*, publicada em 1976 pela *Peter Owen - London*, traduzida do português por Robert L. Scott-Bucleuch, como parte da coleção “*UNESCO Collection of Representative Works – Brazilian Series*”, e *Iaiá Garcia*, publicada em 1977 pela *The University Press of Kentucky*, traduzida do português por Albert I. Bagby Jr., como parte da coleção “*Studies in Romance Languages*”.

A leitura de Machado de Assis em língua inglesa oferece oportunidade para que leitores anglo-americanos explorem a riqueza e complexidade da literatura brasileira. Nesse sentido, não há dúvidas de que os tradutores desempenham papel central na facilitação desse encontro intercultural, quanto à fidelidade de marcadores culturais e outras peculiaridades.



Conforme Walter Benjamin (2008), a tradução é fundamental na preservação e na perenidade das obras, pois os leitores podem pertencer a línguas e épocas diferentes daquela em que o texto foi escrito inicialmente, mas a tradução proficiente possibilita que um texto seja apreciado e perpetuado ao longo do tempo, independentemente das línguas envolvidas.

Harold Bloom (2002) afirma que as traduções para o inglês de Machado de Assis, até a década de 1990, não eram boas, e que melhoraram no final da década, a partir das excelentes traduções de “Memórias póstumas de Brás Cubas” (*The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*, 1997) e “Quincas Borba” (*Quincas Borba*, 1998), realizadas por Gregory Rabassa, e de “Dom Casmurro” (*Dom Casmurro*, 1997), feita por John Gledson.

Bloom também deixa claro que Machado escrevia romances universais, não se limitando ao regionalismo brasileiro.

### **MACHADO DE ASSIS NA CONTEMPORANEIDADE: BLOGS E JORNAIS<sup>3</sup>**

O artigo “O lugar de Machado de Assis na República Mundial das Letras”, escrito pelo Professor Paulo Moreira, da Universidade de Yale, em 2014, menciona autores que citaram Machado de Assis em entrevistas e textos na mídia não especializada, indicando uma recepção fora do âmbito universitário nos últimos anos:

Até então praticamente ignorado por esse leitor de língua inglesa, Machado de Assis parece tornar-se uma figura mais central em Nova Iorque, a nova capital da “República Mundial das Letras”. Cinco figuras importantes nessa cena literária começam a dar destaque a Machado a partir dos 90: são quatro de língua inglesa (John Updike, Susan Sontag, Michael Wood e Harold Bloom) e o romancista e ensaísta mexicano Carlos Fuentes, indubitavelmente membro do seletto grupo de latino-americanos com trânsito nos meios críticos e editoriais novaiorquinos. (Moreira, 2014, p.1)

No mesmo artigo, Paulo Moreira informa que Susan Sontag (1933-2004) escreveu, em 1990, um texto sobre Machado na *New Yorker Magazine*, na seção *Critic at Large*, intitulado “*Afterlives: The Case of Machado de Assis*” (“Vidas póstumas: o caso de Machado de Assis”), reconhecendo a influência de Laurence Sterne e seu “*The Life and Opinions of Tristram Shandy*”, na obra machadiana.

3 “Na juventude, nosso maior escritor foi um dos responsáveis pela formação e consolidação da imprensa no Brasil, considerando-a, conforme o exposto na crônica “O Jornal e o livro”, de 10 e 12/01/1859, “a verdadeira forma da república do pensamento”. (SILVA, Marcos Fabrício Lopes da. Machado de Assis, crítico da imprensa. Brasília: Outubro Edições, 2023. p.7-8)

O texto descrevia “Memórias póstumas” como um “*splendid conceit*”, ou “ideia conceitual formidável”, por tratar-se de uma autobiografia de um narrador defunto, que utiliza a digressão em primeira pessoa como um mecanismo sutil para controlar o fluxo emocional e como principal fonte do humor que permeia todo o romance.

Segundo Moreira, Sontag classificou Machado como “um ser literário de estirpe híbrida”, colocando-o no mesmo nível de autores como o japonês Natsume Soseki (1865-1916), o alemão Robert Walser (1878-1956), o italiano Italo Svevo (1861-1928), o irlandês Samuel Beckett (1906-1989), o tcheco Bohumil Hrabal (1914-1997), Elizabeth Hardwick (1916-2007) e V.S. Naipaul (1932). Sontag, que também se inclui nessa tradição literária internacional, refere-se a esses autores como parte da “bufonaria narrativa” – uma voz em primeira pessoa tagarela tentando conquistar a simpatia do leitor.

Conforme Iwasa Braccini (2022), a notoriedade de Machado de Assis tem crescido recentemente no mundo anglo-americano, com o surgimento de novas traduções de seus contos e romances, incluindo “Memórias póstumas de Brás Cubas”, que teve duas novas traduções para o inglês publicadas em 2020. Uma dessas traduções, “*The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*”, feita por Flora Thompson-DeVeaux e publicada pela *Penguin Books*, teve sua primeira edição esgotada logo no lançamento, recebendo críticas elogiosas em revistas como *The New Yorker* e *The Economist*. Esta última destacou a tradução feita por Margaret Jull Costa e Robin Patterson, tradutores responsáveis pela tradução dos contos de Machado de Assis em 2018, que foi resenhada por Thompson-DeVeaux (2019) para a revista *Machado de Assis em Linha*.

O portal de notícia Foco no Fato noticiou que a versão em inglês de “Memórias Póstumas de Brás Cubas” se tornou o livro mais vendido da categoria “Literatura Latino-Americana e Caribenha”, na *Amazon* dos Estados Unidos, ultrapassando clássicos como “Amor nos Tempos do Cólera”, de Gabriel García Marquez, e a coletânea de ficções de Jorge Luis Borges e tornando-se também um dos *best-sellers* da plataforma, chegando a ficar configurando em 11º lugar na lista dos mais vendidos da plataforma (Foco no Fato, 2024).

Sobre a notícia, a CNN Brasil acrescenta que houve uma explosão de vendas da obra de Machado na Amazon, após a *tiktoker* Courtney Henning Novak declarar que leu o clássico da literatura brasileira como parte de um desafio, na rede, no qual ela deve ler um livro de cada país em ordem alfabética. No depoimento ela pergunta “Porque vocês não me avisaram antes que esse é o melhor livro já escrito?” (CNN Brasil; Bastos, 2024).

Em 2020, a Universidade de São Paulo promoveu o colóquio “Machado de Assis: Tradução, Edição e Circulação Internacional”, para discutir a

internacionalização de Machado de Assis e os critérios de tradução de suas obras para o inglês e o espanhol. Segundo os idealizadores do evento, “a importância de entender Machado é que ele aborda grandes questões da humanidade e da vida no Brasil”. Eles também destacam que “é com a obra traduzida para o inglês que outros países se interessam por realizar traduções em seus próprios territórios, daí o enfoque” (Jornal da USP; Ventura, 2022).

O site da Revista Exame destaca que, acrescentando a declaração de Flora Thompson-DeVeaux, tradutora de *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*, que disse ser “aquele o momento ideal de celebrar o lançamento do livro, e que ela não teria dedicado anos da sua vida para traduzi-lo se não estivesse convencida de que é uma obra para todas as eras”. A declaração foi feita por ocasião do sétimo dia de protestos contra o racismo, nos Estados Unidos, após o assassinato de George Floyd, homem negro, morto pela polícia de Minneapolis (Revista Exame; Vitória, 2022). Nesse sentido, o fato de Machado de Assis ser um escritor negro tornou o lançamento do livro em inglês ainda mais simbólico.

## A ATUALIDADE DE MACHADO DE ASSIS

Machado de Assis continua a ser surpreendentemente atual, refletindo questões e dilemas que ainda ressoam fortemente no século XXI. Seus romances e contos exploram temas universais como a hipocrisia social, a corrupção, o preconceito racial e a ambição desmedida. Através de personagens complexos e enredos intrincados, Machado expõe as fraquezas e as contradições da natureza humana, criando uma obra que transcende seu tempo e lugar. O humor irônico e a crítica sutil que permeiam seus textos oferecem uma visão perspicaz e muitas vezes desconcertante da sociedade, permanecendo relevante e provocadora até os nossos dias.

Além disso, a obra de Machado de Assis é inovadora, na forma e no estilo, características que continuam a inspirar escritores e estudiosos contemporâneos. Sua narrativa não linear, a quebra da “quarta parede”, isto é, o recurso da uma personagem dirigindo sua fala e atenção para a plateia, lembrando a todos os presentes que as ações ali apresentadas não são reais, que tudo ali é fabular, e o uso magistral da metalinguagem anteciparam técnicas literárias modernas e pós-modernas.

Assim, a maneira como Machado desafia as convenções literárias e “experimenta”, com diferentes vozes e perspectivas, mantém sua escrita viva e instigante para leitores atuais. Sua capacidade de dissecar a psicologia humana com precisão e profundidade faz de sua obra um espelho onde, ainda hoje, podemos reconhecer nossas próprias angústias e contradições.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de sua maestria literária, Machado foi capaz de assimilar e transformar elementos da cultura anglo-americana, enriquecendo ainda mais o cenário literário brasileiro e deixando um legado que ressoa até os nossos dias.

A ampliação do alcance das obras do *Bruxo do Cosme Velho* enriquece o panorama literário mundial, ao oferecer aos leitores de diversas origens, visão singular da sociedade brasileira e do ser humano, no contexto brasileiro do século XIX. Assim, a crescente internacionalização de sua obra permite que ela seja apreciada por um público mais amplo, contribuindo para sua perenidade e influência duradoura na cultura mundial.

Daphne Patai, em depoimento no Espaço Machado de Assis, na Academia Brasileira de Letras, em 29 de agosto de 2001, declarou que traduzir Machado é um desafio, especialmente em língua inglesa, porque, “captar o tom e as nuances de Machado numa outra língua, a partir do efeito que ele dá, com apenas uma ou duas palavras em português, é difícil. Muitas vezes, o tradutor tem que explicar, além de apenas traduzir, o que Machado está dizendo”. Portanto, a crescente internacionalização da obra de Machado de Assis está intrinsecamente ligada ao cuidado especial dado às traduções.

Dessa forma, embora suas raízes sejam firmemente plantadas na realidade brasileira, sua obra reflete riqueza de influências que vai além das fronteiras geográficas e linguísticas.

Por fim, *last but not least*, como ensina o Professor João Cezar de Castro Rocha, “*não devemos nos iludir, pensando que, porque Machado é atual, somos seus contemporâneos. Não somos. Machado de Assis é nosso póster, e, assim, estaremos sempre, e ainda, a compreendê-lo*”.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). **Biografia. Machado de Assis**. Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia>. Acessos em: 21 mai. 2024.

BAGBY Jr., Alberto. **Machado de Assis e seus primeiros romances**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BASTOS, Nicolay. Buscas sobre livro de Machado de Assis disparam nos EUA após post de *tiktok*. **CNN Brasil**, em 21/05/2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/lifestyle/buscas-sobre-livro-de-machado-de-assis-disparam-nos-eua-apos-post-de-tiktok/>. Acesso: 20 mai. 2024.

BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor: quatro traduções para o**

**português.** Tradução de Karlheinz Barck e outros. Fale/ UFMG, Belo Horizonte, 2008.

BLOOM, Harold. **The anxiety of influence.** Oxford: Oxford University Press, 1973.

BLOOM, Harold. Yesod. Joaquim Maria Machado de Assis. In: **Genius: A Mosaic of One Hundred Exemplary Creative Minds.** New York: Warner Books, 2002. p. 653-680.

BOSI, Alfredo. O enigma do olhar. In: **O enigma do olhar.** São Paulo: Ática, 1999. p. 7-72.

CALDWELL, Helen. **Machado de Assis: The Brazilian master and his novels.** Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1970.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: **Vários escritos.** São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970. p. 15-32.

COSTA LIMA, Luiz. **Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

FOCO NO FATO. “Braz Cubas” lidera lista de mais vendidos da Amazon dos EUA após sucesso nas redes. **Jornal Foco no Fato.** Disponível em: <http://www.foconofato.com.br>. Acesso em: 17, mai. 2024.

GOMES, Eugênio. **Shakespeare no Brasil. Rio de Janeiro.** Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1961.

GOMES, Eugênio. **Machado de Assis: leituras inglesas.** Belo Horizonte: UFMG, 2000.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Uma vocação em busca de línguas: notas sobre as (não) traduções de Machado de Assis. **Luso-Brazilian Review**, v. 46, n. 1, Edição Comemorativa do Centenário da Morte de Machado de Assis, p. 36-44, 2009.

HATJE-FAGGION, Válmi. **Destino internacional: Machado de Assis para a língua inglesa** (seis romances em múltiplas traduções). Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

HENINGHAN, Stephen. “Realism from Brazil: The genius of Machado de Assis, Rio de Janeiro’s laureate of irony.” **The Times Literary Supplement**, October 8 2008.

HOLMES, James. The name and nature of Translation Studies. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). **The Translation Studies Reader.** London; New York: Routledge, 2000. p. 172-185.

IWASA BRACCINI, Adriana Mayumi. **Iaiá Garcia de Machado de Assis em inglês, o papel dos tradutores na tradução dos marcadores culturais para o mundo anglo-americano.** (Dissertação de Mestrado). Orientador Válmi Hatje-Faggion. Universidade de Brasília, 2022. 151p.

JORGE, Sebastião. **Machado de Assis, o “bruxo” das palavras**. Observatório da Imprensa. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/tag/machado-de-assis/>. Acesso em: 20 mai. 2024.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Primas de Sapucaia. In: ASSIS, M. (Ed.). **Histórias sem data**. São Paulo: Martins Fontes, 2005a. p. 131-146.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Papéis avulsos**. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.

MASSA, Jean-Michel. “A biblioteca de Machado de Assis”. In: JOBIM, José Luís [Org.]. **A biblioteca de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: ABL; Topbooks, 2001.

MOREIRA, Paulo. O lugar de Machado de Assis na República Mundial das Letras. **Machado de Assis em linha ano 2, número 4, dezembro 2009**. Disponível em: [http://machadodeassis.net/revista/numero04/rev\\_num04\\_artigo05.asp](http://machadodeassis.net/revista/numero04/rev_num04_artigo05.asp). Acesso em: 19 mai. 2024.

ROCHA, João César de Castro. **Machado de Assis lido e relido**. Campinas: Editora Unicamp, 2016.

REDMOND, William Valentine. “De Swift a Sterne: reflexões sobre o humor britânico na obra de Machado de Assis”. **Acta Scientiarum. Language and Culture**. Maringá, v. 33, n. 1, 2011.

SILVA, Luciana Alves da. “**O espelho de Machado de Assis em língua inglesa: Tradução, retraduições e recepção**”. (Dessertação de Mestrado), Universidade Federal do Ceará, UFC., 2019, 155f.

SILVA, Marcos Fabrício Lopes da. **Machado de Assis, crítico da imprensa**. Brasília: Outubro Edições, 2023. 236 p.

SCHWARZ, Roberto. Martinha vs. Lucrecia. In: ANTUNES, B.; MOTTA, S. V. **Machado de Assis e a crítica internacional**. São Paulo: Editora UNESP, 2009b. p. 17-32.

UNESCO. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **Index Translationum**. 2015. Disponível em: <http://www.unesco.org/xtrans/bresult.aspx?lg=0&a=Machado%20de%20Assis&fr>.

VENTURA, Duda, Ventura. Um Machado para abrir as mentes: Colóquio internacional na Biblioteca Brasileira da USP aborda traduções de Machado de Assis no exterior. Publicado em 18/10/2022; **Jornal da USP**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/um-machado-para-abrir-as-mentes/> Acesso em: 20 mai. 2024.

VITORIO, Tamires. Livro de Machado de Assis em inglês esgota em um dia nos EUA. **Revista Exame**. Publicado em 05/06/2020. Disponível em: <https://exame.com/casual/livro-de-machado-de-assis-em-ingles-esgota-em-um-dia-nos-eua/>. Acesso em: 19 mai. 2024.

**EIXO**  
**MACHADO DE ASSIS NAS**  
**PERSPETIVAS POLÍTICA,**  
**JURÍDICA E SOCIAL**

---

---

## MACHADO DE ASSIS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A GESTÃO PÚBLICA BRASILEIRA

*Osnir Saturnino Nascimento<sup>1</sup>*

*Dirce Maria da Silva<sup>2</sup>*

### INTRODUÇÃO

Machado de Assis é reconhecido como um dos maiores escritores da literatura brasileira, mas sua relação com a Gestão Pública é menos conhecida. A alcunha de “Bruxo do Cosme Velho”, dada por Carlos Drummond de Andrade, denota a multifacetada personalidade criativa deste ícone literário nacional.

Embora seja mais lembrado por sua contribuição atemporal à Literatura, é de conhecimento que Machado também desempenhou papel significativo na Administração Pública. Além de seu legado literário, ele teve uma carreira profissional como servidor público, evidenciando seu envolvimento em momentos importantes da história do Brasil, na transição do Império para a República e nos primórdios do funcionalismo público no país.

Este estudo tem como objetivo explorar a vertente burocrática de Machado de Assis, por meio de uma revisão de literatura que ilumina essa faceta menos conhecida, e não menos fascinante, de sua vida e carreira pública.

---

1 Pós-graduado em Saúde Coletiva/Gestão de Pessoas em Vigilância Sanitária pela Universidade de Brasília. Formação em Consultoria Organizacional e Dinâmica de Grupo pelo Instituto Brasileiro de Psicanálise, Dinâmica de Grupo e Psicodrama – SOBRAP Brasília. Formação Holística de Base pela Universidade Internacional da Paz – Unipaz. Graduado em Administração Pública e Privada. cursando pós-graduação em Gestão de Projetos e Processos pelo Centro Universitário Mário Pontes Jucá – UMJ/FM2S. E-mail: osnir13@gmail.com.

2 Doutoranda em Estudos Literários Comparados pela Universidade de Brasília. Mestre em Direitos Humanos/Ciência Política pela Unieuro (DF). Graduada em Letras, Pedagogia e Administração. Especialista em Língua Inglesa, Gestão Pública e Negócios, Docência do Ensino Superior, Educação a Distância, Recursos Humanos, Psicopedagogia Clínica e Institucional, TEA, ABA e Neuropsicopedagogia Institucional. E-mail: profdircesalome2@gmail.com.



## BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO INICIAL

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 1839, no Morro do Livramento, Rio de Janeiro. Era filho de um pintor de paredes e de uma lavadeira portuguesa. Frequentou a escola regular por pouco tempo e não ingressou em uma universidade. Gênio autodidata, tornou-se o principal representante do realismo brasileiro. Em 1897, ele fundou, junto com Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Artur Azevedo, Olavo Bilac, e outros literatos brasileiros, a Academia Brasileira de Letras (ABL), da qual foi o primeiro presidente, cargo que ocupou por mais de 10 anos. É o patrono da cadeira de número 23, que já foi ocupada por escritores como Jorge Amado e Zélia Gattai.

Machado de Assis iniciou sua carreira literária como escritor romântico, fase em que estão presentes obras como “A mão e a luva” (1874), “Helena” (1876), “Iaiá Garcia” (1878). Em 1881 inaugurou o realismo no Brasil, com a publicação de “Memórias póstumas de Brás Cubas”. À sua fase realista também pertencem os romances “Quincas Borba” (1891) e “Dom Casmurro” (1899) (ABL, 2014).

## MACHADO DE ASSIS: LITERATURA, JORNALISMO, POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Machado de Assis iniciou sua carreira profissional muito jovem, quando começou a colaborar com jornais locais, ainda na adolescência. Em 1856 ele ingressou na Imprensa Nacional, onde conheceu Manuel Antônio de Almeida<sup>3</sup>, seu mentor, que o orientou no cargo de aprendiz de tipógrafo.

Em 1867, aos 26 anos de idade, ingressou oficialmente no serviço público, ao ser nomeado “ajudante do diretor de publicação do *Diário Oficial*”, cargo subordinado ao Ministério da Fazenda, no 22º Gabinete Ministerial da Monarquia, liderado pelo deputado-geral Zacarias de Góis e Vasconcelos (Magalhães Jr., 1981/2005, p. 237).

Em março de 1867, dias antes de ser nomeado, o gabinete de Zacarias o havia condecorado com a insígnia de *Cavaleiro da Ordem da Rosa*, destinada a premiar o mérito literário e artístico do escritor. Ocorre que, apesar da atitude discreta, ao contrário do que se ouve, Machado de Assis não foi indiferente às questões políticas de seu tempo, pois sabemos que a Literatura nunca se limitou apenas a aspectos artísticos.

Antes de sua nomeação, durante a *Guerra da Tríplice Aliança* (Brasil, Argentina e Uruguai)<sup>4</sup>, o escritor exerceu forte influência como jornalista, em prol do Império,

3 Autor de “Memórias de um sargento de milícias” (1853).

4 Conflito militar internacional envolvendo o Paraguai e a Tríplice Aliança, formada pelo Império do Brasil, Argentina e Uruguai. O confronto durou de dezembro de 1864 até

escrevendo poesias patrióticas. Em 1856, Machado publicou no *Correio Mercantil* o patriótico poema “O grito do Ipiranga”, cuja primeira estrofe dispomos a seguir:

### O GRITO DO IPIRANGA

Liberdade!... Farol divinizado!  
 — Sob o teu brilho a humanidade e os séculos  
 Caminham ao porvir. Roma as algemas  
 Quebrou dos filhos que a opressão lançara  
 Dentre a sombra de púrpura dos Césares,  
 Que envolvia Tarquínio em fogo e sangue,  
 Cheia de tua luz e estimulada  
 Por teu nome divino — essa palavra  
 Imensa como as vozes do Oceano.  
 Sublime como a ideia do infinito!  
 Tal como Roma a terra americana,  
 Um dia alevantando ao sol dos trópicos  
 A frente que domina os estandartes,  
 Saudou teu nome majestoso e belo  
 — E o brado imenso — Independência ou morte! —  
 Soltado lá das margens do Ipiranga.  
 Foi nos campos soar da eternidade (...). (Machado de Assis para o *Correio Mercantil*, 9 set. 1856).

Anteriormente, durante a *Questão Christie*<sup>5</sup>, Machado de Assis compôs um hino que foi cantado nos teatros do Rio de Janeiro, em defesa da honra nacional, após a intervenção inglesa em nossos portos e a captura de diversos navios mercantes brasileiros. Os versos do *Hino Patriótico* apareceram na *Semana Ilustrada*<sup>6</sup> com o nome de *Hino dos Voluntários*, composto para defender o Brasil durante a crise diplomática, quando D. Pedro II rompeu relações com a Inglaterra. Ei-lo, abaixo, na íntegra:

### HINO DOS VOLUNTÁRIOS

Brasileiros! haja um brado  
 Nesta terra do Brasil:  
 Antes a morte de honrado  
 Do que a vida infame e vil!

O leopardo aventureiro,  
 Garra curva, olhar feroz,  
 Busca o solo brasileiro,  
 Ruge e investe contra nós.

---

março de 1870.

5 Crise diplomática oriunda de uma série de acontecimentos conflituosos na área das relações internacionais, entre os governos do Império do Brasil e do Império Britânico, que ocorreu entre 1862 e 1865.

6 Revista carioca fundada em 1860, que teve em seu quadro, além de Machado de Assis, escritores como Joaquim Nabuco, Bernardo Guimarães, dentre outros.

Brasileiros! haja um brado  
Nesta terra do Brasil:  
Antes a morte de honrado  
Do que a vida infame e vil!

Quer estranho despotismo  
Lançar-nos duro grilhão;  
Será o sangue o batismo  
Da nossa jovem nação.

Brasileiros! haja um brado  
Nesta terra do Brasil:  
Antes a morte de honrado  
Do que a vida infame e vil!

Pela liberdade ufana,  
Ufana pela honradez,  
Esta terra americana,  
Bretão, não te beija os pés.

Brasileiros! haja um brado  
Nesta terra do Brasil:  
Antes a morte de honrado  
Do que a vida infame e vil!

Nação livre, é nossa glória  
Rejeitar grilhão servil;  
Pareça a nossa memória  
Salva a honra do Brasil.

Brasileiros! haja um brado  
Nesta terra do Brasil:  
Antes a morte de honrado  
Do que a vida infame e vil!

Podes vir, nação guerreira;  
Nesta suprema aflição,  
Cada peito é uma trincheira,  
Cada bravo um Cipião.

Brasileiros! haja um brado  
Nesta terra do Brasil:  
Antes a morte de honrado  
Do que a vida infame e vil! (*Machado de Assis, 1863*).

Sem dúvida, versos eivados de intenso sentimento de patriotismo e nacionalismo, rejeitando com firmeza o despotismo estrangeiro e a subjugação, representando o anseio por liberdade e dignidade do povo brasileiro do século XIX.

Além disso, por três anos, Machado desempenhou, sem remuneração alguma, o papel de Censor Teatral como membro do Conservatório Dramático Brasileiro, entidade privada, reconhecida pelo governo (Magalhães Jr., 1981/2005, p. 238).

Sempre conciliando literatura, jornalismo e serviço público, em 1872, Machado de Assis foi nomeado pelo Ministro da Marinha para integrar a comissão do *Dicionário Marítimo Brasileiro*, substituindo Henrique César Muzzio, que havia sido secretário do *Diário do Rio de Janeiro* quando Machado começou a trabalhar lá (Magalhães Jr., 1981/2005, p. 239).

Em 1873, Machado de Assis obteve o cargo de Amanuense, cuja função era copiar textos à mão, no Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Por um período, ele manteve ambas as funções, tanto no *Diário Oficial* (Ministério da Fazenda), quanto no Ministério da Agricultura, conciliando expedientes que se estendiam até tarde da noite. Ao final do mesmo ano, foi nomeado para o cargo de Primeiro Oficial, por indicação do Ministro José Fernandes da Costa Pereira Júnior.

Conforme Rodrigues (2016), em 1876, Machado foi promovido à chefia da segunda seção da diretoria da Agricultura. A seção dirigida por ele era responsável pela aplicação da Lei do Ventre Livre, de 1871, bem como por se posicionar sobre questões fundiárias e demarcação de terras, tendo convivido com questões relacionadas à política agrária, sendo inclusive, um dos integrantes da comissão nomeada pelo Ministro da Agricultura, em 1878, com o objetivo de elaborar um projeto de reforma da Lei de Terras de 1850.

O historiador Sidney Chalhoub (2003) relata falas de Machado, sobre documentos públicos referentes ao Ministério da Agricultura: “encontrei desde o início um volume impressionante de material sobre política de terras. (...) juntei enfim uma quantidade absurda de material sobre o tema, que está agora a atravancar a biblioteca doméstica”. Nesse contexto, conforme Rodrigues (2016), é possível considerar que a vivência do funcionário público tenha influenciado sua verve satírica, refletindo questões da realidade agrária e gabinetes ministeriais. À época, havia uma resistência à proposta de regularização fundiária, nos moldes liberais da Lei de Terras, de 1850, tornando inviável analisar a questão agrária apenas como um conflito entre barões e a elite política.

Conforme Chalhoub (2003), a repartição supracitada “opinava cotidianamente sobre invasão de terras devolutas, demarcação e medição de terras, posses, sesmarias, terras de aldeamentos, corte de madeira e outras tantas questões fundiárias”. Nesse sentido, Machado de Assis “formou-se ao longo dos anos 1870 em diálogo constante com a experiência do funcionário público e do cidadão”. Então, por esse período “é possível investigar as relações entre a experiência do funcionário e a virada narrativa do romancista, ocorrida entre 1878 e 1880, isto é, entre “Iaiá Garcia” e “Memórias Póstumas de Brás Cubas””.

Por ocasião da nomeação para o Ministério da Agricultura, cargo em que Machado de Assis permaneceu até quando faleceu, ele já contava com prestígio

como escritor, pois já havia publicado seus dois primeiros livros de poesias, “Contos fluminenses” (1870) e “Falenas” (1872), e seu primeiro romance, “Ressurreição” (1872). Nesse sentido, conforme Magalhães Júnior, Machado teria, a partir daquela nomeação, uma vida mais tranquila e segura, mas igualmente laboriosa, devido à sua dedicação, tanto às letras quanto às funções burocráticas, desempenhando ambas de maneira exemplar.

Mas ele não se acomodou. A partir disso, começou a escrever crônicas diárias em jornais como *O Globo* e *O Cruzeiro*, além de romances e folhetins para a *Revista Brasileira*. Em seguida, publicou, sucessivamente, “A Mão e a luva” (1874), “Helena” (1876), “Iaiá Garcia” (1878), e, na *Revista Brasileira*, iniciou em 1880, quando já Oficial de Gabinete, a publicação do romance “Memórias póstumas de Brás Cubas”, uma de suas obras-primas, que se prolongaria de março a dezembro, saindo em volume, no ano seguinte (Magalhães Jr., 1981/2005, p. 243).

No Ministério, Machado de Assis permaneceu por doze anos e quase quatro meses como Chefe de Seção. Durante esse período ele exerceu diversas funções, dentre as quais, a de Oficial de Gabinete dos ministros Manuel Buarque de Macedo e, em seguida, de Pedro Luís Pereira de Sousa, que confiava a Machado grande parte das suas tarefas, momento em que o escritor praticamente exerceu o cargo de vice-ministro, pois ele recebia e conversava, em nome do ministro, com brasileiros e estrangeiros, que vinham tratar no Ministério.

Segundo Sartorelli e Martins (2016), por volta de 1886, Machado de Assis realizou um estudo sobre terras devolutas, terras de aldeamento e limites interprovinciais, entre outros tópicos, que serviu como base para debates na Câmara dos Deputados. O projeto já havia sido aprovado em terceira discussão pela Câmara e encaminhado ao Senado, onde permaneceu por alguns anos sem avanços.

Em 1889 Machado de Assis foi novamente promovido, passando a atuar em áreas de apoio no Ministério de Viação e Obras, tendo ocupado os cargos de Diretor de Comércio (de 1889 a 1892) e Diretor-Geral de Viação e Obras (de 1892 a fins de 1897).

Conforme Sartorelli e Martins, informações publicadas em jornais da época oferecem uma noção das responsabilidades de Machado de Assis como Diretor de Comércio:

- (a) licitação sobre serviços de navegação para a Região Norte, assinado por Machado quando era diretor geral de viação, e que estabelecia a condição das barcas, preço das passagens, dentre outros detalhes (notícia veiculada no periódico *O PAIZ* (Rio de Janeiro), de 28.3.1893, página 3 – fonte: Arquivo do ano de 1893, Edição 03978, Hemeroteca Digital);
- (b) definições sobre passes permanentes da estrada de ferro (publicado no jornal *A Gazeta de Notícias* (RJ), em 7.2.1897, edição 38, primeira página – Hemeroteca Digital) (Sartorelli e Martins, 2016, p. 275).

Em 1894, a edição 115 da Gazeta de Notícias publicou a exoneração do ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, assinada por João Felipe Pereira e Machado de Assis. Na época, o Ministério possuía três diretorias gerais: Diretoria Geral da Indústria, Diretoria Geral de Obras e Viação e Diretoria Geral de Contabilidade. Machado permaneceu como Diretor-Geral de Viação até 1897, ano em que se deu a fundação da Academia Brasileira de Letras.

Sartorelli e Martins esclarecem que o Ministério de Viação e Obras tinha o segundo maior Relatório de Despesas da União, sendo responsável por 29% do total das despesas fixadas para o ano de 1893. O fato de Machado de Assis ter ocupado o cargo de Diretor-Geral de Contabilidade, é geralmente visto, por alguns, como reconhecimento por sua longa carreira em áreas que exigiam conhecimentos de contabilidade. Para outros, a nomeação pode ser alvo de questionamentos, considerando que a justificativa pode ter sido meramente política. No entanto, é importante considerar que esse Ministério movimentava grandes quantias de dinheiro, exigindo do dirigente um alto grau de responsabilidade e conhecimentos sólidos na área.

Em 2019, a *Revista Brasileira de Contabilidade* veiculou a reportagem “*Machado de Assis e a importância do passado para o presente e o futuro da profissão*”, assinada por Maristela Giroto, em que o Conselho Federal de Contabilidade reitera a importância de Machado de Assis como contabilista, citando o referendado estudo desenvolvido por Sartorelli e Martins (2016)<sup>7</sup>.

A reportagem afirma que, “*os achados da pesquisa permitem inferir que Machado de Assis exerceu as funções de guarda-livros, denominação dada à época para o que hoje chamamos de contador*”. E que, “*Machado atuou na área contábil pelos conhecimentos que tinha do idioma francês, ou seja, por conhecimentos que vão muito além da técnica contábil. E assim também acontece hoje*”, conforme Giroto.

Quando ocupava o cargo de Diretor-Geral de Viação e Obras, o requisito legal para exercê-lo era ser engenheiro (isso foi o que passou a ser exigido em fins de 1897). Com isso, Machado de Assis foi colocado em disponibilidade, retornando ao Ministério apenas em fins de 1902, no cargo de Diretor-Geral de Contabilidade, para o qual não havia a exigência de ser engenheiro.

Diversos episódios notáveis destacam-se no contexto do funcionalismo público brasileiro. Dentre eles está o do magistral parecer sobre o registro de escravos, regulado pela Lei do Ventre-Livre, de 28 de setembro de 1871, que

---

7 SARTORELLI, Isabel Cristina; MARTINS, Eliseu. Machado de Assis, guarda-livros? *Estudos Avançados*. 30(88), UFSCar, 2016. DOI: DOI: 10.1590/S0103-40142016.30880017. Isabel Cristina Sartorelli é doutora em Contabilidade, professora adjunta do Curso de Graduação em Administração da UFSCar (Campus Sorocaba). Eliseu Martins é professor sênior colaborador da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto (FEA-RP/USP). Professor titular aposentado da FEA/USP.

submetido à apreciação de Machado de Assis, este demonstrou habilidade digna de juristas experientes.

À ocasião, após apreciação de especialistas e funcionários constantes da pasta ministerial em questão, solicitaram ao então Chefe da 2ª Seção, desfecho final. Machado de Assis expôs suas razões:

“O argumento principal que acho nestes papéis, favorável à negativa, é que as causas de que trata o artigo 19 do regulamento não são a favor da liberdade, isto é, não são propostas pelo escravo, mas pelo senhor, a favor da escravidão, entenda-se a favor da propriedade. Esta diferença não é radical, mas aparente e acessória. As causas do artigo 19 é certo que não as propõe o escravo, mas o senhor; não têm por objeto a libertação, mas a prova da propriedade do senhor e da força maior que deu lugar à falta de matrícula. Mas em que tal diversidade de origem pode eliminar o objeto essencial e superior do pleito, isto é, a liberdade do escravo? Importa pouco ou nada que o recurso à justiça parta do escravo ou do senhor, desde que o resultado do pleito é dar ou retirar a condição livre ao indivíduo nascido na escravidão. Acresce que, na hipótese do artigo 19, a decisão contraria a liberdade, é contrária à liberdade adquirida, anula um efeito da lei, restitui à escravidão o indivíduo já chamado à sociedade livre; neste, como no caso do artigo 7º da lei, é a liberdade que perece; em favor dela deve prevalecer a mesma disposição”. (Magalhães Júnior, 1981/2005, p. 240-242).

Ainda não esgotada a argumentação, concluiu:

“Na diferença entre ação sumária (artigo 7º da lei) e ação ordinária (artigo 19 do regulamento) não estará, presumo eu, a razão da diferença para a aplicação do recurso de que se trata. Ser sumário ou ordinário o processo, suponho que apenas lhe diminui ou multiplica os trâmites, circunstância alheia ao ponto litigioso. Outrossim, convém não esquecer o espírito da lei. Cautelosa, equitativa, correta, em relação à propriedade dos Senhores, ela é, não obstante, uma lei de liberdade, cujo interesse ampara em todas as suas partes e disposições. É ocioso apontar o que está no ânimo de quantos a têm folheado; desde o direito e facilidades da alforria até à disposição máxima, sua alma e fundamento. Sendo este o espírito da lei, é para mim manifesto que num caso como o do artigo 19 do regulamento, em que, como ficou dito, o objeto superior e essencial é a liberdade do escravo, não podia o legislador consentir que esta perecesse sem aplicar em seu favor a preciosa garantia indicada no artigo 7º da lei. Tal é o meu parecer, que sujeito à esclarecida competência da Diretoria. Em 21 de julho de 1876./Machado de Assis”. (Magalhães Júnior, 1981/2005, p. 240-242).<sup>8</sup>

Em outra ocasião, o general Sérgio Bibiano da Fonseca Costallat, último ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do governo do Marechal Floriano Peixoto, enviou a Machado de Assis uma carta de agradecimento ao

8 Para uma visão geral do caso: MAGALHÃES JR., Raymundo. Machado de Assis funcionário público. Texto publicado na RSP de out/dez, 1981. (Ano 38, v. 109, n. 4). RSP. *Revista do Serviço Público Brasília*, 56 (2): 237-248 Abr/Jun. 2005.

deixar o cargo. Nessa carta, o ministro elogiou a capacidade e a diligência de Machado como funcionário público, ressaltando sua competência e dedicação:

*“Sem o seu esclarecido auxílio e sem o seu profundo conhecimento dos negócios daquela pasta, com os quais, como militar, pela primeira vez lidava, não teria conseguido desempenhar-se a contento do cargo de ministro, a que fora levado pela confiança de Floriano”.* (Magalhães Jr., 1981/2005, p. 246).

Constata-se assim, que Machado de Assis teve seus múltiplos talentos reconhecidos, em diversas ocasiões ao longo de sua carreira.

No período como Diretor-Geral de Contabilidade, ele ficou um período como secretário de Eptácio Pessoa, então ministro de Justiça, voltando ao cargo de Contador, nomeado por Lauro Müller. Logo após, no mesmo ano, o sucessor de Müller, Miguel Calmon, o nomeou diretor das Rendas Públicas do Tesouro Nacional, para exercer as funções de membro da Comissão Fiscal e Administrativa das Obras do Porto do Rio de Janeiro, sem prejuízo de suas funções de Diretor de Contabilidade.

Mas Machado de Assis faleceu no ano seguinte, a 29 de setembro, com 69 anos de idade e com 40 anos e cinco meses de serviço público.

## LINHA DO TEMPO MACHADO DE ASSIS

A ascensão de Machado de Assis na burocracia pública, culminando em cargos de alta responsabilidade, destaca sua indiscutível competência como funcionário público. Sua condecoração com a *Ordem da Rosa*<sup>9</sup> e seu reconhecimento como Patrono da Imprensa Nacional, afirmam, de forma inquestionável, a importância de sua contribuição ao desenvolvimento institucional do Brasil.

Apresentamos a seguir, síntese da sua trajetória no funcionalismo público brasileiro, elaborada, recentemente, pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento:

### **MACHADO DE ASSIS, FUNCIONÁRIO PÚBLICO, NO IMPÉRIO**

**1856** - Aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional (então Tipografia Nacional) até 1858.

**1860** - Criação da Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas que viria mais tarde a transformar-se no Ministério da Agricultura.

**1867** - Ajudante do diretor de Publicação do Diário Oficial de 1867 a 1878.

**1873** - Ingresso, como amanuense ou primeiro oficial, no quadro da Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

**1876** - Chefe de Seção.

<sup>9</sup> A Imperial Ordem da Rosa foi uma ordem honorífica brasileira, criada em 17 de outubro de 1829 pelo Imperador Pedro I para perpetuar a memória de seu matrimônio, em segundas núpcias, com a princesa Amélia de Leuchtenberg.



**1880** - Oficial de Gabinete.

**1888** - Condecorado pela princesa Isabel com a comenda da Ordem da Rosa, em grau de oficial, por suas obras literárias.

**1889** - Diretor da Diretoria de Comércio da Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

### **MACHADO DE ASSIS, FUNCIONÁRIO PÚBLICO, NA REPÚBLICA**

**1892** - Diretor-Geral da Viação da Secretaria de Estado dos Negócios da Indústria, Viação e Obras Públicas.

**1897/1898** - Colocado em disponibilidade em função das alterações do nome e da estrutura do Órgão.

**1902** - Diretor-Geral de Contabilidade.

**1908** - 1º de Junho - Licença para tratamento de saúde. 29 de Setembro - Falecimento.

**1997** - Declarado Patrono da Imprensa Nacional no governo de Fernando Henrique Cardoso. (Brasil. MAPA, s/d; **grifos nossos**).

Com certeza, o papel como funcionário público forneceu-lhe vasto repertório de experiências e observações, que enriqueceram sua literatura. Dessa forma, temos Machado de Assis, um dos maiores escritores brasileiros, também como um dedicado e exemplar servidor público.

Em 1998, a Academia Brasileira de Letras passou a conceder, todos os anos, o Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de obras, aos autores que tivessem as melhores obras literárias. O Prêmio Machado de Assis foi criado por meio da Lei n. 6.556/2019<sup>10</sup>, de autoria do Executivo municipal, e tem por objetivo homenagear as pessoas que atuam na defesa da igualdade racial.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo da vida de Machado de Assis como funcionário público oferece pertinentes reflexões para a Gestão Pública brasileira. Ao reconhecer a importância do passado para o presente e o futuro da Gestão Pública, podemos aprender com as experiências anteriores e enfrentar os desafios contemporâneos com mais perspicácia.

Ao examinar a vida e a obra de Machado de Assis, identificamos lições relevantes que podem ser aproveitadas pelos gestores públicos atuais. Sua capacidade de adaptação em lidar com ambiguidades e contradições, e seu compromisso e ética com a coisa pública são qualidades que continuam a inspirar e a orientar profissionais do serviço público.

Machado de Assis pode ser visto como um mentor moderno da inteligência emocional, devido à sua resiliência em momentos difíceis e paciência com a vida e

---

<sup>10</sup> Lei Ordinária N. 6.556/2019. Institui o Prêmio Machado de Assis da Cultura Afrobrasinense. Disponível em: <https://legislativo.camarabetim.mg.gov.br/NormaJuridica/DadosNormaJuridica/52429>.

as pessoas, características refletidas em seus diversos escritos, de leveza e humor, estados de espírito que podem ser auxiliares na construção de relacionamentos saudáveis e na tomada de decisões mais empáticas e eficazes.

Em última análise, a relevância de Machado de Assis para a Gestão Pública reside na capacidade de suas experiências e ideias transcenderem as fronteiras do tempo, oferecendo inspiração para os desafios contemporâneos enfrentados por colaboradores da Gestão Pública. Seja na Literatura ou na Administração Pública, o legado de Machado de Assis continua a ressoar e a influenciar aqueles que buscam promover uma governança eficaz, transparente e ética.

## REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). **Biografia. Machado de Assis**. Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia>. Acessos em: 21 mai. 2024.
- ASSIS, Machado de. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: W.M.Jackson Editores, 1942.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). **Linha do Tempo Machado de Assis**, s/d. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/arquivos/folder-machadodeassis.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2024.
- CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis Historiador**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- GIROTTO, Maristela. “Machado de Assis e a importância do passado para o presente e o futuro da profissão”, p. 5-7. **CFC**. Conselho Federal de Contabilidade. RBC. Revista editada pelo Conselho Federal de Contabilidade – ano XLVIII n. 236 – mar/abr. 2019. 87p.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. O Grito do Ipiranga. Poemas dispersos. **Correio Mercantil**, 9 set. 1856. Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos. Obra Completa, Machado de Assis, vol. III, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994. Toda poesia de Machado de Assis. Org. de Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=134805>
- MAGALHÃES JR., Raymundo. Machado de Assis funcionário público. Texto publicado na RSP de out/dez, 1981. (Ano 38, v. 109, n. 4). **RSP**. Revista do Serviço Público Brasília 56 (2): 237-248 Abr/Jun 2005.
- RODRIGUES, Pedro Parga. O Funcionário Machado de Assis e seu Deboche aos Potentados. **Anais do XVII Encontro de História da Anpuh-Rio**. Instituto Multidisciplinar da UFRRJ, Campus Nova Iguaçu. 8 a 11 de agosto de 2016.
- SARTORELLI, Isabel Cristina; MARTINS, Eliseu. Machado de Assis, guarda-livros? **Estudos Avançados 30 (88)**, UFSCar, 2016. DOI: DOI: 10.1590/S0103-40142016.30880017.

## COM A “PENA DA GALHOFA E A TINTA DA MELANCOLIA” MACHADO DE ASSIS ANUNCIAVA A INTERSECCIONALIDADE

*Cláudia Mota<sup>1</sup>*

### INTRODUÇÃO

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) foi um dos escritores mais extraordinários da literatura brasileira do século XIX. Sua principal contribuição para a abolição da escravatura foi ser naturalmente “Machado de Assis”, um mulato dentro de uma sociedade escravagista em uma época que o debate sobre raça e preconceito era tímido e comedido.

Ele testemunhou a abolição da escravatura e, apesar de ter criticado a escravidão e a pobreza que atingia o povo negro, incluindo mulheres, a elite de sua época fingia que ele era branco. Ademais, acompanhou a mudança política no país quando a República substituiu o Império e assistiu às transformações do mundo no século XIX e no início do XX.

Machado de Assis foi o principal autor do movimento literário do realismo e deixou um legado ímpar para a história e para a literatura. Suas técnicas narrativas e sua interpretação social incitavam e incitam o senso crítico do leitor, convidando-o a defender a liberdade como direito inegociável.

Afrodescendente, filho de uma lavadeira-escrava e de um pintor, ele nasceu na periferia, em Morro do Livramento e, apesar de ter transitado no movimento do romantismo, seu lugar sempre foi no realismo, afinal, sua obra possibilitou compreensões e debates qualificados sobre as engrenagens da sociedade brasileira, os costumes e os comportamentos sociais, carregando

---

1 Mestre em Direitos Humanos, Cidadania e Violência (Ciência Política) pelo Centro Universitário Unieuro - Brasília/DF. Especialista em Direito Público pelo Instituto Processus - Brasília/DF. Graduada em Direito pela Universidade Veiga de Almeida - Rio de Janeiro/RJ. Atuou como advogada autônoma, como docente da graduação em Direito. Atualmente é servidora pública federal do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios, atuante na área-fim, pesquisadora da área de violência, gênero, desigualdade, conflitolgia e pós-graduanda da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: claudiamota@gmail.com.

bagagens históricas, características de uma época e trazendo realidades “nuas e cruas” com fino tom irônico.

Dentre as temáticas sociais relevantes, destacam-se: desigualdade, gênero, raça, bem como questões que alcançam reflexões sobre a moralidade. A multifacetada obra desse genial escritor é base não somente para o estudo da literatura, mas também para a compreensão do mundo, enfim, sua obra é atemporal e faz o indivíduo sair do conhecimento raso e atingir profundidade na compreensão da natureza humana.

O objetivo deste trabalho é, para além de celebrar os 185 anos de nascimento deste autor ímpar, provocar o debate sobre questões de gênero e raça que a obra de Machado de Assis narrava, muito antes de surgir o estudo sobre interseccionalidade.

Assim, pretende-se destacar a relevância da leitura de Machado de Assis, associada ao aporte científico desenvolvido pelas autoras Angela Davis, Lélia González e Kimberlé Crenshaw.

De fato, a interseccionalidade, muito antes de ser estabelecida como conceito, fez parte da narrativa machadiana, uma vez que diversos dos seus livros e contos traziam a realidade social sobre preconceitos e questões estruturais envolvendo gênero e raça.

Nesse contexto, o ponto de debate aqui apresentado vem de um recorte específico da interseccionalidade na discriminação de gênero e raça, temática inserida no contexto de estratificação social que compõe alguns trabalhos de Machado de Assis.

## DESENVOLVIMENTO

O termo “interseccionalidade”, cunhado por Kimberlé Crenshaw em 1989, surgiu a partir de contextos relacionados ao movimento de mulheres negras dos Estados Unidos e permite esclarecer a demarcação de desigualdades e a coexistência de opressões sociais (Crenshaw, 2022).

Originada da expressão *intersecção*, que significa ação ou efeito de cortar ao meio, ou seja, de demarcar duas linhas ou planos que se sobrepõem, a interseccionalidade, como conceito sociológico, é o cruzamento de dois ou mais eixos relacionados a questões de identidade – gênero, raça (Crenshaw, 2022).

Para compor o estudo e conectar a temática à obra de Machado de Assis, a autora, na leitura desse autor, destacou duas referências teóricas: *Mulheres, raça e classe* (Davis, 2016) e *Por um feminismo afro-latino-americano* (González, 2020) para destacar o objeto desse estudo, qual seja, demonstrar que a narrativa machadiana anunciou a interseccionalidade entre gênero e raça muito antes que se pudesse explorar o tema cientificamente.

Angela Davis é filósofa, ativista feminista, ícone da luta pelos direitos civis, intelectual marxista, estadunidense, discípula de Herbert Marcuse, professora emérita do departamento de estudos feministas da Universidade da Califórnia. Integrou o grupo Panteras Negras e o Partido Comunista dos Estados Unidos, tornando-se mundialmente conhecida pela mobilização da campanha “Libertem Angela Davis”. Impossível não relacionar esta autora com Machado de Assis que entendia a liberdade como direito inegociável (Davis, 2016).

Como bem descreveu Djamila Ribeiro: Angela Davis era “uma mulher à frente de seu tempo [...] que alia de forma brilhante academia e militância, recusando uma suposta neutralidade epistemológica [...]”. Da mesma forma, Machado de Assis foi um escritor à frente de seu tempo, com ideias encorajadas pela compreensão de um mundo cheio de problemas, mas também cheio de inteligência e poesia.

Já Lélia González foi uma das intelectuais mais importantes do século XX no Brasil: filósofa, antropóloga, professora e militante do movimento negro feminista, atuou de forma decisiva na luta contra o racismo estrutural e na articulação das relações entre gênero e raça. Foi uma figura política histórica de expressão no Brasil, que construiu redes alternativas para compreender a realidade nacional (González, 2020).

Um exemplo a ser observado no estudo das Ciências Sociais, principalmente, por ter compreendido e revelado a dificuldade de ser negra em um país que protesta a democracia racial ao mesmo tempo em que debate e reproduz os conceitos relacionados ao branqueamento (González, 2020). Em correlação, Machado de Assis anunciava, de modo melancólico e poético, a realidade das consequências da escravidão.

Nas obras machadianas, considerando o contexto histórico, as narrativas envolvendo personagens femininas apresentam a sociedade patriarcal, culturalmente imbuída de preconceitos e julgamentos antecipados, em que a mulher se submetia aos mandos e desmandos do homem. A começar por *Capitu* em *Dom Casmurro*, personagem do clássico de Machado de Assis, em que as variadas interpretações, inclusive dos outros personagens, a compreendiam a partir de adjetivos atribuídos de forma negativa (Assis, 2022).

A forma como Machado de Assis narra os comportamentos das mulheres leva os leitores a pensarem o quanto o patriarcado exigiu e exige das mulheres até os dias atuais (vide os dados recentes de feminicídios e demais espécies de violência misógina).

A batalha das mulheres, destacando as negras (estudadas por Angela Davis e Lélia González), é continua. Sempre buscaram a igualdade sociopolítica e o respeito da sociedade. Ora, “apenas em 2022, por meio da Lei n. 14.443,

permitiu-se a laqueadura em mulheres sem a necessidade do consentimento do cônjuge, ou seja, antes este consentimento era indispensável para que a mulher pudesse operar” (Mota, 2023).

Diante disso, é possível depreender que se neste século ainda existem questões que subjagam as mulheres brancas e negras, imaginemos à época da vivência de Machado de Assis (1839-1908), em que o casamento era visto como única via de ascensão social para a mulher, no qual ela teria mínima segurança para não enfrentar escassez e riscos.

Observa-se que os romances de Machado de Assis na fase literária do realismo apresentaram personagens femininas que atingiram estabilidade por meio de casamentos sólidos, a saber: Capitu em *Dom Casmurro* (2022), Virgília em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (2023), Sofia em *Quincas Borba* (2021), Guiomar em *A Mão e A Luva* (1998).

Capitu é interpretada por José Dias como uma pessoa astuta e dissimulada: “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” – uma metáfora para incitar que Capitu era misteriosa e suas intenções poderiam ser maldosas, ambíguas, obscuras (Assis, 2022).

Em *Quincas Borba*, Sofia era considerada sedutora porque atrai Rubião para usufruir de seu prestígio, mas logo o abandona por ocasião de sua ruína. Já Virgília em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é uma mulher ardilosa e repudia Brás para se casar com Lobo Neves porque este seguia carreira política. Porém, para atender seus interesses pessoais, tornou-se amante do antigo namorado (Assis, 2021, 2023).

Sob outra perspectiva, Flora, em *Esau e Jacó*, é adolescente apaixonada pelos gêmeos e por não poder escolher nenhum, enlouquece e morre, tendo um devaneio da composição dos dois irmãos gêmeos em um homem só, último delírio que esta doença chamada paixão provocou na jovem. Para Flora, seu desejo da fusão dos dois irmãos se perfaz em seu delírio, já que na realidade isto não é possível. E é a morte que se apresenta como ideal romântico do amor ardente (Assis, 2020).

E o que há em comum entre essas personagens machadianas? Percebe-se que as figuras femininas de Machado de Assis se apresentam reprimidas, oprimidas e, apesar de inteligentes, vistas como ardilosas e adjetivadas por suas pretensões e julgadas, antecipadamente, por supostos comportamentos e aspirações. Será que isso aconteceria se fossem homens? E qual seria o outro caminho para as mulheres machadianas a não ser buscar um relacionamento estável? E para mulheres negras, como Machado de Assis apresenta no conto *Pai contra mãe* em *Relíquias da Casa Velha*? No poema narrativo *Sabina*, em *Americanas*, e no conto *Mariana*, em *Jornal das Famílias*, qual seria o destino?

Nesse contexto, consideradas as referências biográficas, chega-se à proposta desse ensaio, vislumbrando-se perspectivas contemporâneas, a partir do estudo de Angela Davis e Lelia Gonzalez e das obras de Machado de Assis, em que paradigmas vêm sendo desconstruídos e mulheres começam a ter espaço nos diversos cenários sociais e políticos. E aqui propõe-se um debate em face do potencial revolucionário das ideias das referidas autoras e das narrativas atemporais de Machado de Assis.

Do livro *Mulheres, raça e classe*, nota-se que Angela Davis compreende o que restou da escravidão (tema amplamente retratado por Machado de Assis), que perpassa pelo surgimento dos direitos femininos, em face do movimento antiescravagista. A obra sublinha o racismo no movimento sufragista, considera o conceito de emancipação para mulheres negras (“*apenas um número infinitesimal de mulheres negras conseguiu escapar do campo, da cozinha ou da lavanderia*”), expõe a perspectiva das mulheres negras sob o prisma da educação e libertação, faz referência a mulheres revolucionárias, chegando à questão de ser mulher e ser negra.

Por um *feminismo afro latino-americano*, Lélia apresenta diversas temáticas relacionadas à cultura, à etnicidade, ao desemprego, ao racismo e ao sexismo, ao movimento negro e à mobilização política, à questão negra no Brasil, ao racismo por omissão, à democracia racial, dentre outros. Nesse estudo em específico, aproprio-me do capítulo “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, para, ao trazer o debate para o presente, mencionar que a narrativa machadiana amplia os horizontes e prospecta o que seria alvo de discussão no século XXI.

A partir da compreensão sobre discriminação racial, a referida filósofa brasileira destaca em seu estudo o capitalismo competitivo, o desenvolvimento desigual, chegando à análise das condições relacionadas ao desemprego e ao subemprego, bem como ao movimento negro unificado, que reconhece os problemas relacionados à interação do sistema e suas articulações.

Ao correlacionar o estudo da interseccionalidade às narrativas machadianas, Sebastião Rios destaca em sua tese:

Os romances *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires* e, ainda, os contos e as crônicas apresentam uma crítica ao mesmo tempo sutil e profunda da sociedade escravocrata do século XIX, mostrando o quanto as relações de força constituem um espaço social propício ao afloramento das pulsões agressivas. A intenção do estudo, entretanto, não é apresentar uma interpretação isolada de cada obra específica de Machado de Assis e, sim, mostrar como a crítica social está presente e se articula no conjunto da obra. (Rios, 2020).

A interseccionalidade, como um termo sociológico analítico, possibilita a compreensão e a percepção, com maior perspicácia, das desigualdades e da coexistência de opressões e de preconceitos na sociedade, demarcadores que

permeiam a vida das minorias, em especial, os sistemas de abuso, exploração e tirania sobre mulheres. Assim, ressalta-se a importância de entender e compreender a interseccionalidade em face do ativismo feminista, sobretudo, pela história de lutas e discussões sobre as temáticas de raça e gênero, anunciadas por Machado de Assis.

Vale abrir um parêntese aqui, entre Davis e Gonzalez, para mencionar a análise sobre interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw (pesquisadora de questões relacionadas à raça e ao gênero, citada na introdução) que descreveu a sobreposição das discriminações de raça e gênero ao citar o processo movido pela empresa De Graffen Reed contra a General Motors, fundamentado no fato de que esta empresa se recusou a contratar mulheres negras:

[...] A interseccionalidade sugere que, na verdade, nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos. [...] A discriminação não era incomum em muitos contextos industriais. Indústrias segregavam as pessoas em função de sua raça, de seu gênero, etc. Havia empregos para negros, mas esses empregos eram só para homens. Havia empregos para mulheres, mas esses empregos eram só para mulheres brancas. [...] (Crenshaw, 2004).

Extraí-se do exame de Crenshaw, que racismo e patriarcalismo são eixos distintos que podem se interligar por intersecções, uma vez que para mulheres brancas e homens negros havia empregos na General Motors.

De fato, mulheres, brancas e negras vêm alcançando, de forma paulatina, espaço nos ambientes sociopolíticos, mas ainda há muito a se debater e manifestar frente à discriminação de raça e de gênero, que operam juntas, como evidencia o estudo da interseccionalidade. E, de fato, um dos contributos a esse avanço foram as narrativas de Machado de Assis, que denunciavam, pela via literária, questões tão sensíveis da sociedade maniqueísta.

Por fim, infere-se que o conceito de “interseccionalidade” deixa claro que os sistemas de opressão se relacionam e se sobrepõem face a questões de identidade. E, mesmo em se tratando de questões distintas como racismo, patriarcado e sexismo, andam juntos e excluem pessoas de formas diversas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao associar a leitura de Machado de Assis ao aporte científico de autoras como Angela Davis, Lélia González e Kimberlé Crenshaw, destacamos a relevância de entender sua obra como fonte de reflexão sobre as dinâmicas sociais que permeiam a sociedade.

Ao focalizar o debate sobre a interseccionalidade na discriminação de gênero e raça no contexto da obra machadiana, enriquecemos nosso



entendimento da estratificação social presente em suas narrativas e ressaltamos a importância de abordagens interdisciplinares que dialogam entre a literatura e as ciências sociais, proporcionando compreensão mais ampla das questões humanas que atravessam o tempo e o espaço.

Conclui-se que, dos temas debatidos aqui sobre estratificação social, às ciências sociais muito interessa a análise sociológica da interseccionalidade, de modo que se apresenta indispensável o presente estudo, por se tratar de temática vivenciada diariamente em todo o mundo e tratada por um dos escritores mais geniais do século XIX.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **A mão e a luva**. Fixação de texto, notas e prefácio de Marcia Ivana de Lima e Silva; coordenação editorial, biografia do autor, cronologia e panorama do Rio de Janeiro por Luís Augusto Fischer; Porto Alegre, RS: L&PM, 1998.

ASSIS, Machado de. **Casa velha**. Fixação de texto, notas e posfácio de Marcelo Frizon; coordenação editorial, biografia do autor, cronologia e panorama do Rio de Janeiro por Luís Augusto Fischer; ilustração do mapa por Fernando Gonda. Porto Alegre, RS: L&PM, 2023.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Fixação de texto, notas e posfácio de Homero Araújo; coordenação editorial, biografia do autor, cronologia e panorama do Rio de Janeiro por Luís Augusto Fischer. Porto Alegre, RS: L&PM, 2022.

ASSIS, Machado de. **Esau e Jacó**. Fixação de texto, notas e posfácio de Pedro Gonzaga; coordenação editorial, biografia do autor, cronologia e panorama do Rio de Janeiro por Luís Augusto Fischer. Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Fixação de texto, notas e posfácio de Antônio Sanseverino; coordenação editorial, biografia do autor, cronologia e panorama do Rio de Janeiro por Luís Augusto Fischer. Porto Alegre, RS: L&PM, 2023.

ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. Fixação de texto, notas e posfácio de Carla Vianna; coordenação editorial, biografia do autor, cronologia e panorama do Rio de Janeiro por Luís Augusto Fischer. Porto Alegre, RS: L&PM, 2021.

BRASIL. **Lei 14.443 de 02 de setembro de 2022**. Altera a Lei nº 9.263, de 12 de janeiro de 1996, para determinar prazo para oferecimento de métodos e técnicas contraceptivas e disciplinar condições para esterilização no âmbito do planejamento familiar. Brasília, 2022. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2022/lei/L14443.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2022/lei/L14443.htm). Acesso em: 10 mai. 2024.

CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade na discriminação de gênero**

**e raça.** 2004. Disponível em: < <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf> > Acesso em: 29 set. 2022.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016, 248p.

GIL, Fernando C. Arte e sociedade nos contos de Machado de Assis. **Revista Trama** - Volume 4 - Número 8 - 2º Semestre de 2008.

GONZÁLEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** In: *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MOTA, Cláudia. Estado democrático de direito e a participação da mulher do século XXI nos cenários sociais: evoluções e perspectivas. In: **Sociedade, educação e saúde** – pilares em (re)construção. Volume 1. Organizadoras: Eunice Nóbrega Portela, Dirce Maria da Silva, Bruna Beatriz da Rocha, Rebeca Freitas Ivanicska. Itapiranga: Schreiber, 2023.

RIOS, Sebastião. **A pena da galhofa e a tinta da melancolia: técnica narrativa e interpretação social na obra de Machado de Assis.** Goiânia: Cegraf UFG, 2020.

## **DIREITO À SAÚDE MENTAL NO BRASIL À LUZ DA PERSPECTIVA MACHADIANA EM “O ALIENISTA”**

*Larissa Argenta Ferreira de Melo<sup>1</sup>*

### **O DIREITO À SAÚDE NO CONTEXTO BRASILEIRO ATUAL**

A manutenção de bom estado de saúde, entendendo-se a expressão de maneira generalista, perpassa o discurso social em todas as suas vertentes, caracterizando-se como verdadeiro valor humano, não raras vezes confundido com o próprio direito à vida em si. Paradoxalmente, a construção empírica do verdadeiro significado de tal expressão demanda algum esforço analítico que viabiliza a conceituação aderente ao imaginário social coletivo brasileiro.

A definição do que representa a palavra “saúde” sofreu diversas alterações decorrentes da evolução histórico-social da humanidade, notadamente em relação à mudança nas relações de interseccionalidade entre Ciência, Religião e Estado ao longo dos anos. Por consequência, a construção hermenêutica do conceito verificado no Brasil não foge desta realidade, refletindo-se como resultado axionômico das influências que impactaram na definição de saúde no âmbito brasileiro.

No decorrer da História, houve ampla oscilação entre as diversas interpretações do que seria a “saúde” e, por consequência, das intervenções necessárias à garantia de sua manutenção, ou das ações necessárias à atuação preventiva neste contexto. Verifica-se, no breve cotejo entre as diferentes vertentes acima elencadas que, a depender da linha analítica utilizada para a constituição do conceito, a terapêutica utilizada para tratar da questão varia de forma quase que dicotômica, oscilando entre fatores exógenos e endógenos ao indivíduo.

Pode-se inferir, a grosso modo, que a percepção do que seria o estado salutar do ser humano, e a abordagem interpretativa utilizada para desmembrá-lo pode decorrer, inclusive, de fatores econômicos. Por exemplo, é incontestante

---

<sup>1</sup> Mestranda em Direitos Sociais e Processos Reivindicatórios pelo Centro Universitário IESB. Pós-Graduada em Direito Processo Civil. Graduada em Direito pela UniDF e em Administração pela Universidade de Brasília. Advogada e Bancária. E-mail: [laruargenta1@gmail.com](mailto:laruargenta1@gmail.com).

o fato que de que as condições ambientais e sociais exercem significativo impacto em populações de menor renda, muitas vezes submetidas a condições degradantes de existência e pouco acesso a recursos financeiros, intelectuais e institucionais. Por outro lado, com o incremento da condição financeira, verifica-se uma abordagem mais voltada às condições específicas do corpo individual, seu funcionamento e formas de tratamento.

Deste modo, nota-se de maneira robusta que o conceito de saúde prescinde de alguns aspectos exógenos ao indivíduo, assim como a saúde interna deste não pode ser percebida alijada de sua complexidade, carecendo da complementariedade de informações relativas a todo o contexto social em que este indivíduo se insere.

Portanto, a definição de uma conceituação única para a saúde, nos moldes difundidos hodiernamente, vincula-se simbolicamente ao estado de ausência de doenças físicas. Entretanto, a inexistência de patologias corpóreas, *de per se*, não garante a vida salutar. Tal afirmação é corroborada singelamente através do simples olhar contextualizado ao momento histórico atual. O Brasil enfrenta verdadeira epidemia de saúde mental, com consequências devastadoras, tanto para o indivíduo, quanto para a sociedade. A Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2023, divulgou que o Brasil era, na ocasião, a nação mais ansiosa do mundo, e a quinta colocada no contexto do estado depressivo.<sup>2</sup>

Tal situação opõe-se diametralmente ao disposto no Artigo 196 da Constituição Federal, que afirma ser a saúde “*direito de todos e dever do estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas, que visem a redução do risco de doenças e outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.*”

Em virtude da impossibilidade prática de delimitação do conceito de saúde, torna-se inviável a conceituação decorrente, que possibilitaria a asseguarção deste direito. Deste modo, não por ausência de previsão legal ou de violação ao estado de saúde, mas sim pela ausência de consideração de fatores exógenos ao indivíduo como diretamente responsáveis pela manutenção da vida em contexto de dignidade e, portanto, viabilizadores da vivência salutar.

Ao utilizar-se recortes transeccionais na análise da efetivação do direito à saúde mental no Brasil, nota-se a necessidade de análise mais apurada acerca das fontes motivacionais do adoecimento mental dos brasileiros, de maneira tão significativa quanto a realidade dos dados apresentados pela OMS.

---

2 **OMS destaca necessidade urgente de transformar saúde mental e atenção.** Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2022-oms-destaca-necessidade-urgente-transformar-saude-mental-e-atencao>. Acesso em 15/05/2024.

## BREVE HISTÓRICO DE MACHADO DE ASSIS SOB O ASPECTO IDENTITÁRIO

Machado de Assis tornou-se figura de tal maneira representativa no contexto nacional que obteve feito singular no contexto da língua portuguesa, aqui denominado de “adjetivação”. Tal conceito subsume-se à utilização da figura de determinado indivíduo, notável sob algum aspecto, para demonstrar um conjunto de perspectivas e análises sobre determinado contexto. Deste modo, o “Estilo Machadoiano”, contextualizado à época em que o autor viveu, qual, seja, século XIX no Brasil, embute em si um contexto paradoxal, que unia um sistema escravocrata às ideias iluministas de liberdade.<sup>3</sup> Tal situação pode, inclusive, ser uma das principais motivações de a ironia ser ponto fundamental de sua produção literária.

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 1839 no Rio de Janeiro, filho de pai mulato e mãe portuguesa. Com 20 anos já frequentava os círculos literários e jornalísticos da cidade, que era a capital política e artística do Império.<sup>4</sup>

O breve resumo acima apresentado já permite a constatação de algumas condições que influenciaram a produção literária de Machado de Assis, partindo-se do pressuposto de que a obra decorre não somente do caráter volitivo de seu autor, mas também das condicionantes temporais e sociais que fundamentam e instrumentalizam a sua forma de pensar. Portanto, e sem desqualificar a genialidade e originalidade ímpares do escritor, percebe-se a sua obra eivada de marcos socio-temporais compatíveis com a maneira de viver e pensar da época.

O primeiro ponto de destaque consiste em ser Machado de Assis um mulato, nascido durante a vigência da escravidão no Brasil. Tal situação, *de per si*, já sinaliza o fato de que o autor certamente sofreu algum grau de invisibilização ou preconceito, notadamente pelo fato de não poder ser encaixado, de maneira objetiva, em nenhum dos critérios sociais que dividiam a sociedade em brancos livres ou negros escravos.

A nomenclatura “mulato”, que até hoje perdura na sociedade brasileira como termo ainda imbrincado de pejoratividade, traz em si significados que despersonalizam a inclusão em quaisquer das categorias sociais existentes, sendo, inclusive, maneira de garantir a desidentificação do sujeito com qualquer perfil identitário e ancestral.

Deste modo, o local de um mulato, à época, era antes de tudo um não-local, de modo que o protagonismo e relevância de Machado de Assis enquanto

3 Estilo Machadoiano: características e como se inspirar em Machado de Assis. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/talent-blog/estilo-machadiano-caracteristicas-e-como-se-inspirar-em-machado-de-assis/>. Acesso em: 15, mai. 2024.

4 Machado de Assis. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/machado\\_assis/](https://www.ebiografia.com/machado_assis/). Acesso em: 31, mai. 2024.

referência literária no Brasil deriva mais de sua inteligência singular para a linguística do que de algum privilégio social.

Outro aspecto importante decorre do fato de ser Rio de Janeiro a capital política e social do país, à época ainda regido pela Monarquia de origem portuguesa. Assim, toda a produção literária e cultural originava-se deste centro de poder, e deste modo refletia quase que identitariamente a realidade vigente na Europa, em que os ideais românticos prevaleciam nas manifestações artísticas.

Machado de Assis, entretanto, não se enquadrou confortavelmente neste movimento, que apresentava, como diz o nome visão emotiva e subjetiva da realidade, com o uso de linguagem rebuscada que exaltava as relações humanas de amor e paixão, muitas vezes representadas por atos ou personagens heroicos ou trágicos.

O movimento Realista, que teve como marco temporal o livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, contrapõe-se diametralmente à esta realidade, configurando-se em narrativa objetiva, com apresentações de personagens comuns, retratando a realidade de maneira fiel, trazendo neste relato crítica social e política ao contexto da época.

Ao correlacionar o recorte histórico e social em que viveu Machado de Assis com sua produção literária, nota-se a relação de causalidade que resultou na abordagem por ele utilizada como opção para desenvolver sua obra. A partir deste contexto, inclusive, torna-se possível avaliar, com os mesmos critérios, a individualidade de cada uma de suas construções analíticas.

## **“O ALIENISTA” E CORRELAÇÃO COM A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE SAÚDE MENTAL**

“O Alienista”, de autoria de Machado de Assis, foi publicado de forma seriada no jornal familiar “A Estação”, entre 15 de outubro de 1881 e 15 de março de 1882. No mesmo ano, foi incorporado ao livro “Papéis Avulsos”, de 1882, e tronou-se u dos contos mais conhecidos do autor.<sup>5</sup>

A obra baseia-se na personagem Doutor Simão Bacamarte, médico formada na Europa, e que retorna ao Brasil para residir na sua cidade de origem, a Vila de Itaguaí (RJ). Simão é definido como especialista na ciência da mente e da alma, razão pela qual decide pela criação da Casa de Orates, um hospício da região, onde toda a gente doida seria internada para ser cuidada pelo Doutor. Além dos cuidados médicos, o local se daria à realização de experimentos, identificação de diversas doenças psicológicas e, como causa final, na descoberta do remédio definitivo para a loucura.

5 *O Alienista*, de Machado de Assis. Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-o-alienista-de-machado-de-assis/>. Acesso em: 31, mai. 2024.

A partir deste enredo, desenrola-se a narrativa, tendo por ponto principal a ironia machadiana acerca da construção do conceito de loucura enquanto patologia de saúde mental. Deste modo, parte-se de uma identificação de casos clássicos para uma completa transmutação do conceito de loucura, que passa a ser cívico de subjetividades.

A conceituação inicial amparava-se em critérios trazidos pelo Doutor de sua experiência educacional. Entretanto, a partir o momento em que a subjetividade dos médicos passa a influenciar e ser influenciada pela realidade local, nota-se o afrouxamento dos critérios, a despeito de ainda, em tese, serem validados como decorrentes de experimentos legítimos.

Assim, o conceito de loucura, antes imputado ao indivíduo em sua totalidade, passa a abranger ações de determinados indivíduos, de modo que que a busca pela cura da condição parte para a criação de padrões que a definem. O louco passa a ser, então, todo aquele que adota comportamentos julgados por parâmetros oriundos das mais diversas percepções e subjetividades, como incompatíveis com o padrão de vivência do local e da época. Assim, convivia dentro do mesmo espectro os loucos corretamente diagnosticados por Simão Bacamarte, mas também aqueles que se comportavam de maneira não comum.

Em paralelo à construção principal da obra, observa-se alguns aspectos que correlacionam a abordagem “cientificista” utilizada por Simão Bacamarte às estruturas de poder e instituições vigentes do local, o que, por si só, já descredibilizaria o conceito de ciência conforme disposto no imaginário social comum. Tal situação demonstra, de maneira subliminar, mais uma abordagem irônica do autor acerca de uma situação ainda vigente em nossa sociedade: a construção das estruturas de poder sociais e o arcabouço argumentativo que as fundamenta.

Tal obra, a despeito de seus vieses temporais e das alterações sociais transcorridas desde a sua publicação até os dias atuais, continua a manter-se contemporânea, podendo, inclusive, fundamentar reflexão acerca da estruturação do conceito de saúde mental no Brasil.

## **BREVE HISTÓRICO DA CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE SAÚDE MENTAL NO BRASIL À ÉPOCA DE MACHADO DE ASSIS**

No período monárquico, não havia nenhuma construção jurídica que trouxesse definição legal ou social do que seria a loucura, e conseqüentemente, a saúde mental. A primeira legislação sobre o tema data de 1903, e configura-se na Lei n. 1132, que tinha por objetivo “assistência a alienados”<sup>6</sup>. O aspecto mais

6 Decreto n. 1132, de 22 de dezembro de 1903. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-1132-22-dezembro-1903-585004-publicacaooriginal-107902-pl.html>. Acesso em: 31, mai. 2024.

relevante desta legislação consiste na legitimação da internação como política de estado para segregação daqueles definidos como “portadores de moléstia mental”, sem nenhuma referência de como estas seria definida. Cumpre destacar, porém, que o artigo 1º esclarece que o recolhimento aos “estabelecimentos de alienados” será cabível àqueles que, sendo portadores da “moléstia mental”, comprometam a ordem pública ou a segurança das pessoas.

O Decreto n. 14.831, de 25 de maio de 1921, configura-se na mesma abordagem, instituindo a criação do primeiro manicômio judicial. Tal legislação, em breve síntese, apresenta a segregação judicializada daqueles acusados do cometimento de crimes, ou que sejam acusados de o fazê-lo, mediante o critério de possuir “sintomas de loucura”. Nota-se, assim, a correlação entre crime e saúde mental, utilizando-se a estrutura manicomial como local de segregação de criminoso com suspeita de doença mental, mas sem nenhuma consideração entre a dita atividade criminosa e a sanidade e higidez do indivíduo, bem como sem nenhuma definição de quais seriam os crimes passíveis de tal punição.

Já no Governo Vargas surge o Decreto n. 24.559 de julho de 1934, que aprofunda e melhor define acerca das políticas de saúde mental e demais regras aplicáveis neste contexto, correlacionando questões de saúde mental ao termo “psicopatia”. Utiliza-se também nomenclaturas tais como “menores anormais”, bem como a admissão nos estabelecimentos psiquiátricos dos toxicômanos e “intoxicados por substâncias de ação analgésica”.

A previsão mais relevante acerca de tal decreto, no que se refere à abordagem de saúde mental, consiste no artigo 10 da referida legislação, o qual afirma que “o psicopata ou indivíduo suspeito que atentar contra a própria vida ou a de outrem, perturbar a ordem ou ofender a moral pública deverá ser recolhido a estabelecimento psiquiátrico para observação ou tratamento”. Nota-se, assim, que o recolhimento dar-se-ia não por questões de saúde mental, mas sim para manutenção da ordem e da moral publicas vigentes à época.

Grande foi o caminho traçado até os dias atuais, em que a Constituição Federal e as políticas em saúde mental no Brasil preveem a superação do modelo manicomial para o modelo de atenção integral aos direitos da pessoa acometida por questões de saúde mental, Entretanto, o fato mais notório consiste na superação do conceito de doença mental como característica incapacitante e definidora de toda a existência do indivíduo, passando a ser vista somente como condição, permanente ou temporária, que demanda suporte estatal e garantia dos direitos e liberdades individuais, dentre elas a mais significativa: o direito de viver em sociedade, sem nenhuma espécie de segregação.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta abordagem inicial do contexto de saúde mental no Brasil, tão claramente ilustrada por Machado de Assis em sua obra ficcional “O Alienista”, reflete de maneira cristalina a contemporaneidade do autor e sua acurácia perceptiva à realidade da época.

Nota-se, assim, a conceituação de loucura, ou ausência de saúde mental, definida por critérios notadamente exógenos ao indivíduo, e quase sempre relacionados à forma como este indivíduo interage no ambiente social em que vive, ou o seu nível de adequação às regras locais e o impacto de sua existência para as demais existências com que se relaciona. Deste modo, a abordagem não se volta ao restabelecimento da pretensa condição de equilíbrio mental perdida, mas sim à neutralização do impacto da forma de viver deste indivíduo na sociedade, a partir da definição de loucura como sendo o comportamento dissonante daquele esperado da média da população em que se convive.

Até os dias atuais, o modelo vigente para definição de saúde mental na Brasil é baseado no modelo médico biológico, conforme o era, na época de publicação de “O Alienista”. Entretanto, observa-se que os critérios utilizados para definição dos padrões médicos sofrem influência da sociedade em que o indivíduo vive, mas também das subjetividades do profissional que o avalia.

Atualmente, a sociedade discute a evolução do modelo biológico para o modelo biopsicossocial, o que de fato legitima a existência de um modelo avaliativo que considera as características relacionais do indivíduo para definição de suas vulnerabilidades, e conseqüentemente, dos direitos que a ele devem ser assegurados. Cumpre destacar, todavia, que tal abordagem tem por objetivo legalizar situação que, de fato, sempre existiu em nossa sociedade. Conforme sabiamente percebido por Machado de Assis há quase 150 anos, o conceito de loucura é uma construção histórica e social, e o conceito de saúde mental também. Assim, o direito à saúde mental só pode ser construído, e de fato ser reflexo de justiça, no momento em que levar em consideração o contexto social do indivíduo como fator de vulnerabilidade, e não de exclusão, ou definição justificadora de ausência de saúde mental.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. OPAS/OMS. Organização Pan-Americana da Saúde. **OMS destaca necessidade urgente de transformar saúde mental e atenção.** Disponível no site da OMS: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2022-oms-destaca-necessidade-urgente-transformar-saude-mental-e-atencao>. Acesso em: 15 mai. 2024.

BRASIL. **Decreto 1132, de 22 de dezembro de 1903.** Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-1132-22-dezembro->

1903-585004-publicacaooriginal-107902-p1.html. Acesso em 31, mai. 2024.

E-BIOGRAFIAS. **Machado de Assis**. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/machado\\_assis/](https://www.ebiografia.com/machado_assis/). Acesso em: 31, mai. 2024.

MACHADO DE ASSIS. **Estilo Machadiano**: características e como se inspirar em Machado de Assis. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/talent-blog/estilo-machadiano-caracteristicas-e-como-se-inspirar-em-machado-de-assis/>. Acesso em: 15, mai. 2024.

PLANO CRÍTICO. **Crítica “O Alienista”, de Machado de Assis**. Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-o-alienista-de-machado-de-assis/>. Acesso em: 31, mai. 2024.

## DOS DIPLOMAS DECORATIVOS À INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: O ATEMPORAL ESPÍRITO MACHADIANO E SUA MANIFESTAÇÃO NA SOCIEDADE PÓS-CONTEMPORÂNEA

*Paulo César Rodrigues de Mello<sup>1</sup>*

*Em nosso país a vulgaridade é um título e a mediocridade um brasão.  
Machado de Assis*

### INTRODUÇÃO

Quando se transpõe estratos no processo de ascensão cultural-intelectual, a convivência cotidiana com outros grupos, meios ou povos traz-nos choques inevitáveis, sejam eles de predisposições comportamentais gerais ou idiossincráticas, construídas pelos *memes* familiares ou pelo contexto, o meio que emoldura o indivíduo.

Ao adentrar o universo das experiências mais elaboradas, baseadas nos princípios e métodos científicos, logo de início, a “grande” descoberta – ou claro entendimento – deve ser aquele que mostra que ninguém pode ser objeto de suas próprias investigações, mas sim, das observações que se manifestam e, no caso de quem escreve, nesse momento, os comportamentos na vida acadêmica de muitos alunos e suas trajetórias profissionais, que evidenciam as influências e características do pensamento familiar, grupos de convivência ou ainda, as conformações institucionais e sociais do país que, para o bem ou para o mal, doutrinam, de maneira clara ou sorrateira, ora a se somar, ora a desconstruir o desenvolvimento sustentável do indivíduo ou da sociedade e suas ambições.

Quando da exploração dos motivos pelos quais o aluno havia optado pelo curso de Administração, usualmente a resposta que recebia era: *não podia ficar parado; não sabia o que fazer; preciso de um diploma de nível superior*. Não há necessidade em dizer da frustração que isso causava, além de representar o

---

<sup>1</sup> Mestre em Administração, especialmente interessado em cultura, comportamento e as influências internas e externas da cultura sobre estruturas organizacionais. Administrador; Especialista em Administração e Planejamento para Docentes; Pesquisador. Consultor Autônomo. E-mail: [pcrmello@gmail.com](mailto:pcrmello@gmail.com).

indicador do nível de envolvimento que iria encontrar ao longo da jornada de oito semestres.

De mesma forma, já no adiantar do curso, grande parte dos alunos não sabiam se situar em que área do conhecimento se enquadravam. Parte dos discentes via-se na área de humanas e, outra parte, mesmo com apenas quatro ou cinco disciplinas que envolviam números (a se incluir princípios de Contabilidade), via-se na área de exatas. Era uma surpresa quando esclarecia que o curso se encontrava na área das ciências sociais aplicadas. Mais ainda, muito pelo descuido de docentes, os alunos viam o curso como um agregado de disciplinas aleatórias, sem conexão entre elas e de pouca aplicabilidade na vida real e cotidiana.

O alcance de que os princípios de planejamento e de funcionamento das estruturas organizacionais desenvolvidos ao longo do curso eram aplicáveis à sociedade e a todos os ramos da economia ceticamente eram considerados.

Sentia desânimo por parte dos alunos, quando realizavam que, para além daqueles conhecimentos, era necessário o conhecimento das características culturais do ambiente, do *core* das empresas, das especificidades legais e de mercado, que seriam adquiridas por estudos complementares e no *learning organization*.

Cerca de oitenta por cento dos integrantes de minhas redes sociais são compostos por ex-alunos e, nas notificações de aniversário e mensagens de felicitações, há sempre a exploração de como está o desenvolvimento profissional dos egressos. Poucos, muito poucos estão em atividades que envolvam estruturas, liderança ou atividades analíticas, quando não, desempregados ou ocupando posições conquistadas por meio de concursos em atividades que não exigem lá grandes habilidades por estarem imersos em meras operacionalizações de sistemas e fluxos já concebidos.

Não há porque responsabilizá-los diretamente por essa situação, pois o grande sistema de ação social<sup>2</sup> que rege níveis intermediários e basilares da pirâmide os impelem à configuração desse *status quo*, travando-os em sua criatividade e epifania.

---

2 Formalismo: o tão prolapado “jeitinho brasileiro”, é o traço cultural que dá o tônus operacional recíproco nos processos de permanência dos processos institucionais e de sobrevivência de indivíduos e grupos sociais. É controle da incerteza, da forma como se lida com o desconhecido e com o desenvolvimento da tolerância à senóide criada pelas conveniências institucionais, ainda que potencialmente discordantes, para não se sentirem ameaçados. De acordo com Barros e Prates (1997), essa adaptação tem na tecnologia, nas leis e na religião fontes de criação de maiores sentimentos de segurança.

## O EU EM DETRIMENTO DO NÓS

Feita essa introdução e a partir desse momento, o texto será escrito, majoritariamente, na primeira pessoa e por dois motivos: 1) para clara inserção do autor nesta realidade social, e, 2) para a efetiva aproximação intertextual com a obra machadiana.

Do alto da equivocada capacidade reflexiva e pequeno-burguesa em que orbitava, ao ingressar no mundo científico, muitas vezes suscitavam-me sentimentos de constrangimento, com os *insights* provocados pela imperiosa necessidade de imparcialidade, exigida no rigor dos métodos de compilação e análise qualitativas das observações, sobre os indivíduos e coletividade. Muitas vezes, via-me impregnado por princípios arraigados nas profundezas das estruturas sociais e pelo notório desconhecimento, ou pelo preparo recebido na trajetória familiar, por meio da estrutura educacional formal.

Foram-me imputados valores: graduar-me; ser determinado, mas com mansidão e pacificidade; ter sucesso profissional; acumular recursos e patrimônio; apresentar-me de maneira digna; ser educado; não tomar determinados comportamentos como exemplos a serem seguidos e, o pior, ser resignado aos comandos e determinações personalíssimas ou institucionais, não menos medíocres que o sentimento da necessidade de manutenção do emprego, proporcionado pela retribuição financeira ao final do mês.

É claro, no entanto, que esse *modus* “medalhão” da construção do indivíduo, não é um fenômeno atual, mas já secular. Não exclusivo de um núcleo familiar, mas da esmagadora representação social dos grandes centros urbanos, que se consolidou, especialmente, na gênese das estruturas que se formataram em complexos industriais e de consumo.

O caráter ordinário do universo conteudista, superficial e sordidamente ideológico, não me preparou e não nos prepara para a construção, de forma sistêmica, para o enfrentamento e inserção nessa contemporaneidade, que exige a interconexão de elementos sociais, linguísticos, psicológicos, biológicos, do raciocínio lógico e da engenharia computacional, entre outras áreas do saber.

O ano de 2020 promoveu um violento corte epistemológico nessa realidade a indivíduos e organizações produtivas, momento em que as automações e a Inteligência Artificial se descortinaram de forma abrupta.

Vejo que a gama de indicadores que conformam o ser bem sucedido, extraídos do conto de Machado de Assis, ladeados pela mediocridade e superficialidade que caracterizam a formação do *Medalhão*, são hoje, por meio de atividades digitais, voltadas ao entretenimento e à produção de conteúdo, a saída, em especial àqueles que não tiveram a oportunidade de supostos embasamentos técnicos e intelectuais. Os vídeos de entretenimento surgem

como possibilidade de sobrevivência, da construção do ter e da notoriedade, dimensionada às características de segmentos de mercado, que não buscam maiores refinamentos e ironias mais elaboradas. Propiciam, no entanto, renda por meio de visualizações e *likes*.

Destituídos da densidade que o verdadeiro conhecimento exige, vê-se a escassez de originalidade, expressividade e inteligência genuinamente humanas, epifânica; criam-se celebridades que abrolham e disseminam entretenimentos e fortunas, por meio da banalidade emoldurada por um show de luzes, cortes e efeitos especiais, e a absoluta falta de conteúdo. A posse do verdadeiro conhecimento, que sempre foi para poucos, a passos firmes e constantes, parece ressignificar a figura do medalhão para a massa.

## **DUBLAGENS, INFANTILIDADES, BIQUINHOS E BUMBUNS COMO FERRAMENTAS DO SUCESSO E FELICIDADE**

No conto a “Teoria do Medalhão”, de 1881, Machado de Assis enumera, de maneira explícita ou sutil, dezenas de traços comportamentais que são absolutamente visíveis e potencializados nos dias atuais. Alguns parecem até mesmo axiomas, que variaram apenas nos instrumentos, meios ou formas de execução.

A essência é a mesma. Muito mais que literatura, há nele princípios universais que apenas sofreram *faceliftings* mal sucedidos e que muito se aproximam da quase conspiratória teoria da *matrix*, em que uma exclusivíssima casta mantém o controle, manipulando o envolvimento de milhões de pessoas. De forma paradoxal, a alta inteligência que lê e interpreta os algoritmos, colabora para a reconfiguração de comportamentos e juízos de densidade questionável sobre o que é ser ou não ser bem sucedido.

Muitos buscam o humor, o desopilar da existência em mundo que tem tudo, mas nem tudo está disponível a todos. Certamente, o humor que envolve o absurdo ou o *nonsense*, pode ser tratado com inteligência e sagacidade. Ao se fazer um recorte, no Brasil, entre 1985 e 1990, observou-se um pródigo período nesse aspecto, fortemente influenciado pelo surpreendente *Monty Python’s Flying Circus*.

No entanto, o advento do cansativo politicamente correto, resultado de institucionalidades que, ao invés de diminuir as distâncias entre diversidades, colaborou para o surgimento de formas de entretenimento, caracterizadas pelos clichês que não conseguem desenvolver a capacidade de explorar a riqueza do vernáculo nas figuras de linguagem. Ao contrário, acirrou e cristalizou a idiosincrasia e o sectarismo de representações sociais. Criou ranços entre etnias ou orientações, cristalizou o vitimismo, castrou a originalidade e destituiu a boa ironia, e mais, a autoironia que denota a abertura do indivíduo à reflexão sobre suas próprias ações.

A mediocridade dos valores que catapultam o *ter* sobre o *ser*, escancara o nível de reflexão exigido nos entretenimentos e pode ser observada em grande parte dos vídeos curtos postados nas plataformas *Tik-Tok* ou *Kwai*, cuja modalidade, dado o sucesso, foi adotada por outras redes sociais.

Mais particularmente, em ambiente brasileiro, dublagens de pastores, de esquetes humorísticos e dancinhas erotizadas, amealham dezenas de milhares de *likes* e, pretensamente, criam pontes entre a pobreza e a opulência.

Em versões mais estendidas de vídeos, temas esquizoides criam sonhos de inserção no universo da prosperidade, baseados no vazio, com problematizações que não colaboram para as reais necessidades da lapidação sociocultural. Causa-me espécie, quando se verifica o número de visualizações e compartilhamentos.

Com muito esforço e repetição, até se alcançar a viralização, portas podem ser abertas para a alocação de seus “criadores”, no rol de subcelebridades aptas a participarem de eventos de alta repercussão, tal como a *Farofa da Gkay*, o ápice da vitrine da ausência de senso, discernimento, inteligência e superficialidade. Há sim, aqueles que se valem da plataforma para a disseminação de informação e educação. Moscas brancas, quando se observa o número de visualizações e compartilhamentos.

## **A ESSÊNCIA NA BUSCA PELA PROSPERIDADE MATERIAL**

Necessariamente, não há porque correlacionarmos arcabouços intelectuais e de conhecimento a aspectos de prosperidade social e econômica.

Há diferentes formas de inteligências que podem alçar o indivíduo ao topo da pirâmide material e social. Habilidades, tais como aquelas verificadas no mundo dos esportes, talvez sejam o grande exemplo disso. E, sinceramente, que o universo abençoe esses seres privilegiados, que tanto nos presenteiam com momentos de alegria e admiração.

Fico a imaginar, o quanto a potencialidade desses indivíduos, usualmente oriundos de classes sociais menos privilegiadas, poderia ser incrementada, se aos talentos físicos e esportivos lhes fossem adicionados conhecimentos que proporcionassem maturidade e menor suscetibilidade aos prazeres mais imediatos, aos vernizes sociais e relacionais, às ambições obscuras, a caçadores e caçadoras de incautos, com hormônios à flor da pele, que proporcionem a entrada ou a consolidação na terra prometida, e, por fim, às armadilhas proporcionadas pela constituição jurídica. Nem tudo são flores e prazeres.

Há sim de haver preparo para o lado obscuro da vida, o reconhecimento do maquiavelismo e o enfrentamento daqueles que buscam ser famosos a todo custo. Para ilustrar essa realidade, pinço aqui uma dentre diversas histórias que retratam essa situação.

Ela, 21 anos, modelo contratada por uma grande agência, *digital influencer* com quase 800 mil seguidores, estudante universitária e torcedora de um grande time paulista. Ele, 17 anos, oriundo de Taguatinga-DF, ensino médio, um talento incontestável e jogador do time *que ela tanto ama*, prestes a ser transferido para a Europa e já com recursos financeiros suficientes para três gerações viverem de forma nababesca.

Um menino, afrodescendente, de aparência simples, que provavelmente passaria absolutamente despercebido aos olhos daquela bonita e possuidora de incontestáveis sinais exteriores de riqueza e vaidade. Palavras dessa rica e bonita torcedora: *“andando por aquela praça, vi aquele “homem” sentado em um banco e pensei: que homem lindo. É o homem de minha vida. Jamais imaginaria que fosse um jogador de futebol tão bem sucedido”*.

De alguma forma, o relacionamento com aquele ser, que ela não sabia quem era e, por acaso, era um jogador do time de seu coração, é iniciado.

Uma subcelebridade, com todos os requisitos desenhados por uma sociedade de consumo de conteúdo digital, que amplia seus tentáculos sobre esse universo, e certamente multiplicará o número de seus inscritos, com o apoio de uma celebridade esportiva, naturalmente construída por suas genuínas habilidades.

Mas por se tratarem de pessoas públicas e muito bem sucedidas, após algum tempo o tão inusitado e feliz relacionamento passa por um processo de formalização judicial. Sim, um namoro regido por um contrato e são essas algumas das cláusulas do contrato:

*“Os namorados declaram estar em um relacionamento afetivo voluntário, baseado no respeito, compreensão e carinho”*.

*“Extremamente proibido adquirir qualquer tipo de vício”*.

*“Extremamente proibido apresentar mudança de personalidade e comportamento”*.

*“Sempre sair da rotina e criar alguma coisa para fazer juntos durante a semana”*.

*“Dizer ‘Eu te amo’ é obrigatório em qualquer situação”*.

*“Sempre andar de mãos dadas em qualquer situação”*.

*“Extremamente proibido discutir e brigar na frente dos outros”*.

*“Os namorados comprometem-se em manter uma relação aberta e honesta, compartilhando pensamentos, sentimentos e preocupações, sempre”*.

*“Os namorados comprometem-se em manter exclusividade afetiva, não mantendo relacionamento romântico ou íntimo com terceiros ou pessoas que já se relacionaram no passado”*.

Entre outras coisas, o garoto de dezessete anos, na condição de namorado, tem sua vida, sua personalidade, sua espontaneidade tolhida e cerceada. Aparência e *status*, a engolir a essência e a criar oportunidades judiciais com o potencial de “beneficiar” ambas as partes.



Valendo-me aqui do cinismo, presente na “Teoria do Medalhão”, imagino o que não será o contrato de casamento, assim como, gostaria de conhecer a cláusula que prevê o eventual rompimento desse namoro ou união. O contrato, *per si*, é contraditório, em suas próprias cláusulas.

Como haver relacionamento afetivo e voluntário e ser cerceado por um contrato? Há ainda a necessidade de esclarecimento de quais tipos de vícios o contrato se refere. Conheço gente viciada em livros.

Obviamente, alguns construtos de personalidade são imutáveis, muitos deles, provavelmente, seguem as premissas expostas na introdução desse texto: *memes* familiares, religiosidades, institucionalidades, sociedade e lógico, a família. No entanto, trata-se de um garoto de dezessete anos e é certo que em muito, até por conta de sua experiência profissional, que ainda tem um longo caminho a percorrer, a visão de mundo e seu comportamento sofrerão mudanças significativas. Gostaria muito de escutá-lo daqui a dez anos, sobre essas cláusulas.

O direito de escolha e da não exposição, até mesmo pela natureza das atividades de ambos, inexistem. Da mesma forma, a verbalização compulsória do amor, que de forma tão precoce, arrebatou o coração do menino, torna-o um lobotomizado em suas emoções.

Tal como os vícios, a questão da relação aberta e honesta precisaria de mais esclarecimentos. Há margem para inúmeras interpretações e gatilhos jurídicos, contrapondo-se, inclusive, com a última das cláusulas dessa demonstração de seriedade relacional a que se propuseram.

Não sou psicólogo ou psiquiatra, mas um interessado na cultura e comportamento humano nas organizações, essência de meu mestrado. Ao observar os objetivos e métricas que pautam a geração que busca a bem-aventurança e realização material, – muitas vezes efêmera e excessivamente caracterizada pela ostentação –, valho-me de uma frase de Milton Friedman (1912-2006), economista e escritor americano que diz: “*Não existe almoço grátis*”. Tudo aquilo que nos é oferecido, tem um preço, e sabe lá Deus quais são os fatores que compõem esse preço.

## CAUSA OU EFEITO?

Inquietam-me os dedos e contendo-me de maneira ferrenha, para não levar a discussão dos processos individuais, de inserção e crescimento, do mundo produtivo e social, a esferas políticas e históricas de nosso país.

Em escritos anteriores, enfatizei os malefícios que a dança das tesouras ideológicas causou em nosso território. Mudam-se no Brasil as conformações institucionais em períodos muito curtos, e as gerações parecem ter introjetado em seu DNA, a questionável capacidade de adaptação e conformismo.

Sob a esfera política, uma geração se contrapõe à anterior, que por sua vez, contrapõe-se à anterior, e assim sucessivamente. Natural, em termos de cultura e comportamento, mas preocupante quando as heranças institucionais são derrubadas e reascendidas, o que faz evanescer o cerne de nossa cultura.

Todavia, deixo aqui o grifo dos malefícios, que essa peculiaridade evolutiva deixou nos processos educacionais, de formação intelectual, técnica e profissional, e as consequências disso, em um ambiente onde, de forma galopante, as ferramentas tecnológicas, em especial no mundo das comunicações, que cada vez mais nos isenta do exercício do pensamento, da sistematização e das correlações genuinamente imanentes do ser humano.

Talvez saibamos correlacionar recursos, sem entendermos a origem e intenção dos mesmos. É certo de que não se trata de um fenômeno circunscrito ao ambiente brasileiro. Todavia, sob esse contexto, conjeturo o potencial das características da mediocridade dos propósitos, meios e instrumentos, para o alcance de objetivos sociais e materiais, de legados, quando observo o posicionamento do país nos *rankings* globais de Educação e produtividade.

Há, todavia, de se observar que a grande estrela aqui é Machado de Assis, que em seu quase profético realismo, expõe, de maneira refinada, a natureza humana em suas virtudes e fraquezas; em sua ingenuidade e perversidade. Digo aqui que, as ferramentas e instrumentos são outros, mas a natureza humana é a mesma. No entanto, a própria referência temporal para a consolidação de imagem e permanência na memória do coletivo e da história, foi tolhida pelos encantos do sucesso instantâneo e fugaz.

Conceitos fixados por propedêuticas e valores intelectuais quase inexistem no mundo das comunicações e entretenimento digitais. Não obstante, a mediocridade ficará eternamente gravada nos *mainframes*, nuvens ou outros recursos de armazenagem digital, para que gerações futuras, muito provavelmente, já caracterizadas pelo transhumanismo<sup>3</sup>, observem e analisem a ancestralidade humana.

---

3 Transhumanismo: movimento intelectual e cultural que busca utilizar avanços tecnológicos, especialmente na área da biotecnologia e da inteligência artificial, para aprimorar significativamente as capacidades físicas e mentais humanas. O sueco Nick Bostrom é um filósofo conhecido por suas contribuições para a ética e a filosofia da tecnologia, com foco especial no transhumanismo e inteligência artificial. Ele é autor das obras “*Superintelligence: Paths, Dangers, Strategies (2014)*” (Superinteligência: Caminhos, Perigos, Estratégias) e “*Human Enhancement (2009)*” (Aprimoramento Humano).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As revoluções industriais foram caracterizadas, ente outras coisas, por extinguirem ou modificarem um número sem fim de atividades produtivas e laborais. Exigiram formação, mudanças de paradigmas, especializações, e a intermitente necessidade de inserção de tecnologias no desenvolvimento dos trabalhos.

No entanto, mesmo em operacionalidades, em algum momento, o discernimento e a capacidade de sistematização do fluxo de produção, especialmente após o advento dos métodos japoneses de qualidade e produtividade, exigiam a visão abrangente e as interferências individuais sobre o todo.

A escalada frenética e ininterrupta da tecnologia transfere os processos de decisão a sistemas centralizados e autônomos, desenvolvidos e mantidos por um número cada vez menor de seres pensantes, desde a alta às medianamente especializadas: linhas de produção, condutores de trens, metrô, pilotos de aviões, postes que se iluminam ao cair do sol, *softwares* que montam peças jurídicas processuais com índices altíssimos de êxito, *app's* que extinguem milhares de postos em instituições bancárias e comerciais. Em outras palavras, ocupações que possuíam exigências de preparo e formação técnica foram e estão a ser ceifadas.

Em contraponto, aos que carecem ou têm formação de caráter mediano, são submetidos aos apelos de consumo e de disseminação da bem aventurança na escalada social, que impelem a alternativas que acompanhem a coisificação da fama, da afetividade, no requestrar de clichês; no despreparo emocional para súbitos cancelamentos e perda da capacidade de verdadeiras descobertas.

Por fim, convido o leitor a um exercício de imaginação e digressão. Resgatemos o exemplo do apaixonado casal. Como teria sido o diálogo dos pais com esses filhos? Como se comportar, precaver e sustentar seus posicionamentos e imagens no contexto de cada um?

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Teoria do Medalhão**. In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. II. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000232.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2024.

PRATES, Marco Aurélio Spyer; BARROS, Betania Tanure de. **O estilo brasileiro de Administrar**. São Paulo: Atlas, 1997.

RAMOS, Guerreiro. **Administração e estratégia de desenvolvimento**. Rio de Janeiro: FGV, 1966.

RIGGS, Fred W. **Ecologia da Administração Pública**. Rio de Janeiro: FGV, 1964.

## A IRONIA COMO FERRAMENTA CRÍTICA EM MACHADO DE ASSIS: REFLEXÕES SOBRE O CONTEXTO SOCIAL E POLÍTICO

*Jose Carlos Guimaraes Junior<sup>1</sup>*

*Tânia Lúcia Viana de Souza<sup>2</sup>*

*Hilke Carlyle de Medeiros Costa<sup>3</sup>*

*Fabrcio Leo Alves Schmidt<sup>4</sup>*

*Patrícia da Silva Ferreira<sup>5</sup>*

### INTRODUÇÃO

Machado de Assis, um dos mais importantes escritores da literatura brasileira, é conhecido por sua habilidade única de utilizar a ironia como uma ferramenta crítica em suas obras. Este artigo investiga como a ironia machadiana se relaciona com o contexto social e político do Brasil do século XIX, destacando quatro palavras-chave: ironia, crítica, sociedade e política.

Ao longo de sua produção literária, Machado emprega a ironia de maneira sutil e perspicaz, para comentar sobre as estruturas de poder, as hierarquias

- 
- 1 Pós-Doutorando em Ciências da Educação pela University St. Paul- Ottawa- Canadá. Doutor em Biodiversidade e Biotecnologia (UEA/Rede Bionorte). Doutor em Administração de Empresas (UFAL). Mestre em Planejamento e Gestão Ambiental pela Universidade Católica de Brasília (2005). Especialista em Administração Rural, pela Universidade Federal de Lavras (2000). Licenciado em Geografia-R2. Bacharel em Administração de Empresas, com habilitação em Empresa Pública e Privada, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1994); Professor Universitário há 35 anos. E-mail: Profjc65@hotmail.com.
  - 2 Mestre em Administração Pública - UFV/UEA. Coordenação de Pós-graduação Stricto Sensu Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação - PROPESP – UEA. Reitoria - Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: tlsouza@uea.edu.br.
  - 3 Universidade do Estado do Amazonas: Manaus, Amazonas, BR. E-mail: hilkecarlyle.adv@gmail.com.
  - 4 Mestre em Linguística pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC/RS). Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC/RS). E-mail: professorfabrcios@gmail.com.
  - 5 Mestrado em Enfermagem pela Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: patricia.ferreira@univag.edu.br.

sociais e as questões políticas de sua época. Em “Dom Casmurro” (1889), por exemplo, a ironia é utilizada para questionar as normas sociais em torno do casamento e da fidelidade conjugal, enquanto em “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881), ela é empregada para desafiar as instituições tradicionais como a família e a religião.

Por meio da ironia, Machado de Assis lança uma crítica mordaz à sociedade e à política brasileiras, revelando as contradições e hipocrisias presentes na elite intelectual e política de sua época. Em “Quincas Borba” (1891), por exemplo, a sátira política é utilizada para expor as ideologias emergentes do Brasil pós-Abolição, evidenciando as falhas do sistema político e as contradições das classes dominantes.

Este artigo propõe uma reflexão sobre a relevância contínua da obra de Machado de Assis para a compreensão da sociedade brasileira contemporânea, destacando a importância da ironia como uma ferramenta para analisar e criticar o contexto social e político não apenas do século XIX, mas também dos dias atuais.

## **O GÊNIO DE MACHADO DE ASSIS NA CRÍTICA SOCIAL E POLÍTICA**

Machado de Assis é reconhecido como um dos maiores expoentes da literatura brasileira, cuja genialidade transcendeu fronteiras temporais e geográficas. Sua obra, marcada por uma prosa refinada e um estilo singular, continua a intrigar e a fascinar leitores e estudiosos até os dias de hoje.

Uma das características mais distintivas da escrita machadiana é o uso magistral da ironia, uma ferramenta literária que vai além do simples sarcasmo ou humor, tornando-se uma forma complexa de reflexão crítica sobre a sociedade e a política.

A ironia, como recurso literário, permite a Machado de Assis abordar de forma indireta e muitas vezes subversiva os temas mais controversos e sensíveis de sua sociedade, onde, ao invés de uma crítica direta, suas narrativas estão impregnadas de sutileza e ambiguidade, convidando o leitor a uma análise mais profunda e perspicaz.

Em “Dom Casmurro”, encontramos a ironia habilmente tecida para examinar e desafiar as normas sociais que cercam o casamento e a fidelidade conjugal. Por outro lado, em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, Machado de Assis utiliza a ironia para confrontar e dismantlar as instituições estabelecidas, como a família e a religião. Já em “Quincas Borba”, a sátira política é empregada de forma incisiva para destacar as ideologias emergentes em um Brasil pós-Abolição, expondo as fragilidades do sistema político e as contradições das classes dominantes.

## UMA BREVE REVISÃO CONCEITUAL

Na obra “Dom Casmurro”, Machado de Assis emprega a ironia de maneira magistral para comentar sobre questões sociais e políticas da sociedade carioca do século XIX, especialmente em relação ao casamento, traição e moralidade.

Nessa obra, a voz do narrador, Bentinho, não apenas narra os eventos da trama, mas também funciona como um instrumento de desconstrução das convenções sociais vigentes na sociedade carioca do século XIX, e assim, o autor tece uma narrativa rica em nuances, na qual a ironia se entrelaça com as ações e pensamentos de Bentinho, desafiando as normas e valores estabelecidos.

Bentinho, ao longo da narrativa, emerge como um protagonista complexo, cujas certezas são constantemente abaladas pela dúvida e pela ironia, o que faz o autor nos convida a uma jornada de questionamento das normas sociais, especialmente em relação ao casamento e à fidelidade conjugal. O narrador revela as contradições presentes nas convenções matrimoniais da época, colocando em xeque a suposta pureza e virtude dos relacionamentos conjugais.

Assim, a narrativa de “Dom Casmurro” não se limita a simplesmente contar uma história, mas sim a desafiar as convenções sociais e morais da sociedade de sua época.

Bentinho, como narrador, atua como um espelho irônico da hipocrisia e das contradições presentes na estrutura social da época, convidando o leitor a uma reflexão crítica sobre os valores e normas que regem a sociedade.

Um autor que discute a presença da ironia em “Dom Casmurro” é Alfredo Bosi; crítico literário brasileiro, que em sua obra “Machado de Assis: O Enigma do Olhar”, desenvolve uma análise de como Machado de Assis utiliza a ironia como uma forma de desconstruir as convenções sociais e morais da sociedade brasileira do século XIX.

Bosi destaca a habilidade do autor em criar narrativas ambíguas que desafiam as interpretações simplistas, especialmente no que diz respeito às relações entre os personagens e às questões de moralidade.

Outro autor relevante para essa discussão é Roberto Schwarz, crítico literário brasileiro conhecido por suas análises da obra de Machado de Assis. Em seu ensaio “A Dialética da Malandragem” (1987), Machado disserta como a ironia machadiana é empregada para revelar as contradições e hipocrisias da sociedade brasileira do século XIX; assim, é possível destacar como Machado de Assis utiliza a ironia não apenas para comentar sobre questões individuais, mas também para apontar as injustiças estruturais presentes na sociedade da época.

Ao analisar a presença da ironia em “Dom Casmurro”, é importante considerar as contribuições de autores como Alfredo Bosi e Roberto Schwarz, que oferecem argumentos importantes sobre a complexidade da obra machadiana e

sua relação com o contexto social e político do Brasil do século XIX.

Esses estudiosos nos permitem compreender melhor como Machado de Assis utiliza a ironia como uma ferramenta crítica para explorar as nuances da sociedade de sua época e refletir sobre questões morais e políticas profundas.

Na obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, Machado de Assis utiliza a ironia de forma astuta para questionar as instituições sociais estabelecidas, como o casamento, a família e a religião, apresentando uma visão crítica e provocativa da sociedade brasileira do século XIX.

Nesse romance, Machado não apenas narra a vida póstuma de Brás Cubas, mas também subverte as expectativas do leitor ao retratar de forma irônica e mordaz as instituições sociais, desafiando as normas e convenções morais vigentes na sociedade carioca do século XIX.

Bloom destaca como Machado de Assis, através do narrador defunto, Brás Cubas, utiliza a ironia como uma ferramenta para desmascarar as hipocrisias e contradições da elite brasileira da época. Ao contar sua história de forma não linear e repleta de digressões, Brás Cubas expõe as falhas e absurdos das instituições tradicionais, como a família e a religião, desafiando as noções de virtude e moralidade que permeavam a sociedade.

Nesse sentido, Machado de Assis não apenas desafia as convenções narrativas de seu tempo, mas também oferece uma crítica mordaz às estruturas sociais e morais que regiam a sociedade brasileira a época.

Através de uma narrativa repleta de ironia e sarcasmo, ele convida o leitor a questionar as bases sobre as quais a sociedade se sustentava, deixando claro que as noções tradicionais de virtude e moralidade eram frequentemente hipócritas e arbitrárias.

Em suas análises, Bloom ressalta a genialidade de Machado de Assis em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, destacando como o autor utilizou a ironia como uma arma afiada para desafiar as normas e convenções sociais de sua época.

Sua obra continua a ressoar, desafiando os leitores contemporâneos a refletir sobre as estruturas sociais e morais que moldam suas próprias vidas, tornando-se uma peça fundamental no cânone literário não apenas brasileiro, mas também mundial.

John Gledson, outro crítico literário e autor de “Machado de Assis: Ficção e História” (1990), oferece uma perspectiva enriquecedora sobre a obra-prima de Machado de Assis, em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”.

Ao mergulhar nas camadas profundas da narrativa machadiana, Gledson revela uma abordagem complexa e multifacetada sobre como o autor utiliza a ironia como uma ferramenta poderosa para dismantelar as instituições sociais enraizadas na estrutura da sociedade brasileira do século XIX.

Através de uma análise meticulosa, o autor destaca como Machado de Assis habilmente tece uma rede de ironias que expõem as contradições e absurdos presentes na sociedade de sua época.

Em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, o protagonista-narrador Brás Cubas emerge como um anti-herói que desafia as convenções sociais e questiona os valores estabelecidos.

Gledson destaca a maestria com que Machado de Assis na manipulação e ironia para desconstruir não apenas as estruturas sociais, mas também as noções de moralidade e verdade. Através de uma prosa afiada e perspicaz, o autor revela as falhas e hipocrisias da elite brasileira, expondo suas fragilidades e egoísmos.

Ao mesmo tempo, Gledson contextualiza a obra dentro do cenário cultural da época, ressaltando sua relevância contínua na compreensão da sociedade brasileira contemporânea. Ele demonstra como as questões levantadas por Machado de Assis sobre poder, classe e identidade continuam ressoando nos debates contemporâneos sobre justiça social e igualdade.

A análise de Gledson lança luz sobre a habilidade única de Machado de Assis em capturar a essência da condição humana, enquanto desafia as convenções literárias de sua época. Sua interpretação profunda e perspicaz de “Memórias Póstumas de Brás Cubas” enriquece nossa compreensão da obra e nos convida a refletir sobre as complexidades da sociedade brasileira e além.

Além disso, Gledson examina minuciosamente a estrutura narrativa da obra, destacando como Machado subverte as expectativas do leitor e desafia as convenções literárias de seu tempo. Através de uma série de digressões e jogos de linguagem, o autor cria uma narrativa labiríntica que desafia interpretações simplistas e exige uma análise cuidadosa.

Ao explorar o legado de “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, Gledson também discute o impacto duradouro da obra no cânone literário brasileiro e sua influência em gerações subsequentes de escritores, onde destaca como a genialidade de Machado reside não apenas em sua habilidade técnica, mas também em sua capacidade de transcender as limitações de sua época e falar diretamente ao coração humano.

Portanto, ao examinar o questionamento das instituições sociais em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, é essencial considerar as análises de críticos como Harold Bloom e John Gledson, que oferecem discussões valiosas sobre a maneira como Machado de Assis emprega a ironia para desafiar as normas sociais e políticas de sua época.

Em “Quincas Borba”, Machado de Assis demonstra mais uma vez sua habilidade ímpar em utilizar a ironia como uma ferramenta afiada de crítica social, mergulhando nas intrincadas teias do sistema político e das ideologias que



surgiram no Brasil pós-Abolição, expondo as contradições e hipocrisias da elite intelectual e política da época de forma magistral.

Por meio de uma narrativa envolvente e cheia de nuances, Machado apresenta personagens complexos e ambíguos, cujas ações e discursos muitas vezes revelam um profundo descompasso entre suas supostas convicções e suas práticas reais. A ironia permeia cada página da obra, questionando as pretensões moralizantes da elite e revelando as verdadeiras motivações por trás de suas ações.

Um dos aspectos mais marcantes de “Quincas Borba” é a maneira como Machado de Assis desconstrói as ideologias emergentes da época, expondo sua fragilidade e falta de fundamento; seja através do personagem Rubião, que se vê envolvido em um mundo de interesses mesquinhos e manipulações, ou do próprio Quincas Borba, cuja filosofia do Humanitismo revela-se como uma farsa vazia de significado, o autor lança um olhar cáustico sobre as utopias e as ilusões que permeiam o pensamento da elite brasileira.

Além disso, Machado utiliza a ironia para criticar o sistema político vigente, expondo suas corrupção e ineficácia; e assim, por meio de diálogos afiados e situações absurdas, o autor revela as engrenagens do poder e as contradições que o permeiam, oferecendo uma visão perspicaz e muitas vezes humorística dos mecanismos que regem a vida política brasileira.

A obra “Quincas Borba” é mais do que uma simples obra de ficção; é um retrato mordaz e incisivo da sociedade brasileira do século XIX, que continua a ressoar com uma relevância inegável nos dias de hoje.

Um autor que aborda essa temática é Roberto Schwarz, em seu ensaio “A Dialética da Malandragem” (1987), discute como Machado de Assis utiliza a ironia como uma ferramenta para expor as contradições sociais e políticas presentes em “Quincas Borba”, especialmente no que diz respeito à ascensão das ideologias pós-Abolição e suas implicações para a estrutura de poder no Brasil.

José Guilherme Merquior, em sua obra “O Argumento Liberal” (1998), oferece uma análise penetrante sobre a obra de Machado de Assis, especialmente “Quincas Borba”. Merquior destaca a habilidade do autor em satirizar as elites políticas e intelectuais do Brasil pós-Abolição, revelando suas contradições e absurdos de maneira incisiva e perspicaz.

Ao examinar “Quincas Borba”, Merquior aponta como Machado utiliza a ironia e o sarcasmo para expor as hipocrisias e vaidades da elite brasileira da época, onde, através de personagens como Rubião, um ingênuo e simplório herdeiro de fortuna, o autor retrata as manipulações e interesses por trás das cortinas do poder, oferecendo uma visão cáustica e muitas vezes cômica do mundo político e intelectual do Brasil.

Merquior também destaca como Machado de Assis desmonta as ideologias emergentes da época, especialmente o Humanismo de Quincas Borba, onde discorre que essa filosofia é apresentada como uma caricatura das utopias políticas e sociais que ganharam força no período pós-Abolição, revelando sua superficialidade e falta de substância.

Além disso, Merquior ressalta a importância da análise política e social presente em “Quincas Borba”, argumentando que essa obra vai além da mera sátira e oferece uma reflexão profunda sobre as contradições e ambiguidades da sociedade brasileira da época. Ao revelar as entranhas do sistema político e das ideologias que o sustentam, o autor convida o leitor a questionar as estruturas de poder e a buscar uma compreensão mais crítica e informada do mundo ao seu redor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na vasta e intrincada tessitura da literatura brasileira, a obra de Machado de Assis irradia como um farol, destacando-se não apenas pela maestria técnica, mas também pela profundidade de suas reflexões sobre a sociedade e a política de sua época.

No âmago desse legado literário encontra-se a ironia, uma ferramenta que Machado utiliza magistralmente para comentar e criticar o contexto social e político do Brasil do século XIX.

Ao longo desta análise, adentramos nas páginas de obras emblemáticas como “Dom Casmurro”, “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e “Quincas Borba” para desvelar a complexidade dessa ironia machadiana.

Em “Dom Casmurro”, por exemplo, somos guiados por Bentinho por um labirinto de ambiguidades, onde a ironia tece uma teia sutil de questionamentos sobre as normas sociais, o matrimônio e a moralidade.

Já em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, o narrador defunto nos conduz por uma jornada de reflexão sobre as instituições sociais, como a família e a religião, desnudando as contradições e hipocrisias subjacentes. Já em “Quincas Borba”, a sátira política afia sua lâmina contra as ideologias emergentes do Brasil pós-Abolição, expondo as falhas do sistema político e as contradições das elites intelectuais e políticas.

Nesse contexto, é imperativo ressaltar as contribuições de críticos literários como Alfredo Bosi, Roberto Schwarz, José Miguel Wisnik, Antonio Candido, Harold Bloom, John Gledson, entre outros, cujas análises aprofundadas ampliam nossa compreensão da riqueza e da relevância da obra machadiana.

Em seus estudos, esses acadêmicos desvendam camadas mais profundas da ironia de Machado, revelando sua função como uma lente de aumento que desnuda as contradições e complexidades da sociedade brasileira do século XIX.

No entanto, a importância da ironia de Machado de Assis não se restringe ao século XIX; suas obras continuam a reverberar e a instigar reflexões sobre as dinâmicas sociais e políticas do Brasil contemporâneo.

A habilidade de Machado em subverter convenções, questionar instituições e desnudar contradições oferece um olhar atemporal e perspicaz sobre a sociedade brasileira, convidando os leitores a uma reflexão crítica sobre seu próprio tempo e contexto.

Assim, concluímos que a ironia na obra de Machado de Assis não apenas enriquece a literatura brasileira, mas também contribui para uma compreensão mais profunda e matizada da sociedade e política brasileiras, pois através de suas páginas, somos desafiados a questionar as verdades estabelecidas, a refletir sobre as injustiças sociais e a reconhecer a complexidade da condição humana.

Em um mundo em constante transformação, a voz irônica de Machado continua a ressoar, lembrando-nos da importância de manter viva a chama da crítica e da reflexão.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, Domínio Público, 1881.
- ASSIS, Machado. **Quincas Borba**. Domínio Público, 1891.
- ASSIS, Machado. **Dom Casmurro**. Domínio Público, 1899.
- BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.
- BOSI, Alfredo. Machado de Assis: **O Enigma do Olhar**. São Paulo: Ática, 1999.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010. [1959].
- GLEDSON, John. **Machado de Assis: Ficção e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- SCHWARZ, Roberto. **A Dialética da Malandragem**. In: Que horas são? Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 91-114.
- WISNIK, José Miguel. **Machado de Assis: O Canto do Signo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

## **MACHADO DE ASSIS: INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO EDUCACIONAL E HUMANA**

*Cláudia Mota<sup>1</sup>*

### **INTRODUÇÃO**

Em tempos de avanço tecnológico, em que Instagram, TikTok, Facebook, X (Twitter) dominam a comunicação, observa-se que a literatura é deleite para poucos estudantes. Ouso dizer que os mais jovens, da “geração Z” e “Alfa”, desconhecem o que significa sentir o cheiro de um livro, logo, não conseguem entender o apreço dos mais antigos por marcadores de página e de textos.

Muitos jovens até acessam textos clássicos, oitocentistas quando no Ensino Médio lhes é exigido o conhecimento sobre os movimentos literários. Todavia, nem sempre compreendem a importância destes para a formação educacional e, por consequência, para o desenvolvimento humano.

Sabemos que estudantes dedicados à literatura mostram-se indivíduos mais desenvolvidos na comunicação falada e/ou escrita, em relação àqueles que se interessam pouco pela leitura. Nesse contexto, insere-se uma análise pontual sobre a relevância do gênio do Realismo: Machado de Assis, escritor, cronista, poeta, romancista, porque, de fato, sua obra contribui não somente para o letramento, mas também para a construção do pensamento crítico, o conhecimento da história do Brasil e o aprimoramento do “ser pensante” como indivíduo social.

Paralelo a isso, verifica-se que a leitura das obras desse autor estimula a ampliação do conhecimento e, sobretudo, educa o indivíduo frente aos valores sociais e culturais vigentes. Assim, ressalta-se que a leitura da obra de Machado de

---

1 Mestre em Direitos Humanos, Cidadania e Violência (Ciência Política) pelo Centro Universitário Unieuro - Brasília/DF. Especialista em Direito Público pelo Instituto Processus - Brasília/DF. Graduada em Direito pela Universidade Veiga de Almeida - Rio de Janeiro/RJ. Atuou como advogada autônoma, como docente da graduação em Direito. Atualmente é servidora pública federal do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios, atuante na área-fim, pesquisadora da área de violência, gênero, desigualdade, conflitolgia e pós-graduanda da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: claudiammota@gmail.com.

Assis consiste em instrumento de conhecimento e desenvolvimento do ser humano.

Objetivo nesta análise, além de celebrar os 185 anos de nascimento de Machado de Assis, provocar o debate sobre a essencialidade da sua multifacetada obra do nosso querido “Bruxo do Cosme Velho”, em face do processo de construção e desenvolvimento humano, e da aquisição de conhecimento.

## DESENVOLVIMENTO - CONTEXTUALIZAÇÃO

A leitura de clássicos como “*Dom Casmurro*”, “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*”, “*Quincas Borba*”, “*Memorial de Aires*”, “*O Alienista*”, por exemplo, possibilitam melhoria e sofisticação da fala e da escrita, bem como o entendimento de narrativas relacionadas a temas fundamentais para a formação geral da cidadania, ao nos depararmos com assuntos sobre a escravidão/racismo, à desigualdade, gênero e raça.

Quando falamos de Machado de Assis nos remetemos à linguagem culta, às expressões típicas, às temáticas sociais e à narrativa realista. A leitura, de modo geral, como parte do processo de conhecimento, capacita o indivíduo, refinando a comunicação e facilitando a interpretação de comportamentos da vida social, principalmente àqueles que se enveredam na difícil arte de escrever. Este estudo propõe a reflexão sobre a importância da leitura dos clássicos machadianos para a compreensão do mundo.

Na busca de práticas pedagógicas, o educador, ao estimular a leitura de Machado de Assis, tem a oportunidade de apresentar ao educando um universo de possibilidade em âmbito profissional, político, social, além, é claro, do âmbito pessoal.

Outro ponto relevante está na formação dos educadores, como bem ressalta a professora Stella Maris Bortoni (coleção *Ensinar leitura e escrita no Ensino Fundamental*), que um dos problemas da baixa adesão à leitura está no despreparo dos professores. Nessa linha de raciocínio, estudos no âmbito educacional constataam que a leitura, em especial da obra de Machado de Assis, contribui para a melhora na comunicação, a capacidade de reflexão e produção textual.

Diante da constatação de que a rede social facilitou o acesso ao conhecimento e, ao mesmo tempo, ensinou os indivíduos a contemplarem vídeos rápidos, leituras curtas e explicações sintéticas, depreende-se a urgência na implementação de políticas educacionais de preparo de profissionais que incentivem a leitura de textos mais densos e profundos que, a longo prazo, promove os intelectuais do futuro.

Na formação geral básica, os currículos e as propostas pedagógicas devem garantir as aprendizagens essenciais definidas na BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Conforme as DCNEM/2018 (Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio), devem contemplar, sem prejuízo da integração e articulação

das diferentes áreas do conhecimento, estudos e práticas de: *“história e cultura afro-brasileira e indígena, em especial nos estudos de arte e de literatura e história brasileiras”*.

A escolha de bons livros, em especial os de Machado de Assis, promovem o aprimoramento na produção textual, na capacidade de criar, refletindo na individualidade cultural, de modo a contribuir com as demais práticas fundamentais do ato de ler.

A função do professor, nesse sentido, é ampliar a discussão e incitar a reflexão coletiva a partir de sua bagagem cultural. Nesse lugar de incentivador, o professor cruza novos horizontes, aciona o mecanismo de aprendizagem, integrando a interdisciplinaridade e o planejamento coerente. Tão admirável quanto despertar o gosto por literaturas clássicas, como a de Machado de Assis, é formar um leitor constante engajado nas práticas originárias da leitura: debate, escrita, comunicações, transmissão de conhecimento.

Apesar de tantas transformações, destacando-se aí a emergência das redes sociais, o jovem domina cada vez mais os recursos tecnológicos, mas afasta-se da leitura, fruição e compreensão dos contextos sociais abordados pelas obras literárias, sobretudo as obras de Machado de Assis, que possibilitam compreensão interpretação de temas essencialmente relevantes como escravidão/racismo, desigualdade, gênero, raça, comportamento social.

Diante disso, infere-se que a leitura se constitui, ainda, prática social na qual o sujeito passa a interagir no processo de produção cultural de sentidos em face das atividades humanas.

A leitura está para além de apenas ocupar importante espaço na vida do leitor. O ato de ler se caracteriza pela junção entre os sujeitos sociáveis com a linguagem sociocognitiva, o que lhes possibilita um contato eficaz com elementos significativos do texto, correlacionando-os aos fatos sociais (Koch e Elias, 2008). Nessa linha de raciocínio, estes autores enfatizam que quando o leitor tem contato direto com as palavras e as compreende de modo individual, eleva-se o grau de transformação dos sentidos e das percepções. A leitura promove o entendimento e a conexão entre sujeito, língua, texto e sentidos.

## **DA IMPORTÂNCIA SOCIAL, POLÍTICA E EDUCACIONAL DA LEITURA DE MACHADO DE ASSIS**

Machado de Assis, em **“Memórias Póstumas de Brás Cubas”**, faz uma análise profunda e irônica da sociedade brasileira do século XIX. Através do protagonista, Brás Cubas, o autor critica a hipocrisia, o egoísmo e a corrupção que permeavam a elite da época. Além disso, o romance é narrado por um defunto, o que permite a Machado de Assis abordar a condição humana sob uma perspectiva única. A morte de Brás Cubas serve como um ponto de partida

para reflexões filosóficas e sociais que desafiam o leitor a pensar criticamente sobre a vida e a sociedade.

A obra também desempenha um papel crucial na educação literária, promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico entre os leitores. A narrativa inovadora e a linguagem sofisticada de Machado de Assis incentivam os estudantes a explorar temas complexos, como a moralidade, a existência e as relações de poder.

Politicamente, o romance destaca as falhas das instituições e das figuras de autoridade, encorajando um debate contínuo sobre a justiça social e a necessidade de reformas estruturais. Assim, **“Memórias Póstumas de Brás Cubas”** não só enriquece o panorama literário, mas também serve como um instrumento valioso para a formação de cidadãos críticos e conscientes.

Em **“Quincas Borba”**, Machado de Assis introduz a filosofia do Humanitismo, uma paródia das teorias filosóficas e científicas da época. Através do personagem Rubião, o autor examina as consequências da cegueira ideológica e da manipulação social. O romance também critica o materialismo e a busca incessante pelo poder e riqueza. A história de Rubião, que herda a fortuna de Quincas Borba, revela como a ganância pode levar à degradação moral e à ruína pessoal.

Politicamente, **“Quincas Borba”** é uma reflexão sobre a influência das ideologias na sociedade e nas políticas públicas. A filosofia do Humanitismo, que satiriza o darwinismo social, expõe a crueldade e a falta de compaixão que podem surgir quando ideologias radicais são levadas ao extremo. Socialmente, o romance alerta para os perigos da alienação e da submissão cega às doutrinas dominantes.

A obra serve como um poderoso recurso para ensinar aos alunos sobre a crítica literária e a análise filosófica, desafiando-os a questionar as ideias e os valores que moldam suas vidas e sociedades. Ao abordar temas como poder, ideologia e moralidade, **“Quincas Borba”** promove o desenvolvimento do pensamento crítico e a compreensão das complexas dinâmicas sociais e políticas.

O romance **“Dom Casmurro”**, além de muitas outras vertentes analíticas, o romance também aborda a confiabilidade da memória e da narrativa histórica. Bentinho, o narrador, oferece uma versão dos fatos que pode ser questionada, convidando o leitor a refletir sobre a subjetividade da verdade.

**“Dom Casmurro”** é famoso por sua ambiguidade e pela discussão sobre a possível traição de Capitu. Através dessa trama, Machado de Assis explora temas como o ciúme, a paranoia e as relações de poder dentro do casamento. Além de muitas outras vertentes analíticas, o romance também aborda a confiabilidade da memória e da narrativa histórica. Bentinho, o narrador, oferece uma versão dos fatos que pode ser questionada, convidando o leitor a refletir sobre a subjetividade da verdade.

Politicamente, **“Dom Casmurro”** desafia as normas sociais e as expectativas de gênero do século XIX, questionando as percepções tradicionais sobre a fidelidade conjugal e o papel da mulher na sociedade. A obra destaca as desigualdades de poder nas relações pessoais e sociais, sugerindo uma crítica às estruturas patriarcais que limitam e definem o comportamento feminino.

Educacionalmente, **“Dom Casmurro”** é uma ferramenta valiosa para ensinar sobre a interpretação de textos e a análise crítica. A narrativa não confiável de Bentinho incentiva os alunos a questionar e a investigar múltiplas perspectivas, promovendo habilidades de leitura crítica e compreensão literária profunda. Além disso, a obra incita discussões sobre a natureza da verdade e a construção das memórias, temas relevantes tanto na literatura quanto na história e na psicologia.

Em **“O Alienista”**, Machado de Assis questiona as fronteiras entre a loucura e a razão. O protagonista, Dr. Simão Bacamarte, inicia um experimento que revela as arbitrariedades e os abusos do poder científico e médico. A obra é uma sátira mordaz da sociedade e das instituições de poder. Ao exagerar as ações de Bacamarte, Machado de Assis critica a pretensão de controle absoluto sobre o comportamento humano e a imposição de normas sociais rígidas.

Politicamente, **“O Alienista”** oferece uma crítica incisiva ao autoritarismo e aos excessos do poder institucional, particularmente no campo da ciência e da medicina. Machado de Assis expõe como a busca pela normalização e controle pode levar à opressão e à injustiça, questionando a legitimidade das autoridades que se arrogam o direito de definir a sanidade e a loucura. Socialmente, a obra reflete sobre a vulnerabilidade dos indivíduos frente às estruturas de poder e a facilidade com que estas podem ser abusadas para fins de controle social.

Em termos educacionais, **“O Alienista”** é uma ferramenta poderosa para explorar temas de ética, filosofia e sociologia. A história de Bacamarte e sua obsessão com a classificação da loucura encoraja os alunos a refletirem sobre os limites da autoridade científica e a importância de questionar as normas estabelecidas.

A obra também promove debates sobre a definição de normalidade e desvio, incentivando uma análise crítica das categorias sociais que moldam nossa compreensão da saúde mental e do comportamento humano. Ao abordar esses temas complexos de forma acessível e satírica, **“O Alienista”** estimula o pensamento crítico e a capacidade de questionar as estruturas de poder e conhecimento.

**“Memorial de Aires”** apresenta uma visão melancólica e introspectiva da velhice e da solidão. Através do conselheiro Aires, Machado de Assis discute a passagem do tempo e a busca por significado na vida. O romance também oferece uma análise da sociedade brasileira no período pós-abolição. Machado de Assis examina as mudanças sociais e as persistências de desigualdades, oferecendo uma crítica sutil, mas poderosa, das condições sociais da época.



Politicamente, “**Memorial de Aires**” reflete sobre a transição do Brasil pós-abolição e a continuidade das estruturas de poder que perpetuavam desigualdades sociais e raciais. A obra questiona as promessas não cumpridas de igualdade e justiça, evidenciando as dificuldades enfrentadas pelas populações marginalizadas mesmo após a abolição formal da escravidão. Socialmente, o romance aborda a alienação e a falta de conexões genuínas em um mundo em transformação, destacando a necessidade de empatia e solidariedade.

Educacionalmente, “**Memorial de Aires**” é uma obra fundamental para discutir temas de história, sociologia e filosofia. A narrativa introspectiva e reflexiva de Aires convida os estudantes a considerarem a natureza da memória e da identidade, bem como a importância de uma consciência histórica crítica. A leitura da obra estimula a análise de como as experiências individuais são moldadas por contextos sociais e históricos mais amplos, promovendo um entendimento mais profundo das intersecções entre o pessoal e o político.

Dessa forma, por meio de suas obras, Machado de Assis oferece uma crítica incisiva e multifacetada da sociedade brasileira. Seus romances não apenas refletem os problemas de sua época, mas também continuam relevantes para a compreensão das questões sociais e políticas contemporâneas.

A leitura de Machado de Assis é, portanto, essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico e para a formação de indivíduos mais conscientes e engajados socialmente. Celebrar seu legado é reconhecer a profundidade e a importância de sua contribuição para a literatura e para a sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É proeminente que a leitura da obra de Machado de Assis seja estimulada, principalmente em ambientes favoráveis à sua compreensão, como a escola.

Assim, depreende-se desse breve estudo que a leitura é parte fundamental do conhecimento, a qual promove a ampliação do olhar pelo mundo, não somente em face da compreensão da norma culta e do letramento literário, mas, sobretudo, para apreensão das questões sociais.

O principal condutor da formação do indivíduo-leitor é o professor em parceria com a família. Para que o professor bem desenvolva seu papel, deve se capacitar por intermédio de estratégias qualificadas, a fim de atingir a prática concreta da leitura.

A partir da análise sobre a importância de leitura das obras de Machado de Assis por incentivo do docente, conclui-se que, apesar do avanço da educação nos últimos anos no Brasil, ainda há muito a se fazer pela implementação de políticas públicas eficazes, que possam conduzir novos leitores.

Em razão de tantas transformações sociais, é possível retomar a ideia de que a leitura desempenha papel essencial na constituição intelectual dos

indivíduos, sendo imprescindível a implementação de mecanismos que assegurem o desenvolvimento do ser humano. Portanto, a leitura de clássicos, como Machado de Assis, pode ser o ponto de partida para o aprimoramento da comunicação, da escrita e, sobretudo, da sedimentação do conhecimento. A leitura da obra de Machado de Assis é um caminho para a formação educacional, a construção do pensamento crítico e a sofisticação do discurso do indivíduo, além de ser instrumento de inclusão social em face do aperfeiçoamento das relações interpessoais, todavia esse é um debate para um próximo estudo.

## REFERÊNCIAS

ANUNCIACÃO, Everton Alexandre Carneiro; DE BARROS, Flávia Aninger. **A leitura e a figura do leitor na literatura de Machado de Assis: pontes para o letramento literário.** Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira. São Paulo, ano 12, n. 22, jan.-jun. 2023.

ASSIS, Machado de. **Obra Completa.** Organizador: Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973, vol. III.

CARDOSO, Patrícia Alves. **Linhas retas e linhas curvas: a intensificação retórica e a ampliação de sentidos em contos de Machado de Assis.** 2008. 300 f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2003.

GUIMARÃES, Helio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19.** 2. ed. São Paulo: Nankin: Edusp, 2012.

**EIXO  
MACHADO DE ASSIS  
E A PSICANÁLISE**

---

---

## DO EU AO OUTRO: PSICANÁLISE E TIPOS HUMANOS NOS ROMANCES DE MACHADO DE ASSIS

*Eunice Nóbrega Portela<sup>1</sup>*

### INTRODUÇÃO

Machado de Assis, amplamente reconhecido como um dos maiores escritores da literatura brasileira, dedicou sua obra a uma exploração profunda da condição humana e das complexidades psicológicas de seus personagens. Sua habilidade em capturar a essência dos tipos humanos e suas nuances emocionais é um testemunho de sua acuidade literária e seu entendimento intuitivo dos mecanismos psíquicos que antecipam muitos conceitos da psicanálise freudiana. Este artigo, intitulado “Do Eu ao Outro: Psicanálise e Tipos Humanos nos Romances de Machado de Assis”, tem como objetivo analisar como o autor utiliza a narrativa literária para explorar as motivações, desejos e conflitos internos de suas personagens, proporcionando uma visão perspicaz e atemporal da alma humana.

Suas obras não se limitam a retratar a superfície das interações sociais, mas mergulham nas essências do inconsciente, revelando os aspectos mais sombrios e contraditórios da psique humana. Seus romances, como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, são estudos de caso literários onde os protagonistas exibem uma gama de sentimentos complexos, incluindo frieza, ambição, orgulho, ciúme e vaidade. Através de uma lente psicanalítica, podemos entender melhor como esses personagens não só refletem as particularidades de sua época, mas também alcançam um universal que ressoa na cultura brasileira contemporânea.

---

<sup>1</sup> Pós-doutorado em Psicanálise Clínica Profissional. Doutorado em Educação pela Universidade de Brasília. Mestrado em Educação pela Universidade Católica de Brasília. Pós-graduada em Transtorno do Espectro Autista, Transtorno Cognitivo-Comportamental; Análise do Comportamento Aplicada; Psicopedagogia Clínica e Institucional, Neuropsicologia Clínica, Orientação Educacional e Administração Escolar. Graduada em Pedagogia pela Universidade de Brasília. Docente do Ensino Superior. @draeunice\_nobrega. www.draeunicenobrega.blog.br, E-mail: eunicenp65@gmail.com.

Ao longo de sua carreira, o escritor demonstrou interesse contínuo pelo estudo dos caracteres humanos<sup>2</sup> e das interações sociais, tanto em seus romances quanto em suas crônicas e contos. No contexto das obras de Machado de Assis, esses personagens são frequentemente explorados em profundidade, revelando suas virtudes e falhas, suas ambições e medos, suas ações e pensamentos íntimos. Machado de Assis é conhecido por sua habilidade em desenhar personagens ricos e multifacetados, cujas experiências e psicologias ressoam de maneira universal, refletindo a complexidade da natureza humana.

Seu trabalho como crítico literário e dramaturgo também evidencia essa preocupação, indicando uma busca incessante por compreender e representar a condição humana de maneira mais autêntica e complexa.

Este artigo tem como objetivo mostrar que, ao descrever as motivações e os dilemas internos de suas personagens, Machado de Assis não só documenta a sociedade de seu tempo, mas também antecipa discussões modernas sobre a psicanálise e a psicologia. Ao fazê-lo, ele revela um entendimento profundo e duradouro da natureza humana, das intrincadas dinâmicas entre o eu e o outro, que continuam a influenciar e inspirar leitores e críticos até os dias de hoje

## **DESENVOLVIMENTO**

Machado de Assis é amplamente reconhecido como um dos maiores escritores da literatura brasileira. Sua obra se destaca não apenas pela qualidade literária, mas também pela profunda investigação psicológica dos personagens e da sociedade em que viveu. Embora os leitores sejam seduzidos pelo seu talento literário, frequentemente encontram-se surpreendidos com a aparente ausência de críticas políticas diretas em seus romances. A expectativa comum é que um autor de sua estatura literária não se abstenha de retratar as realidades políticas e sociais de seu tempo. No entanto, alguns críticos interpretam essa ausência como uma falha, vendo sua obra como incompleta ou alienada.

Para compreender plenamente a obra de Machado de Assis, é necessário considerar não apenas seus romances, mas também suas crônicas e contos. Essa análise abrangente revela que ele possuía a convicção de que diferentes formas de expressão literária eram mais adequadas para diferentes tipos de abordagem. Em suas crônicas, por exemplo, ele realiza críticas políticas e sociais de maneira contundente, enquanto nos contos, concentra-se nas situações e ironias do cotidiano. Nos romances, por outro lado, ele desenvolve profundamente os

---

2 “Caracteres humanos” refere-se às características, qualidades e traços de personalidade que definem e distinguem os indivíduos. Na literatura e na psicologia, o estudo dos caracteres humanos envolve a análise das motivações, comportamentos, emoções e relações sociais das pessoas.

caracteres e as personalidades das figuras narrativas.

A estrutura narrativa mais extensa dos romances permite a Machado de Assis explorar de maneira mais completa e detalhada as complexidades psicológicas de seus personagens. Esta abordagem está em sintonia com as observações de estudiosos como Antônio Candido, que argumenta que a obra de Machado de Assis oferece uma visão penetrante da psicologia humana e das interações sociais (Candido, 1974).

Sua obra é notavelmente diversificada e aberta a diversas interpretações. Sua literatura admite abordagens baseadas em teorias estéticas e estilísticas, bem como análises sociológicas, históricas, políticas e religiosas. Como sugerem estudos de críticos como Roberto Schwarz, a capacidade de sua obra de ser continuamente reinterpretada é um dos fatores que garante sua relevância perene (Schwarz, 1977).

A abordagem psicológica das obras de Machado de Assis é justificada, em parte, por sua própria trajetória profissional. No início de sua carreira, dedicou-se à crítica literária e ao teatro, áreas nas quais já demonstrava um interesse profundo pelo estudo da sociedade e pela caracterização detalhada dos personagens. Este interesse se refletiu em seu trabalho como crítico, onde colaborou com vários veículos da imprensa da época, evidenciando sua preocupação com a composição de tipos humanos complexos e verossímeis.

As críticas ao autor, muitas vezes publicadas em jornais e revistas, revelam-no como um defensor ardente da literatura e do teatro com raízes brasileiras. Ele acreditava que essas formas artísticas exigiam um estudo profundo e uma busca incessante por um estilo próprio, conforme discutido por Silviano Santiago em “Nas Malhas da Letra” (2002).

Portanto, seu legado literário não pode ser simplesmente categorizado como obra alienada ou desinteressada das questões sociais e políticas. Pelo contrário, sua literatura reflete uma abordagem sofisticada e multiforme, que utiliza diferentes gêneros para explorar diversos aspectos da condição humana e da sociedade. Sua obra permanece relevante e aberta a novas interpretações, consolidando-se como uma das pedras angulares da literatura brasileira.

## **MACHADO DE ASSIS E A EXPLORAÇÃO DA *PSIQUE* HUMANA**

Machado de Assis é frequentemente comparado aos grandes nomes da literatura mundial por sua habilidade em explorar a *psique* humana. Em suas obras, ele perquiriu e descreveu sentimentos como frieza, ambição, orgulho, volúpia da dor, luxúria, vaidade e impiedade. Essas características são evidentes em personagens que se tornaram icônicos na literatura brasileira.

## ANÁLISE PSICANALÍTICA DAS OBRAS

Embora outras obras de Machado de Assis também apresentem perfis passíveis de análise psicanalítica, este estudo se concentrou especificamente em quatro de suas principais obras: “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881), “Dom Casmurro” (1899), “Quincas Borba” (1891) e “O Alienista” (1882). Estas obras foram escolhidas devido à profundidade com que exploram a *psique* humana e os complexos processos mentais de seus personagens.

### “MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS” (1881)

O legado literário de Machado de Assis, especialmente em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, oferece um campo fértil para a análise psicanalítica, particularmente no que tange ao narcisismo e à frieza emocional do protagonista. Nessa obra é possível observar fundamentos da teoria psicanalítica de Sigmund Freud sobre o ego, o superego e o narcisismo e explorar como esses conceitos se manifestam no personagem Brás Cubas. Através de citações literais de Freud e uma análise detalhada da obra, discutiremos as complexas interações entre esses aspectos da *psique* e a caracterização machadiana.

Essa obra é um dos trabalhos mais emblemáticos do autor, caracterizado por sua narrativa inovadora e introspectiva. O protagonista, Brás Cubas, é um narrador defunto que revela sua vida com um cinismo e uma frieza impressionantes.

O protagonista reflete sobre suas ações e decisões, frequentemente motivadas pela ambição. Certamente é um exemplo claro da exploração machadiana da frieza e ambição humanas. Brás Cubas representa um indivíduo cuja busca incessante por *status* social e realização pessoal culmina em uma reflexão crítica sobre a inutilidade de seus esforços, como destacado por Schwarz (1977) em “Ao Vencedor as Batatas”.

De conformidade com a teoria psicanalítica de Sigmund Freud, o *ego* é descrito como a parte da *psique* que lida com a realidade, mediando os desejos instintivos do *id* e as restrições moralizantes do superego. Freud afirma que “o *ego* é o mediador entre o *id*, o *superego* e o mundo exterior” (Freud, 1923). O *superego*, por sua vez, é a internalização das normas sociais e morais, frequentemente influenciando o *ego* através de sentimento de culpa e vergonha.

Freud também aborda o conceito de narcisismo em sua obra “On Narcissism: An Introduction” (1914), onde apresenta o narcisismo primário como um estágio em que o indivíduo é seu próprio objeto de amor, enquanto o narcisismo secundário ocorre quando a libido retirada dos objetos externos é redirecionada para o ego. Ele escreve: “O narcisismo é a retirada da libido de objetos externos e sua concentração no ego” (Freud, 1914).

Brás Cubas é um personagem que exemplifica o narcisismo secundário freudiano. Sua narrativa é repleta de momentos em que ele revela um profundo amor por si mesmo, ao mesmo tempo que demonstra uma frieza emocional em relação aos outros. Um exemplo claro é a sua indiferença ao sofrimento alheio e sua constante busca por gratificação pessoal, sem consideração pelas consequências de suas ações sobre os outros.

Freud sugere que o narcisismo excessivo está ligado a uma incapacidade de estabelecer relações objetivas maduras. Em Brás Cubas, isso é evidente na maneira como ele trata seus relacionamentos, especialmente com Virgília. Ele é incapaz de amar verdadeiramente, usando as pessoas ao seu redor como meios para satisfazer suas próprias necessidades e desejos. Esta característica é ilustrada na passagem em que ele descreve sua relação com Virgília: “Amei-a como Narciso amava a própria imagem” (Assis, 1881).

## **RELAÇÕES ENTRE EGO, SUPEREGO E A PERSONALIDADE DE BRÁS CUBAS**

A interação entre o ego e o superego em Brás Cubas é igualmente reveladora. Seu ego busca constantemente satisfazer seus desejos narcisistas, enquanto seu superego parece ser notavelmente fraco, permitindo-lhe agir sem os freios morais que normalmente conteriam comportamentos egoístas. Este desequilíbrio resulta em uma personalidade marcada pela falta de empatia e pela manipulação dos outros para ganho pessoal.

Freud descreve o *superego* como “o representante interno das influências parentais e sociais” (Freud, 1923). No caso de Brás Cubas, sua educação e contexto social privilegiado não parecem ter inculcado um superego forte. Ele é mais movido por impulsos do *id* e necessidades do ego, com pouca resistência de um superego moralizante. Este aspecto de sua personalidade é evidenciado quando ele reflete sobre sua própria vida com uma frieza quase clínica, sem arrependimento ou remorso verdadeiro.

A análise de “Memórias Póstumas de Brás Cubas” através da teoria freudiana do ego, superego e narcisismo revela camadas profundas da *psique* do protagonista. Brás Cubas exemplifica um narcisismo que desvia a libido para si mesmo, resultando em um comportamento marcado pela frieza emocional e pela busca incessante de satisfação pessoal. A fraqueza de seu superego permite que seu ego atenda aos desejos do *id* quase sem restrições morais, destacando a complexidade da condição humana que Machado de Assis tão magistralmente retrata.



## DOM CASMURRO (1899)

Dom Casmurro é talvez a obra mais figurada de Machado de Assis no que diz respeito ao orgulho e à vaidade. É uma obra que permite uma investigação detalhada dos mecanismos de defesa, como a projeção e a racionalização, presentes na paranoia e no ciúme obsessivo de Bentinho. Freud descreve a projeção como um mecanismo pelo qual “o sujeito expulsa de si e localiza no outro, pessoa ou coisa, qualidades, sentimentos, desejos, que ele desconhece ou recusa nele” (Freud, 1911). Bentinho, ao projetar suas inseguranças e medos em Capitu, desenvolve uma paranoia que distorce sua percepção da realidade.

A racionalização, outro mecanismo de defesa freudiano, é evidente na forma como Bentinho justifica suas suspeitas infundadas sobre a infidelidade de Capitu. Freud explica que a racionalização é usada para “justificar comportamentos ou sentimentos que de outra forma seriam inaceitáveis” (Freud, 1908). Bentinho utiliza argumentos aparentemente lógicos para validar suas emoções irracionais, criando uma narrativa que suporta suas inseguranças e ciúmes.

Esses mecanismos de defesa são reflexos do inconsciente, um conceito central na teoria freudiana. Freud argumenta que “o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; em sua natureza mais íntima, é tão desconhecido para nós como a realidade do mundo exterior” (Freud, 1915). Bentinho não está ciente dos processos inconscientes que dirigem suas ações, resultando em um comportamento autodestrutivo e uma percepção distorcida da realidade.

## QUINCAS BORBA, (1891)

Em “Quincas Borba” (1891), Machado de Assis explora a volúpia da dor e a luxúria através do personagem Rubião. Após herdar a fortuna de Quincas Borba, Rubião experimenta uma espiral descendente de loucura e autodestruição, ilustrando a conflituosa relação entre *Eros* e *Thanatos*, conceitos fundamentais na psicanálise freudiana. *Eros* representa as forças de vida, amor e criatividade, enquanto *Thanatos* simboliza as forças de morte, destruição e retorno ao estado inorgânico (Freud, 1920).

Rubião personifica essa dualidade à medida que sua busca pelo prazer (*Eros*) leva à sua autodestruição (*Thanatos*). Freud descreve essa luta interna como “a oposição entre as pulsões de vida e as pulsões de morte” (Freud, 1920). A decadência de Rubião reflete a tensão entre esses impulsos opostos, demonstrando como a busca desenfreada pelo prazer pode resultar em autodestruição.

Prado (1991) em “Machado de Assis: o enigma do olhar” destaca como Machado utiliza Rubião para examinar a interseção entre dor e prazer,

oferecendo uma visão complexa das motivações humanas. A tragédia de Rubião não é apenas um comentário sobre a fraqueza humana, mas também uma exploração profunda das forças psíquicas que moldam o comportamento.

No olhar psicanalítico a interação entre *Eros* e *Thanatos* ilumina a trajetória autodestrutiva de Rubião, destacando a complexidade das motivações humanas. Machado de Assis, através de suas personagens, oferece uma análise rica e complexa da condição humana, ressoando com as teorias psicanalíticas de Freud trazendo contribuições significativas do protagonista para a compreensão da *psique* humana.

### “O ALIENISTA” (1882)

“O Alienista” de Machado de Assis oferece uma rica narrativa para a análise psicanalítica, especialmente no que diz respeito ao protagonista, Dr. Simão Bacamarte. A obra examina a linha tênue entre sanidade e loucura e revela a desumanização e impiedade na busca pela verdade científica. Através da teoria psicanalítica de Sigmund Freud, podemos explorar as motivações inconscientes do protagonista e as dinâmicas entre seu *ego*, *superego* e *id*.

Freud propôs um modelo estrutural da *psique* humana dividido em três partes: o *id*, o *ego* e o *superego*. O *id* é a parte instintiva e impulsiva da mente que busca gratificação imediata. O *ego*, mediador entre o *id* e a realidade, opera com base no princípio da realidade, buscando formas realistas e socialmente aceitáveis de satisfazer os desejos do *id*. O *superego*, por sua vez, incorpora as normas morais e éticas internalizadas da sociedade e dos pais, funcionando como uma consciência que julga e pune o *ego*.

De acordo com a teoria Freudiana o *ego* é “a parte da personalidade que se desenvolve para lidar com as demandas do *id*, as restrições da realidade e as exigências do *superego*” (Freud, 1923). Além disso, ele introduz o conceito de mecanismos de defesa, que são estratégias inconscientes usadas pelo *ego* para lidar com a ansiedade e os conflitos internos.

### ANÁLISE DO PERFIL PSÍQUICO DE DR. SIMÃO BACAMARTE

Dr. Simão Bacamarte é um personagem cuja busca obsessiva pela verdade científica revela uma personalidade dominada por um *ego* inflado e um *superego* fraco. Sua impiedade e desumanização ao internar arbitrariamente os cidadãos de Itaguaí em sua casa de saúde refletem uma dissociação entre sua percepção da realidade e as normas morais da sociedade.

A desumanização de Bacamarte pode ser vista como uma manifestação do *id* reprimido. Freud afirma que “o *id* contém tudo o que é herdado, presente

no nascimento, e está fixado na constituição” (Freud, 1923). O desejo insaciável de Bacamarte por controle e conhecimento absoluto pode ser interpretado como uma expressão dos impulsos primitivos do *id*, que ele tenta satisfazer através de sua prática científica.

A falta de um *superego* forte em Bacamarte é evidente em sua incapacidade de sentir culpa ou empatia pelos pacientes que ele interna. Freud descreve o *superego* como “o representante interno das influências parentais e sociais” (Freud, 1923). A ausência de um *superego* funcional em Bacamarte resulta em um comportamento que ignora as normas éticas e morais, permitindo que ele justifique suas ações impiedosas sob o pretexto da busca científica.

A racionalização, um mecanismo de defesa descrito por Freud, é claramente utilizada por Bacamarte para justificar suas ações. Freud explica que a racionalização é usada para “justificar comportamentos ou sentimentos que de outra forma seriam inaceitáveis” (Freud, 1908). Bacamarte racionaliza seu comportamento ao convencer a si mesmo e aos outros de que suas intenações arbitrárias são necessárias para o avanço da ciência.

## A IRONIA E A DESUMANIZAÇÃO NA BUSCA CIENTÍFICA

A ironia presente em “O Alienista” é uma crítica mordaz à sociedade e suas instituições. Machado de Assis utiliza a figura de Bacamarte para expor as falhas e absurdos da condição humana. A busca desumanizada pela verdade científica é uma metáfora para a desconsideração pela humanidade em prol de um ideal impessoal.

De acordo com a análise de Bosi (1995), Machado usa a impiedade e a ironia para revelar as falhas da sociedade. Bosi argumenta que “a impiedade de Bacamarte é um reflexo da desumanização provocada pela obsessão pelo conhecimento científico, enquanto a ironia machadiana desnuda as hipocrisias sociais” (Bosi, 1995). A desumanização de Bacamarte, portanto, não é apenas uma falha individual, mas uma crítica à sociedade que valoriza o conhecimento científico acima da compaixão humana.

A análise de “O Alienista” através da lente da psicanálise freudiana revela as camadas profundas da *psique* do protagonista, Dr. Simão Bacamarte. A busca obsessiva pela verdade científica, a desumanização e a impiedade, bem como a utilização de mecanismos de defesa como a racionalização, são manifestações de um ego inflado e um *superego* fraco. Machado de Assis, através de Bacamarte, oferece uma análise rica e multifária da condição humana, ressoando com as teorias psicanalíticas de Freud. A ironia machadiana destaca as falhas e absurdos da sociedade, fornecendo uma crítica perspicaz que continua relevante até hoje.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Machado de Assis demonstra uma habilidade e perspicácia incomparáveis na criação de perfis psicológicos complexos e ricos em nuances. Suas obras não apenas retratam a sociedade de sua época, mas também exploram profundamente as motivações, desejos e conflitos internos de suas personagens, oferecendo um terreno fértil para a análise psicanalítica. Este estudo concentrou-se em quatro de suas principais obras: “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881), “Dom Casmurro” (1899), “Quincas Borba” (1891) e “O Alienista” (1882), cada uma revelando diferentes aspectos da *psique* humana através das lentes da teoria freudiana.

Em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, a frieza emocional e o narcisismo do protagonista são elementos centrais que se alinham com as teorias de Freud sobre o ego e o superego. A análise psicanalítica revela como Brás Cubas exemplifica um narcisismo que redireciona a libido para si mesmo, resultando em uma busca incessante por gratificação pessoal e uma profunda indiferença em relação aos outros.

“Dom Casmurro” permite uma investigação detalhada dos mecanismos de defesa, como a projeção e a racionalização, na paranoia e no ciúme obsessivo de Bentinho. As teorias freudianas sobre o inconsciente ajudam a entender como Bentinho projeta suas inseguranças em Capitu e racionaliza suas suspeitas infundadas, criando uma narrativa que valida suas emoções irracionais.

“Quincas Borba” explora a dualidade entre Eros e Thanatos, ilustrada pela trajetória de Rubião. A busca pelo prazer e a autodestruição de Rubião refletem a complexa interação entre as forças de vida e morte, conceitos fundamentais na psicanálise freudiana. Machado de Assis utiliza Rubião para examinar a interseção entre dor e prazer, oferecendo uma visão complexa das motivações humanas.

“O Alienista” investiga a linha tênue entre sanidade e loucura através do Dr. Simão Bacamarte, cuja busca obsessiva pela verdade científica resulta em desumanização e impiedade. A racionalização e a ausência de um superego funcional em Bacamarte permitem uma crítica mordaz à sociedade e suas instituições, expondo as falhas e absurdos da condição humana.

As obras de Machado de Assis contribuem significativamente para a análise dos tipos humanos, evidenciando a relação psicanalítica do eu ao outro. Seus personagens, com suas falhas e complexidades, são reflexos das tensões e conflitos internos que definem a experiência humana. Machado não apenas narra histórias, mas também explora as profundezas da alma humana, oferecendo uma visão perspicaz e atemporal, que continua a ressoar na literatura e na cultura brasileiras.

Este artigo teve como objetivo analisar como o autor utiliza a narrativa literária para explorar as motivações, desejos e conflitos internos de suas personagens, proporcionando uma visão perspicaz e atemporal da alma humana. Ao integrar

conceitos psicanalíticos, podemos aprofundar ainda mais nossa compreensão das nuances psicológicas presentes nas obras de Machado de Assis, destacando sua relevância duradoura na literatura e na análise da condição humana.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado. de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1881.
- ASSIS, Machado. de. **O Alienista**. In: Papéis Avulsos. Rio de Janeiro: Garnier, 1882.
- ASSIS, Machado. de. **Quincas Borba**. Rio de Janeiro: Garnier, 1891.
- ASSIS, Machado. de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier. 1899.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- CANDIDO, Antônio. **O Albatroz e o Chinês**. São Paulo: Companhia das Letras, 1974.
- FREUD, Sigmund. “**Character and Anal Eroticism**”. In The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, Volume IX (1906-1908): Jensen’s ‘Gradiva’ and Other Works, 169-175, 1908.
- FREUD, Sigmund. “**Psycho-Analytic Notes on an Autobiographical Account of a Case of Paranoia (Dementia Paranoides)**”. In The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, Volume XII (1911-1913): The Case of Schreber, Papers on Technique and Other Works, 9-82, 1911.
- FREUD, Sigmund. “**On Narcissism: An Introduction**”. In The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, Volume XIV (1914-1916): On the History of the Psycho-Analytic Movement, Papers on Metapsychology and Other Works, 67-102, 1914.
- FREUD, Sigmund. “**The Unconscious**”. In The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, Volume XIV (1914-1916): On the History of the Psycho-Analytic Movement, Papers on Metapsychology and Other Works, 159-215, 1915.
- FREUD, Sigmund. “**Beyond the Pleasure Principle**”. In The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, Volume XVIII (1920-1922): Beyond the Pleasure Principle, Group Psychology and Other Works, 7-64, 1920.
- FREUD, Sigmund. “**The Ego and the Id**”. In The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, Volume XIX (1923-1925): The Ego and the Id and Other Works, 1-66, 1923.
- SCHWARZ, Roberto. **Ao Vencedor as Batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

**O ALIENISTA, DE MACHADO DE ASSIS:  
UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA E  
CONTEMPORÂNEA DA SAÚDE MENTAL  
PARTE 1 – UMA CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA**

*Marina da Silveira Rodrigues Almeida<sup>1</sup>*

**UMA BREVE INTRODUÇÃO SOBRE ALIENAÇÃO E SAÚDE MENTAL**

As produções de Machado de Assis o colocam numa posição de destaque como representante do cânone literário nacional. O *Bruxo de Cosme Velho* aborda temas inquietantes, tabus sociais e polêmicos, de seu tempo e além, com conhecimento digno de grande pesquisador da complexa ciência da linguagem literária, com primor estético e originalidade (Bernd, 1989, p. 89).

Nessa perspectiva, o *modus operandi* da escrita machadiana acaba por revelar aspectos particulares da construção da loucura, numa vertente literária que escapa às verdades da sua época, suscitando novos debates na contemporaneidade (Bernd, 2011).

“Os alienistas” de então, eram aqueles que se ocupavam de estudar, compreender, cuidar e ajudar pacientes que sofriam de “alienação mental” a superar a doença. Atualmente, o termo *alienista* é considerado obsoleto e anacrônico em muitos países, embora ainda seja usado, na Europa, por exemplo.

Segundo o Dicionário Michaelis, a palavra *alienista* vem do latim *alienus+ista*, que tem relação com a alienação mental, ou seu tratamento; especialista no estudo e tratamento de doenças mentais.

Na verdade, as suas raízes etimológicas parecem ser europeias, derivando tanto do latim “*alienus*” (outro) como do francês “*aliene*” (insano). Em inglês, a palavra está obviamente relacionada a “*alien*” (estrangeiro, estranho ou ser do espaço sideral); “*alienar*”, significa isolar, excomungar ou tornar hostil, rejeitar e

---

<sup>1</sup> Psicóloga Clínica e Escolar pela Universidade UNISANTOS, Pós-Graduada em Psicopedagogia pela Universidade UNISANTOS, Psicanalista Psicodinâmica Contemporânea, Terapeuta Cognitiva Comportamental e proprietária do consultório particular Instituto Inclusão Brasil em São Vicente-SP. E-mail: marinaalmeida@institutoinclusaobrasil.com.br.

“alienação” (alienação ou perturbação mental).

Daí, a expressão “alienação mental”, que se refere a um estado em que uma pessoa apresenta perturbação severa em sua saúde mental, afetando significativamente sua capacidade de entender a realidade, tomar decisões racionais e interagir de forma apropriada com o mundo ao seu redor. O termo é frequentemente associado a condições graves, como esquizofrenia, psicose ou transtornos bipolares, em estados maníacos ou depressivos extremos. A alienação mental pode envolver alucinações, delírios e outros sintomas que comprometem a percepção e o julgamento da pessoa, necessitando muitas vezes de intervenção médica e terapêutica.

Nesse sentido, diversos “Alienistas” foram significativamente influenciados pelo trabalho de Sigmund Freud e Carl Gustav Jung e (Foucault, 2005). Ambos entendiam o sofrimento mental e a sintomatologia do paciente psiquiátrico como decorrentes de uma alienação excessiva da sociedade e da falta de contato com seu verdadeiro eu (autoalienação), e isso tem considerável relevância atualmente para a forma como compreendemos e tratamos os sofrimentos emocionais.

Freud e Jung se concentraram na psicologia dos transtornos mentais, em vez de em sua neurologia ou fisiologia, influenciando profundamente a maneira como psiquiatras e psicoterapeutas (ainda chamados de *alienistas* no início do século XX) conceitualizavam os sintomas.

## UMA EDIÇÃO CONTEMPORÂNEA DE *O ALIENISTA*

O livro “O Alienista” foi publicado originalmente em 1882. O texto trata do território subjetivo entre a sanidade e a loucura; reflete e escancara a fragilidade do conceito de normalidade e loucura.

A leitura de “O Alienista”<sup>2</sup>, nesta nova edição publicada pela Editora Cobogó (2020) é ilustrada pela obra de Rivane Neuenschwander<sup>3</sup>, composta de bonecos feitos com garrafas de vidro, tecido e papel machê, que arremessa as personagens da trama machadiana para o contexto atual, criando uma “ficção dentro da ficção” que nos convoca a refletir sobre a irracionalidade e um despautério de grandeza nacional.

2 ASSIS, Machado, J. M., “O Alienista”, Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2020. Prefácio de Elton Corbanezi e Laymert Garcia dos Santos. Sobre Machado de Assis: Machado de Assis (Joaquim Maria Machado de Assis), jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, nasceu no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1839.

3 Rivane Neuenschwander formou-se pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais e pelo Royal College of Art, Londres. A artista aborda temas como memória, desejo, sexualidade, política e violência em trabalhos que convocam a participação do outro, seja no desenvolvimento, seja na formalização de ideias. Sua obra faz a mediação entre o íntimo e o público, o autoral e o coletivo. Participou de importantes exposições coletivas como a Bienal de Veneza (2003, 2005), a Bienal de São Paulo (1998, 2006, 2008) e a Bienal de Istambul (1997, 2011).

As livre-associações entre a obra literária do século XIX e a obra visual homônima do século XXI, reverberam, na contemporaneidade, elementos da história original, que tratam de cobiça de poder, interesses políticos, dogmas religiosos e credences.

No meio do caminho, imprime-se o humor irônico, ferramenta autoral que produz prazer, enquanto denuncia uma realidade absurda que se estabelece, trazendo à tona a atualidade política do conto no Brasil contemporâneo, no qual desmandos e absurdos, como o terraplanismo e a negação da ciência, se encontram em aterradora sintonia com o populismo e o conservadorismo mundiais, desde o primeiro quarto do século XXI.

Dividido em treze capítulos com títulos, está inserido no movimento Realismo do Brasil, que teve início no ano de 1881, quando Machado de Assis, até então, era um escritor romântico, até o momento em que publicou a obra realista “Memórias Póstumas de Brás Cubas”.

Dessa forma, o autor mostrava o seu desencanto com a estética romântica e o conservadorismo que ela representava. Após a publicação de “Brás Cubas”, o escritor também publicou duas outras grandes obras realistas: “Quincas Borba” e “Dom Casmurro”. Nelas, o narrador empreende análises críticas da sociedade carioca e, sem idealizações românticas, faz um retrato fiel e irônico da corrupta e hipócrita burguesia do século XIX no Brasil (Bernd, 2011).

Emergindo como forma de oposição ao Romantismo, o antirromantismo levou autores realistas a rejeitarem a subjetividade e o sentimentalismo, recorrendo também a uma linguagem mais objetiva e analítica, abandonando, portanto, o teocentrismo e privilegiando o antropocentrismo, isto é, a valorização da razão.

No Brasil, o Realismo também foi, desde o princípio, caracterizado pela ironia, principalmente em relação aos costumes da burguesia, classe social celebrada pelos românticos, mas atacada pelos realistas. Dessa forma, o narrador realista faz crítica sociopolítica centrada nos acontecimentos contemporâneos e análise psicológica dos personagens.

Os protagonistas, integrantes da elite burguesa, são descritos agora, sem qualquer idealização. Comumente, são retratados como opressores, corruptos e hipócritas. Assim, o casamento, instituição burguesa, é colocado em questão, quando o narrador expõe o adultério feminino e a condição do homem e da mulher na sociedade patriarcal. O comportamento, as atitudes, os interesses, as relações sociais e o egoísmo humano, também são colocados em pauta.

A loucura e a sanidade, o normal e o patológico, o alienista e o alienado, apresentam uma linha tênue na visão do autor, sendo o escopo do estudo deste capítulo, destinado a analisar a obra “O Alienista” com uma atualização do contexto contemporâneo do sofrimento psíquico, por meio da compreensão



psicanalítica. Afinal todos nós estamos imersos no contemporâneo, e em se tratando de saúde emocional, angústias, sofrimentos humanos, somos rotulados, rapidamente, com algum tipo de transtorno mental, e, por consequência será imperioso ser medicado, se encaixar à uma norma de saúde mental e tornar-se “normatizado”, capturado pelo poder neoliberal capitalista, contexto bastante parecido com os descritos na obra machadiana (Freitas, 2001).

Historicamente, o tratamento clínico e social dado aos sujeitos que apresentam algum sofrimento psíquico se relaciona com a cultura de cada época e com a forma vigente de exercer o poder. Por exemplo, na Antiguidade, “a loucura” era considerada a categoria geral que concentrava todos os tipos de sofrimento mental.

Lembremo-nos de como essa era vista sob a ótica metafísica, considerada fruto de castigo dos deuses ou de possessão demoníaca. Hoje, essa visão ficou ultrapassada e, com ela, o uso da categoria “loucura”, para expressar formas de sofrimento psíquico. Por outro lado, com o surgimento do “alienismo pineliano” na modernidade, há a inauguração do embrião que dá origem à psiquiatria, e aquilo que era reconhecido pela ótica da loucura, passa a ser inserido na lógica dos eventos naturais “cuja verdade se enuncia por si mesma nos fenômenos observáveis” (Foucault, 2005, p. 167).

Na modernidade, o paradigma psiquiátrico acerca das doenças mentais segue a lógica do dispositivo saber-poder biomédico, para a qual a cura das afecções mentais significa o retorno ao estado anterior à patologia. Segundo Michel Foucault (2005, p. 188), “*o poder disciplinar forjado no âmbito da racionalidade do alienismo não é somente uma forma de tratar o sofrimento psíquico, mas uma estratégia política eficaz de controle e coerção social*”.

Seguindo essa pista inaugurada por Foucault, vemos que, nos dias de hoje, categorias diagnósticas como depressão, paranoia, melancolia e ressentimento, por exemplo, versam mais sobre modos de participação social e de processos hegemônicos de subjetivação do que sobre doenças como fenômenos naturais observáveis.

Concordamos com o psicanalista Christian Dunker (2015, p. 78) quando afirma que “as categorias diagnósticas de nossa época servem muito mais para capturar as formas hegemônicas de mal-estar e traduzir em uma gramática passível de normalização do que para expressar a natureza de uma doença mental”. Assim, a forma depressiva, paranoica, melancólica e ressentida de sofrer é, antes de expressar uma doença natural, um modo subjetivo de responder às demandas e exigências da forma neoliberal de socialização, por consequência levando ao apagamento da alteridade humana.

Machado de Assis é o único escritor brasileiro de fato realista, já que, no final do século XIX, a maioria dos escritores nacionais preferiu se filiar ao

Naturalismo. No entanto, os dois estilos apresentam traços em comum, pois ambos são antirromânticos, privilegiam a razão e fazem crítica sociopolítica (Gledson, 2003).

Repleta de um tom humorístico e irônico, a obra “O Alienista”, de Machado de Assis possui um narrador onisciente. Narrado em terceira pessoa, o livro revela a dedicação do protagonista principal, Dr. Simão Bacamarte, que, na verdade, fica obcecado com seus estudos na área de psiquiatria. Além disso, ele aborda os temas dos interesses políticos, da ambição e do poder, através da personagem de Porfirio.

A crítica social e a análise psicológica das personagens revelam a fase realista de Machado de Assis.

## CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DA OBRA

O fim do século XIX encontra um Brasil em crise. Muitos foram os fatos que colaboraram para ela: entre eles, destaca-se o desmoronamento da economia baseada na cana-de-açúcar, acelerado pela extinção do tráfico de escravos, através da Lei Eusébio de Queirós, em 1850. Com a decadência do sistema açucareiro, a economia volta-se para o Sul e Sudeste, onde imigrantes europeus, que aportavam no país desde a década de 40, eram empregados nas lavouras de café (Gledson, 2003).

Trata-se, enfim, de um período de mudanças econômicas, políticas e sociais. Podemos citar algumas: enfraquecimento do governo de D. Pedro II e a intensificação dos ideais republicanos; o crescimento da campanha abolicionista; uma economia agrária, com a concentração da renda nas mãos dos fazendeiros. Na década de 70, a entrada de quase duzentos mil imigrantes no país, aumentada nos anos 80 para quase meio milhão; na década de 80, comícios e passeatas de intelectuais e estudantes em prol das campanhas abolicionista e republicana.

Em 1888, a Abolição da Escravatura; em 1889, a Proclamação da República; o início do processo de modernização da sociedade brasileira, com a dinamização da vida social e cultural, principalmente no Rio de Janeiro, sede do governo; maior desenvolvimento da cultura, com incremento no número de matemáticos, economistas, médicos, historiadores, além dos escritores; um clima propício à absorção, pelas artes, das novas ideias vindas da Europa e lá já consolidadas, como o liberalismo, o socialismo e as teorias científicas (Gledson, 2003).

Todos esses fatores, com destaque para o tema da Abolição e o da República contribuiriam para as opções ideológicas do homem culto brasileiro a partir de 1870, cabendo à chamada “Escola do Recife” (liderada por Tobias Barreto e seu fiel discípulo Sílvio Romero). Marca a cultura da época uma ânsia por objetividade que responde aos métodos científicos cada vez mais

exatos nas últimas décadas do século. Considerando que o Realismo implica o distanciamento da postura subjetiva, para o escritor Machado de Assis, que se volta para a realidade exterior, e não usa mais sua vida pessoal, como ponto de partida para a criação da obra de arte. O interesse, agora, é pelo objeto externo, e não mais pelo sujeito (Gledson, 2003).

O aprofundamento da narrativa de costumes que já se cultivara no Romantismo e que se propõe, a partir daqui, passa a desnudar as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima, buscando, para ambas, causas naturais ou culturais. É preciso compreender e explicar o mundo real por meio da razão e do conhecimento científico. É necessário o embasamento e o apoio de teorias que auxiliem essa explicação.

Várias foram as correntes científicas que serviram para balizar à obra de arte realista. Entre elas, cabe destacar: o Determinismo de Taine, segundo o qual o Homem, e seu comportamento e, portanto, a Arte está condicionada a três fatores: a herança (determinismo biológico ou hereditário); o meio (determinismo social ou mesológico) e o momento (determinismo histórico). O Positivismo de Auguste Comte, que defende a existência da razão e da ciência como fundamentais para a vida humana, pregando atitude voltada para o conhecimento positivo, concreto e objetivo da realidade; o Criticismo e o Anticlericalismo de Renan, que prega revisão do papel histórico da igreja católica, apontando-a como “mistificadora da verdadeira fé”.

O Socialismo “utópico” de Proudhon, que propõe a organização de pequenos produtores em associações de auxílio mútuo, calcado em ideias antiburguesas e antirreligiosas; o Evolucionismo de Darwin, que concebia o mundo como um processo de crescimento e de evolução e cuja repercussão provocou enorme revolução em outras ciências, inclusive as sociais. Esse conjunto de ideias acabou por caracterizar a chamada “geração materialista ou cientificista”, assim designada pela semelhança entre as atitudes dos autores e dos cientistas (Gledson, 2003).

O escritor Machado de Assis, movido por sua preocupação com a objetividade, tende a compreender o homem, através da personagem de Dr. Simão Bacamarte, como um “caso” que deve ser analisado à luz da ciência.

A intensificação radical da abordagem científica na obra de arte acabaria por conduzir ao Naturalismo, que considera o homem como uma máquina dirigida por leis físicas e químicas, pela hereditariedade e pelo meio social, dirigindo seu interesse, principalmente para temas da patologia humana e social. Conforme Gledson, no Realismo, observa-se a “humanização” das personagens, agora “de carne e osso” e não mais divididas entre heróis incríveis e terríveis vilões.

A profundidade e complexidade das concepções psicológicas presentes na obra de Machado de Assis são notáveis, quando em sua obra o autor

desenvolveu um conceito de “loucura”, estruturado na ideia de inconsciência, no choque entre multiplicidade e unidade do eu, e na dinâmica entre homem e sociedade. Talvez, por estar na área da literatura, Machado de Assis teve liberdade suficiente para expressar seus pensamentos e intuições sem ter que se preocupar em fundamentá-los aos olhos da doutrina positivista, pois sabia que o positivismo e o materialismo não eram os únicos caminhos para conhecimento do homem e de suas vicissitudes. Portanto, suas ideias continuam atuais para a psiquiatria, psicanálise e psicologia contemporâneas.

## **SINOPSE DA OBRA**

A obra discorre sobre a história do médico Dr. Simão Bacamarte, o personagem Alienista, que viajou pela Europa e Brasil, um estudioso do sofrimento humano, de 34 anos. Abriu um consultório na cidade brasileira de Itaguaí e, seis anos mais tarde, resolveu se casar com uma viúva de vinte e cinco anos, Dona Evarista. A relação não era baseada no amor, e sim, na possibilidade de ter filhos. Dr. Simão Bacamarte acreditava que Dona Evarista seria uma boa esposa e responderia ao intuito dele, de ter herdeiros, algo que terminou por não acontecer.

Mais tarde, ele resolveu criar um manicômio na cidade, o qual recebeu o nome de Casa Verde, “bastilha da razão humana”. Empenhado em seus estudos voltados para a psiquiatria, Simão começa a ter muitos internos, que viviam em Itaguaí e arredores. Desejava estudar a mente dos desajustados da cidade, daqueles com desequilíbrio das faculdades mentais, ao menos inicialmente; claro, certamente também curá-los de sua condição. A partir daí o médico começou a enxergar loucura em muitas pessoas.

O primeiro a ser internado foi o senhor Costa, homem que perdeu toda sua herança, foi considerado louco pelo alienista. Essas atitudes começaram a deixar os cidadãos da cidade apreensivos, o que gerou um movimento liderado pelo barbeiro Porfírio, que ficou conhecido como “Revolta do Canjica”, batizado dessa forma por ser Canjica, o apelido do barbeiro.

Diante dos protestos na frente da sua casa, o Dr. Simão Bacamarte recebe a massa de pessoas com indiferença e retorna aos seus afazeres. No entanto, Porfírio tinha o intuito de seguir carreira política e, ao chamar Simão para uma reunião acaba se aliando a ele. E as internações continuam na cidade. Devido às internações dos 50 membros que estavam apoiando a revolução de Porfírio, outro barbeiro da cidade, João Pina, consegue auxiliar na deposição de Canjica. Ainda que todos tentassem lutar para acabar com a Casa Verde, o local se fortalecia, com o passar do tempo.

Numa passagem da obra, até mesmo Dona Evarista, mulher do Alienista, é internada, sob a acusação de ter o diagnóstico de “mania sumptuária”.

Quando 75% da cidade estava internada, Simão Bacamarte resolve voltar atrás e liberar todos os internos, certo de que sua teoria estava errada. Assim, o alienista recomeça a internar outras pessoas, agora seguindo outra teoria. O primeiro interno é Galvão, o vereador da cidade. Tempos depois conclui que a sua teoria estava errada novamente, por isso, libera todos os pacientes internados na Casa Verde e conclui que o louco era ele. Assim, o alienista resolve se trancar na Casa Verde, onde morreu dezessete meses depois.

## **O HOMEM, MACHADO DE ASSIS, SUA HISTÓRIA E LITERATURA**

Muitos biógrafos indagam sobre o histórico de Machado de Assis, com incredulidade, perscrutando o do “milagre” da literatura machadiana, sem conseguir atinar como um menino pobre, mulato, com epilepsia, com gagueira, e que diziam todos ter nascido na miséria, no morro do Livramento, neto de escravos, filho de um pardo e de uma lavadeira portuguesa, conseguiu ascender verticalmente até posições de prestígio social e na literatura nacional. Perguntavam-se os críticos –, como pudera ele descrever tão bem uma camada social à qual não teria tido acesso? (Bernd, 2018)

O primeiro desmentido dessa lenda foi feito por Lúcia Miguel-Pereira, em prefácio à edição de 1944, da biografia de Machado lançada em 1936, e que continua tendo repetidas reedições. Lúcia Miguel-Pereira esclareceu que a descoberta da certidão de batismo do escritor e de outros documentos tornou possível esclarecer os dois “mistérios” de Machado de Assis: o familiar e o literário.

Ao contrário do que se imaginava, embora tendo nascido sem posses, o escritor nunca viveu na miséria. Seus pais viviam confortavelmente em uma casa situada na Chácara do Livramento, onde eram benquistos por todos como agregados. Sua mãe, Maria Leopoldina Machado de Assis, que ele perdeu quando tinha 10 anos e não 2 anos, como antes se acreditava, era uma senhora portuguesa de fino trato, costureira e bordadeira (e não lavadeira), que gozava da amizade da proprietária, dona Maria José Mendonça Barroso, também portuguesa, viúva do general e senador Bento Barroso Pereira, que fora por duas vezes ministro do Império.

O pai do escritor, Francisco José de Assis, era mestiço, mas, segundo fortes indícios, filho do padre Antônio de Azevedo, açoriano, e de uma negra (ou parda) escrava liberta. Era pintor e dourador, pertencente a uma tradicional corporação de artesãos existente no bairro do Livramento, constituída por libertos e mestiços. Não era um ignorante, gostava de ler e sabe-se que assinava o Almanaque Laemmert, publicação oficial da Corte Real no período de 1844 - 1889.

Os padrinhos do futuro escritor, cujo batizado foi realizado na capela particular da família, foram a própria dona Maria José e Joaquim Alberto de

Sousa Silveira, que era um dignitário do Paço Imperial – ambos perpetuados na sua memória, pois haviam dado a ele seus prenomes, Joaquim Maria.

Existem outros estudos universitários atuais que se ocupam das origens de Machado de Assis, que explicam seu precoce desenvolvimento intelectual pelo próprio meio refinado em que foi criado, que lhe teria dado inclusive, a sua característica de elegância no modo de se vestir e de tratar os outros.

A pesquisadora Ana Amélia Chaves Teixeira Adachi da Universidade Federal de São João del Rei (2007), escreveu sobre “o papel da família de Machado de Assis”:

Quando buscamos as origens de Machado de Assis, percebemos que, embora mulato, fora criado no palacete da madrinha, acostumado com pinturas, livros e boas maneiras; tudo isso proporcionado por um capital social dos pais. Machado de Assis colhia os frutos de uma boa rede de relacionamentos derivados do meio social em que estavam inseridos e que muito lhe favoreceu a adoção de disposições culturais. Essas experiências constituíam importantes referências de base para o romancista. A morte da madrinha em 1845 e a da mãe em 1849 foram certamente traumáticas para o menino. Mas logo, tendo seu pai se casado novamente, a madrastra Maria Inês lhe forneceria uma continuidade de carinho e afeto verdadeiros - interessava-se pela sua educação, procurando até que aprendesse francês, língua indispensável naquele tempo. Quando Francisco faleceu, algum tempo depois, o menino continuou a viver com a madrastra, ajudando-a a ganhar a vida como cozinheira, ao que parece, de um dos mais finos colégios do Rio de Janeiro – onde vendia balas e ao mesmo tempo aproveitava para assistir a algumas aulas. Durante esse breve período – uns quatro anos – chegou a trabalhar também como “auxiliar do culto na Igreja da Lampadosa”. O francês que aprendeu na infância deve ter sido muito bem ministrado, pois sabe-se que foi exímio durante toda a vida nessa sua segunda língua. O que é certo é que a partir de 1855 (aos 16 anos) já se inseria na vida jornalística e literária, frequentando a roda intelectual da livraria do escritor Francisco de Paula Brito e iniciando, com a publicação de um poema, sua colaboração contínua e efetiva para a revista literária *Marmota Fluminense*. Nesse período, *já tomava aulas de latim com um padre – outro imperativo da época. Aos 17 anos consegue o emprego de aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional, mas logo seu talento literário é reconhecido pelo diretor daquela instituição, o escritor Manuel Antônio de Almeida, que se torna seu protetor. Dois anos mais tarde já estava completamente inserido no meio das letras, tornando-se amigo também dos já consagrados Gonçalves Dias, José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo.* Vemos que a “lenda do pobre menino infeliz que lutou para ser reconhecido” deve ser substituída pela do “rapaz sortudo” que cedo conseguiu superar algumas dificuldades e instalar-se, por toda a vida, como merecia – aos 21 anos vamos encontrá-lo, a convite de Quintino Bocaiúva, como redator do *Diário do Rio de Janeiro* e colaborador de vários outros órgãos de prestígio.” (Universidade Federal de São João del Rei, 2007).

Há muitas interpretações acerca da obra de Machado de Assis que se pautaram no pressuposto da constituição psiquiátrica ter implicado nos aspectos de suas produções literárias, principalmente a epilepsia, mas eventualmente também a superação social de sua condição de mulato – como responsáveis pelo seu ato criador.

Tal tendência foi apresentada praticamente ao longo de todo o século XX, mas, principalmente, entre as décadas de 1930 e 1950, momento em que ocorreu a chegada de diversas teorias psiquiátricas no Brasil, permitindo passar em revista a recepção de conceitos teóricos de possíveis diagnósticos psicopatológicos atribuídos a Machado de Assis, tais como: *degeneração, nevrose, psicose, gliscroidia, leptossomia, zoopsia, subconsciente e megalomania* (Bernd, 2018).

Historiadores, biógrafos, psicanalistas, analisaram as narrativas de Machado de Assis ao longo dos anos, a partir da premissa de que sua atividade mental era especializada, por ser mórbida e doentia, e, portanto, organizou a temática de forma tão expressiva em seus textos.

Essas leituras interpretativas sobre a personalidade de Machado de Assis derivam de uma perspectiva biográfica psicologizante, por interpretações dos elementos peculiares do sofrimento emocional e características individuais do autor, evidenciando que o discurso das ciências da saúde marcou a cena cultural brasileira naquele período, de forma a atacar a potencialidade da subjetividade humana, focando, nesse sentido, no viés da psicopatologia como uma ferramenta cientificamente válida e certa, atacando a autoestima, potenciais criativos e conseqüentemente a desqualificação do autor. Observa-se aí, a tríade social do estereótipo, preconceito e exclusão social, que atualmente chamamos de narcisismo das pequenas diferenças e interseccionalidade cultural (Freitas, 2001).

No Brasil do final do século XIX e início do XX, as práticas discursivas estavam longe de um alinhamento consensual e unívoco. Ocorriam debates históricos. A libertação dos escravos teve forte impacto em todos os domínios da vida nacional, e o advento da República trouxe em seu bojo o discurso da transformação social e o surgimento de uma nova sociedade. E esse projeto de mudança andou lado a lado com as aspirações da ciência, principalmente em função da emergência, mesmo que o princípio fosse cambaleante, do higienismo social.

Todos esses elementos precisam ser contemplados, pois para muitos estudiosos machadianos a incorporação do discurso médico-psiquiátrico trazia consigo o poder de distinguir a verdade dos fatos sociais.

Destacamos que os esforços de retratar **Machado de Assis** como branco demonstram como a violência racial tem organizado as políticas de memória, sobre a história do país, no que diz respeito aos representantes negros da cultura brasileira. O “embranquecimento” de Machado é produto da apropriação da

memória popular, por parte de homens brancos que o queriam como branco, para legitimar um projeto de país em que pessoas negras seriam apenas resquícios de um passado, que desejam esconder, negar e esquecer.

O curioso é que Machado de Assis escreve sobre o enigmático inconsciente sem ter entrado em contato com a teoria de Freud. Suas obras começaram a ser inscritas antes do surgimento da Psicanálise e das constatações freudianas sobre o referido tema. Somente mais tarde, autores literários de períodos aproximados de todo o mundo, passaram a delinear em suas obras a grande descoberta de Freud e sua revelação máxima: o inconsciente.

Em busca de explicações para o sofrimento humano Freud nomeou e aprofundou estudos científicos que o que autores da literatura já expressavam, com sabedoria de alma, e já observavam, com inteligência e sensibilidade, os rumos universais os quais tomava a humanidade. As obras literárias foram interesse de Freud em toda sua trajetória de escrita e descoberta da psicanálise. Isto, por que, a obra de ficção apresenta personagens criados, que iluminam uma fidedigna leitura de aspectos históricos, sociais e culturais psicológicos inconscientes e subjacentes (Freitas, 2001).

Assim, Machado, por querer sempre encontrar as motivações interiores, *“é um psicanalista. É o pensamento psicanalítico existindo, porque a dúvida existe. Machado tinha o pensamento psicanalítico, anterior à própria psicanálise”* (Freitas, 2001, p. 70).

Então, a ficção machadiana representa outro nível, que já não é o da introspecção, vale dizer, pois atinge impulsos menos conscientes, adentrando à região dos abismos inconscientes e irracionais. Ao contrário do que possa parecer, à primeira vista, esses momentos são mais ou menos raros em Machado de Assis, porque, quase sempre, a sua necessidade de encontrar uma explicação racional acaba por trazer o conflito ao nível consciente, encontrando aí um jogo de impulsos antissociais e imposições próprias da vida coletiva (Freitas, 2001).

A obra de Machado de Assis é uma grande contribuição à teoria psicanalítica, uma vez que partiu da sua ótica subjetiva e de suas observações, da sociedade e da cultura vigentes da época. O autor, considerado aqui como pessoa humana, travou um amplo diálogo interno com as suas forças inconscientes, expressando-as criativamente por meio de suas produções literárias, mantendo a capacidade de ter uma vida criativa que proporcionou-lhe existência singular, como um homem a frente de seu tempo (Winnicott, 1988).

Finalizando, não se agrega valor descobrindo se um escritor é neurótico ou paranoico, mas em *“descobrir o que subjaz ao efeito do texto sobre o leitor em potencial”* (Green, 1988, pag. 101).



## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **O alienista**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2020.
- BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América latina**. Porto Alegre: CIRKULA, 2018. 2. Edição (1. ed. 1989).
- BERND, Zilá. (Org.). **Poesia negra brasileira - antologia**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro e AGE editora, 1992.
- BERND, Zilá. (Org.). **Antologia de Poesia afro-brasileira - 150 anos de consciência negra no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2011.
- BERND, Zilá. **A persistência da memória: romances da anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional**. Porto Alegre: Besouro Box, 2018.
- DUNKER, Christian. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. **Freud e Machado de Assis: uma interseção entre psicanálise e literatura**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- GLEDSON, John. **Machado de Assis: Ficção e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- GREEN, Andre. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. Tradução de Claudia Berliner São Paulo: Escuta, 1988.
- WINNICOTT, D. W. **Natureza humana**. (Trad. Davi Litman Bogomoletz). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1988.

**O ALIENISTA, DE MACHADO DE ASSIS:  
UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA E  
CONTEMPORÂNEA DA SAÚDE MENTAL - PARTE 2**

*Marina da Silveira Rodrigues Almeida<sup>1</sup>*

## **INTRODUÇÃO**

Na obra “O Alienista” encontramos concepções subjacentes sobre o comportamento e o funcionamento psíquicos que prenunciam ideias tanto freudianas quanto fenomenológicas. Seu valor psicológico não se limita a abordar tais ideias, retratando com detalhes a intrincada interação entre o indivíduo e o seu contexto social.

De fato, como aponta Freitas (2001), diversos estudos têm destacado a profundidade psicológica presente na obra de Machado de Assis, bem como o intenso diálogo que ele estabeleceu, por meio de sua ficção, com as correntes psiquiátricas de seu tempo.

Na construção ficcional machadiana, as concepções psicológicas se manifestam principalmente em três aspectos. Primeiramente, nos discursos expositivos dos narradores e personagens; em segundo lugar, na descrição dos estados subjetivos; e por fim, na estrutura narrativa. A interligação desses três aspectos, levando em consideração a terminologia utilizada pelo autor, possibilita interpretações psicológicas profundas na ficção de Machado de Assis.

Por conseguinte, esta pesquisa utiliza abordagens da psicanálise e do ensaio para investigar representações da experiência humana no conto de Machado de Assis, com o objetivo de revelar e examinar as concepções psicológicas subjacentes à narrativa, destacando a intrincada interação entre o ser e o mundo que o cerca.

---

<sup>1</sup> Psicóloga Clínica e Escolar pela Universidade UNISANTOS, Pós-Graduada em Psicopedagogia pela Universidade UNISANTOS, Psicanalista Psicodinâmica Contemporânea, Terapeuta Cognitiva Comportamental e proprietária do consultório particular Instituto Inclusão Brasil, em São Vicente-SP. E-mail: [marinaalmeida@institutoinclusaobrasil.com.br](mailto:marinaalmeida@institutoinclusaobrasil.com.br).

## DE COMO ITAGUAÍ GANHOU UMA CASA DE ORATES

A princípio, vemos que no personagem do Dr. Simão Bacamarte, *O Alienista*, são evidenciados os detalhes que ressaltam a importância da figura do homem no contexto da obra, representados por meio de sua formação acadêmica, sua origem europeia, a relação com a nobreza e suas ambições pessoais. Vamos agora examinar esses aspectos mais detalhadamente.

*“As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas.*

*Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo El-Rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.*

*— A ciência, disse ele à Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo. Dito isso, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasma”. (Assis, 2004, p. 3).*

Conforme Bourdieu (1998), o patriarcado é um sistema social baseado em estruturas e relações que favorecem os homens. Na sociedade patriarcal, prevalecem as relações de poder e domínio dos homens sobre as mulheres e demais sujeitos que não se encaixam com o padrão considerado normativo de raça, gênero e orientação sexual. Por essa perspectiva, se o mundo fosse avaliado numa escada de privilégios, o homem branco cisgênero e heterossexual seria o que mais acumularia benefícios. Logo, os que não possuíssem algumas dessas características, em relação ao gênero, raça ou orientação sexual, estariam abaixo nessa escada social piramidal. Em outras palavras, o homem possui melhores oportunidades e benefícios na sociedade, enquanto as mulheres e grupos marginalizados, além de não receberem os mesmos direitos, também precisam cumprir com obrigações imputadas aos menos favorecidos.

No personagem de D. Evarista, a seguir, podemos observar sobre a condição da mulher na estrutura patriarcal e suas consequências atuais:

*“Aos quarenta anos se casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lhe. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.*

*D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem moços. A índole natural da ciência é a longanimidade; o médico esperou três anos,*

*depois quatro, depois cinco.*

*Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um regimen alimenticio especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência, explicável, mas inqualificável, devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.” (Assis, 2004, p. 4).*

De acordo com Dentz (2008), muitos são os enredos intrínsecos à objetificação da mulher, onde o corpo se constrói como palco desse fenômeno, já que é a forma mais presente do ser se pronunciar no mundo, a partir das experiências e sensações. No entanto, a autonomia e a liberdade da mulher para com seu próprio corpo são constantemente ameaçadas por estruturas patriarcais e preconceituosas, que configuram a cultura em que a sociedade ocidental se construiu.

O corpo, conforme Maluf (2001), além de expressão e emissor de sentidos, é objeto da cultura que o envolve, é reflexo influenciável do pensamento vigente em um dado momento histórico. Pensar no corpo como receptáculo da expressão de gênero com seus signos e significados, não ligado apenas à sua genitália, apontado como tal objeto, elucida um importante fator a ser analisado para compreender os padrões engessados de gênero a serem performados pelo indivíduo.

Dentz (2008) esclarece que o corpo humano é um objeto de estudo desde os primórdios da sociedade, suas funções e suas relações com o meio são as grandes pautas abordadas pelos filósofos durante os séculos. Recentemente esses estudos têm, por consequência da ciência e evolução da sociedade, se moldado para, também, outras grandes discussões, e entre elas, o corpo humano como um objeto político. A malha social corrobora diretamente na forma como as pessoas se comportam, nas crenças e pensamentos. A construção da sociedade tem como base a submissão das mulheres perante os homens, ou seja, não dá para negar o fato do enraizamento dessas relações de poder até os dias atuais.

Nesse sentido, a história construiu uma visão patriarcal e racista perante os corpos, e essa visão vem acompanhada de ataques, violência e submissão. Muitas vezes abordados de maneira implícita, como é feito com a sexualização do corpo feminino na mídia, ou, de maneira explícita, como os vários casos de estupro que acontecem diariamente.

Dessa forma, segundo Dentz (2008), ao se tratar da objetificação da mulher, trata-se também do resultado desses constructos e como eles por vezes não só afetam, mas também distorcem, resultando na abstração da imagética corporal e no seu processo de atribuição de sentidos no que se constitui a subjetividade. Consequentemente, o corpo se torna objeto. E embora todo corpo possa ser objetificado em algum momento, pautas feministas trazem ao repertório de lutas, o tema da objetificação do corpo da mulher.

Em termos de representações, segundo Lourenço (2014), ao se pensar no que é um “corpo de mulher” vem no ideário do senso comum, automaticamente, um manequim, com seios acentuados, cabelos longos, pernas torneadas, braços esguios, mãos bem cuidadas, entre outros aspectos. Ao se pensar em seus atributos subjetivos, logo se constrói uma imagem de delicadeza, sentimentalismo, fraqueza, de pessoa indefesa, emocionalmente instável, capacitada para a maternidade e afazeres domésticos.

Para Boris (2007), as representações sociais são um “fenômeno complexo” e na dinâmica social se tornam guias das ações dos sujeitos e abarcam inúmeros elementos, sejam eles de cognição, ideológicos, normativos, de cunho biológico ou até mesmo crenças e valores, organizados categoricamente, a fim de cunhar preceitos, ideias e ações referentes a um determinado grupo identitário.

A mulher, em suas fases de desenvolvimento, no decorrer de sua vida, ouvirá muitas frases que tentam limitar suas ações, seus pensares, suas potencialidades como um todo, resumindo-a a estereótipos de gêneros, elaborados por grupos dominantes e reforçados por todos, inclusive mulheres, pois ideações machistas, apesar de partirem de um indivíduo, ao se integrarem no repertório cultural, cristalizam-se e passam a ser externos ao sujeito, de modo que acabam por constituir tênues regras sociais a serem seguidas. E, conforme Boris (2007), desde cedo essas regras intimistas ensinam e reafirmam a uma mulher o que é e como deve ser uma mulher.

Outro ponto que podemos destacar na obra de Machado de Assis, é o impacto da infertilidade do casal, Dr. Bacamarte e D. Evarista, o que os leva à mobilização da ferida narcísica, afastamento da vida conjugal, vergonha social, estigma social da impossibilidade da parentalidade, bem como à dedicação obsessiva e onipotente do alienista na cura de pacientes enlouquecidos.

Nesse sentido, poderemos nos perguntar, de que loucura Dr. Bacamarte estava se referindo? Talvez projetando em todos os moradores da cidade de Itajaí a sua própria loucura (dor psíquica, luto e ferida narcísica), de não ter conseguido ser pai. Sua impotência e frustração frente à ciência, da qual não conseguiu lograr sucesso para conseguir o que era imperioso em seu desejo como homem, cumprir das normas patriarcais da época, e respeitável médico, com formação europeia.

Numa breve revisão sobre a infertilidade e o sofrimento psicológico relacionado, Morice *et. al.*, (1995) observa que seu impacto sobre o bem-estar psicológico dos casais tem sido objeto de atenção crescente nos últimos anos. Parece fora de dúvida que a infertilidade é uma experiência profundamente aflitiva para muitos casais. Pacientes inférteis apresentam dificuldades psicológicas complexas, que têm repercussão nos aspectos sexual, afetivo, social e laboral das suas vidas.

Nesse sentido, conforme Morice *et. al.*, (1995), a infertilidade nas mulheres, é reflexo do repúdio inconsciente projetado na feminilidade e maternidade, relacionadas às questões vinculadas aos conflitos na sexualidade. No entanto, menos de 5% dos casais inférteis carece de causa física para a infertilidade, número que decresce ainda mais, à medida que o conhecimento médico avança. Sabemos que a relação entre estados psíquicos e funções fisiológicas é de enorme complexidade, não havendo relação causal simples e linear, sendo importante considerarmos os conflitos presentes nos casais, que os concebem naturalmente.

Ao permitir um controle quase total sobre a concepção, a medicina faz com que o filho não chegue mais de surpresa. Ter uma criança significa atender a um desejo consciente, de uma decisão tomada e assumida. Se a concepção for tardia, o fracasso se tornar intolerável e esses pacientes passam a solicitar ao médico uma ação rápida, que reviva o corpo refratário.

As novas tecnologias de reprodução estão modificando os conceitos de infertilidade, principalmente no que se refere à compreensão da infertilidade psicogênica. Atualmente, a literatura psicanalítica tem buscado a compreensão do sentido da infertilidade e não da sua causalidade. Conforme Apfel e Keyor (2002), assumimos que estamos em terreno mais firme, ao examinarmos as consequências da infertilidade e não suas causas. Mesmo psicanalistas que compartilham o predomínio da infertilidade psicogênica, concordam que o intenso estresse da infertilidade pode promover regressões para estágios anteriores do desenvolvimento psíquico. A infertilidade pode evocar fantasias poderosas e assustadoras, atingindo a personalidade como um todo.

Conflitos psicológicos envolvendo a infertilidade alcançam camadas profundas do psiquismo, invadem o espaço interpessoal e sexual do casal e irradiam-se na vida sociocultural, laboral e na definição de família. Conflitos antigos são revividos, podendo desafiar a integridade conjugal. A dor do casal pode ser agravada pelos procedimentos invasivos e dilemas éticos e religiosos criados pelas recentes oportunidades tecnológicas.

Por conseguinte, esclarece Apfel e Keyor (2002), lidar com a infertilidade é como lidar com doenças clínicas graves. O desespero de lidar com a infertilidade assemelha-se ao desespero de lidar com eventos devastadores, tais como a perda de um parceiro. A perda da capacidade reprodutiva promove abalo específico na economia narcísica, justamente por ser um importante referencial identificatório de feminilidade e masculinidade. Para a totalidade dos seres humanos, a impossibilidade de procriar é profundamente vívida, como uma ferida narcísica, mas, dentro de certas sociedades, um sexo ou o outro é mais protegido.

No trecho a seguir, tão bem descrito por Machado de Assis, encontramos a saída onipotente com defesas maníacas de grandiosidade, apresentadas no

comportamento do Dr. Simão Bacamarte, diante da impossibilidade de ser pai. Supõe-se aí uma tentativa maníaca de reparar sua vergonha, dor narcísica masculina, luto, para manter-se respeitado, como médico digno, confiando que a ciência possa devolver-lhe seus “louros imarcescíveis”:

*“Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção, o recanto psíquico, o exame de patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de “louros imarcescíveis”, expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.*

*— A saúde da alma, bradou ele, é a ocupação mais digna do médico.” (Assis, 2004, p. 4).*

Os casais, que após um período de muitos anos, durante os quais têm esperança de conceber, terão de se confrontar com o fato de que um filho não se tornará realidade. Então passam a experimentar o luto, a perda e o sentimento de pesar, pela impossibilidade de terem filhos. Conforme Morice et al.; (1995), mesmo não se defrontando com uma morte real, as pessoas inférteis atravessam um processo de luto por um filho que deixou de ser uma realidade possível. Apenas 4% dos casais permaneceram involuntariamente sem filhos e eventualmente experimentaram apoio social insuficiente.

A percepção do estigma relacionado à infertilidade e o padrão como isso é revelado à sociedade pode ter influência no grau de bem-estar físico, emocional e social do casal, mas esses fatores recebem também pouca atenção no contexto, atualmente.

As intervenções atuais, psicossociais, na infertilidade, mostraram efeitos positivos, não se constatando nenhum efeito negativo no bem-estar das pessoas inférteis no tratamento. Sentimentos de ansiedade, tensão e preocupação, quase sempre apresentam mudanças positivas. Todas essas questões têm repercussões na vida dos envolvidos e no próprio tratamento, em discussões de abordagem ampla, onde as questões subjetivas também podem ser levadas em consideração e equacionadas.

Neste trecho a seguir, Machado de Assis descreve o contexto social da loucura. As condições das pessoas em sofrimento mental, trancafiadas, que vagam pelas ruas, sem tratamentos, ou morriam à sua sorte, traz na personagem do Padre Lopes, uma advertência, de que algo estranho no comportamento do Dr. Bacamarte e em sua ideia de criar um local para doentes mentais:

*“A vereança de Itaguaí, entre outros pecados de que é arguida pelos cronistas, tinha o de não fazer caso dos dementes. Assim é que cada louco furioso era trancado em uma alcova, na própria casa, e, não curado, mas descurado, até que a morte o vinha defraudar do benefício da vida; os mansos andavam à solta pela rua. Simão Bacamarte entendeu desde logo reformar tão ruim costume; pediu licença à Câmara para agasalhar e tratar no edifício que ia construir todos os loucos de Itaguaí e das demais vilas e cidades, mediante um estipêndio, que a Câmara lhe daria quando a família do enfermo o não pudesse fazer. A proposta excitou a curiosidade de toda a vila, e encontrou grande resistência, tão certo é que dificilmente se desarraigam hábitos absurdos, ou ainda maus. A ideia de meter os loucos na mesma casa, vivendo em comum, pareceu, em si mesma, sintoma de demência, e não faltou quem o insinuasse à própria mulher do médico.*

*— Olhe D. Evarista, disse-lhe o Padre Lopes, vigário do lugar, veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro. Isso de estudar sempre, sempre, não é bom, vira o juízo”.* (Assis, 2004, p. 4).

A seguir elencamos algumas manipulações, de cunho financeiro e também religioso, por parte do Dr. Bacamarte. A corrupção desmedida de impostos, para custear o projeto da Casa Verde, num perfeito uso de ironias descritas por Machado, neste trecho da obra:

*“Dali foi à Câmara, onde os vereadores debatiam a proposta, e defendeu-a com tanta eloquência, que a maioria resolveu autorizá-lo ao que pedira, votando ao mesmo tempo um imposto destinado a subsidiar o tratamento, alojamento e mantimento dos doidos pobres. A matéria do imposto não foi fácil achá-la; tudo estava tributado em Itaguaí. Depois de longos estudos, assentou-se em permitir o uso de dois penachos nos cavalos dos enterros. Quem quisesse emplumar os cavalos de um coche mortuário pagaria dois tostões à Câmara, repetindo-se tantas vezes esta quantia quantas fossem as horas decorridas entre a do falecimento e a da última bênção na sepultura. O escrivão perdeu-se nos cálculos aritméticos do rendimento possível da nova taxa; e um dos vereadores, que não acreditava na empresa do médico, pediu que se relevasse o escrivão de um trabalho inútil.*

*— Os cálculos não são precisos, disse ele, porque o Dr. Bacamarte não arranja nada. Quem é que viu agora meter todos os doidos dentro da mesma casa?*

*Enganava-se o digno magistrado; o médico arranjou tudo. Uma vez empossado da licença, começou logo a construir a casa. Era na Rua Nova, a mais bela Rua de Itaguaí naquele tempo, tinha cinquenta janelas por lado, um pátio no centro, e numerosos cubículos para os hóspedes. Como fosse grande arabista, achou, no Corão, que Maomé declara veneráveis os doidos, pela consideração de que Alá lhes tira o juízo para que não pequem. A ideia pareceu-lhe bonita e profunda, e ele a fez gravar no frontispício da casa; mas, como tinha medo ao vigário, e por tabela ao bispo, atribuiu o pensamento a Benedito VIII, mercendo com essa fraude, aliás, pia, que o Padre Lopes lhe contasse, ao almoço, a vida daquele pontífice eminente”.* (Assis, 2004, p. 4-5).

Aparentemente ninguém discordaria de programas cujos objetivos seriam minorar e/ou resolver problemas que afetam grande número de pessoas e, conseqüentemente, o país. Pois bem, essa imagem “generosa” das “políticas públicas”, em que todos ganham e ninguém perde ou discorda, é não apenas



falsa, como representa verdadeira armadilha à compreensão de seu significado, na medida em que encobre disputas de poder, como bem se vê atualmente, ainda que apercebidas de modo distinto, podem ser entendidas como potencialmente democráticas, ou como controladoras e alienantes.

No trecho a seguir, percebemos uma mudança de comportamento por parte dos personagens de Dr. Bacamarte e D. Evarista. Parecem estar num estado maníaco de euforia, numa tentativa de redenção das suas feridas narcísicas. Em estado mesmo de melancolia, luto, vergonha. Parecem desejar o retorno à inserção na sociedade de Itaguaí, como pessoas admiráveis, ilustres, ricas, caridosas e poderosas, ao ponto de desejarem serem invejados pelos cidadãos:

*“A Casa Verde foi o nome dado ao asilo, por alusão à cor das janelas, que pela primeira vez apareciam verdes em Itaguaí. Inaugurou-se com imensa pompa; de todas as vilas e povoações próximas, e até remotas, e da própria cidade do Rio de Janeiro, correu gente para assistir às cerimônias, que duraram sete dias. Muitos dementes já estavam recolhidos; e os parentes tiveram ocasião de ver o carinho paternal e a caridade cristã com que eles iam ser tratados. D. Evarista, contentíssima com a glória do marido, vestira-se luxuosamente, cobriu-se de joias, flores e sedas. Ela foi uma verdadeira rainha naqueles dias memoráveis; ninguém deixou de ir visitá-la duas e três vezes, apesar dos costumes caseiros e recatados do século, e não só a cortejavam como a louvavam; porquanto, e este fato é um documento altamente honroso para a sociedade do tempo, porquanto viam nela a feliz esposa de um alto espírito, de um varão ilustre, e, se lhe tinham inveja, era a santa e nobre inveja dos admiradores.*

*Ao cabo de sete dias expiraram as festas públicas; Itaguaí tinha, finalmente, uma casa de orates”.* (Assis, 2004, p. 6).

Conforme Vertzman e Coelho Júnior (2019), o termo “mania”, evoca fascínio e temor infinitos. O fascínio está relacionado à ideia de uma suposta onipotência ou independência do mundo humano que uma pessoa em estado maníaco poderia experimentar. Mesmo em circunstâncias que poderiam ser consideradas desfavoráveis, alguns indivíduos se sentem ou agem como se estivessem próximos da redenção, como se não houvesse limites para sua ação, como se o amor alheio fosse garantido, como se o mundo estivesse ao alcance das mãos, permitindo-lhes antecipar todas as suas necessidades.

Nesse sentido, a energia inextinguível, proatividade permanente, sentimento estável de urgência para agir e abertura súbita de canais criativos, são algumas das expressões usadas para qualificar o universo da ação em episódios maníacos. Parece que este estado emocional nos faz pensar nos comportamentos e na ideia do projeto da Casa Verde, do Dr. Bacamarte.

A alegria irrefreável, elação, euforia e vivência de beatitude, são algumas das expressões usadas para qualificar seus estados mentais maníacos. Nessa descrição, podemos pensar que tanto D. Evarista quanto o Dr. Bacamarte

estejam envolvidos nesse desejo, o de serem amados pelas pessoas da cidade, de se apresentarem como um casal perfeito, cristãos e um homem paternal caridoso.

Mas, poderemos observar que, por outro lado, há um paulatino desligamento do ambiente relacional por parte do Dr. Bacamarte, já que se manifesta uma autossuficiência e o outro torna-se, quando muito, uma plateia, evidenciando um mundo com o qual o sujeito maniaco parece ter uma intimidade, que não é o mesmo mundo que supõe habitar.

## TORRENTES DE LOUCOS

Como na progressão de uma epifania, aparentemente alegre, logo percebemos na personagem do Dr. Bacamarte, um comportamento obsessivo e cartesiano, e que este subverte o terreno em que a duras penas nos socializamos. Nesses casos, via de regra, o sujeito sempre paga um alto preço por explorar os limites de nossa humanidade e de nossa civilização. Observemos:

*“(...) começou um estudo aturado e contínuo; analisava os hábitos de cada louco, as horas de acesso, as aversões, as simpatias, as palavras, os gestos, as tendências; inquiria da vida dos enfermos, profissão, costumes, circunstâncias da revelação mórbida, acidentes da infância e da mocidade, doenças de outra espécie, antecedentes na família, uma devassa, enfim, como a não faria o mais atilado corredeiro. E cada dia notava uma observação nova, uma descoberta interessante, um fenômeno extraordinário. Ao mesmo tempo estudava o melhor régimen, as substâncias medicamentosas, os meios curativos e os meios paliativos, não só os que vinham nos seus amados árabes, como os que ele mesmo descobria, à força de sagacidade e paciência. Ora, todo esse trabalho levava-lhe o melhor e o mais do tempo. Mal dormia e mal comia; e, ainda comendo, era como se trabalhasse, porque ora interrogava um texto antigo, ora ruminava uma questão, e ia muitas vezes de um cabo a outro do jantar sem dizer uma só palavra a D. Evarista”. (Assis, 2004, p. 9).*

O fascínio e o medo dos comportamentos maniacos são expressos por meio de uma mistura de admiração e ódio, inveja e intolerância, sonho e pesadelo. Vertzman e Coelho Júnior (2019) esclarecem que a irritabilidade, estágio inevitável na mania, seguida pela depressão, marca o ponto crítico onde se encontra a dor profunda da melancolia, frequentemente resultando em suicídio. Isso implica um desinvestimento na vida instintiva (Eros) e um retorno ao princípio do prazer (Tânatos), levando à alienação subjetiva.

No Capítulo III, no trecho *Deus sabe o que faz!* podemos verificar o personagem de D. Evarista sucumbir física e emocionalmente ao afastamento e indiferença do esposo Dr. Bacamarte. Afloram sentimentos de solidão, melancolia, luto e sentimento de abandono. Encontramos uma posição de mulher escrava-submissa à autoridade do marido. Hoje, descreveríamos como a cena como uma violência psicológica de dependência emocional:

*“Ilustre dama, no fim de dois meses, achou-se a mais desgraçada das mulheres; caiu em profunda melancolia, ficou amarela, magra, comia pouco e suspirava a cada canto. Não ousava fazer-lhe nenhuma queixa ou reproche, porque respeitava nele o seu marido e senhor, mas padecia calada, e definhava a olhos vistos. Um dia, ao jantar, como lhe perguntasse o marido o que é que tinha, respondeu tristemente que nada; depois atreveu-se um pouco, e foi ao ponto de dizer que se considerava tão viúva como dantes. E acrescentou:*

*— Quem diria nunca que meia dúzia de lunáticos...*

*Não acabou a frase; ou antes, acabou-a levantando os olhos ao teto, os olhos, que eram a sua feição mais insinuante, negros, grandes, lavados de uma luz úmida, como os da aurora. Quanto ao gesto, era o mesmo que empregara no dia em que Simão Bacamarte a pediu em casamento. Não dizem as crônicas se D. Evarista brandiu aquela arma com o perverso intuito de degolar de uma vez a ciência, ou, pelo menos, decepar-lhe as mãos; mas a conjetura é verossímil. Em todo caso, o alienista não lhe atribuiu intenção. E não se irritou o grande homem, não ficou sequer consternado. O metal de seus olhos não deixou de ser o mesmo metal, duro, liso, eterno, nem a menor prega veio quebrar a superfície da fronte quieta como a água de Botafogo. Talvez um sorriso lhe tenha descerrado os lábios, por entre os quais filtrou esta palavra macia como o óleo do Cântico:*

*— Consinto que vás dar um passeio ao Rio de Janeiro”. (Assis, 2004, p. 10).*

Observamos em excerto do mesmo trecho, que o resultado desse mau encontro é representado pela luta do maníaco em reencontrar um mundo complacente, que ele chegou a sentir como real, e a resposta do ambiente em suprimir qualquer vestígio desse universo idílico. O humor exaltado e irritado é uma marca desta “topada”. Dr. Bacamarte precisa justificar sua opulência, por meio da riqueza que adquiriu ao tratar os lunáticos e assim conseguir afastar D. Evarista de sua convivência, pois parecia que ela não lhe tinha mais serventia, como uma mulher objetificada, por ter-lhe frustrado a empreitada da paternidade:

*“D. Evarista sentiu faltar-lhe o chão debaixo dos pés. Nunca dos nunca vira o Rio de Janeiro, que posto não fosse sequer uma pálida sombra do que hoje é, todavia era alguma coisa mais do que Itaguaí, Ver o Rio de Janeiro, para ela, equivalia ao sonho do hebreu cativo. Agora, principalmente, que o marido assentara de vez naquela povoação interior, agora é que ela perdera as últimas esperanças de respirar os ares da nossa boa cidade; e justamente agora é que ele a convidava a realizar os seus desejos de menina e moça. Evarista não pôde dissimular o gosto de semelhante proposta. Simão Bacamarte pagou-lhe na mão e sorriu, um sorriso tanto ou quanto filosófico, além de conjugal, em que parecia traduzir-se este pensamento:*

*— Não há remédio certo para as dores da alma; esta senhora definha, porque lhe parece que a não amo; dou-lhe o Rio de Janeiro, e consola-se. E porque era homem estudioso tomou nota da observação.*

*Mas um dardo atravessou o coração de D. Evarista. Conteve-se, entretanto; limitou-se a dizer ao marido que, se ele não ia, ela não iria também, porque não havia de meter-se sozinha pelas estradas.*

*— Irá com sua tia, redarguiu o alienista.*

*Note-se que D. Evarista tinha pensado nisso mesmo; mas não quisera pedi-lo nem o insinuar, em primeiro lugar porque seria impor grandes despesas ao marido, em*

*segundo lugar porque era melhor, mais metódico e racional que a proposta viesse dele.*

— *Oh! mas o dinheiro que será preciso gastar suspirou D. Evarista sem convicção.*

— *Que importa? Temos ganho muito, disse o marido. Ainda ontem o escriturário prestou-me contas. Queres ver?*

*E levou-a aos livros. D. Evarista ficou deslumbrada. Era uma Via-Láctea de algarismos. E depois levou-a às arcas, onde estava o dinheiro.*

*Deus! Eram montes de ouro, eram mil cruzados sobre mil cruzados, dobrões sobre dobrões; era a opulência.*

*Enquanto ela comia o ouro com os seus olhos negros, o alienista fitava-a, e dizia-lhe ao ouvido com a mais pérfida das alusões:*

— *Quem diria que meia dúzia de lunáticos...*

*D. Evarista compreendeu, sorriu e respondeu com muita resignação:*

— *Deus sabe o que faz!” (Assis, 2004, p. 10).*

Podemos supor que o estado de mania seria o destino relacionado com os impasses do enlutamento para o estado psíquico melancólico do alienista. Mas a defesa maniaca selou a ferida narcísica do Dr. Bacamarte, que faz com que o objeto se imponha e sinta uma grandiosidade do eu, exigindo sua submissão ou suportando um aparente triunfo, que se mostra como uma vitória sobre a vida cotidiana; havendo um desligamento do investimento libidinal no outro, não havendo mais consideração e afeto. Vejamos isso no trecho a seguir:

*“(...) As despedidas foram tristes para todos, menos para o alienista. Conquanto as lágrimas de D. Evarista fossem abundantes e sinceras, não chegaram a abalá-lo. Homem de ciência, e só de ciência, nada o consternava fora da ciência; e se alguma coisa o preocupava naquela ocasião, se ele deixava correr pela multidão um olhar inquieto e policial, não era outra coisa mais do que a ideia de que algum demente podia achar-se ali misturado com a gente de juízo.*

— *Adeus! Soluçaram enfim as damas e o Boticário.*

*E partiu a comitiva. Crispim Soares, ao tornar a casa, trazia os olhos entre as duas orelhas da besta ruana em que vinha montado; Simão Bacamarte alongava os seus pelo horizonte adiante, deixando ao cavalo a responsabilidade do regresso.*

*Imagem vivaz do gênio e do vulgo! Um fita o presente, com todas as suas lágrimas e saudades, outro devassa o futuro com todas as suas auroras”. (Assis, 2004, p. 11).*

Nos trechos do Capítulo IV, intitulados *Uma Teoria Nova* e *O Terror*, ao descrever a diferença entre a razão e a loucura, Simão Bacamartes afirmava que “a razão é o equilíbrio de todas as faculdades; fora dela, havia apenas insânia”:

*“(...) Suponho o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão; por outros termos, demarquemos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia.*

*O Vigário Lopes, a quem ele confiou a nova teoria, declarou lisamente que não chegava a entendê-la, que era uma obra absurda, e, se não era absurda, era de tal modo colossal que não merecia princípio de execução.*

— *Com a definição atual, que é a de todos os tempos, acrescentou, a loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas. Sabe-se onde uma acaba e onde a outra*

*começa. Para que transpor a cerca?*

*Sobre o lábio fino e discreto do alienista roçou a vaga sombra de uma intenção de riso, em que o desdém vinha casado à comiseração; mas nenhuma palavra saiu de suas egrégias entranhas.*

*A ciência contentou-se em estender a mão à teologia, com tal segurança, que a teologia não soube enfim se devia crer em si ou na outra. Itaguaí e o universo ficavam à beira de uma revolução” (Assis, 2004, p. 14).*

O primeiro paciente internado na Casa Verde chamava-se Costa, declarado insano após ter perdido a fortuna que um tio havia deixado. Em pouco tempo, Costa, por ter fornecido quantos empréstimos lhe pedissem, ficou na miséria. Dr. Bacamartes, ao ver tamanha indignação, recolheu-o à Casa Verde. Sua prima, que foi vê-lo e que aproveitou para interceder por ele, teve o mesmo destino, passou a residir na Casa Verde. Depois Matheus, que após enriquecer, construir uma linda casa e admirá-la profundamente, passando seus dias a apreciá-la e a exibir sua riqueza, o que o tornava invejado em Itaguaí.

Neste caso, no campo de visão científica do Dr. Simão, apegar-se aos bens materiais e ostentar luxo e riqueza, compreendia indício de loucura, feria normas comportamentais da sociedade de Itaguaí. A loucura então, não é diagnosticada por si mesma, mas está sempre relacionada aos comportamentos que ferem as normas sociais e políticas locais, podendo-se ainda dizer que está associada aos defeitos do homem, e, desta forma, fica evidente a questão da falta de ética científica, que se utiliza do poder que a ciência confere àqueles que à época faziam o diagnóstico de loucura.

Aqui podemos identificar uma forte crítica de Machado de Assis aos primeiros alienistas que escreveram os primeiros manuais que definiam os comportamentos normais e patológicos. Esses manuais tornaram-se referência sobre quem deve ser considerado anormal ou normal, o que criou uma identidade para o doente mental. Atualmente podemos citar o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e Classificação Internacional de Doença (CID).

Na contemporaneidade, o diagnóstico psiquiátrico também ganhou contornos cada vez mais totalizantes. O maior exemplo disso é a expansão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, organizado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA). Na primeira edição, de 1952, o Manual descrevia e classificava 182 transtornos. Após 42 anos, já em sua quarta edição, continha 63% a mais de categorias diagnósticas. Em janeiro de 2023, a nova edição do DSM-5 trouxe mais de 300 categorias diagnósticas. O crescimento se deu pela segmentação das antigas classes, diagnosticadas em unidades menores e mais específicas, seguindo a expansão da variedade farmacêutica, que visa atender à demanda da saúde mental. Nesse sentido, Dunker afirma que,

A flutuação de metáforas neuroquímicas e farmacológicas exige unidades conceituais e descritivas cada vez mais flexíveis e indeterminadas clinicamente, e cada vez mais hipotéticas, do ponto de vista etiológico, para justificar a produção repetida de novas medicações, de maior eficácia, menos efeitos colaterais e maior poder de combinação com outras medicações. Isso permite fazer do mal-estar uma doença, inserindo-a em um circuito que vai da propaganda, da divulgação e do consumo de experiências de bem-estar, até a aliança entre pesquisa universitária, laboratórios farmacêuticos e gestão da saúde mental. (Dunker, 2015, pag. 22-23).

Em janeiro de 2022, foi lançada a nova Classificação Internacional de Doenças (CID-11), que permite que profissionais de saúde compartilhem informações padronizadas. A Classificação é base para identificar tendências e estatísticas de saúde, em todo o mundo, contendo por volta de 17 mil códigos para lesões, doenças e causas de morte, sustentados por mais de 120 mil termos codificáveis. Com isso, mais de 1,6 milhão de situações clínicas podem, agora, ser codificadas.

A lógica diagnóstica de determinação da doença e do patológico traz como efeito o entendimento da experiência de cura, enquanto processo de eliminação da doença e retorno ao ideal de saúde, que, no neoliberalismo, não se restringe ao desaparecimento dos sintomas, mas engloba também a lógica do aprimoramento de si. Nesse sentido, a indústria farmacêutica transformou os pacientes em clientes, por meio de investimentos ostensivos em marketing, vendendo a imagem do acesso aos benefícios das medicações.

Diante desse contexto, as mudanças no DSM quanto na CID passaram a não mais eufemizar as classificações dos transtornos, de modo que os sujeitos podem se identificar, sem estigmatização. Também ampliou-se, de forma exponencial, os critérios diagnósticos, patologizando esferas da vida anteriormente não patologizadas, estabelecendo-se diagnósticos pautados nos sintomas, agora organizados em formatos de listas. E também não se pode esquecer que a hipervalorização do desempenho, característica da racionalidade neoliberal, fez com que a psiquiatria deixasse de ter função exclusivamente terapêutica e passasse a seguir paradigmas da maximização dos lucros.

Na ficção, Machado de Assis utiliza de forte crítica às formas de tratamento que se emprega à época e ao cientificismo. O autor está além de seu século, não apenas por questionar a concepção racionalista e positivista da ciência, mas por questionar o poder de todo e qualquer saber que pretenda apresentar-se como rigorosamente objetivo e com pretensões universalistas:

*“Costa era um dos cidadãos mais estimados de Itaguaí. Herdara quatrocentos mil cruzados em boa moeda de El-rei Dom João V, dinheiro cuja renda bastava, segundo lhe declarou o tio no testamento, para viver “até o fim do mundo”. Tão depressa recolheu a herança, como entrou a dividi-la em empréstimos, sem usura, mil cruzados a um, dois mil a outro, trezentos a este, oitocentos àquele, a tal ponto que, no fim de cinco anos, estava sem nada. Se a miséria viesse de chofre, o pasmo de Itaguaí seria enorme; mas veio devagar; ele foi passando da opulência à abastança, da abastança à mediania, da mediania à pobreza, da pobreza à miséria, gradualmente. Dr. Bacamarte espetara na pobre senhora um par de olhos agudos como punhais. Quando ela acabou, estendeu-lhe a mão polidamente, como se o fizesse à própria esposa do vice-rei, e convidou-a a ir falar ao primo. A mísera acreditou; ele levou-a à Casa Verde e encerrou-a na galeria dos alucinados”.* (Assis, 2004, p. 15-16).

Diante da indignação da população de Itaguaí, o personagem Porfirio, apesar de não entender nada de ciência, se posiciona, pois não compreendia o porquê de tantos homens que supunha-se em perfeito juízo, estarem reclusos por demência. Quem então poderia afirmar que o alienado não é o alienista?

Machado de Assis conclama que Dr. Simão Bacamartes, pelo seu critério de insanidade mental, tornava a todos passíveis de internação. As teorias de conspiração começaram a se espalhar na cidade de Itajaí:

*“— A Casa Verde é um cárcere privado, disse um médico sem clínica. Nunca uma opinião pegou e grassou tão rapidamente. Cárcere privado: eis o que se repetia de norte a sul e de leste a oeste de Itaguaí, a medo, é verdade, porque durante a semana que se seguiu à captura do pobre Mateus, vinte e tantas pessoas, duas ou três de consideração, foram recolhidas à Casa Verde. O alienista dizia que só eram admitidos os casos patológicos, mas pouca gente lhe dava crédito. Sucediãam-se as versões populares. Vingança, cobiça de dinheiro, castigo de Deus, monomania do próprio médico, plano secreto do Rio de Janeiro com o fim de destruir em Itaguaí qualquer gérmen de prosperidade que viesse a brotar, arvorecer, florir, com desdouro e minguia daquela cidade, mil outras explicações, que não explicavam nada, tal era o produto diário da imaginação pública”.* (Assis, 2004, p. 19).

De *O Alienista* (1882) aos dias atuais, repetimos, em outros contextos, o fenômeno machadiano, encarnado na personagem do Dr. Simão Bacamartes, Mas quem seriam, hoje, os passíveis de internação compulsória? Os usuários de drogas? Publica-se políticas públicas, estabelecidas em alguns estados do território brasileiro, de internação compulsória, por vezes involuntária, de dependentes de crack e outras drogas. É certo que o uso de drogas engendra uma multicausalidade, mas também implica uma transversalidade de intervenções e ações, partindo-se da premissa de ser questão intersetorial, de natureza biopsicossocial, que requer reflexões multidisciplinares. Ponderamos que a internação compulsória é um recurso extremo, e muitas vezes necessário, mas os usuários necessitam de ações públicas de qualidade, efetivas, que garantam a dignidade humana.

Desta forma pode-se compreender que o poder psiquiátrico a que se referia Machado de Assis, em *O Alienista*, é um poder que realiza uma submissão

dos pacientes, tendo como instrumentos principais, uma vontade e um saber, que neste caso são a vontade e o saber do médico, reconhecido como superior às vontades e saberes daqueles que se sujeitam a um mecanismo de poder e disciplina instalado no interior daquele hospício.

No trecho do Capítulo VI, intitulado *A Rebelião*, podemos considerar que, a internação no hospital psiquiátrico do século XIX seria uma tentativa de reeducação do sujeito, sob regulamentos e olhares rigorosos, desde o desvio até a recuperação. Ou seja, a loucura, que durante o Classicismo era o mal e se avizinhava da morte, foi “compreendida” por uma psiquiatria redentora deste mal incubado no interior do homem. No entanto, conforme Foucault (2005), “se o louco permanecia um cidadão proscrito, é porque o mal não fora expiado”. E, ao agrupar sucessivas pessoas com distúrbios mentais sob o controle do asilo, poderia-se argumentar que a psiquiatria simplesmente recriou a noção do mal da loucura, revestindo-o com uma nova linguagem, fundamentação científica e um método específico. A perspectiva de curar os alienados implicava na eliminação de um mal que, se já desafiava as visões dualistas católicas, continuava a conflitar com a concepção de bem-estar social estabelecida pela moral burguesa do século XIX, que persistiria ao longo do século XX.

Machado de Assis mantém um distanciamento, contextualizando a história no Período Colonial, antes mesmo da inauguração do Hospital Nacional dos Alienados, o primeiro hospício oficial do Brasil, criado por decreto do Imperador Pedro II, em 1841, inaugurado em 1852, com seu nome (levou o nome de Pedro II até 1890).

Isto significa que em 1882, ano da publicação de “O Alienista”, já existia no Brasil todo um complexo manicomial em torno do isolamento da loucura, tal qual prescreveu Pinel, coordenado por autoridades no assunto. Mas Machado optou por desfocar essa realidade, recuar a trama. Uma hipótese: desta forma, conferia a Simão Bacamarte o poder verdadeiramente absoluto, sem um alienista sequer no país apto a questioná-lo.

Mas no conto aconteceu uma revolução. A “bastilha da razão humana” fazendo referência à Revolução Francesa, na Casa Verde, foi liderado por Porfírio. O movimento ficou conhecido como a Revolta dos Canjicas (o apelido do barbeiro era canjica). Eles rumam à Casa Verde, urrando “*MORTE AO ALIENISTA!*” e exigindo o fim Casa Verde, com ameaças de até mesmo atear fogo no local. Dr. Bacamarte aparece na varanda, diz algumas palavras, e simplesmente dá as costas à multidão ali reunida, desprezando totalmente os manifestantes. Porfírio encontra ali sua chance de se tornar o defensor do povo, de se tornar o rei de Itaguaí:



*“Entretanto, a arruaça crescia. Já não eram trinta, mas trezentas pessoas que acompanhavam o barbeiro, cuja alcunha familiar deve ser mencionada, porque ela deu o nome à revolta; chamavam-lhe o Canjica, e o movimento ficou célebre com o nome de revolta dos Canjicas. A ação podia ser restrita, visto que muita gente, ou por medo, ou por hábitos de educação, não descia à rua; mas o sentimento era unânime, ou quase unânime, e os trezentos que caminhavam para a Casa Verde, dada a diferença de Paris a Itaguaí, podiam ser comparados aos que tomaram a Bastilha. No geral, as famílias abençoavam o nome daquele que ia enfim libertar Itaguaí da Casa Verde e do terrível Simão Bacamarte”. (Assis, 2004, p. 31).*

No trecho *O Inesperado*, Capítulo VII, chegam os dragões (força policial) e a população, encorajada por Porfírio, não renuncia à luta, continuando firme diante dos dragões. Inicia-se ali uma guerra entre ambos, que dura pouco, tendo em vista que alguns dragões passaram para o lado dos moradores da cidade de Itaguaí. O povo de Itaguaí deve a isso sua vitória. Após o ocorrido rumaram à Câmara, onde Porfírio assume o governo da vila. A revolta se acalma, devido à esperança de que Porfírio no governo daria fim à Casa Verde. Porém, nos deparamos com a virada da história, quando Dr. Simão Bacamarte propõe dialogar com todos:

*“— Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a administração da Casa Verde, estou pronto a ouvir-vos; mas se exigis que me negue a mim mesmo, não ganhareis nada. Poderia convidar alguns de vós, em comissão dos outros, a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos nem a rebeldes”. (Assis, 2004, p. 27-28).*

Parece que o alienista está, enfim, derrotado. Porfírio, entretanto, reconhece a supremacia da ciência e impede a demolição da Casa Verde, sob a alegação:

*“(...) pode entrar no ânimo do governo eliminar a loucura? Não. (...) A matéria é da ciência. A ciência está acima do governo (!)”. (Assis, 2004, p. 33).*

Nas *Angústias do boticário*, trecho do Capítulo VIII, o boticário fica sabendo que Porfírio está indo pessoalmente falar com o alienista, e logo dá a causa do amigo como vencida, ele se vê dividido entre prostrar-se corajosamente ao lado do amigo ou aderir ao novo governo de Porfírio, temendo a influência do barbeiro, e o que poderia acontecer a ele como amigo e apoiador do Dr. Bacamarte, ele se dirige a câmara para aderir a causa. Chegando lá, descobre que o barbeiro está na Casa Verde:

*“Vinte e quatro horas depois dos sucessos narrados no capítulo anterior, o barbeiro saiu do palácio do governo, foi a denominação dada à casa da Câmara, com dois ajudantes-de-ordens, e dirigiu-se à residência de Simão Bacamarte. Não ignorava ele, que era mais decoroso ao governo mandá-lo chamar; o receio, porém, de que o alienista não obedecesse, obrigou-o a parecer tolerante e moderado. Não descrevo o terror do boticário ao ouvir dizer que o barbeiro ia à casa do alienista. “Vai prendê-lo”, pensou ele. E redobram-lhe as angústias. Com efeito, a tortura moral*

*do boticário naqueles dias de revolução excede a toda a descrição possível. Nunca um homem se achou em mais apertado lance: a privança do alienista chamava-o ao lado deste, a vitória do barbeiro atraía-o ao barbeiro. Já a simples notícia da sublevação tinha-lhe sacudido fortemente a alma, porque ele sabia a unanimidade do ódio ao alienista; mas a vitória final foi também o golpe final”. (Assis, 2004, p. 31-32).*

No trecho *Dois Lindos Casos*, do Capítulo IX, Porfirio, o defensor da população e o homem que liderou uma revolta cujo intuito era destruir a Casa Verde, ao falar direta e particularmente com o alienista, pede para que apenas alguns loucos (casos menores), sejam soltos, em piedade à população. Bacamarte fica surpreso, e percebe imediatamente um caso de doença cerebral a qual chamou de duplicidade:

*“(...) Onze mortos e vinte e cinco feridos, repetiu o alienista depois de acompanhar o barbeiro até a porta. Eis aí dois lindos casos de doença cerebral. Os sintomas de duplicidade e descaramento deste barbeiro são positivos. Quanto à toleima dos que o aclamaram não é preciso outra prova além dos onze mortos e vinte e cinco feridos. — Dois lindos casos!” (...) (Assis, 2004, p. 34).*

Machado critica as questões éticas do ser humano na época em que estava vivendo, não só uma crítica ao estudo da psicologia humana, como uma crítica ao governo e ao comportamento social da época também, o qual, pela falta de conhecimento e entendimento, fomentava a instauração de poderes que oprimiam a sociedade. Podemos notar que em Dr. Bacamarte, além de uma curiosidade fascinante pela ciência, em busca de melhorias no campo da psicanálise, havia também uma vaidade implícita em se tornar um dos primeiros e mais reconhecidos pesquisadores na área.

Em *A Restauração*, Capítulo X, cinquenta apoiadores do novo governo são levados à Casa Verde. João Pina, (outro barbeiro), espalha por Itaguaí que Porfirio está “vendido ao ouro de Simão Bacamarte”, e logo a influência e apoio de Porfirio tem seu fim. João Pina assume o governo. Esse ponto do conto marca a influência máxima de Simão Bacamarte. Quem ele quisesse que fosse levado à Casa Verde, seria levado, dentre eles, o Porfirio, o boticário, até mesmo o próprio presidente, em uma coleta desenfreada. Evarista também é recolhida, após passar dias em dúvida de qual colar usar em um baile e ser encontrada experimentando os dois colares, em frente ao espelho:

*“(...) Daí em diante foi uma coleta desenfreada. Um homem não podia dar nascerça ou curso à mais mentira do mundo, ainda daquelas que aproveitam ao inventor ou divulgador, que não fosse logo metido na Casa Verde. Tudo era loucura. Os cultores de enigmas, os fabricantes de charadas, de anagramas, os maldizentes, os curiosos da vida alheia, os que põem todo o seu cuidado na tafularia, um ou outro almotacé enfunado, ninguém escapava aos emissários do alienista. Ele respeitava as namoradas e não poupava as namoradeiras, dizendo que as primeiras cediam a um impulso natural e as segundas a um vício. Se um homem era avaro ou pródigo, ia do mesmo modo para a Casa Verde; daí a alegação de que não havia regra para a completa sanidade mental”. (...) (Assis, 2004, p. 36).*

Com base na análise sobre o contexto histórico da loucura, podemos ver que havia uma grande imposição dos cientistas sobre as questões comportamentais da época, pois Machado de Assis deixa clara sua crítica quanto às formas de definição da doença mental, exercida pelo Dr. Bacamarte, e o quanto suas transições éticas influenciam em seus métodos de avaliação dos pacientes, sendo vista inicialmente, não uma busca por definir os padrões de doença mental, mas sim de estudá-los. E a partir do poder que lhe foi cedido pelo parlamento e no momento em que teve liberdade para atuar como pesquisador, passou a instituir suas normas comportamentais para definir quem de Itaguaí era doente mental.

No trecho *O Assombro de Itaguaí*, Capítulo XI, o alienista resolve soltar todos os loucos da Casa Verde. Quatro quintos da população estava na Casa Verde, e teoricamente, a loucura afetaria a minoria da população, então reavaliando sua teoria, ele concluiu que a loucura seria o oposto, e que o desequilíbrio mental deveria ser considerado normal:

*“E agora prepare-se o leitor para o mesmo assombro em que ficou a vila, ao saber que os loucos da Casa Verde iam todos ser postos na rua”.* (Assis, 2004, p. 38).

No trecho *O Final*, Capítulo XII, D. Evarista quis separar-se do alienista, mas a dor de perdê-lo a fez mudar de ideia. Todos os loucos voltaram a executar os velhos hábitos, e as pessoas consideradas com o perfeito equilíbrio mental passaram a ser levadas para a Casa Verde, após passar por uma série de interrogações. Foram levados o Padre Lopes, a mulher do boticário, o boticário, e o barbeiro Porfirio (após recusar pedidos da população por uma nova revolta):

*“Chegou o fim do prazo, a Câmara autorizou um prazo suplementar de seis meses para ensaio dos meios terapêuticos. O desfecho deste episódio da crônica itaguaiense é de tal ordem e tão inesperado, que merecia nada menos de dez capítulos de exposição; mas contento-me com um, que será o remate da narrativa, e um dos mais belos exemplos de convicção científica e abnegação humana”.* (Assis, 2004, p. 43).

No último trecho do Capítulo XII, *Plus Ultra!*, ao cabo de cinco meses, todos os loucos haviam sido curados. Eles eram libertos quando apresentavam alguma alteração de comportamento que fosse considerada desequilibrada. Ao refletir novamente sua teoria, Dr. Bacamarte percebe que ele não introduziu nenhuma faculdade no intelecto das pessoas que lá estavam, e que o desequilíbrio que apresentaram quando estavam curadas, esteve nelas desde o início, concluindo que elas eram desequilibradas, assim como os outros que ele havia hospedado:

*“Era decisivo. Simão Bacamarte curvou a cabeça, juntamente alegre e triste, e ainda mais alegre do que triste. Ato contínuo, recolheu-se à Casa Verde. Em vão a mulher e os amigos lhe disseram que ficasse, que estava perfeitamente são e equilibrado: nem rogos nem sugestões nem lágrimas o detiveram um só instante.*  
— *A questão é científica, dizia ele; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro*

*exemplo sou eu.*

*Reúno em mim mesmo a teoria e a prática.*

— *Simão! Simão! Meu amor! Dizia-lhe a esposa com o rosto lavado em lágrimas. Mas o ilustre médico, com os olhos acesos da convicção científica, trancou os ouvidos à saudade da mulher, e brandamente a repeliu. Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada. Alguns chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco, além dele, em Itaguaí, mas esta opinião, fundada em um boato que correu desde que o alienista expirou, não tem outra prova senão o boato; e boato duvidoso, pois é atribuído ao Padre Lopes, que com tanto fogo realçara as qualidades do grande homem. Seja como for, efetuou-se o enterro com muita pompa e rara solenidade". (Assis, 2004, p. 48).*

Após refletir mais, Simão Bacamarte encontrou em si o perfeito equilíbrio mental, e moral. Chamou alguns amigos, os quais pudessem confirmar ou negar seu palpite, todos concordaram que o alienista era perfeitamente equilibrado. Em um misto de felicidade e tristeza, ele recolhe-se à Casa Verde, em busca de sua própria cura. Entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Morreu dali a dezessete meses, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada. Alguns chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco, além dele, em Itaguaí.

Assim, percebe-se que o protagonista, Dr. Simão Bacamarte, atravessa várias fases, retornando ao ponto inicial, tentando compreender a si mesmo, por meio da ética aristotélica, de virtude e razão prática, ao se questionar: será que, na verdade, o louco não era o próprio Bacamarte?

Machado de Assis fecha sua história demonstrando que as questões éticas não podem ser racionalizadas e impostas, como sendo algo único para todos. De acordo com Foucault, (2005), a imposição de um comportamento correto deve levar em conta o indivíduo como único, o que representa o ideal de *foucaultiano* do terceiro ciclo da Genealogia da Ética.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa machadiana é rica em ironias, quanto às situações e personagens. Machado conseguiu, por meio de seu texto, representar questões éticas que iriam além de seu tempo. O tom de sátira, no decorrer do conto, soa como crítica aos moldes da época, para o tratamento da loucura, do comportamento social e do cientificismo. *O Alienista* revela um vínculo entre ciência e poder, do qual o cientista se apodera. Há exacerbação, principalmente, quando o Dr. Bacamarte racionaliza, de forma intransigível, as questões entre o que é considerado razão e loucura.

Hoje, a gramática diagnóstica se ramificou até o ponto de incluir todas as pessoas em algum tipo de transtorno, e, como não desejar uma pílula mágica que

apague a insegurança, a falta de libido, o cansaço, o medo, o luto, a ansiedade e a distração?

Diagnósticos podem oferecer amparo ao mal-estar subjetivo, mas também produzir identificações que podem pressupor desresponsabilização do sujeito, por meio da alienação deste em consequência do discurso médico e suposta certeza do especialista. O diagnóstico pode ser tomado como classificação normativa, enfraquecendo a potência transformadora que habita as experiências do sofrimento psíquico, barrando a busca do enfrentamento real da responsabilidade do sofrimento subjetivo.

Essa ideia carrega importância política, pois uma abordagem diagnóstica que busca totalizar e patologizar pode amplificar a sensação de esgotamento das pessoas ao lidarem com conflitos, contradições e inevitáveis mudanças da vida, criando situações que dificultam as interações e os desafios naturais da existência. Na hedonista sociedade do espetáculo, o valor do sujeito é medido pela exposição da imagem nas mídias sociais, que propagam idealizações e fantasias de perfeição e felicidade. Por consequência, laços grupais são dissolvidos na lógica da competitividade, porque relações profissionais e pessoais precisam seguir a máxima do lucro e do imediatismo.

Assim, sentimentos de depressão e ansiedade, passam a serem vistos apenas como problemas individuais, desconsiderando o contexto social mais amplo. Essa abordagem reflete uma visão neoliberal do diagnóstico, onde a ênfase está em individualizar questões relacionadas à saúde mental.

## REFERÊNCIAS

APFEL R.J; Keylor R.G. Psicanálise e infertilidade. Mitos e realidades. **Int J. Psicanal.** 2002.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **O Alienista**. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro, 2004.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **O Alienista (1882)**. Ministério da Cultura. Projeto Virtual Books. Projeto 1000 Escritores da Web. 48p. Disponível em: [www.virtualbooks.com.br](http://www.virtualbooks.com.br). Acesso em: 01 mai. 2024.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESIDIO, Mirella de Holanda. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 451-478, set. 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

DENTZ, René Armand. **Corporeidade e subjetividade em Merleau-Ponty**. Intuito, v.1, n.2, 296-307, 2008.

- DUNKER, Christian. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. **Freud e Machado de Assis: uma interseção entre psicanálise e literatura**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- LOURENÇO, Ana Carolina. **A “objetificação” feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Vila Velha, Paraná, 2014.
- MALUF, Sônia Weidner. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. **Esboços: histórias em contextos globais**, v. 9, n. 9, p. 87-101, 2001.
- MORICE Philippe; JOSSET, Patrice; CHAPRON Chapron; DUBUISSON JB. **História de infertilidade**. Atualização do Hum. Reprod. 1995, 1(5):497-504.
- VERTZMAN, Júlio; COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. Mania: Um Bairro Pouco Visitado. **Revista Ágora - Estudos em Teoria Psicanalítica** (Rio de Janeiro), v. XXII, n. 1, jan/abr, 2019, p. 87-98.

**O CASO DO ESPELHO:  
O ENCONTRO DA LITERATURA  
COM A PSICANÁLISE**

*Marineide de Jesus Gomes<sup>1</sup>*

## INTRODUÇÃO

Para a confecção do presente estudo de caso buscou-se corroborar conceitos da teoria psicanalítica de Sigmund Freud, mais especificamente, da publicação de *A interpretação dos Sonhos* (1900) permeando um conto extraído da Literatura brasileira.

A influência da literatura na vida dos indivíduos de uma sociedade é algo que supera os limites da compreensão racional, extrapolando as fronteiras ou limites do alcance psíquico, bem como sua profundidade e efeitos na própria sociedade. Todos nós teremos uma experiência a narrar com uma leitura que nos foi tocante, altamente significativa, transformadora ou mesmo revolucionária, em virtude das memórias impressas no inconsciente coletivo e das heranças da oralidade que atravessaram o tempo.

Aproximar a literatura da psicanálise é tarefa apaixonante e se torna facilitada quando um dos grandes nomes das letras no Brasil promove de maneira sagaz essa interface com a teoria psicanalítica. Para o proposto, recorreu-se à obra *O espelho - O esboço de uma nova teoria da alma humana* (2006), de autoria do ícone das letras no Brasil, universalmente reconhecido, cuja escrita é referência mundial.

Joaquim Maria Machado de Assis, jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo brasileiro, nasceu no Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1839, e faleceu também no Rio, em 29 de setembro de 1908. É o fundador da cadeira nº. 23 da Academia Brasileira de Letras. A sua reconhecida e grandiosa contribuição para a literatura brasileira e mundial é inegável e incontestável. O maior trunfo extraído

---

<sup>1</sup> Pós-graduada em Psicanálise Clínica pelo Instituto Kalile (2018); Especialista em Ciência da Informação (UnB, 2011); Graduada em Letras (Licenciada e Bacharel) em Língua Portuguesa e Respectiva Literatura (UnB, 2003); Coautora na obra 'Despertadas', pela Ed. Chave Mestra (2023); Atua como Psicanalista Clínica; Canal YouTube: @Pitonisa7711. E-mail: fala.psicanalise@gmail.com.

de sua produção literária selecionado para compor o presente estudo de caso foi a conformidade com a teoria psicanalítica freudiana no que diz respeito à concepção e constituição do sujeito e à importância do conteúdo onírico para a psicanálise.

Freud é Sigmund Schlomo Freud, nascido em Mähren (hoje Pribor, na República Tcheca), a 6 de maio de 1856 e falecido em Londres a 23 de setembro de 1939, aos 83 anos. Foi um médico neurofisiologista e psiquiatra e o criador da Psicanálise. Freud acreditava que o desejo sexual era a energia motivacional primária da vida humana. Sua contribuição para a medicina, psicologia e psicanálise é da mesma forma um feito inegável e incontestável.

Um aspecto muito relevante dessa convergência conceitual é o lapso temporal entre os dois autores: Machado de Assis, nascido em 1839, publicou o texto selecionado em 1882. Freud, nascido em 1856, publicou a primeira parte de seu tratado da Interpretação de Sonhos em 1900.

Se para Freud há no indivíduo um desconhecido, qual seja, um outro que o habita com funcionamento independente e autônomo, sob o qual o indivíduo não exerce racionalmente qualquer controle, para Machado de Assis, no conto em tela, o indivíduo é constituído por uma alma interna que define a personalidade e a individualidade e é parte da essência imutável do ser; uma alma externa que pressupõe determinadas convenções sociais, que é mutável e inconstante. Essa concepção de Machado de Assis está contida no conto selecionado, cuja primeira publicação data de 1882.

Ambos os autores ainda apresentam conceitos similares no que se refere aos sonhos. Freud demonstra em sua obra *'A interpretação dos sonhos'*, que os sonhos são manifestações do inconsciente, que são 'a estrada real para o psiquismo' ao concluir que ao sonharmos mergulhamos profundamente em nosso psiquismo. Para Machado de Assis, é pelo sono e através dos sonhos que o indivíduo concede liberdade à sua alma interior.

Algumas questões a serem aqui contempladas são as seguintes:

*Em que momento ou ocasião somos inteiros e cientes de nossa inteireza? O quanto negamos o que realmente somos para satisfazer o outro? Como lidamos com esse outro desconhecido que habita em nós? e ainda, O quanto precisamos do outro para nos enxergarmos como somos?*

Por muitas vezes, para uma adequada resposta a estes questionamentos, necessitamos ter uma visão integral do que realmente somos e, para o alcance dessa integralidade carecemos lançar mão de conteúdos inconscientes, do material latente dos sonhos produzidos durante o sono, que segundo Freud é muito diferente do conteúdo manifesto no sonho: o material latente é a fonte primária passível de análise, uma vez que seu conteúdo nos fornece pistas importantes do processo de individuação do ser humano e nos leva a contemplar



o grande espelho de nossa alma.

Ousamos inferir que talvez a própria dinâmica da sessão psicanalítica seja esse grande espelho machadiano o qual precisamos mirar (entretanto resistimos a isso), enxergando-nos por meio do auxílio e através da figura do psicanalista (especialmente nos momentos em que estabelecemos *rapport* ou ocorre a *transfêrência*). Veremos mais sobre o assunto, adiante.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

*Não somos apenas o que pensamos ser. Somos mais: somos também o que lembramos e aquilo que esquecemos, somos as palavras que trocamos, os enganos que cometemos, os impulsos a que cedemos, 'sem querer' (Sigmund Freud).*

A fim de imprimir maior clareza ao disposto anteriormente, este referencial teórico contextualiza o período de confecção e elaboração de ambas as obras. O conto *O espelho* de Machado de Assis, publicado em 1882 e o estudo de Sigmund Freud sobre a *Interpretação dos Sonhos*, publicado em 1900.

Machado de Assis tendo nascido no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, era mestiço, membro de uma família pobre, mal estudou em escolas públicas e nunca frequentou universidade. Segundo biógrafos, interessou-se pela boemia e pela corte e lutou para subir socialmente, abastecendo-se de superioridade intelectual e da cultura da capital. Para isso, assumiu diversos cargos públicos, passando pelo Ministério da Agricultura, do Comércio e das Obras Públicas, conseguindo precoce notoriedade em jornais onde publicava suas primeiras poesias e crônicas.

Em sua maturidade, reunido a colegas próximos, fundou e foi o primeiro presidente unânime da Academia Brasileira de Letras. Considerado por muitos críticos, estudiosos, escritores e leitores, um dos maiores, senão o maior nome da Literatura do Brasil.

Freud tomava notas de seus sonhos desde a infância, mas foi após o falecimento de seu pai, o Sr. Jacob Freud, em 23 de outubro de 1896, que passou a se dedicar com maior afinco a analisar seus próprios sonhos, remetendo-os à sua própria infância e, durante o processo, acabou determinando as raízes de suas próprias neuroses. Tais anotações tornaram-se a fonte para a obra *A Interpretação dos Sonhos*.

Durante o curso dessa autoanálise, Freud chega à conclusão de que seus próprios problemas eram devido a uma preferência atrativa por sua mãe e a hostilidade em relação a seu pai, configurando assim o *Complexo de Édipo*, aspecto que se torna o coração da sua teoria sobre a origem da neurose em todos os seus pacientes. Tendo sido tal complexo selecionado como elemento

norteador para a condução da análise do estudo de caso em tela.

Nos primeiros anos do século XX, são publicadas suas obras *A Interpretação dos Sonhos* e *Psicopatologia da Vida Cotidiana*. De início, as tiragens das obras não animam Freud, mas logo médicos de diferentes regiões (Eugen Breuer, Carl Jung, Karl Abrahams, Ernest Jones, Sandor Ferenczi) demonstraram respaldo às suas ideias e passam a compor o Movimento Psicanalítico.

O público geral passou a se interessar pela prática da análise terapêutica, principalmente entre círculos de educadores e até mesmo teólogos, o que foi amplamente divulgado, contribuindo para o avanço da análise leiga, já defendida por Freud.

Era o ano de 1882. Em terras brasileiras, Joaquim Maria Machado de Assis publicava no jornal *Gazeta de Notícias* o conto *O Espelho - Esboço de uma Nova Teoria da Alma Humana*. Posteriormente, a obra foi vinculada ao livro *Papéis Avulsos*, publicado no mesmo ano. Do outro lado do mundo, Freud trabalha no laboratório de anatomia cerebral da *Clínica Psiquiátrica Theodor Meynert*. É sua primeira experiência em Psiquiatria.

O conto machadiano *O espelho* narra a fantástica experiência vivenciada por Jacobina, um jovem pobre que, aos vinte e cinco anos, é nomeado alferes da guarda nacional. Tal acontecimento desperta os mais exagerados sentimentos em seus familiares, e eles começam a dedicar ao mais novo alferes toda sorte de elogios e honras.

Essa experiência é lembrada pelo protagonista na idade adulta, no meio de um debate sobre assuntos metafísicos com amigos íntimos. Em sua explanação, Jacobina separa a alma humana em *alma interior* e *alma exterior*; esta última diz respeito ao que consome, apaixona, obceca o indivíduo. Ela é de fora para dentro. Já a alma interior é de dentro para fora, personificando a essência. Com este conto, Machado de Assis, aos quarenta e três anos, desenvolve mais uma personagem, cuja ótica está baseada no que se é, no que se pensa que é e no que os outros pensam que se é.

O posto de Jacobina acende o ímpeto de hospitalidade de uma tia, que o convida para passar uns dias em seu sítio. Lá chegando, Jacobina deixa de ser tratado pelo nome e passa a ser chamado de “senhor alferes”, vocativo utilizado também pelos escravos da casa: “*Eu pedia-lhe que me chamasse de Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o ‘senhor alferes’*”.

As manifestações honrosas legaram ao jovem alferes o melhor lugar na mesa, o primeiro prato a ser servido e o bem de maior valor da casa: um grande espelho, cercado pelas pompas de um suposto passado imperial e resquícius de ouro.

Diante de tanta bajulação e opulência, “o alferes eliminou o homem”.

Jacobina passou a sentir dentro do peito que não existia mais nada além de seu *status* de alferes.

Consumido pela vaidade, o jovem começa a descortinar um vício profundo, nefasto e oculto em sua alma. No entanto, as circunstâncias mudam quando uma filha da entusiasmada tia passa mal, impelindo a anfitriã a deixar o sítio e o sobrinho alferes para trás. Sozinho com os criados, o rapaz não consegue conter o tédio e a insatisfação até que, poucos dias depois, é abandonado à própria sorte no sítio, já que os escravos de sua tia o enganam e fogem. Assim se pode descrever a sensação experimentada por Jacobina: “(...) *a mais profunda solidão, sem nenhuma plateia para inflar seu ego, a intensidade de outrora se transforma em apatia, mecanicidade repetitiva, ponteiros de relógios que morrem a cada batida*” (TORRES)

Essa letargia começa a provocar-lhe alucinações, delírios, confusões mentais e desespero. O mal-estar só é apaziguado com a aceitação da loucura, fato que se dá quando Jacobina se veste de alferes, aceita que sua nova identidade é a que lhe foi imposta e atravessa mais seis dias de isolamento com essa sensação de poder, fitando-se fardado diante do grande e tradicional espelho depositado em seu quarto.

Jacobina atravessa um processo de mutação de identidade, no qual circunstâncias, pessoas e objetos fúteis reproduzem a ideia de nobreza, bens materiais, aristocracia e paixão pelo poder. A ambição e o delírio se unem em um êxtase febril, fazendo com que o jovem tenha sua identidade usurpada por algo inexplicavelmente mais forte e incontrolável.

No enredo de *O Espelho*, Jacobina permitiu que o alferes consumisse o seu coração humano, aceitando seus delírios como tática de sobrevivência; e para não sucumbir permitiu-se levar pela loucura.

Quando, anos mais tarde, relata sua história aos amigos e eles insinuam que a experiência do então jovem alferes era de enlouquecer, ele afirma que o fato de olhar para o espelho e encontrar-se em dois – seu reflexo e seu corpo físico – vestir a farda de alferes foi o que o salvou. Enquanto fitava o espelho despido da vestimenta, o jovem alferes só via sombras, figuras esfumadas, difusas. Entretanto ao utilizá-la:

Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria, e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me duas, três horas, despia-me outra vez. Com esse regime pude atravessar mais seis dias de solidão, sem os sentir. (Gotlib, 2021, p.149).

Dessa forma, Jacobina permitiu que sua alma exterior, suas alucinações e instabilidades desnudassem o que carregava por dentro. E assim, mergulhando nas profundezas de sua desordem mental, ele salvou a si mesmo.

O limiar entre realidade e fantasia, entre o eu e o(s) outro(s), entre sanidade e loucura pode se estabelecer a partir do conhecimento do funcionamento das diferentes instâncias mentais e do apaziguamento desse sujeito se dá somente através do mergulho no inconsciente, para, de forma lógica e sistematizada, equilibrar o interno e o externo, centrar-se na essência de si mesmo e (re)definir uma identidade própria.

Para nossa salvaguarda esse mergulho no inconsciente tem sido desenvolvido e encorajado desde Freud, somado ao contundente reforço da literatura e das artes ao longo dos anos.

## UMA BREVE REVISÃO DE LITERATURA

No artigo de Frayze Pereira (1999), intitulado *Entre os sonhos e a interpretação: aparelho psíquico/aparelho simbólico* interroga-se a ideia de “aparelho psíquico” nos limites da primeira tópica freudiana, quando diz:

Considerando que, no capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*, Freud define a realidade psicológica como uma forma especial de existência e o sonho como uma forma especial de pensamento, interroga-se que relação há entre essas formas, a forma de existir e a forma de pensar. Há equivalência entre elas? Ou há uma relação de fundamentação de uma pela outra? Tais perguntas levam o autor a analisar a questão da interpretação para chegar, com Freud, a uma compreensão do “aparelho psíquico” como “aparelho simbólico aberto à intersubjetividade e às formações culturais como a literatura e as artes.” (Frayze-Pereira, 1999).

A respeito dos aspectos conscientes e inconscientes o autor prossegue:

Se considerarmos com Freud que o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica (1900, p.554), a oposição entre vida consciente e vida onírica é reduzida às suas justas proporções. Isto é, porque o pensamento inconsciente é tão ativo durante o dia quanto à noite, os sonhos podem dar prosseguimento às atividades diurnas, de modo que, sendo o sonho uma formação entre outras formações psicopatológicas, sua análise permite a descoberta de que o inconsciente (isto é, o psíquico) é encontrado como uma função de dois sistemas separados: Inconsciente propriamente dito (inadmissível à Consciência) e o Pré-Consciente. E, diz Freud, porque suas excitações, depois de observarem certas regras e depois de passarem por alguma censura, chegam à Consciência. (Frayze-Pereira, 1999).

Para fins de delineamento da análise final do estudo de caso consideremos o seguinte:

Se por um lado, toda a Consciência foi alguma vez Inconsciente, por outro lado, não temos acesso ao Inconsciente a não ser pela via da Consciência. Mais do que isso, o Inconsciente permaneceria inteiramente ignorado não fossem os efeitos produzidos por ele no nível da Consciência, expressos

nos discursos, nas ações, nos sintomas, nos sonhos. Ou seja, a Psicanálise não pode prescindir da Consciência. (Frayze-Pereira, 1999).

Reitera-se assim a questão da ‘intersubjetividade do aparelho psíquico às formações culturais como a literatura e as artes’, tendo sido selecionado para coadunar a análise desse estudo de caso que ilustrou a convergência das teorias freudianas e machadianas a respeito da alma humana e da constituição da psique do sujeito, considerando a afirmativa de Freud de que o ‘inconsciente é o ente psíquico verdadeiramente real’ as manifestações artísticas representam a mais genuína e refinada forma de expressão da subjetividade humana.

O que corrobora tal análise é o caráter psicológico aplicado por Machado de Assis na construção de suas personagens e na condução das tramas e dilemas, ora morais ora existenciais de seus enredos.

Segundo Rodrigues, em Machado de Assis há uma clara composição e exposição do cabedal de ações e emoções humanas:

Indagando além das aparências e da superficialidade dos comportamentos sociais, Machado de Assis incumbiu-se da tarefa de revelar o tempestuoso interior humano, ocupando-se, primordialmente, dos caracteres das personagens, as quais repetiam seres de carne e osso que arrastavam controvertidas existências na transitoriedade da vida (...). Os aspectos psicológicos que lhe despertavam o interesse, diziam respeito à dicotomia entre as emoções e a razão, entre o espírito e a alma. (Rodrigues, 2008, p. 7).

## DISCUSSÃO

O objeto de análise deste estudo de caso não trata apenas do caso em si, mas refere-se ao caso relacionando-o ao conto escolhido como mote para a confecção do trabalho, qual seja, o conto *O Espelho* (2006), que apresenta uma nova teoria da alma humana. O conto corrobora os estudos de Freud, com base na obra *A Interpretação dos Sonhos* (1900).

A partir da leitura do conto e do resumo das sessões de análise elaborou-se as seguintes reflexões:

- *Eu sou ‘quem eu sou’ ou sou o que esperam que eu seja?*
- *Quem é esse outro que exerce tanto poder sobre mim?*
- *Quem sou eu quando não tem ninguém me olhando?*
- *Qual imagem eu tento passar de mim mesma(o)?*
- *A imagem que desejo passar é igual à que eu vejo?*
- *Que imagem os outros atribuem a mim?*

Tomando como referência os questionamentos acima, nos deparamos com o sujeito sendo determinado por um terceiro; um outro que não é ele, nem faz parte dele. O cerne da questão é se somos quem somos em detrimento do

outro e se desprovidos do outro seremos quem somos.

Da mesma forma que um bebê não possui a compreensão de que não é um com a mãe, mas vai aos poucos diferenciando-se da figura materna, de quem depende, nós, os seres humanos, crescemos e nos desenvolvemos a partir do olhar desse outro que nos molda e forma. Esse desprender-se da figura materna e saber-se um indivíduo tem sua transição um pouco mais à frente, quando a criança identifica e reconhece no pai ou numa terceira figura presente no contexto dos cuidados esse terceiro, percebendo a mãe, a si mesma e a esse(s) terceiros(s) em seu entorno.

Essa relação triangular resultará no *Complexo de Édipo*, processo no qual a criança do gênero feminino projetará na figura paterna a idealização dos seus afetos e a criança do gênero masculino os projetará na figura materna.

O Édipo bem resolvido se dá quando a criança compreende que não é necessário odiar, rejeitar ou rivalizar o pai/mãe canalizando suas emoções para outros objetos/pessoas e passando para a fase seguinte de seu desenvolvimento.

Uma vez adultos, tendo atravessado as várias fases do desenvolvimento humano, e a transição do Édipo não tendo sido bem-sucedida, terminamos por vivenciar a mesma dinâmica de ser a partir do ponto de vista do outro, algumas vezes para satisfazer a expectativa externa, ora dos pais, ora dos parceiros, dos amigos, dos chefes ou dos grupos religiosos.

Parece que precisamos estar sempre à altura das expectativas alheias, o que nos fará perder de vista o referencial de ser aquilo que realmente é a nossa essência.

Uma questão importante é perceber de que modo somos capazes de ceder às pressões externas a fim de nos tornarmos aquilo que esperam de nós. É como se olhássemos para a própria imagem no espelho, após tantos acréscimos ao longo da vida, e não nos reconhecêssemos ou não soubéssemos como realmente somos.

Algumas vezes trata-se de expectativas que terceiros depositam sobre nós. Outras vezes é a profissão que nos confere *status*, uma posição social que nos concede poder de influência, um título acadêmico ou uma farda militar (note-se o conto de Machado de Assis), pois Jacobina não conseguia se enxergar no grande espelho de sua alma sem que estivesse usando a farda que o tornava aquele quem a sociedade dizia que ele era.

Para Freud a amplitude da análise dos sonhos foi também uma grande contribuição para a Psicanálise e lhe proporcionou a oportunidade de adentrar o denso material latente de seu inconsciente, possibilitando acessar verdades que a racionalidade, a repressão e o recalçamento tentaram proteger, no que dizia respeito aos seus sentimentos em relação aos pais, mais especificamente, em sua conflituosa relação com o pai, decorrente do próprio *Complexo de Édipo* não resolvido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para esse item sugerimos um exercício de imaginação: visualize Sigmund Freud e Machado de Assis tomando um café em Mahren, na República Tcheca, ou na Rua da Lapa, no Rio de Janeiro. Encontro plausível, tendo sido ambos contemporâneos.

Freud e sua inominável contribuição para a Medicina e Psicanálise. Machado de Assis e seu irretocável legado para a Literatura universal. Um encontro do cientista e do literata. Uma rica, longa e profícua discussão sobre a análise de *A Interpretação dos Sonhos*, de Freud, ou d'*O Espelho*, de Machado de Assis, ou de ambas as obras. Uma grandiosa contribuição para a medicina, para a ciência, para a sociedade, para o mundo.

A proposição desse encontro entre Freud e Machado de Assis é uma alusão ao Programa Café Filosófico, exibido na TV Cultura em 03/07/2016 e atualmente disponível em plataforma de vídeos da internet. Neste programa, cujo tema foi *Mal-estar, sofrimento e sintoma*, o professor e psicanalista Christian Dunker, discorre sobre o tema, tendo como base o texto de Freud, *Mal-estar na civilização* (1929) e mencionando de modo ilustrativo outro conto de Machado de Assis: *O Alienista* (1881), obra que pioneiramente analisou a sociedade brasileira em uma alegoria da convivência entre muros.

No conto, o médico, Dr. Simão Bacamarte, decidiu internar os loucos da cidade, a fim de purificar a sociedade, classificando as pessoas com diversas psicopatologias, nomeando-as e internando os 'doentes' numa espécie de condomínio, terminando por promover a internação de todos os moradores da cidade e gerando um grande impasse: '*Eu e a exclusão do outro*' e '*Quem são os loucos, de fato?*'

Por conseguinte, o resultado das reflexões a respeito da interlocução Literatura *versus* Psicanálise, de modo que os objetos da narrativa fossem vistos sob a intervenção de um prisma, tornando a experiência de olhar para fatos antes vistos, como algo totalmente novo, percebidos a partir de um ângulo diferente, tornando possível conceber a própria dinâmica da prática psicanalítica sob esse novo prisma.

Chamamos de *O Caso do Espelho*, nos apropriando do título de Machado de Assis, para dar novo nome ao que já conhecemos por sessão de Psicanálise ou atendimento clínico psicanalítico.

Afinal de contas, o que é uma sessão de psicanálise senão a proposição de um grande espelho diante do qual somos colocados e conduzidos a nos mirar de modo a nos vestir ou despir de nós mesmos ou dos outros, de acordo com a singular experiência de (re)contar a si mesmo (e ao outro), em narrativas ora épicas ora dantescas, da nossa própria existência?

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **O espelho - O esboço de uma nova teoria da alma humana**. In: Papéis avulsos. 2ª Edição. São Paulo. Martin Claret, 2006.

FRAYZE-PEREIRA, João A. **Entre os sonhos e a interpretação: aparelho psíquico/aparelho simbólico**. Psicol. USP, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 199-223, 1999. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psusp/a/9zgFxFVvtdWGSTC CDj7rPmx/?lang=pt>> <https://doi.org/10.1590/S0103-65641999000100010>. Acesso em: 20 jul, 2020.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, v. 4, 5; 1987.

GOTLIB, Nádia Battella. **25 contos de Machado de Assis (Org.)**. 2ª Edição. Belo Horizonte. Ed. Contemporânea, 2021.

RODRIGUES, Antenor Salzer. **A arte como expressão do real, 2008**. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/machado\\_de\\_assis/Machado%20de%20Assis%20A%20arte%20como%20express%20do%20real.pdf](http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/Machado%20de%20Assis%20A%20arte%20como%20express%20do%20real.pdf)> Acesso em: 30 mar. 2024.

TORRES, Mara Vanessa. O espelho de Machado de Assis. Conto machadiano fala sobre ego, loucura e identidade. **Revista Biblioo. Ed 51**. Disponível em: <<https://biblioo.cartacapital.com.br/o-espelho-de-machado-de-assis/>>. Acesso em: 25 jul, 2020.

## BIOGRAFIAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Biografia**. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/machado\\_assis/](https://www.ebiografia.com/machado_assis/)> Acesso em: 28 mar, 2024.

FREUD, Sigmund Schlomo. **Biografia**. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/sigmund\\_freud/](https://www.ebiografia.com/sigmund_freud/)> Acesso em: 28 mar, 2024.

## CAFÉ FILOSÓFICO

DUNKER, Christian. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**. TV Cultura. Data da exibição: 03/07/2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GV-75hpCdJY>>. Acesso em: 29 set, 2020.

## CRONOLOGIA

FREUD, Sigmund. Disponível em: <<https://www.freud-museum.at/online/freud/chronolg/1882-83e.htm>> Acesso em: 27 mar, 2024.





## POSFÁCIO

---

A diversidade textual aqui reunida é uma amostra representativa de como a obra de Machado de Assis continua a despertar releituras constantes. A importância de seus escritos, que incluem amplas análises sociais, políticas, incursões filosóficas e psicológicas, revela as facetas do escritor como grande observador e crítico de seu tempo, e de muito além dele.

Esta coletânea reafirma a importância de Machado de Assis como um dos pilares da literatura brasileira. A multiplicidade de narrativas machadianas continua a oferecer perspectivas inspiradoras de estudos acadêmicos, além de ser fonte inesgotável de prazer para leitores de todas as idades. Assim, à medida que continuamos a estudar Machado de Assis, encontramos em sua obra elementos para análises contínuas, convidando-nos a reelaborar reflexões, a desenvolver novos olhares.

Para além do convite inicial à leitura, esta obra se propõe também um incentivo a novas coletâneas e publicações.

Expressamos nossa sincera gratidão a todos os autores e colaboradores que tornaram este livro possível.

Deixamos a seguir uma estrofe do poema de **“A um Bruxo, com Amor”**, de Carlos Drummond de Andrade, feito em homenagem ao *Bruxo do Cosme Velho*.

*“... Todos os cemitérios se parecem,  
E não pousas em nenhum deles, mas  
onde a dívida  
apalpa o mármore da verdade, a  
descobrir  
a fenda necessária;  
onde o diabo joga dama com o destino,  
estás sempre aí, bruxo alusivo e  
zombeteiro,  
que resolves em mim tantos enigmas.”*

Com votos de apreço e de excelentes leituras!

*Dirce Maria da Silva*

Doutoranda em Estudos Literários Comparados na Universidade de Brasília.



## **SOBRE OS ORGANIZADORES**

### **DIRCE MARIA DA SILVA**

Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade de Brasília (2024). Membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLE), vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas da UnB, desde 2017. Mestre em Direitos Humanos pelo Centro Universitário Unieuro/DF (2017). Licenciada em Letras Português/Inglês e respectivas Literaturas (CESB/GO/2007); Pedagogia - Séries Iniciais, Supervisão e Orientação Escolar (CESB/GO/2009). Bacharel em Administração (Albert Einstein/DF/2016). Autora e coautora de publicações na área da Literatura e da Educação. Professora da Educação Básica e do Ensino Superior. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7836053563578154> E-mail: [dircem54@gmail.com](mailto:dircem54@gmail.com)

### **MARINA ARANTES SANTOS VASCONCELOS**

Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília (2022); Licenciada em Língua Portuguesa e respectivas Literaturas (2005); Especialização (2006) e Mestrado em Literatura Brasileira (2013), pela Universidade de Brasília. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLE), vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília. É autora do livro “Estrangeiros na obra de Milton Hatoum: leitura dos contos de A Cidade Ilhada” (2022). Atua como professora da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal desde 2013. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5959957836265726> E-mail: [asvamarina@gmail.com](mailto:asvamarina@gmail.com)

### **VICTOR HUGO DE OLIVEIRA CASEMIRO PEREIRA DE AMORIM**

Doutor em Literatura pela Universidade de Brasília (2023). Mestre em Literatura (2018), Bacharel em Língua Inglesa (2015); Licenciado em Língua Inglesa e Respectiva Literatura (2016), também pela Universidade de Brasília. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade da UnB (GPLE), desde 2017. É revisor textual de língua portuguesa e tradutor de língua inglesa. Professor com atuação nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Atua como professor substituto na SEEDF. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8307327881472730> E-mail: [victor.hocp.amorim@gmail.com](mailto:victor.hocp.amorim@gmail.com)

### **ROBERTO MEDINA**

Doutor em Literatura e Teatro pela Universidade de Brasília (2019), Mestre em Letras pelo PPGL/Uniritter/Porto Alegre (2014). Graduado em Letras/Português-Inglês pela Faculdade Dinâmica das Cataratas (2009). Pós-graduado em “Fotografia como suporte da imaginação” (Espaço 508 de Fotografia/Brasília-DF). Pesquisador nas áreas de Literatura, Teatro, Cinema, Fotografia, Psicanálise e linguagens/discursos. Membro dos Grupos Literatura e Cultura, Grupo Gatacos - Estudos Osmanianos, Grupo Internacional de Literatura e Cinema e GP sobre Psicanálise e Artes na UnB. Autor do livro “Pedrarias” (2011), Professor de Pós-graduação em “Direção Teatral” na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes e Fundação Brasileira de Teatro. É tradutor de inglês, francês e espanhol. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8931140252408340> E-mail: [prof.medina@gmail.com](mailto:prof.medina@gmail.com)

### **ALEXANDRE SIDNEI GUIMARÃES**

Mestre em Letras - Tradução Francês pela Universidade de Brasília (2023). Bacharel em Comunicação Social e Jornalismo (1997), e Bacharel em Letras - Tradução Francês (2022), pela UnB. Graduado em Gestão Pública (Anhanguera, 2015). Pós-graduado em Processo Legislativo (Fortium, 2013), Avaliação de Políticas Públicas (ILB/Senado Federal, 2018). Atualmente se dedica à Tradução de Literatura Francesa de Vanguarda, explorando temas do OuLiPo (Ouvroir de Littérature Potentielle), movimento literário francês composto por escritores e matemáticos como Georges Perec, Raymond Queneau, Italo Calvino, Antonin Artaud, Georges Bataille e Jean Cocteau, que buscam a emancipação da Literatura. Consultor Legislativo do Senado Federal, Professor e Jornalista. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5642694460365301> E-mail: [alexandre.s.guimaraes@outlook.com](mailto:alexandre.s.guimaraes@outlook.com)

## ÍNDICE REMISSIVO

---

### A

- Academia Brasileira de Letras 11, 13, 14, 15, 16, 20, 21, 22, 23, 25, 28, 39, 40, 41, 53, 55, 105, 111, 115, 120, 125, 128, 129, 214, 216
- Adam Smith 70, 71
- A Dialética da Malandragem 157, 160, 162
- Administração Pública 119, 129, 154, 155
- Aldous Huxley 9, 76, 77, 78, 80, 83, 86, 89
- Alienação mental 181, 182
- Alma 7, 14, 26, 55, 126, 141, 171, 179, 191, 194, 198, 202, 209, 214, 215, 216, 217, 218, 220, 221, 223
- Angela Davis 131, 132, 134, 135
- Anglo-americana 108, 115
- Arte literária 43, 44, 57, 58
- Autology 77, 78, 79, 89, 90
- Autonomia 57, 195
- Avanço tecnológico 163

### B

- biopsicossocial 144, 206
- Brésil 9, 93, 94, 95, 97, 99, 101, 102
- Bruxo do Cosme Velho 7, 9, 16, 20, 24, 33, 104, 115, 119, 164, 225

### C

- Camillo Castelo Branco 29, 30
- Capitu 26, 67, 68, 72, 73, 132, 133, 166, 176, 179
- Carlos Drummond de Andrade 9, 21, 26, 36, 119, 225
- Carolina 2, 13, 14, 16, 19, 20, 22, 26, 36, 37, 38, 105, 213
- Cemitério São João Batista 15, 25, 26
- Cientificismo 205, 211
- Comportamento 24, 37, 68, 71, 144, 146, 151, 152, 153, 165, 167, 175, 176, 177, 178, 183, 186, 193, 198, 200, 201, 209, 210, 211
- Comunicação 69, 109, 163, 164, 169
- Consciousness 9, 76, 81, 83, 84, 86, 89, 90
- Constituição Federal 139, 143
- Crítica 10, 11, 17, 18, 22, 37, 39, 56, 57, 58, 61, 64, 72, 114, 117, 134, 141, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 166, 167, 168, 173, 174, 178, 179, 183, 185, 204, 205, 209, 210, 211
- Crônicas 7, 33, 51, 52, 59, 61, 105, 106, 124, 134, 172, 194, 202, 216
- Cultura 42, 58, 72, 104, 108, 115, 117, 134, 137, 146, 152, 153, 165, 171, 179, 184, 185, 190, 191, 195, 216

## D

Discriminação 69, 131, 134, 135, 136  
Dom Casmurro 9, 26, 66, 67, 68, 70, 72, 73, 74, 97, 99, 105, 111, 112, 120,  
132, 133, 134, 136, 156, 157, 161, 162, 164, 166, 167, 171, 174, 176, 179,  
180, 183

## E

Eça de Queirós 37, 40  
Educação Básica 44, 45, 46  
Ego 78, 79, 80, 83, 86, 174, 175, 177, 178, 179, 218, 223  
Enem 43, 44, 45, 46, 47, 51, 52, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65  
Escritor 10, 11, 13, 14, 15, 16, 19, 21, 22, 25, 26, 37, 42, 51, 52, 59, 67, 70, 95,  
100, 104, 105, 106, 107, 110, 112, 114, 120, 124, 131, 132, 140, 152, 163,  
183, 184, 186, 188, 189, 191, 225  
Exame Nacional do Ensino Médio 42, 44, 45, 46, 57, 58, 61, 62, 64, 65  
Existence 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 90

## F

Fascínio 200, 201  
Filosofia 56, 66, 67, 72, 73, 74, 153, 160, 161, 166, 167, 168  
Fundação Biblioteca Nacional 111, 212

## G

Gazeta de Notícias 33, 124, 125, 217  
Gênero 52, 57, 66, 130, 131, 132, 135, 136, 163, 164, 165, 167, 194, 195, 221  
Gestão Pública 104, 119, 128, 129

## H

História 30, 39, 129, 138, 158, 162, 180, 192, 213  
Humanidade 42, 50, 114, 121, 138, 178, 191, 201  
Humanização 43, 186  
Hume 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74  
Humor 7, 17, 21, 107, 108, 109, 113, 114, 117, 128, 149, 156, 183, 202

## I

Identidade 34, 42, 54, 104, 110, 131, 135, 159, 168, 204, 218, 219, 223  
Império 48, 119, 120, 121, 130, 140, 188  
Imprensa Nacional 15, 39, 106, 120, 127, 128, 189  
Inteligência 10, 128, 132, 141, 149, 150, 153, 191  
Internacionalização 10, 104, 114, 115  
Interseccionalidade 10, 131, 134, 135, 136, 138, 190  
Ironia 7, 10, 107, 110, 140, 142, 149, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162,  
178, 183

## J

Jacobina 76, 77, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 217, 218, 221

Joaquim Maria Machado de Assis 42, 51, 76, 105, 116, 120, 130, 140, 182, 214, 217

Jornal das Famílias 94, 133

## K

Kimberlé Crenshaw 131, 135

## L

Leitura 7, 33, 34, 42, 43, 44, 46, 48, 57, 61, 65, 67, 72, 73, 106, 111, 131, 135, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 182, 191, 214, 220, 225

Liberdade 26, 28, 58, 62, 122, 126, 130, 132, 140, 187, 195, 210, 215

Literatura 7, 9, 10, 13, 19, 25, 37, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 55, 57, 58, 61, 64, 65, 66, 67, 73, 104, 105, 106, 108, 109, 111, 113, 116, 119, 123, 128, 130, 131, 136, 149, 155, 156, 161, 162, 163, 165, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 179, 180, 187, 188, 191, 192, 197, 213, 214, 216, 219, 220, 222, 225

Literatura brasileira 7, 66, 67, 104, 106, 109, 111, 113, 119, 130, 155, 156, 161, 162, 171, 172, 173, 214, 225

Literatura Comparada 66, 107

Literatura mundial 104, 105, 108, 109, 173

Littérature brésilienne 97, 99

Loucura 141, 142, 143, 144, 167, 176, 177, 179, 181, 182, 183, 184, 187, 192, 196, 198, 203, 204, 207, 208, 209, 210, 211, 213, 218, 219, 223

## M

Machado de Assis 7, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 66, 67, 74, 76, 84, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 140, 141, 144, 145, 146, 148, 149, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 197, 198, 204, 205, 206, 207, 210, 211, 213, 214, 215, 216, 217, 220, 221, 222, 223, 225

Marquês de Pombal 9, 15, 30, 31, 32, 33, 34, 39, 40

Medo 49, 70, 199, 201, 206, 208, 212

Memória 19, 24, 25, 30, 31, 33, 34, 41, 71, 122, 127, 153, 166, 168, 182, 189, 190, 191, 192

Memorial de Aires 14, 96, 97, 99, 105, 134, 164, 167, 168

Memórias Póstumas de Brás Cubas 19, 25, 26, 27, 40, 55, 57, 60, 61, 105, 110, 113, 123, 133, 141, 156, 158, 159, 161, 162, 164, 165, 166, 171, 174, 175, 179, 180, 183

Ministério da Educação e Cultura 44, 116

Moral 9, 37, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 78, 143, 166, 207, 208, 211

Moralidade 24, 69, 73, 131, 157, 158, 159, 161, 166



Morro do Livramento 105, 120, 130, 182, 216

Mulher 17, 20, 54, 66, 132, 133, 134, 137, 167, 183, 187, 194, 195, 196, 199, 201, 202, 210, 211

## N

Narrativas machadianas 134, 225

Natureza humana 67, 70, 114, 131, 153, 172

## O

O Alienista 10, 33, 99, 141, 144, 145, 164, 167, 174, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 185, 193, 194, 206, 207, 211, 212, 222

Obra machadiana 10, 11, 26, 105, 107, 109, 111, 112, 135, 148, 157, 161, 184

O espelho 117, 214, 216, 217, 222, 223

Originalidade 19, 140, 149, 181

Otelo 9, 66, 67, 68, 72, 73, 74

## P

Parâmetros Curriculares Nacionais 46

Philosophical 76, 77, 81, 86, 87, 89, 90

Política 44, 61, 71, 104, 108, 110, 123, 125, 130, 132, 133, 134, 140, 141, 143, 153, 155, 156, 160, 161, 162, 182, 183, 184, 187, 212

Preconceito 68, 114, 130, 140, 190

Protagonista 68, 73, 157, 159, 165, 167, 174, 175, 177, 178, 179, 185, 211, 217

Psicanálise 119, 171, 191, 212, 214, 215, 220, 221, 222

Psicanálise freudiana 171, 176, 178, 179

Psique humana 171, 173, 174, 177, 179

Psiquiatria 204, 217

Psíquico 183, 184, 197, 198, 203, 212, 214, 219, 220, 223

Psychology 78, 79, 84

## Q

Quincas Borba 17, 26, 40, 97, 99, 105, 111, 112, 120, 133, 134, 136, 156, 159, 160, 161, 162, 164, 166, 174, 176, 179, 180, 183

## R

Raciocínio 25, 71, 148, 164, 165

Racionalização 176, 178, 179

Réalisme 93, 97, 99, 100

Realismo 71, 100, 105, 111, 120, 130, 133, 153

Romance 11, 16, 19, 27, 33, 37, 50, 56, 57, 58, 66, 70, 71, 72, 98, 106, 111, 113, 124, 158, 165, 166, 167, 168, 169

Romantisme 94, 97, 98, 100

Romantismo 100, 111, 130

Rui Barbosa 15, 31, 32, 36, 37, 38, 39, 55

## S

- Sanidade 143, 167, 177, 179, 182, 183, 209, 219  
São João Batista 15, 25, 26  
Saúde mental 10, 139, 142, 143, 144, 167, 182, 184, 204, 205, 212  
Shakespeare 31, 66, 67, 86, 106, 107, 108, 109, 116  
Sistema Educacional Brasileiro 45  
Sociedade 10, 28, 43, 51, 57, 67, 104, 107, 109, 110, 114, 115, 126, 130, 132,  
134, 135, 137, 139, 140, 142, 143, 144, 146, 147, 151, 152, 155, 156, 157,  
158, 159, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 168, 172, 173, 177, 178, 179, 182,  
183, 185, 187, 190, 191, 194, 195, 198, 200, 204, 209, 212, 214, 221, 222  
Sofrimento humano 187, 191  
Steppenwolf 77, 87, 88, 89, 91  
Superego 174, 175, 177, 178, 179
- T
- Tecnologias 154, 197  
Tecnologias 43, 45, 47  
Teoria 46, 61, 68, 69, 71, 72, 116, 149, 174, 175, 176, 177, 179, 188, 191, 203,  
210, 211, 214, 215, 216, 220, 223  
Teoria do Medalhão 99, 107, 149, 152, 154  
The Mirror 76, 84, 86, 89, 91  
The Perennial Philosophy 77, 78, 83, 91  
Timequake 76, 81, 83, 89, 91
- V
- Várias Histórias 94, 105  
Vonnegut 76, 81, 82, 84, 89

